

DANIEL DAVIDSOHN

do NILO ao EUFRATES

Pineal

do NILO ao EUFRATES

Daniel Davidsohn

Copyright © 2010

Esta é uma obra de ficção inspirada em eventos históricos.

À Sandra, grande força motivadora.
Aos meus pais, Rudy e Rita, imprescindíveis.
Aos meus irmãos; à Patrícia e à Léa.

Como deveria ter sido.

"… O governo de Sua Majestade vê favoravelmente o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu, e empregará seus

melhores esforços para facilitar a realização deste objetivo, estando claramente entendido que nada seja feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das coletividades não-judaicas existentes na Palestina…”

Declaração de Balfour, 2 de novembro de 1917.

(*Manifestação de apoio do governo britânico à formação de um Estado judaico na Palestina*)

Que a tua sabedoria não seja uma humilhação para o teu próximo. Guarda domínio sobre ti mesmo e nunca te abandones à cólera. Se aspiras à paz definitiva, sorri ao Destino que te fere; não firas ninguém.

Os Rubaiyat, de Omar Khayyam.

- 1 -

vila Árabe de Deir Yassin, Palestina. Abril de 1948

Era quase hora de dormir.

Asad sentou-se na cama do filho Rashid, de sete anos de idade, como fazia todas as noites. Era o único quarto da casa. Ali dormiam Asad com sua mulher Malika, o pequeno Rashid e sua irmã Sabah.

— O que o salvará dos pecados? — perguntou Asad ao filho.

Enquanto Rashid pensava, seu pai viu-se tomado por uma sensação que não havia tido há muito tempo.

— Lágrimas, humildade e enfermidade — respondeu o pequeno Rashid, sem entender o significado do que dizia. Na verdade havia memorizado aquelas palavras por pura insistência do pai. Para Asad não importava a pouca idade de Rashid, um dia o filho compreenderia.

A paz na Palestina estava com os dias contados. Como não dava para ter confiança no futuro próximo, Asad queria que o filho aprendesse pelo menos um pouco do Hadith, um dos ensinamentos do Profeta.

— Quais são as melhores ações aos olhos de Allah? — continuou Asad, olhando para o lado de fora da sua janela, onde havia uma amendoeira. Tinha algo de errado com aquela árvore, e era isso que o estava angustiando.

Rashid queria mesmo era dormir. Olhou para o pai e depois para o

travesseiro, esforçando-se para lembrar-se da resposta.

— Gentileza, modéstia e… — coçou a cabeça. — Paciência?

Asad sorriu.

Eram palavras que soavam estranhas quando pronunciadas pela boca de uma criança, mas para Asad isso não era um problema. Olhou para o filho com a certeza de que nada na vida era mais sagrado do que a sua existência.

Quando Rashid bocejou, já nos limites de sua resistência infantil, Asad fez uma última pergunta.

— Quem são as piores pessoas aos olhos de Allah?

— Os exaltados e os mesquinhos — respondeu Rashid apressadamente, mais preocupado em poder dormir do que em agradar o pai. Deitou-se e decretou o fim da conversa.

Era início de primavera, mas ainda fazia um leve frio naquela noite. Asad cobriu Rashid e sorriu. O menino até que era resistente. Duvidou que na idade dele tivesse a mesma paciência. Olhou-o com profundidade incomum e depois voltou a olhar para fora da janela. A essa altura a amendoeira já o havia deixado bem preocupado.

— Os exaltados e os mesquinhos — sussurrou Asad para si mesmo com o olhar fixo no lado de fora da janela… Levantou-se e confirmou o que estava sentindo. Era um velho conhecido seu que há muito não o visitava: o pressentimento.

Nos tempos em que era um pescador ativo, Asad tinha a reputação de ter um faro aguçado. Era admirado e freqüentemente consultado sobre o clima e também outras coisas. O pressentimento que sentia naquele momento era ruim, desses que o faria desistir de um dia de pesca quando receava um temporal ou algo pior.

Asad era bom nessa história de ter pressentimentos e costumava acertar mais do que errar, por isso se deixou levar pela intuição enquanto contemplava a visão da amendoeira. Com o fim do inverno, essa árvore costumava ser a primeira a germinar na Palestina, mas por algum motivo ela estava atrasada naquele ano. Isso nunca havia acontecido desde que Asad tinha se mudado com a família para aquela casa quando Rashid nasceu, e ele encarou o fato como uma espécie de sinal.

Por forças que não podia compreender, mas que respeitava profundamente, temeu que naquele ano talvez não visse a amendoeira despertar e, enquanto tentava dimensionar a força daquele presságio, sentiu uma pressão incomum em seu peito e olhou para Rashid, que a essa altura já dormia um sono

profundo.

Hesitou em deixar o quarto do filho porque tinha a incompreensível e temerosa sensação de estar se despedindo dele, embora não houvesse lógica alguma pensar daquela forma.

As dúvidas o fizeram ter saudades do mar… Naquela época, ele usava essas sensações para tomar decisões simples: entrar no mar ou não; seguir uma ou outra direção. Mas agora não havia decisões a tomar, e isso era o que mais o incomodava.

Olhou mais uma vez para a amendoeira e entregou a sorte a Deus. Achou que seria mais proveitoso ir até a sala ficar junto de sua mulher Malika e sua filha Sabah, de cinco anos de idade.

- 2 -

Estava escuro nas cercanias de Deir Yassin.

Aaron Heyman limpou o suor que ia se acumulando em sua testa e olhou para os lados, constrangido. O suor poderia sugerir algum tipo de fraqueza de caráter que Aaron considerava inconcebível naquele momento.

Ao fechar os olhos, observou na sua retina a imagem projetada dos vultos que se moviam próximo dele. Sentiu uma leve náusea que só fez aumentar sua apreensão e ficou admirado pela forma como seu corpo estava reagindo. Apenas vinte minutos antes estava se sentindo confiante, e experimentara no máximo uma leve ansiedade.

A imagem de seus pais insistia em aparecer em sua mente.

De origem húngara, foram uns dos primeiros judeus a morrerem no campo de extermínio de Auschwitz II, também conhecido como “campo de Birkenau”, local de extermínio de mais de meio milhão de judeus. Ao se lembrar deles, Aaron também se lembrava do porquê de estar ali. Aquela associação ajudava Aaron a focar na missão que tinha pela frente.

Abriu os olhos.

Decidiu que não seriam umas míseras gotas de suor que iriam minar a sua determinação. Aaron estava prestes a lutar por seu povo e isso incluiria derramamento de sangue. Como não gostava nada dessa idéia, foi dando um jeito de estreitar a consciência e ir a acomodando dentro de sua moral. Um bom argumento emocional seria lembrar que sangue justo fora derramado, o sangue de seus pais e de outros tantos milhões de seres humanos completamente inocentes, e que agora era chegada a hora da vingança.

Havia, porém, alguns problemas com aquela lógica, problemas que Aaron em nenhum momento ousara expressar em voz alta para os seus colegas: será que era válido o conceito de fazer inocentes pagarem por crimes que não cometeram? A vila árabe que estavam prestes a invadir nada tinha a ver com os europeus que causaram o holocausto. Palestinos e nazistas não possuíam absolutamente parentesco algum e relação filosófica alguma.

Deir Yassin estava prestes a ser invadida e Aaron estaria do lado dos invasores. Ele *era* o invasor!

Teve uma raiva momentânea.

Como é que um grupo de políticos lá da Europa pôde decidir dar uma terra que pertencia a um segundo grupo de pessoas, com centenas de milhares de palestinos vivendo nelas, para um terceiro grupo de pessoas, os sionistas? Uma coisa dessas não poderia dar certo. Aquilo era loucura. Com tanto lugar no mundo, tinha de ser bem naquele lugar altamente povoado? E agora, por causa disso Aaron estava lá, na iminência de fazer algo que intimamente sabia ser uma aberração.

Mas assim era a vida.

Com esse mantra improvisado na cabeça, foi tentando se sentir um pouco mais indiferente à ilógica da vida, embora soubesse que seria quase impossível tentar mudar, ali mesmo, de última hora, a sua natureza até então benevolente.

Maldita política!

Concluiu que, se árabes inocentes estavam a poucos instantes de suas mortes, não seria ele quem poderia impedir, até porque não teria meios para fazer isso. Se fugisse ou sabotasse a missão, seria considerado um traidor e poderia até ser morto pelos colegas. Os ânimos ali não estavam para brincadeira.

Quanto mais pensava, mais fabricava a certeza de que não era culpa sua estar ali, e isso o estava ajudando a sobreviver àqueles longos e angustiantes minutos. Vasculhou a memória sem conseguir se lembrar se algum dia tinha feito mal a alguém. Imaginou que, se agora teria de fazer o mal, era mais provável que a culpa fosse do destino, esse maldito incontrolável que a todos confunde, e não dele… Assim, foi organizando seus pensamentos e tentando controlar as emoções. Não se permitiria demonstrar fraqueza antes da batalha. Um soldado não poderia se permitir a fraquezas, e era isto que Aaron seria: um soldado.

Na escuridão os vultos iam se transformando em pessoas reais e fazendo

Aaron se lembrar que era parte delas… É isso, ele havia se transformado em um vulto. A partir de agora deixaria de ser uma pessoa. Não seria nem mesmo um soldado, apenas um vulto. Perfeito!

Enquanto lutava para se recompor mentalmente, olhou para o lado e observou que o amigo Nathan caminhava em sua direção.

Mesmo de longe, pôde notar um brilho em seus olhos, mas não era só isso que chamava sua atenção: Nathan ostentava um estranho sorriso no canto da boca que transmitia uma confiança inabalável. Aaron reparou que Nathan caminhava sem qualquer hesitação em seu semblante, pelo menos que pudesse ser percebido. Tentou entender como aquilo era possível, mas desistiu.

Aaron não sabia se sentir um pouco de inveja pela postura do amigo seria aceitável, mas o fato é que estava apavorado e a tranqüilidade do amigo o surpreendia.

E se Nathan ou alguém percebesse o que estava sentindo? Isto não poderia acontecer em hipótese alguma.

Quando seu olhar cruzou com o de Nathan, tratou logo de sorrir, e foi imediatamente correspondido pelo companheiro de batalha.

O fato era que a sua história e a de seu amigo eram parecidíssimas, já que Nathan também perdera os pais para os nazistas, com o agravante de ter perdido também os irmãos e os tios. Era como se existisse em Nathan um sofrimento potencializado por esteróides fortíssimos, desesperadamente em busca de uma causa que trouxesse algum alívio para tanta dor. Sua sede de vingança era tão grande que beirava a um estado de desidratação espiritual. Sem sombra de dúvidas, ele era o homem certo, com o ódio certo, no momento certo. O soldado ideal manipulado por políticos frios e sem religião.

Aaron estava mais do que satisfeito com a idéia de ser apenas um vulto. Se o seu raciocínio já não era dos melhores, tentou imaginar a quantas andava a cabeça de Nathan, a ponto de fazê-lo sorrir friamente antes de uma invasão onde a perda de vidas humanas era uma garantia.

Assim que Nathan desviou seu olhar em direção aos outros, Aaron engoliu em seco e fechou-se em seu contido pavor… Aos poucos, o silêncio na mente assombrada de Aaron foi dando lugar para o som real da noite na base de Etz Hayim: o de uma quietude preparatória.

Aaron fazia parte de um grupo de setenta combatentes do Irgun, uma

organização sionista clandestina, que estava em plena execução da Operação Nachshon, cujo objetivo era abrir uma estrada até Jerusalém. O nome da operação foi inspirado no personagem bíblico Nachshon Ben Aminadav, que foi o primeiro a pular no Mar Vermelho quando os judeus fugiram do Egito.

Dois anos antes, o Irgun havia chocado o mundo ao explodir parte do Hotel King David em Jerusalém, que abrigava familiares e funcionários do governo britânico na Palestina.

O líder do Irgun era Menachem Begin, nascido em Brest-Litovsk, no antigo Império Russo, hoje Bielorússia, cidade que era famosa por seus rabinos talmúdicos. Begin seria eleito primeiro-ministro de Israel em 1977 pelo Likud, e ganharia o prêmio Nobel da Paz por ajudar a alcançar um tratado de paz entre Israel e Egito.

Saldo do ataque ao King David idealizado pelo pacifista Begin: 91 mortos, incluindo 28 britânicos, 41 árabes, 17 judeus e outros 5 mortos, além de outras 45 feridas gravemente.

A vila de Deir Yassin, que estava prestes a ser invadida pelo Irgun, fazia parte da lista de vilas árabes a serem ocupadas como parte da Operação Nachshon. Era uma pequena vila com 750 habitantes palestinos, situada fora da área recomendada pelas Nações Unidas a ser inclusa em um futuro Estado de Israel. Tinha a reputação de ser pacífica e de zelar por essa reputação ao expulsar militantes árabes que pudessem trazer problemas.

A vila tinha, por falta de sorte talvez, uma característica que fazia dela um ponto estratégico importante: estava localizada no alto de uma colina, bem no corredor entre Tel Aviv e Jerusalém.

Enquanto os combatentes do Irgun iam distribuindo as metralhadoras entre si, Aaron fantasiou mais uma vez sobre a possibilidade de não estar ali, mas logo ponderou que recuar em tempos tão complicados seria impensável. Não que lhe faltasse coragem ou valentia, o problema era puramente de justiça. O que é que os pobres moradores de Deir Yassin tinham a ver com toda aquela história?

Aaron pensou que poderia tranqüilamente lutar contra os nazistas, mas soubera que boa parte dos oficias e cientistas de Hitler derrotados pelos aliados estavam sendo agora ferrenhamente disputados pelos Estados Unidos e pela Rússia. Por isso tratou de chacoalhar a cabeça e concentrar-se na realidade imediata, que não incluía nazistas, mas palestinos em sua própria

terra natal! Então, deveria estar ali pela memória de seus pais e pela criação de um Estado judeu. Estava ali por uma vingança decidida por outros, e também porque precisava de um emprego e de um rumo. Era o que iria fazer, gostasse ou não.

Em silêncio, as armas iam passando de mão em mão, gerando um abafado estalido que só contribuía para o nervosismo de Aaron. Abruptamente, Nathan fez uma dessas pousar nos braços de Aaron, o fazendo despertar de vez para o que iria acontecer em poucos instantes.

— Chegou a hora — disse Nathan.

Aaron respondeu com um leve aceno de cabeça, tentando parecer mais seguro do que estava, mas não conseguiu ocultar sua apreensão do amigo.

— Está tudo bem?

— Claro — respondeu Aaron.

Claro que não era o que Aaron realmente queria ter dito, mas resistiu ao impulso de desapontar Nathan.

Ali perto, na vila judaica de Bet Hakerem, esquadrões dividiram-se e começaram a subir a colina em direção à vila árabe de Deir Yassin…

No assentamento judaico de Givat Shaul, outros sessenta combatentes da unidade de Lehi, que lutavam em parceria com o Irgun, avançavam em direção a Deir Yassin caminhando atrás de um veículo blindado…

- 3 -

Já era alta madrugada em Deir Yassin.

Na casa do pequeno Rashid todos dormiam. O primeiro a acordar com a movimentação na vila foi Asad, que sentiu uma vibração no solo seguida por um barulho de motor. Era o blindado que se aproximava.

Também parecia que alguém falava lá fora… Asad franziu a testa e foi prestando atenção até entender que se tratava de uma voz que saia de um alto-falante.

— Deixem as suas casas imediatamente! — gritou a voz metálica e distante.

Seus olhos abriram-se em definitivo e Asad sentou-se. O blindado lá fora dava a impressão de estar se aproximando rapidamente.

— Sigam até Ein Kerem! — proferiu o alto-falante, definitivamente

mais alto que da primeira vez.

Asad levantou-se de sobressalto e correu até a sala. Encostou o ouvido na porta e escutou por alguns instantes com atenção… Um pavor foi se apoderando dele de tal forma que amaldiçoou a sua própria intuição, desejando com todas as forças que daquela vez pudesse estar errado.

Então ouviu um disparo!

Notou que a transmissão do alto falante foi subitamente interrompida.

Asad se afastou da porta completamente perdido, olhou para o quarto onde dormiam seu filho Rashid, sua esposa Malika e sua filha Sabah, e se perguntou o porquê do pressentimento se de nada serviria naquele momento para salvar a sua família.

Uma trincheira impedia o blindado de avançar.

O tiro que Asad ouvira de dentro da casa havia acertado o alto-falante.

A vulnerabilidade do carro motivou os primeiros disparos dos defensores da vila, que pela reação dos combatentes vieram de um local inesperado. Alguns correram para buscar abrigo nas casas próximas enquanto outros se jogaram ao chão e cobriram suas cabeças.

Aaron e Nathan grudaram atrás do blindado em busca de proteção. Estavam confusos, imaginando que os tiros estivessem partindo de algum lugar da lateral da vila, e não da frente, para onde avançavam antes de pararem.

Enquanto tentava entender de onde vinham os tiros, Aaron percebeu um líquido quente em sua nuca. Encostou a mão e sentiu a textura com a ponta dos dedos: era sangue, em uma profusão que nunca tinha visto antes, mas não estava sentindo nenhuma dor. O sangue era de um combatente do Irgun que acabara de cair com um tiro que atravessara o seu pescoço, e que agora se encontrava caído aos pés de Aaron!

Nathan aproximou-se de Aaron e agachou-se perto do combatente, virando seu rosto:

— É Krosner! — lamentou Nathan enquanto se aproximava. — Desgraçados!

Nathan estava cego de raiva e preocupado com os tiros que não aliviavam. Aaron logo viu que o pobre Krosner estava abandonado à própria sorte. Em um gesto que era mais motivado por desencargo de consciência do que pela praticidade, Aaron agachou-se e segurou a mão de Krosner.

— Fique calmo! Fique calmo! — repetiu Aaron, tentando ao mesmo tempo

acalmar a si próprio.

Surpreendentemente e apesar de todo o sangue que perdia, o combatente Krosner conseguiu manter uma calma relativa. Primeiro ergueu os olhos até Nathan e observou que ele olhava para todos os lados enquanto roçava o dedo no gatilho de sua metralhadora. Logo ficou claro que Nathan estava mais ocupado em se vingar do que em ajudá-lo.

Então, Krosner desistiu de olhar para Nathan e buscou Aaron, sua única esperança real de sair dali vivo. Apontou para o ferimento em seu pescoço e tentou falar, mas não conseguiu. Aaron entendeu o óbvio e imediatamente pegou um lenço em seu bolso, pressionando o ferimento de Krosner, que parecia não querer desistir de sangrar.

Uma nova rodada de tiros atingiu o local onde estavam, tornando a situação bizarra. Ali estavam três combatentes momentaneamente inutilizados: Krosner, por motivo de grave ferimento; Nathan, sentindo uma cólera que o cegava; e, por fim, Aaron, por puro pavor!

Nathan olhou a rua cheia de casas ao lado do blindado.

— Vou entrar — balbuciou, salivando de raiva.

— Sozinho? Está louco?! — questionou Aaron, apavorado.

Nathan não ouviu o seu companheiro e não vacilou, partindo com tudo em direção às casas. Foi com a cabeça abaixada, como se isso fosse fazer alguma diferença.

— Cobrir! — gritou Aaron aos outros combatentes, antecipando-se à saraivada de balas que estavam agora sendo disparadas na direção de Nathan.

A troca de tiros entre os soldados do Irgun e os defensores da vila foi rapidamente crescendo em intensidade. Nathan estava bem no meio do fogo cruzado!

Aaron julgou que Nathan não iria sobreviver além de duas ou três casas adiante, e decidiu que algo deveria ser feito. Olhou para Krosner no chão, e ele o autorizou com o olhar a abandoná-lo ali e seguir em frente na luta.

— Volto para cuidar de você. Agüente firme! — prometeu Aaron, sem a menor idéia se poderia cumprir.

Krosner balançou a cabeça um pouco e Aaron largou sua mão. Sem saber exatamente o que fazer, Aaron inspirou profundamente e partiu em apoio a Nathan, se entregando à própria sorte…

No meio de uma corrida frenética, Aaron encontrou tempo de questionar a sanidade de seu julgamento, mas logo uma forte explosão o fez olhar para trás, na direção do blindado: ali acabara de explodir uma granada, ferindo, ou

talvez matando, Krosner e vários de seus companheiros. Não dava para saber naquele momento, naquele inferno de balas no meio da escuridão.

Foi sorte ter saído de trás do blindado, pensou Aaron, mas enquanto corria e raciocinava em uma escala de tempo completamente diferente, sentiu que algo o atingira no braço, o que o fez correr com uma agilidade que não acreditava ter.

— Aaron! — gritou Nathan, protegido atrás do muro de uma das casas. — Aqui!

Aaron lançou-se ao chão em uma queda dolorosa, caindo em seco feito um saco de cimento. Sem pensar na dor, arrastou-se habilmente até onde Nathan se escondia.

— O que foi isso no seu braço? — perguntou Nathan.

— Me pegaram — respondeu Aaron inconformado enquanto Nathan examinava o local da ferida. — Acho que fui baleado. Está vendo alguma coisa? Atravessou?!

— Não — respondeu Nathan. — Parece que foi um estilhaço.

E era. Nathan retirou um pedaço de metal com os dedos e mostrou para Aaron. O alvoroço do momento era tamanho que Aaron, na realidade, sentia pouca dor.

— Maldita granada! — disse Aaron com raiva, mas já concluindo que ter saído de trás do blindado, afinal, fora a decisão certa. — Meu Deus!

— Não saia daqui! — ordenou Nathan.

— O que você vai…

Nathan não esperou o amigo terminar a pergunta. Mais uma vez estava avançando.

— Fazer?!

Uma nova saraivada de balas cortou a escuridão.

— Esse é doido! — protestou Aaron.

Aaron viu o amigo desaparecer rapidamente entre as casas e considerou a situação: estava ferido, mas como agora estava sozinho, não haveria constrangimentos. Pôde limpar o suor da testa com menos preocupação. Estava lutando. De certa forma, sentiu-se bem por estar fazendo algo, fazendo a sua parte. Sentiu que estava conseguindo cumprir com suas obrigações de combatente. Era o que importava.

Fechou os olhos enquanto colocava pressão sobre a ferida, na tentativa de estancar o sangue. Pensou no pescoço de Krosner, um ferimento muito mais grave do que o dele. Teria sobrevivido ao ataque de granada?

Deir Yassin estava sendo dominada pelas forças do Irgun e do Lehi.

Esquadrões iam conquistando casa por casa. Uma perspectiva aérea da vila revelaria um espetáculo de horrores: disparos de metralhadoras seguidos de gritos, e mortes… Granadas que infligiam pânico, seguidas de mais mortes. Os residentes — homens, idosos, mulheres e crianças — fugiam aterrorizados.

O frenesi da batalha havia tomado conta de alguns combatentes mais exaltados. Para esses não havia limites. Um esquadrão arrombou a porta de uma casa, expulsou uma família inteira, os colocou contra uma parede e fez o impensável: arremessou uma granada!

Em outra casa, uma família só de mulheres e crianças foi arrancada de dentro como animais. Entre os combatentes desse esquadrão estava Nathan, com expressão irreconhecível. Ao sinal do líder, Nathan iniciou uma execução covarde com rajadas impiedosas de sua metralhadora…

Ali acabara de nascer um monstro.

- 4 -

Na casa do pequeno Rashid, a tensão crescia a níveis insuportáveis.

O pai Asad acompanhava o massacre de sua querida vila através da janela, sem a menor compreensão da lógica que estava sendo empregada ali. Creditava a invasão unicamente a um infortúnio do destino que dera poder de decisão a pessoas que ali nunca estiveram, e que desconheciam a realidade.

Asad percebeu que, do lado de baixo da rua, aconteciam disparos de metralhadoras. Então, olhou para o outro lado na esperança de uma saída para ele e sua família, mas um *flash* projetou-se em seu rosto. O barulho que se seguiu não deixou dúvidas: foi o reflexo de uma granada que acabara de explodir próximo da casa dele!

Havia combatentes daquele lado também. Havia combatentes de ambos os lados, e eles não estavam fazendo perguntas. Não estavam negociando. Estavam matando!

Asad afastou-se da janela horrorizado e dando-se por vencido. Abriu os braços para Malika e Sabah, que correram até ele na sala. Juntos se agacharam em absoluto pavor, já esperando o pior. Asad estava prestes a amaldiçoar mais uma vez a sua intuição por lhe ter feito sofrer sem oferecer uma chance de escolha, mas novamente sentiu que a vida falava algo para

ele.

No meio de todo pânico, um novo pressentimento lhe dominou os sentidos.

Enquanto abraçava a mulher e a filha, olhou para o quarto e observou o pequeno Rashid ainda deitado na cama, sem coragem para se levantar. Imaginou o que se passava na cabeça de Rashid naquele momento enquanto via o pai, a mãe e a irmã de joelhos na sala, escutando o inferno que vinha lá de fora e prestes a bater em sua porta.

Mas a vida lhe dizia ali, naquele momento derradeiro, que o pequeno Rashid teria vida longa.

Abençoada intuição, pensou Asad.

- 5 -

Aeroporto Internacional de São Paulo. Dias de hoje

Quando o portão de desembarque se abriu, os primeiros passageiros procedentes da Europa apareceram sorridentes com seus carinhos de bagagem, a maioria devidamente vestida de turistas, com camisas de cores alegres e óculos escuros, apesar do temporal que caia. Faltou avisar que São Paulo não era igual ao ensolarado Nordeste brasileiro e muito menos uma ilha caribenha.

Nissim Heyman, quarenta anos de idade, saiu da alfândega a passos largos. O filho de Aaron Heyman foi ultrapassando cada um dos vagarosos turistas que se arrastavam à sua frente no corredor de desembarque e que o irritavam.

Ele trazia consigo apenas uma mochila e vestia uma roupa que era indubitavelmente neutra: um jeans batido e uma camisa de sarja cáqui que estampava uma enorme mancha de suor nas costas.

Apesar de ser verão no Brasil, nada justificava tamanha quantidade de suor. Suas olheiras, seu cansaço evidente e sua pressa demonstravam ao observador mais atento que aquela mancha de suor não era fruto do calor, mas do seu estado de apreensão.

Lá fora chovia tanto que parecia que o mundo ia acabar. Era uma chuva bem brasileira, com todos os seus ingredientes tropicais: muita água, muitos trovões e muitos raios, digna de um documentário na TV a cabo. Nissim deparou-se com o temporal e agradeceu aos céus por estar saindo de um aeroporto, e não chegando.

É que ele ainda não conhecia o trânsito de São Paulo com chuva intensa.

Um motorista acenou para Nissim e abriu a porta de trás do táxi. Nissim entrou sem falar uma palavra. O taxista fechou a porta e deu a volta.

— Gringo metido — murmurou.

Nissim esperou o taxista sentar-se e lhe entregou um papel com um endereço. Enquanto tentava entender o que estava escrito, o táxi partiu. Nessa hora, a tempestade transformou-se em uma chuva de pedras, outro ingrediente de uma boa chuvarada brasileira que pode assustar o estrangeiro mais desavisado. O barulho delas caindo sobre o carro tornou qualquer diálogo um desafio…

— Por favor, me leve para a São Paulo Railway — pediu Nissim em um português carregado.

— Heim? — perguntou o taxista, alternando o olhar entre papel e retrovisor. — São Paulo Railway?

Nissim apontou para o bilhete, mas não estava resolvendo.

— Você deve estar enganado… Qual o nome da estação? — insistiu o taxista.

Nissim tirou da mochila um mapa de São Paulo e apontou:

— Estação da Luz!

— Ah! Bom… Estação da Luz — sorriu o taxista. — Ok. São Paulo Railway é coisa dos ingleses… Do tempo do barão de Mauá. Já mudou de nome um monte de vezes.

— Tenho pressa! — explicou Nissim sem entender o que o taxista dizia.

O taxista esboçou mais um sorriso. Apontou para fora onde literalmente caiam pedras, e depois para a frente onde já se formava uma fila de carros cautelosos. Ao concluir a explicação visual, sorriu de vez.

— A viagem fica mais fácil para quem gosta de uma prosa, não é? Prosa. Conversa. Bate-papo, entende?

Depois de quase duas horas de trânsito insuportáveis, aproximaram-se da Estação da Luz. O taxista diminuiu a velocidade e olhou pelo retrovisor. Já não chovia pedras, apenas água.

— Estamos aí, companheiro — disse o taxista enquanto admirava o prédio da estação. — Isso aí tudo nem ia existir se não fosse o café que tinha que ser escoado de Jundiaí até Santos…

Nissim não estava nem aí para a prosa do taxista, além de não entender nada. Na verdade, o taxista notou que Nissim olhava ao redor com atenção e

ansiedade incomuns, o que o instigou a permanecer um bom tempo sem falar nada, apenas estudando Nissim pelo retrovisor.

Por outro lado, o súbito silêncio do taxista falador também chamara a atenção de Nissim, que virou a cabeça para frente. Ao entender que estava sendo observado, Nissim sacou uma faca e a pressionou contra o pescoço do taxista!

— Epa — assustou-se o taxista. — Calma aí! Leva o que quiser… Na boa!

— Estação da Luz? — perguntou um paranóico Nissim.

— É… São Paulo Railway — disse apontando para o mapa na outra mão de Nissim.

— Parar o carro!

O motorista encostou o táxi de forma cautelosa. Imediatamente, Nissim escondeu a faca no corpo e apanhou a carteira do bolso de trás da sua calça.

— Quanto foi a corrida?

— Como é? Uh!… Deixa quieto… Está tudo certo — respondeu atordoado.

Ignorando o taxista, Nissim pegou uma nota de cem dólares e jogou no banco da frente. Saiu do táxi e correu em direção à estação.

Sentiu a chuva encharcar seu corpo e mascarar as enormes manchas de suor.

Estação da Luz.

Nissim foi ziguezagueando habilmente entre os passageiros em direção a uma das extremidades da estação. Ao chegar, encostou-se na parede para poder observar o centro da estação, procurando ter certeza de que não havia ninguém caminhando atrás dele. Deixou o corpo cair, desenhando um rastro úmido ao deslizar as costas molhadas contra a parede, até que ficou de cócoras.

Trabalhou a respiração por algum tempo, tentando se manter concentrado. Ainda tentava se acostumar com o fato de ser um fugitivo em uma terra estranha, uma condição que simplesmente não entrava na sua cabeça. Na visão de Nissim, tentara ajudar o seu país, mas o seu país virara as costas para ele. Se isso tivesse acontecido com qualquer um já seria o suficiente para Nissim ficar indignado, mas estar acontecendo com ele era algo que ainda tentava assimilar, e estava tendo muita dificuldade para isso. Sentiu uma sensação de abandono que jamais experimentara antes, e o pior é que as

pessoas que foi obrigado a deixar para trás nada poderiam fazer para mudar isso, nem a sua mulher, Elana, e muito menos o seu ex-chefe, o veterano de guerra Krosner.

Quando compreendeu que não havia ninguém atrás dele, Nissim retirou um PDA de sua mochila e digitou uma senha. O monitor mostrou: *ESTAÇÃO DA LUZ. ARMÁRIO 15. BOA SORTE. KROSNER.*

Assim que abriu o cadeado do armário 15 e fitou seu interior, Nissim voltou a suar e a olhar para os lados de forma pouca discreta. Isso revelava uma faceta sua que ele desconfiava ter desde sempre, mas negava-se a aceitar: não era uma pessoa com dons naturais para ousadias. Conforme ia descobrindo isso na prática, dava cada vez mais razão a Krosner e entendia por que nunca fora aceito como parte efetiva da equipe de campo do Mossad. Faltava-lhe certa coragem irresponsável, e Krosner nunca dissera isso com todas as palavras. Provavelmente nunca diria. Era amigo da família e havia lutado com seu pai Aaron pela criação do Estado de Israel, e, além do mais, Krosner era uma pessoa elegante.

Nissim limpou o suor dos lábios com a língua e secou a palma das mãos em sua camisa… Finalmente, retirou o conteúdo do armário. Havia um pequeno e pesado pacote envolto em uma sacola de lona, que prontamente guardou na mochila.

Dentro do trem, Nissim escolheu o último assento ao fundo. Enquanto caminhava, fitou cada um dos passageiros. Por sorte, ninguém prestara atenção em Nissim, cujo rosto denunciaria facilmente o seu medo, ou sua culpa, dependendo da interpretação. Ao se sentar, olhou para fora da janela e viu que estava tudo calmo. Não havia ninguém atrás dele.

O trem partiu.

Somente após ter deixado a estação, Nissim retirou o pacote de sua mochila. Respirou fundo e removeu a sacola de lona que o cobria: encontrou uma pistola Beretta .22, um celular e três maços de notas de reais. Nessa hora, seus olhos buscaram todas as direções, mas não havia ninguém ao lado dele e os passageiros dos bancos à frente não estavam nem aí. Distribuiu os maços entre os bolsos e a mochila, ligou o celular e empunhou a pistola com uma cautela exagerada. Com certeza, Nissim e a pistola não foram feitos um para o outro. Sua especialidade era a eletrônica.

- 6 -

Nordeste do Brasil

Depois de quase dois dias de viagem ininterruptos, um abatido e lento Nissim desceu de um ônibus observando a paisagem. Aquela região lembrava um pouco a sua Israel.

O medo continuava com ele. Durante a viagem, não conseguira pregar o olho, e a essa altura estava tão exausto que nem se lembrou de inspecionar o local antes de desembarcar. Saiu e foi caminhando na única rua da minúscula cidade.

Ouviu uma sanfona e foi quase guiado pela música até o único bar da cidade. Foi capaz de perceber que estava desatento e decidiu que uma boa refeição o ajudaria a manter o foco. Não poderia vacilar, pois ficaria muito vulnerável. Seus perseguidores tinham recursos e motivação suficientes para encontrar Nissim em qualquer parte do mundo.

Nissim sentou-se, olhou o cardápio com fotos precárias e apontou para um sanduíche e um suco de laranja. Quando foi servido, deu uns poucos goles no suco, mas não teve forças para comer. O senso de urgência retornou antes do que seu corpo gostaria. Nissim empurrou o prato, puxou um guardanapo de papel para perto dele e tirou uma caneta de sua mochila.

Escreveu no guardanapo:

GRANDE ISRAEL VIRANDO REALIDADE. TENTEI IMPEDIR, MAS FALHEI… ELANA ESTÁ EM PERIGO. POR FAVOR, AJUDE.

Sem muita prudência, Nissim tirou do bolso o enorme maço de notas e pagou o dono do bar, que ficou impressionado com o abastado turista, mas um pouco ofendido por ele ter recusado o sanduíche.

— Obrigado — disse Nissim.

Nissim passou pelo sanfoneiro, acenou com a cabeça e saiu.

Enquanto caminhava pela rua principal da cidade, verificou os estabelecimentos comerciais, que estavam mais para pequenos monopólios, já que deviam ser os únicos da região. Passou por um banco, um posto de gasolina, uma farmácia e, finalmente, encontrou o que precisava: uma agência dos Correios.

Nissim entrou na agência e caminhou até o balcão. Pegou um envelope

simples, escreveu um endereço e entregou o envelope para uma garota.

— Pra onde? — perguntou ela.

Nissim apontou para o envelope.

— Para aqui.

A garota franziu a testa diante do que interpretou ser falta de paciência de Nissim, e leu o envelope.

— Você tem um sotaque engraçado… Não é brasileiro não, é?

Nissim sorriu, mas não respondeu. Simpatia e prudência não lhe fariam mal.

A garota virou-se para trás e gritou para o gerente que estava sentado ao fundo, atrás de um computador.

— Ô seu João, Israel fica na África?

— Meu Jesus, como tu é burra! Fica no Oriente Médio! — respondeu o gerente, caindo na risada e a garota também.

Nissim não entendia por que tanto bom humor.

Enquanto os brasileiros riam, foi perdendo sua capacidade física de manter o seu próprio sorriso no rosto. O cansaço era agora um problema que ele não poderia mais ignorar.

A garota verificou em uma lista e escreveu o custo da postagem em um pedaço de papel, que entregou a Nissim.

— É caro, moço… O lugar é longe — preocupando-se genuinamente.

— Tudo bem.

Nissim pagou e aguardou até que ela jogasse o envelope no escaninho com as palavras *ORIENTE MÉDIO*.

- 7 -

Israel

O envelope demorou três dias para chegar a seu destino: uma tenda no deserto do Sinai, região próxima de onde os judeus experimentaram a revelação divina dos dez mandamentos há cerca de 3.300 anos atrás.

Um homem trajando vestimenta beduína saiu da tenda e comprimiu os olhos tentando identificar outro homem em trajes beduínos que se aproximava em um camelo. Tranqüilizou-se ao reconhecer quem era.

Os dois “beduínos” eram na verdade Doran e Yakir, agentes do Instituto para Inteligência e Operações Especiais, mais conhecido pelo nome de

“Mossad”, o serviço de Inteligência externa de Israel.

Desde a chegada do turismo às áreas ao redor das colônias israelenses, os beduínos trabalhavam como guias e também com outros tipos de serviços. Alguns possuíam tendas que alugavam para aqueles mais entusiasmados com o deserto, ou aqueles que ali buscavam um local para se esconderem.

Yakir desceu do camelo e cumprimentou Doran, que o aguardava. Virou-se para o camelo e retirou um presente de uma cesta.

— Ouviu alguma coisa sobre Nissim? — perguntou Yakir.

— Não.

Yakir entregou o presente para Doran.

— Tem um envelope dele aí dentro… Se precisar, conte comigo.

Doran pegou o pacote e sentiu que o peso era desproporcionalmente leve para o seu tamanho.

— Obrigado.

Quando ergueu o olhar até Yakir, Doran deixou que ele percebesse certa desconfiança. Encarou-o sem dizer nenhuma palavra.

— Preciso ir embora. Fazia um tempo que não andava de camelo por tanto tempo… Estou com a parte de baixo doendo.

Yakir preparou-se para montar no camelo.

— Nissim pode estar se escondendo — disse Doran, atrasando a ida de Yakir.

— Isso é um problema dele.

— Exato, Yakir, mas ele está contando com a gente. Precisamos ter cuidado com quem falamos.

— Não estou te entendendo.

— Está sim… Você nunca gostou dele.

Yakir sorriu cinicamente.

— É verdade. Ele não é um de nós. Para ser franco, não gosto da idéia de um simples colaborador nos acompanhar nos trabalhos de campo. A situação pode perder o controle, e aí como fazemos? Vamos dar uma de babás de luxo?

— Nissim é um colaborador importante e é nosso amigo.

— Não tenho nada pessoal contra ele. Acha que eu perderia meu tempo vindo até aqui se tivesse más intenções com Nissim? Está delirando!

Yakir finalmente montou no camelo e sumiu de vista na nuvem de poeira que o animal foi deixando para trás.

Doran levou o presente para a tenda e sentou-se de costas para uma cortina, virado para a entrada, de onde ainda era possível ver a rala nuvem que o camelo deixava na paisagem do deserto. Enquanto olhava para fora, Doran desconfiou que algo a respeito de Yakir estivesse fora do lugar.

Tinha receio de admitir a si mesmo, mas decididamente não confiava em Yakir, o seu chefe imediato no Instituto. Muitas vezes pensou em abrir o seu coração para Krosner, que era o diretor de Inteligência e chefe de todos eles, mas não tinha nada de concreto contra Yakir, apenas um palpite que teimava em permanecer. Talvez fosse porque Yakir sempre fora um arrogante, mas isso não era razão suficiente para levantar dúvidas sobre ele.

Desembrulhou o falso presente que Yakir trouxera e encontrou o envelope de Nissim, surpreendendo-se com o endereço de origem.

Brasil?

Doran abriu o envelope e leu a mensagem. Preocupou-se imensamente.

— E agora, Nissim… — resmungou.

- 8 -

Brasil

Rashid, filho de Asad e Malika, estava no fim de mais um dia de trabalho na praia. O menino havia sobrevivido ao ataque na vila de Deir Yassin conforme seu pai intuíra pouco antes de morrer.

O Rashid de agora era um alto e bronzeado senhor de setenta anos de idade, ainda em boa forma e capaz de puxar uma rede de pesca sem maiores dificuldades, assim como seu pai fizera na Palestina que ele deixara para trás décadas antes. Apesar de ser naturalizado brasileiro, não havia perdido o hábito de andar vestido com uma túnica branca de algodão, o que o levara a ser conhecido na vila de pescadores como “o Turco”.

O Nordeste do Brasil possuía um clima que lembrava um pouco a sua terra natal. Os coqueiros compunham uma paisagem bem característica, saindo de um chão coberto por uma areia clara e macia, que às vezes imitava as dunas típicas do Oriente Médio que davam forma e completavam a textura do lugar com restos de gravetos, cocos ressecados e folhas em decomposição.

Rashid veio ao Brasil depois de adulto, com a mulher e o filho que acabou se casando com uma nativa descendente de índios. A vida na praia distante dos grandes centros permitira a Rashid viver em paz. A vila de pescadores

que adotara como lar era tranqüila e seus habitantes não faziam muitas perguntas. Mas, por alguma razão, o destino não ofereceu muito alívio a Rashid. Seu filho e sua nora perderam a vida dois anos depois de se casarem, em um acidente que permanecia sem explicação até os dias de hoje. Tiveram uma filha que ficara sob os cuidados do avô.

A alguns passos de Rashid, a linda menina "trabalhava" catando conchas na areia. Moema Aabidah, cinco anos de idade, era a neta de Rashid e a razão de sua existência. Não havia mais ninguém na vida do velho palestino.

Rashid recolheu a rede e a guardou em sua jangada. Passou algum tempo olhando Moema… Para ela, catar conchas era um negócio muito sério.

— Está pronta para voltar para casa?

— Ainda não vovô, espera! Olha — Moema ergueu um punhado de conchas para que Rashid avaliasse.

— Bom trabalho, Moema!

Rashid caminhou até ela e colocou a mão em sua cabeça.

— Agora vamos — decretou Rashid.

Após uma ducha, Rashid procurou por Moema, que a essa hora já deveria estar na cama. Foi até a varanda e a encontrou limpando as conchas com uma velha escova de dentes. A menina era determinada. Quando colocava algo na cabeça, ia até o fim.

— O que está fazendo? — perguntou Rashid.

Moema faz um biquinho.

— É segredo.

— Você é cheia de segredos, pequenina.

Rashid pegou Moema no colo e a levou até o quarto. Pôs a menina na cama e sentou-se ao lado dela. Sentiu que ela estava inquieta.

— Por que mamãe e papai morreram no mar? — perguntou Moema sem cerimônia.

Rashid sorriu carinhosamente, mas a verdade é que ele não tinha uma resposta para aquela pergunta. Para a sorte dele, Moema foi em frente sem esperar a resposta.

— Eu tenho um segredo para te contar.

— Outro? Então por que não me conta? — perguntou Rashid, aliviado.

— Toda noite eu rezo para Iemanjá, a Rainha do Mar… Você sabe vovô… para que ela encontre uma nova mãe para mim. Quer ver como eu faço?

— Claro que sim!

Moema fechou os olhos e fez o sinal da cruz, surpreendendo Rashid, que era de origem muçulmana e tentava de tempos em tempos ensinar para Moema suas tradições. Moema rezou algo em voz baixa e rapidamente concluiu o ritual.

— Terminei! — disse a menina, como que narrando uma proeza.

— Então está bem. Talvez Iemanjá te escute — disse Rashid, resignado. — Durma bem.

Rashid fechou a porta do quarto de Moema e foi até a cozinha, de onde vinha um irresistível aroma de café fresco recém-preparado por Francisca, uma grande senhora negra que era a proprietária da casa onde Rashid e Moema moravam.

Francisca cuidava deles como se fossem da sua própria família. Viúva, seus sete filhos foram trabalhar no Sul do país e apareciam com cada vez menos freqüência para vê-la.

Rashid sentou-se perto da janela, aproveitando a brisa refrescante que entrava.

— Você parece bem cansada, Francisca. Vá para casa, eu me viro hoje. Pelo menos um café eu tenho.

— Café? Abra a geladeira para você ver! Tem comida pra semana toda — decretou a mãe da casa.

— Eu não duvido… mas agora é melhor você ir. Cuide da sua saúde.

Francisca calou-se e passou a observar a cozinha e os cantos da casa. Ficou subitamente apreensiva.

— Sou muito ligada a esta casa…

Rashid sorriu com o canto dos lábios, como quem já sabia o que viria a seguir.

— Continua vendo parentes mortos?

Francisca ignorou a provocação.

— Meu pai construiu esta casa… foi a última coisa que fez antes de morrer.

— Eu sei — respondeu Rashid.

E sabia mesmo. Francisca sempre contava essa história para ele em noites como aquela, quando ficava trabalhando até mais tarde para espantar a solidão.

— Ele ainda tem muito apego pela casa. Não seguiu o caminho dele, sabe?

Francisca tirou o café do fogão e serviu Rashid. Sentou-se à mesa com

ele.

Rashid deu um gole no café fresco e franziu a testa.

— Francisca, por que não trocamos de lugar? Você vem morar aqui e eu alugo a casa onde você mora hoje. É menor, mas eu não me incomodo.

— Não é uma boa idéia não — respondeu, encarando Rashid. — O aluguel dessa casa vale mais!

Rashid sorriu. Francisca não era boba.

— Tem razão, Francisca — teve que admitir.

Rashid levantou-se, apoiou a mão de forma carinhosa no ombro de Francisca e foi caminhando lentamente para o seu quarto.

— Estou tentando ensinar um pouco de islamismo para Moema, mas a menina só quer saber de rezar para Iemanjá.

Francisca sorriu.

— Está ficando igualzinha a você — provocou Rashid.

— Essa menina é uma jóia, Rashid.

- 9 -

Já havia passado quatro dias desde que Nissim chegara ao Brasil. Quatro dias de viagens sem descanso em direção ao lugar mais remoto que pudesse encontrar.

Agora vinha seguindo a pé por uma estrada de terra suficientemente isolada para lhe trazer alguma segurança interior, embora não tivesse destino certo e nem maiores planos. O problema era o forte sol nordestino combinado com sinais de exaustão extrema e desidratação. Não que Nissim estivesse alheio a isso, mas é que o medo o fazia agir obsessivamente e abandonar o bom senso.

Nissim sabia que aquela estradinha o levaria ao mar porque podia ver água de onde estava. Via também o que parecia ser um pequeno vilarejo, e era para lá que estava indo. Enquanto literalmente arrastava uma perna depois da outra, começou a ouvir vozes.

— Não são os outros que devem nos dizer o que temos de fazer! Te prometo uma coisa: nossas fronteiras não serão fixadas para a eternidade… Um Estado em apenas parte da Palestina jamais será nosso objetivo final! — disse a voz.

Nissim olhou para os lados e entendeu tratar-se de uma alucinação qualquer, algo de dentro da sua cabeça. Mesmo assim conferiu mais uma vez

para ver se realmente não havia ninguém ali. Quando confirmou que continuava a caminhar sozinho, balançou a cabeça na tentativa de espantar os pensamentos.

— *Enquanto a lei estiver do nosso lado vai ser assim!* — disse uma segunda voz.

Nissim diminuiu o ritmo ainda mais… As vozes eram assustadoramente nítidas.

— *Com sangue e fogo a Judéia caiu! Com sangue e fogo a Judéia se reerguerá!* — continuou a segunda voz com uma firmeza.

Nissim estava assombrado. Fechou os olhos. A primeira voz voltou a falar na sua cabeça…

— *A lei será aquilo que nós determinarmos que ela seja!*

Nissim foi mentalmente voltando no tempo e conseguindo identificar a origem das vozes. Lembrou-se de quando era criança em Israel e ajudava o pai no manejo da rede de pesca. Lembrou-se dos soldados conversando perto do barco… E foi só. Não houve tempo para maiores recordações.

Sem comer e sem dormir há dias, Nissim sucumbiu e desabou no chão de terra.

- 10 -

Israel, 1973

Aos oito anos de idade, Nissim já demonstrava ser habilidoso no manejo de uma rede de pesca. Enquanto costurava uma das redes ao seu redor, observava o pai, Aaron, que estava sentado na outra extremidade do pequeno barco escrevendo em um pequeno diário. Aaron era seu herói e sua referência, e um veterano de guerra muito respeitado em seu país.

Um pouco adiante, encostados em outro barco, um grupo de militares bebia. Eles eram as vozes na cabeça de Nissim.

— Você tem toda razão. Nós faremos as malditas leis antes que alguém faça! É assim que as coisas são feitas — disse um dos militares.

— Exato. Fazemos as leis simplesmente porque podemos — concordou outro militar.

Os militares brindaram exaltadamente, seguros de sua superioridade jurídica.

O jovem Nissim gostava de observar os militares. Pensou que um dia

talvez pudesse ser igual a eles. Ou melhor, igual ao seu pai.

Olhou para Aaron e admirou a seriedade com que tratava o diário. Nissim daria tudo que pudesse para saber o que o pai tanto escrevia, mas lembrou-se que um dia, ao perguntar ao pai sobre isso, Aaron respondeu que o diário era um pequeno retrato da vida dele, mas que nunca deveria ser lido por ninguém. Dizia que era uma coisa muito pessoal, o que obviamente Nissim não compreendeu.

Aaron ia escrevendo:

HOJE É DIA DE YOM KIPUR… ÚLTIMA CHANCE DE MOSTRAR ARREPENDIMENTO… FAZER REPARAÇÕES… NÃO É PERMITIDO O TRABALHO. NÃO É PERMITIDO COMER.

Apesar da alta patente de Aaron, os militares mais jovens o tinham como um homem justo e um bom amigo. Havia sim um enorme respeito, mas ao mesmo tempo uma informalidade ao redor dele. Por isso, um deles resolveu testar a fé de Aaron no dia do Yom Kipur: virou-se para ele e ergueu uma cerveja gelada.

Aaron sorriu, mas recusou… O militar insistiu fazendo gestos insultuosos, mas Aaron seguiu firme em sua força moral, obrigando o militar a buscar outras formas de se entreter.

Aaron iria respeitar o Yom Kipur.

Foi então que o militar percebeu um casal de árabes caminhando abraçados, o que chamou sua atenção. Quando sua cabeça virou-se na direção deles, os outros militares se aproximaram e começaram a cochichar algo que os fez cair em uma risada. A idéia era constranger o casal que agora passava perto do grupo.

O pequeno Nissim acompanhou a cena toda, e Aaron percebeu que seu filho se sentiu mal com a atitude preconceituosa do grupo.

— Nissim, deixe-me ver a rede — ordenou Aaron, procurando distrair o garoto.

Nissim levantou-se prontamente e ergueu a rede de pesca para o pai inspecionar. Após uma rápida olhada e umas puxadas mais fortes nos pontos recém-remendados, Aaron demonstrou orgulho.

— Perfeito. Parabéns!

Aaron talvez não fizesse idéia de como aquelas palavras eram altamente encorajadoras para o filho. Quando ia voltar a escrever no diário, Aaron viu

ao fundo que um outro jovem militar que acabara de chegar à praia se aproximava correndo em direção ao seu barco.

— Senhor?! — gritou o jovem militar, fazendo com que os outros militares se aproximassem curiosos.

O jovem militar bateu continência para Aaron.

— Os reservistas estão sendo chamados.

— Mas é Yom Kipur! — respondeu Aaron.

— Senhor… o Egito e a Síria cruzaram as linhas de cessar-fogo no Sinai e nas Colinas de Golan — disse o jovem, fazendo uma pausa até ter certeza de que a gravidade da notícia tivesse sido bem assimilada. — Tivemos um número muito grande de baixas… Por favor, venha comigo, senhor!

O jovem virou-se para os demais militares.

— Venham todos!

— Vamos lá — completou um dos militares.

— Mas que ousadia deles! — resmungou outro militar presente.

Aaron levantou-se e esticou os braços até Nissim, apoiando-os sobre seus ombros. Olhou nos olhos do filho tentando demonstrar tranqüilidade.

— Vá para casa. Falaremos mais tarde.

Aaron, assim como os demais, estava surpreso com o ataque repentino, mas ainda assim conseguiu sorrir para o filho. Depois, virou-se para o jovem militar e caminharam apressados para fora da praia, em direção a um jipe militar.

Nissim observou o pai e os demais militares se afastarem apressados. Preocupou-se em recolher a rede para dentro do barco.

Foi quando notou que seu pai esquecera o precioso diário.

Nissim apanhou o diário e o levantou para o alto, na direção do pai que se distanciava, mas já era tarde. Sua voz nem chegou a sair da garganta. Aaron já estava longe.

Foi a última vez que Nissim viu seu pai.

- 11 -

Um dos militares amigo do pai de Nissim o levou até um kibutz, uma espécie de comunidade coletiva, tradicionalmente agrícola, que recebia filhos de pais mortos em combate.

Caminharam até uma mulher de idade que fazia a vez de recepcionista.

— Bom dia. Esse aqui é Nissim Heyman.

A recepcionista olhou em uma lista de nomes.

— Heyman… Aqui está — confirmou ela, levantando os olhos até Nissim e depois para o militar, esperando algum tipo de explicação complementar.

— Sou amigo do pai — esclareceu o militar.

A recepcionista acenou com a cabeça, compreendendo a situação. Com cautela, prosseguiu.

— E a mãe?

— Morreu ao dar a luz ao… Nissim.

— Nenhum outro parente?

— Não senhora.

— Entendi.

A recepcionista saiu de trás do balcão e caminhou até o pequeno Nissim. Parou em frente dele e flexionou as pernas até ficar na altura dele.

— Nissim Heyman, essa é a sua nova casa — disse ela de forma zelosa.

Os olhos de Nissim encheram-se de água e ele apenas balançou a cabeça. Não teria muita escolha.

Depois de algumas semanas no kibutz, Nissim ainda estava longe de se sentir em um lar. Queria voltar para a sua casa original ao fim de cada dia, como fazia na época em que freqüentava uma escola comum. Sabia que, por pior que fosse o seu dia, sempre haveria um retorno ao seu refúgio, onde teria o pai como companhia. Era muito difícil aceitar e compreender que aqueles dias nunca mais voltariam.

Estranhou o quarto que dividia com outros doze garotos e garotas que era obrigado a tolerar e com quem era obrigado a conviver. Era uma gente de hábitos diferentes do que Nissim estava acostumado. Não gostava e nem ao menos entendia algumas brincadeiras. A comida não era ruim, mas não era a mesma de casa. O colchão era mole demais e suas costas doíam. O banheiro era divido com outros garotos, e freqüentemente ele tinha que esperar a sua vez de usar. Os cheiros e os sons do kibutz eram novos para ele. Foi um período de adaptação lenta e dolorosa…

No corredor, durante os intervalos entre aulas, sentia-se completamente ignorado. Era cansativo ser visto e tratado como um estranho, embora soubesse que era exatamente isso o que ele era. As outras crianças passavam por Nissim e às vezes trombavam nele de propósito, o que o fazia se sentir sozinho e amedrontado.

Em uma dessas noites no dormitório, todas as crianças dormiam menos

Nissim, algo que já estava virando rotina. Nissim era sempre o último a cair no sono, pois ficava atento a tudo e a todos. Sem perceber, foi descobrindo a sua própria maneira de ser forte e resistir ao peso do estranhamento. Chorava em silêncio sem deixar ninguém perceber, e assim ia crescendo pouco a pouco.

Naquela noite, enquanto experimentava uma insônia cruel, viu uma mãozinha indo em sua direção… Era uma mão de menina tentando alcançar a sua.

Virou-se para o lado e olhou pela primeira vez nos olhos de Elana, sua vizinha de cama. Sem pestanejar e seguindo seus instintos mais básicos, esticou o braço e pegou na mão dela, apertando com gratidão. Surpreendeu-se com o gesto na menina, e com sua própria coragem em vencer a timidez.

No dia seguinte, enquanto perambulava cabisbaixo pelo playground, Nissim parou para observar um grupo de crianças brincarem de pega-pega. Desejou poder juntar-se a elas, mas era difícil superar a timidez e se livrar do rótulo de “estranho”. Quando finalmente decidiu tomar uma atitude, viu que no meio das crianças se iniciou uma briga entre um garoto árabe e um garoto sabra, um nativo de Israel. Percebendo que Nissim se retraíra com a confusão, Elana caminhou até ele e pegou novamente em sua mão.

— Vamos sair daqui. Preciso de ajuda com minhas tarefas.

Nissim não pensou duas vezes e caminhou com ela.

Estava começando a gostar de agir sem ficar pensando muito, além do mais, a docilidade da menina o encantava. Não sabia ainda sobre intuição, mas estava começando a se ouvir. Elana seria sua nova amiga.

Nissim e Elana entraram em um galinheiro com a missão de colher ovos, mas não demorou muito para que um caos se instalasse no local. Galinhas nervosas os cercaram por todos os lados e as bicadas tornaram a simples tarefa um desafio monumental. Elana até que estava se divertindo, não tanto pela indignação das galinhas, mas pelo pavor no rosto de Nissim, que não estava se entendendo muito bem com as ameaçadoras aves ao redor dele.

— Você devia ser mais cuidadoso — bradou Elana.

— Eu sei!

Nissim colocou alguns ovos na cesta que trazia. Elana observava atentamente e achava que precisava dar instruções a todo o momento.

— Não coloque todos os ovos em uma cesta só.

— Mas… eu só tenho uma cesta!

Nissim esforçou-se e conseguiu pegar meia dúzia de ovos. Nesse momento, uma das galinhas resolveu bicá-lo na parte posterior da mão que segurava a cesta, o que fez com que ele derrubasse todos os ovos.

— Eu disse… — falou Elana, frustrada. Depois mostrou, orgulhosa, os bolsos do casaco cheios de ovos.

À noite no dormitório, enquanto os grupinhos de conversa se formavam como em todas as noites, Nissim pôde pela primeira vez experimentar a aventura de ter o seu próprio grupo de conversa pré-sono: ele e Elana. Como em um passe de mágica, Nissim deixara de ser um completo estranho e começara a se misturar com a fauna local. Sentiu-se tão bem que fez surgir um novo e inesperado medo: ser abandonado pela nova amiga.

- 12 -

No dia seguinte, Nissim aguardou no corredor até que as aulas se iniciassem.

Já se sentia mais confiante no kibutz, mas ainda permanecia de costas para a parede, evitando assim os choques ocasionais dos provocadores de plantão, e enquanto aguardava o início de uma aula, notou que uma porta próxima a ele estava semi-aberta. Movido pelo ânimo recém-adquirido desde que conhecera Elana, resolveu dar uma espiada.

Observou um operador de rádio trabalhando…

Foi como se um facho de luz saísse de seus olhos, pois ficou absolutamente encantado com o que vira. Era algo do outro mundo, um brinquedo que ele jamais imaginara antes. Certamente mais interessante do que lidar com as redes de pesca que estava acostumado a lidar antes da morte do pai.

Dias depois surgiu uma oportunidade e Nissim foi falar com o encarregado do rádio. Logo se descobriu com os olhos fixos diante de uma mesa cheia de peças de eletrônica. Escutava atentamente o operador de rádio, que ia lhe descrevendo cada uma das peças e o deixando fascinado.

— Antena… capacitador… *relay*… *resistor*… controle de volume… caixa de som…

Enquanto ouvia, Nissim tocava cada uma das peças, instintivamente

tentando combiná-las umas com as outras. O operador ficou impressionado com o grau de interesse de Nissim e soube fazer a sua parte, que era incentivar o garoto.

— É isso mesmo, Nissim. Logo você vai montar o seu próprio rádio.

— Eu vou? — perguntou o garoto, incrédulo.

— Só depende de você.

Nissim custava a acreditar no que ouvia. Aquelas peças todas eram coisas de gente grande. Nunca pensou que alguém o deixaria mexer naquela máquina, e muito menos o incentivar a fazer aquilo… De longe, o mais interessante brinquedo em que ele havia colocado as mãos.

O kibutz foi aos poucos deixando de ser assustador. Os momentos de tristeza ainda eram freqüentes, geralmente motivados pela falta do pai, mas agora pelo menos havia Elana e havia o rádio também. Sua vida naquela propriedade sem dono estava tomando um novo e inesperado rumo, e Nissim estava começando a gostar.

Até que a senhora que o recepcionara tinha razão quando disse semanas antes que aquele lugar tinha tudo para ser seu novo lar.

- 13 -

Vinte anos de kibutz fariam qualquer um chamar o lugar de “meu lar”.

Assim foi com Nissim, que não só sobrevivera bem todo aquele tempo como se tornara um instrutor de rádio por ocasião do desligamento do instrutor anterior, que deixara o kibutz anos antes.

Enquanto caminhava em um enorme galpão que estocava peças eletrônicas usadas, o olhar cândido de Nissim buscava por algo específico. Identificou uma peça miúda, um *resistor*, com a mesma destreza de quem escolhe um bom vinho a ser apreciado. Verificou a peça e teve a certeza de que poderia ser bem aproveitada. Então, virou para o lado e ofereceu o *resistor* para a graciosa mulher que caminhava perto dele: Elana.

Com um misto de docilidade e rebeldia contida, Elana pegou a peça e colocou sobre os lábios, fazendo parecer um bigode.

— Fico mais sexy deste jeito?

— Fica… mas ainda prefiro meu *resistor* inteiro.

— Está pensando que eu sou uma idiota? Não vou comer, nem estou com fome!

Elana guardou a peça em uma bolsa.

— Com você a gente nunca sabe — retribuiu a brincadeira Nissim.

— Fique sabendo que você está falando com uma artista da maquiagem de muito talento!

Nissim voltou a buscar algo na pilha de lixo eletrônico. Encontrou um par de capacitadores e entregou a Elana.

— Guarde este também.

Elana fingiu pendurar as peças na orelha, como se fossem brincos, caminhando com jeito sexy.

— O que acha, vou acabar me seduzindo por você novamente? — provocou Nissim.

— Como assim *novamente*?

— Quando namoramos da primeira vez, foi idéia sua, não se lembra, Elana? Por isso durou pouco tempo.

— Corrigindo: foi idéia *sua*. A iniciativa é que foi minha.

— É que eu sempre te respeitei muito.

— Respeite menos.

Nissim e Elana trocaram um longo olhar.

Ele estranhou o comportamento de Elana. Tinham namorado e rompido tantas vezes antes que perderam a conta. Por mais que Nissim gostasse dela, e ele a amava, tinha certo bloqueio emocional em relação a Elana, exatamente por ela o ter salvado da solidão nos primeiros dias após sua chegada no Kibutz. A amizade dela era algo que ele não queria correr o risco de perder, e uma relação amorosa mais duradoura poderia estragar tudo.

Caíram na risada.

— Você é mesmo uma artista… Tem vários talentos!

— Tenho vários, mas é preciso que você tenha vontade de explorá-los.

Elana guardou os capacitadores na bolsa.

— Toda exploração tem seus riscos, Elana.

— Que nada! O problema é que alguns garotos só têm olhos para os seus brinquedinhos.

— E o que você pensa que é para mim?

Elana respondeu a provocação de Nissim com alguns tapas bem femininos no seu ombro, sinal de desejo de proximidade. Nissim segurou os braços dela e controlou a “agressão” com um longo beijo.

Namoravam mais uma vez.

Na sala do rádio no kibutz, Nissim tinha os ouvidos colados em um alto-falante enquanto era observado atentamente por dois colegas, Jacob e Itzhak, além de Elana, que estava em uma cadeira perto dele. Suavemente, Nissim foi girando o botão de freqüência em busca de um sinal. A espera era monótona… Elana puxou a cadeira, chegou mais perto e passou a mão em sua perna, mas Nissim parecia hipnotizado pelo que fazia.

Depois de muita espera, uma voz começou a sair do alto-falante. Todos prenderam a respiração.

— Está vindo — murmurou Nissim.

A voz distante parecia estar falando… russo!

Nissim sorriu orgulho.

— Senhores, digo — corrigiu Nissim, imitando um sotaque russo. — Elana e senhores, dou-lhes a estação espacial MIR, monitorada diretamente de nosso humilde kibutz!

— Você deve estar de brincadeira — provocou Jacob, ainda cético. — Está me dizendo que essa geringonça feita com peças de um ferro-velho consegue bisbilhotar a estação MIR?!

— É um radinho e tanto, não?! — confirmou Nissim.

Itzhak inspecionou mais de perto a parafernália eletrônica.

— Ou você é um gênio, ou então é um grande mentiroso — concluiu Itzhak.

— Um gênio, óbvio — disse Elana, ainda mais interessada em namorar. — E o que nós dois vamos fazer esta noite? —adiantou-se Elana.

Nissim olhou para os amigos, indicando que hoje era a noite deles.

— Que ótimo — compreendeu Elana, em tom exageradamente irônico.

Nissim deu um rápido beijo na namorada.

— Vou tomar umas cervejinhas e depois volto inteirinho para você.

Jacob e Itzhak já estavam na porta.

— Vamos lá, gênio charlatão — chamou Itzhak.

— Hora de meter porrada em algum árabe — completou Jacob, já saindo da sala.

Elana franziu a testa.

Aquele tom jocoso era o que mais lhe incomodava sobre os dois amigos de Nissim. Temia que algum dia Nissim viesse a ser contagiado pelo preconceito que existia em alguns naquela região, embora confiasse no discernimento do namorado.

— Tenha cuidado, Nissim — sussurrou Elana.

Nissim ia no banco de trás observando Jacob e Itzhak, que bebiam cerveja no banco da frente. Jacob estava ao volante e diminuiu a velocidade ao notar um homem caminhando na escuridão da estrada. Um homem árabe de idade avançada.

Nissim percebeu rapidamente que Jacob iria aprontar algo.

— Siga em frente, Jacob… Deixa de bobagem — disse Nissim.

— Acabei de localizar uma besta de duas pernas. O que você espera que eu faça? — justificou Jacob.

— Eu espero que você cresça — respondeu Nissim.

Jacob ignorou Nissim e parou o carro no acostamento.

— Não tem a menor graça, Jacob! — advertiu Nissim.

Itzhak, terminando sua lata de cerveja no banco ao lado de Jacob, riu.

— Você é que pensa… Isso vai ser divertido — disse Itzhak.

Jacob e Itzhak desceram do carro e caminharam até o homem árabe, que tinha idade para ser avô deles.

Jacob sorriu cinicamente e cumprimentou o velho.

— Boa noite, meu senhor.

— Boa noite — respondeu ele, em um tom que já antecipava confusão.

— O que o senhor está fazendo aqui, senhor — perguntou Jacob, fazendo sumir o sorriso e dando uma óbvia conotação territorial à conversa.

— Essa é a minha terra… O que *vocês* estão fazendo aqui? — respondeu docilmente o senhor árabe.

Jacob havia abandonado o cinismo e parecia agora estar sendo consumido por uma raiva despropositada.

— Sua terra? E por acaso não ouviu falar que Deus deu essa terra para meu povo?! — bradou Jacob, instigando Itzhak a se aproximar do árabe.

O velho sorriu resignado. Sabia que tipos como Jacob respiravam ódio racial.

— Sei que o nosso Deus é um, mas talvez o amigo pense diferente — ponderou o frágil velhinho.

Depois de um interlúdio de olhares maledicentes, Jacob surpreendeu o árabe e lançou um violento bofete em seu rosto.

— Este é o meu maldito país! Se quiser passar por esta estrada vai ter de me pagar, entendeu?! — vociferou Jacob.

O árabe limpou o fio de sangue que escorria de seu lábio inferior. Manteve a calma.

— Filho… porque vocês não voltam para onde saíram e nos deixam em paz? — perguntou o árabe. — Procure se educar.

Jacob tinha os olhos quase saltando para fora do rosto, tamanha era sua raiva. O que ele queria era a submissão do idoso à sua frente, mas não estava conseguindo.

Após alguns segundos de reflexão, deu um passo para o lado, permitindo que o velho passasse por ele.

— Você pode ir para casa — disse Jacob em tom senhoril.

O árabe deu um passo para frente, tempo que Jacob levou para puxar uma faca que tinha escondido em sua cintura. Depois, fechou o punho com força.

Nissim, que acompanhava tudo do carro, saiu o mais rápido que pôde, prevendo que a situação estava prestes a sair do controle.

— Jacob… Deixa ele em paz! — gritou Nissim.

O rancor de Jacob estava o deixando cego.

Antes que Nissim tivesse tempo de interceder, Jacob atacou o árabe com sua faca, dilacerando sua garganta!

— Não! — gritou Nissim, tarde demais.

Um esguicho de sangue do árabe atingiu Nissim no rosto e manchou a roupa dos demais. Em choque, Nissim acompanhou a queda do velho senhor, nitidamente em angústia mortal, e virou-se para Jacob, que dera alguns passos para trás, tomado de uma satisfação sádica que só a literatura médica poderia explicar.

Nissim ajoelhou-se perto do árabe.

— Meu senhor… — lamentou-se Nissim, horrorizado.

Tentou fazer algo para ajudar, mas foi instantaneamente erguido pelos braços por Itzhak e Jacob, que se sentiram ofendidos pelo gesto do amigo “bonzinho”.

— Vamos cair fora daqui! — determinou Itzhak.

Entraram no carro… Nissim olhou para trás antes de partirem e viu que o velho deixara de se mover. Aquele com certeza havia sido um golpe mortal.

- 14 -

Elana abriu a porta do quarto do kibutz para Nissim e viu uma enorme mancha de sangue que ia da lateral do seu rosto até o dorso. Sentiu uma corrente de eletricidade subir sua espinha, esquentar a cabeça e finalmente se alojar em seu coração, que disparou…

— Nem pergunte — disse Nissim, passando por ela e avançando em direção ao banheiro.

— Nem pergunte?! Você está sangrando!

— Não é meu sangue…

A onda de eletricidade continuou a percorrer o corpo de Elana… Já estava nos pulmões e ela começou a respirar com dificuldade.

Nissim parou diante do espelho do banheiro e observou, apavorado, o sangue do árabe sobre si.

— Meu Deus…

— Tire a camisa — disse Elana, já o ajudando a retirar a roupa e estudando suas feições. Precisava saber a verdade: — O que você fez, Nissim?

Nissim lavou-se primeiro, proporcionando a Elana uma espera nociva à sua já frágil condição emocional. Ele não gostou da forma como ela havia feito a pergunta.

— Eu não fiz nada. Foram Jacob e Itzhak que fizeram.

Nissim virou-se para Elana, mostrando pela primeira vez todo o seu choque.

— Mataram um árabe! Um senhor de idade!

Elana cobriu a boca, surpreendida. Não esperava algo tão forte.

— Por puro racismo! — finalizou Nissim.

— E você não fez nada para impedir? — perguntou em tom quase inaudível.

— Eu não consegui…

Nissim lutou para não fraquejar. Sentia-se culpado por não ter impedido a tragédia.

— Pareciam animais determinados.

Elana arrependeu-se por ter questionado Nissim. Viu seu estado lamentável e o abraçou. Foi um abraço que demorou o tempo necessário até que a adrenalina de ambos abaixasse.

Nissim permaneceu um bom tempo na cama sem mexer um músculo. Estava prostrado. Só moveu os olhos quando Elana saiu do banheiro segurando sua camisa ainda manchada.

— Não consegui tirar o sangue — disse Elana.

— Essa camisa era do meu pai.

Quando Elana se aproximou, Nissim a puxou ela pelo braço e a fez sentar-se.

— Vamos embora… Quero viver em uma cidade, freqüentar uma sinagoga mais liberal. Tenho visto uns tipos fanáticos aqui no kibutz que me dão arrepios. São eles que ficam colocando minhoca na cabeça de Jacob e Itzhak. Estão destruindo o judaísmo!

— Pra onde quer ir?

Nissim balançou a cabeça.

— Só sei que está na hora de cair fora daqui — disse, olhando nos olhos de Elana.

— O que você decidir está bom para mim — respondeu ela com docilidade e compreensão.

Aquela era uma mulher especial, pensou Nissim. Talvez tivesse chegado a hora de uma mudança em suas vidas.

— Quer se casar comigo?

— Se eu quero me casar com você? — perguntou Elana, surpresa. Aquele momento estava longe de ser adequado para uma proposta daquelas… Os dois ainda estavam muito abalados. Mas depois de pensar por alguns segundos, Elana abriu um largo sorriso.

O religioso Sadoc tinha os cabelos longos como o de um maestro excêntrico, mas o *glamour* de sua aparência parava por aí. A cintura era arredondada demais para sustentar qualquer traço de encanto pessoal, além do que, a sua arte era outra: a paixão fervorosa por uma tradição que não era mais utilizada no judaísmo há séculos.

Em uma sala obscura do kibutz, Jacob e Itzhak escutavam atentamente ao sermão de Sadoc.

— Estão preocupadinhos os dois?! Com o quê?

Jacob e Itzhak olharam-se. *Haviam acabado de matar um homem*.

Sadoc sabia que a pergunta lhes causaria espanto.

— Os gentios não estão sob a proteção da lei.

— Não conhecemos bem o assunto — disse Jacob.

— Eu sei. São dois imbecis ainda…

— O Antigo Testamento diz…

— Esqueçam o Antigo Testamento!

Sadoc era uma fonte inesgotável de perplexidade.

— A lei é essa que eu lhes ensino agora… Uma lei superior!

Sadoc dançava de um lado para o outro com seu corpanzil pesado e desajeitado. Tinha um livro de capa preta nas mãos, que tocava

repetitivamente com o dedo indicador.

— O animal cruzou o seu caminho… Vocês reagiram por proteção… Conforme rege essa lei que eu lhes ensino agora… Alguma dúvida?!

Mais uma vez Jacob e Itzhak olharam-se. Se a tal lei, que era *a lei*, os autorizava a agir daquela forma, não seriam eles, os agressores, a questionar. Aquela possibilidade os confortava. A oferta de impunidade diante de entidades poderosas era irresistível.

— Compreendem? — insistiu Sadoc, percebendo que suas palavras estavam surtindo efeito.

O magnetismo apaixonante de Sadoc ia transformando os semblantes de Jacob e Itzhak. O homem simplesmente acreditava no que dizia com todas as células do seu corpo. De uma hora para outra, Jacob e Itzhak não sentiam mais culpa.

Nem mesmo o menor resquício de culpa.

- 15 -

Nissim precisou de alguns dias para poder reunir condições de voltar à ativa. Não saiu do quarto de Elana durante todo o tempo e aproveitou para fazer contatos telefônicos com o mundo do lado de fora do kibutz.

Enquanto ensinava algumas crianças na sala de rádio, sua cabeça viajava nas possibilidades que agora surgiam.

— Pressione este botão e fale com a boca aqui…

Um dos meninos aproximou-se do radio e seguiu as instruções de Nissim, mas antes de falar foi interrompido por Elana, que entrou na sala do rádio.

— Vamos dar uma volta? — perguntou ela de forma incomum.

Nissim olhou para as crianças, mostrando que estava ocupado.

— É importante — insistiu ela, sorrindo.

— Volto logo, está bem? Aguardem aqui — disse Nissim para seus alunos, frustrados por terem uma de suas aulas favoritas interrompida.

Nissim e Elana caminharam em silêncio até chegarem ao pomar do kibutz, onde poderiam conversar sem serem perturbados.

Elana estava realmente ansiosa para falar.

— E então, boas notícias? — perguntou Nissim.

— O diretor da companhia de teatro me telefonou esta manhã.

Elana abriu um sorriso.

— Vou ser responsável por fazer um monte de maquiagem!

— Que ótima notícia, Elana! O dinheiro compensa? — perguntou Nissim, indo direto ao que importava. O futuro casal não era diferente dos demais. Precisavam de dinheiro.

— Nem um pouco.

— Então esqueça.

— Como assim *esqueça*?

— Você merece algo melhor. Nós vamos casar, por amor, em duas semanas. Não é o momento de trabalhar *por amor* também.

Elana fechou os olhos e massageou as pálpebras… Estava nitidamente desapontada.

— Se estou casando por amor, posso perfeitamente trabalhar por amor também. Pelo menos por um tempo.

Voltaram a caminhar em silêncio.

Nissim percebeu o desapontamento em Elana, mas ele também tinha algo a dizer e não perderia tempo. Algo que julgava ser mais importante do que tudo.

Seu semblante ficara sério.

— Fui procurado por algumas pessoas.

— Do que está falando? Que pessoas?

— Um pessoal da Defesa — respondeu, subitamente entusiasmado.

— Defesa? Que tipo de pessoas, Nissim?

— Do setor de Inteligência… Tive uma proposta de trabalho na área técnica.

Elana balançou a cabeça, insegura.

— Não é para você…

Nissim pegou na mão dela e sorriu.

— Pelo visto não estamos nos entendendo muito bem hoje.

— Você é um cara de paz. Vai se envolver com militares? Se meter a espião?

— Veja, não é uma posição de combate ou nada parecido. Isso não seria o que eu busco.

— Não seria mesmo — disparou Elana. — As crianças daqui gostam de você. Por que não procura um trabalho com crianças?

— Quero novos desafios.

Elana o analisou por um instante. Não estava convencida dos argumentos dele.

— Mas o que exatamente iria fazer nesse emprego? — perguntou ela.

— Se entendi direito serei uma espécie de colaborador. Darei apoio técnico em missões… Não me deram maiores detalhes. Só sei que não terei vínculo direto com o Instituto.

— O Instituto?

— É, o Mossad — disse ele sem esconder certa vaidade.

Elana revirou os olhos. Garotos serão sempre garotos.

— Por que não procura um emprego normal como todo mundo?!

Nissim parecia cego pelo entusiasmo da oferta. Seus olhos brilhavam.

— Meu pai morreu pelo país… Essa é a minha chance de ser útil, ajudar o governo.

— Como? Morrendo igual seu pai? Quer virar herói, é isso?

Nissim parou de caminhar e postou-se na frente de Elana.

— Eu já decidi. Vou aceitar a proposta deles.

Elana surpreendeu-se com a convicção de Nissim. Como ele poderia ter decidido algo tão importante sem a consultar antes?

— Iremos para Tel Aviv. É a nossa chance de sair daqui.

— Nós iremos?

— Ou você quer continuar convivendo com tipos iguais a Jacob e Itzhak?

— Eles são exceções. A maioria não quer nem saber dessas coisas.

— Eu sei, mas ainda tenho o gosto de sangue do velho árabe na minha boca. Quero ir embora, Elana… Preciso respirar novos ares!

Ela o encarou e falou com a intuição que só as mulheres têm.

— Prestar serviço para o Mossad não é uma boa decisão.

— É a minha opção.

Elana viu que não poderia mudar a cabeça de Nissim.

— Você é quem sabe.

Ele agradeceu a compreensão dela com um sorriso e um abraço.

— Vai dar tudo certo.

- 16 -

Londres. DIAS DE HOJE

As quase duas décadas de contribuição ao Mossad geraram um incômodo em Nissim. Primeiro, havia uma ansiedade que tinha a ver com o fato dele ter iniciado o trabalho e permanecido depois de todo esse tempo como um simples colaborador, nada mais que um prestador de serviços de confiança.

Nissim não era um agente propriamente dito, embora saísse a campo participando de missões de apoio técnico a equipes de agentes. O trabalho oferecia uma remuneração razoável, mas não o deixaria rico. E, para completar, sua função era vista como secundária na escala informal de importância no Instituto.

O outro problema estava exatamente na ambição de um dia tornar-se um agente efetivo, treinado, contratado e reconhecido pelos colegas com tal, só que o tempo passava e não dava sinais de que essa subida de degrau pudesse acontecer. Isso o frustrava cada dia mais. Nas longas esperas que as equipes às vezes se submetiam, esses eram os pensamentos que assombravam Nissim.

Elana estava se tornando um desafio também. Ela queria ter direito a uma vida própria, mas Nissim fingia não ver que Elana era uma pessoa com desejos e expectativas iguais aos dele. A espera pelo marido, que viajava muito, e a lugares que ela nem ficava sabendo, era cada vez menos tolerada. E tinha ainda o seu relógio biológico, já no limite de risco para quem desejava um dia poder ser mãe.

E era isso que passava na cabeça de Nissim enquanto servia de apoio à equipe do Mossad liderada por Yakir e assistida por Doran.

A missão em Londres estava particularmente confusa e lenta.

De trás da janela de um edifício, Doran ajustava o foco de um potente telescópio conectado a um notebook enquanto Yakir andava de um lado para o outro com os olhos grudados nas imagens que iam aparecendo.

A equipe monitorava a Casa da Mansão, residência oficial do prefeito da *City of London Corporation*, o quarteirão financeiro mais poderoso do mundo, que possuía total independência da cidade de Londres. Um dos pontos sensíveis daquela missão era não ter avisado o MI5, serviço secreto interno britânico, com uma equipe de um país estrangeiro bisbilhotando o quintal deles. As divergências entre serviços de Inteligência sobre formas de atuação não eram incomuns, e a burocracia, às vezes, atrapalhava um pouco o ritmo das operações. Apesar de a agência israelense ser considerada uma das mais eficientes do mundo, os ingleses é que eram os verdadeiros mestres da Inteligência. Se a equipe do Mossad fosse descoberta, geraria um incidente

político e jurídico extremamente embaraçoso para o governo de Israel.

A Casa da Mansão, que vigiavam, era também usada pelo chanceler de Exchequer, o equivalente a ministro das finanças, para o discurso anual sobre o estado da economia britânica que acabara naquele exato momento.

A equipe acompanhou quando Frederique Bonsignour, negociante de armas do primeiríssimo time que se destacava pelos cabelos cumpridos e bem alinhados, saiu da Casa da Mansão e acendeu um charuto.

Frederique não era o foco da investigação… A equipe do Mossad estava procurando um contrabandista de armas de menor abrangência, cujo nome era Jamal.

— Olha só quem apareceu para fazer fumaça — disse Doran enquanto ajustava o telescópio.

— Mas que porcaria. Onde está o maldito Jamal? — perguntou Yakir.

— Enquanto vocês pensam, eu vou gravando — adiantou-se Nissim sem ser perguntado, e já acionando a gravação das imagens captadas em vídeo.

Yakir estava confuso com a presença de Frederique. Coçou o queixo e tentou ganhar tempo antes de responder.

— Pessoas como Frederique sempre são bons suspeitos… Enquanto Jamal não aparecer, vamos ficar de olhos nele.

— Pode deixar — respondeu Doran.

— Jamal, Jamal… cadê você?… Está me fazendo perder o almoço. Vou comer sanduíche frio por sua causa, desgraçado — murmurou Yakir.

— Não sei qual fonte você usou, mas não é a primeira vez que perdemos tempo com uma pista errada — lembrou Doran.

Yakir esfregou as mãos no rosto e suspirou.

— A informação que eu tive é que Jamal iria encontrar um banqueiro dos Emirados após essa reunião. Vamos localizar o banqueiro e esperar que ele nos leve até Jamal.

— Certo… mas nem me atrevo a perguntar quem é sua fonte, Yakir.

— Isso mesmo. Não se atreva.

— Além do que, essa historia não faz muito sentido. Conversamos antes de sair de Israel e repito: por que um negociante de armas mediano como o Jamal abordaria um banqueiro dos Emirados durante um evento público? Um banqueiro teria que ser muito estúpido para se permitir isso, e eu nunca ouvi falar em banqueiros estúpidos.

— O único sentido que me interessa é o olfato, e o meu faro diz que a fonte é confiável — enfatizou Yakir.

— Você é quem manda, chefe.

— Sei disso. Agora, pode ser que Jamal de fato já esteve por aqui, mas tenha ido embora antes da gente chegar.

— O que o seu faro diz sobre isso?

— Mas que droga, Doran! Não me encha!

Doran e Nissim trocaram um sorriso. Yakir estava prestes a se tornar uma pessoa mais humilde porque precisaria da ajuda intelectual dos demais, e isso era bom para a moral dos *demais*. A súbita transformação era sempre comemorada por Doran e Nissim.

— Da última vez que pisamos na bola, Jamal comprou 3 mil foguetes Katyucha — resmungou Yakir.

Doran mudou a direção do telescópio e ajustou o foco: mais pessoas saiam da Casa da Mansão e ele queria poder enquadrá-las com qualidade.

— Como está a imagem? — perguntou, virando-se para Nissim.

— E nós sabemos o que esses 3 mil foguetes fizeram com as pessoas de Haifa — concluiu Yakir, caminhando por toda a sala.

— Perfeita — respondeu Nissim.

Yakir aproximou-se do notebook de Nissim. Acompanhou, com surpresa, quando o chanceler de Exchequer, segundo homem mais importante do governo britânico, saiu da Casa da Mansão e caminhou até Frederique.

— É o chanceler?

— Ele mesmo — respondeu Doran.

Nissim foi acompanhando tudo com enorme vontade de colaborar com o raciocínio, mas ele era apenas um técnico e teria de manter a boca fechada sempre que possível. Essa era a rotina.

— Então estamos perdendo tempo com Frederique — disse Yakir.

Ficaram em silêncio por um instante. Yakir coçou os lábios e voltou a caminhar. Balançava a cabeça tentando concluir algo.

— Não há como ele ter qualquer relação com Jamal — disse Yakir.

— Como pode afirmar isso? — instigou Doran.

— Um peão teria ligações com o rei? Jamal é muito pequeno para Frederique.

— Então seria só uma coincidência o fato de Frederique estar aqui?

— Estou dizendo que não faz sentido que o chanceler coloque em risco sua reputação ao mostrar-se em público com um homem de negócios como Frederique, ainda mais se soubesse que ele faz negócios com grupos como o Hezbollah.

Doran afastou o olho do telescópio.

— É… O chanceler estaria brincando demais com a sorte.

— Exatamente. O Frederique tem a indústria de armas a seus pés. É um fardo político para qualquer um, mesmo sendo um negociante de respeito.

Nissim não resistiu.

— É um negociante de respeito em uma indústria sem regras. O que é mesmo que eles fazem, matam e aleijam pessoas?

Yakir fuzilou Nissim com os olhos.

— Quero lembrar, como tenho feito nas vezes em que trabalhamos juntos, que você aqui é mero fornecedor de serviços e está muito, muito longe mesmo de se tornar um agente… Poupe-me de suas pequenas conjecturas.

— Obrigado pela lembrança, chefe.

— Sou mais que isso, Nissim. Sou seu cliente. Pago as suas contas.

Yakir virou de costas e voltou a caminhar ansiosamente.

Doran aproveitou e sorriu discretamente para Nissim. Yakir era um chato, e não havia hierarquia que pudesse fazer com que os outros pensassem diferente a respeito dele.

Uma nova movimentação iniciou-se na tela do notebook…

Políticos e empresários começavam a sair da Casa da Mansão. Yakir aproximou-se para observar o monitor e tentar decifrar o que via.

— O discurso sobre o estado da economia britânica acabou e a primeira pessoa com que o chanceler se encontra é Frederique, o negociante de armas?! — perguntou abismado.

— Em tese, não há nada de ilegal no que Frederique faz — disse Doran.

Yakir debruçou-se sobre o notebook, incomodamente perto do rosto de Nissim, que se inclinou ligeiramente para o lado oposto.

— Olhe para eles… No maior papo, como se fossem dois grandes amigos!

O notebook mostrava o chanceler apresentando políticos importantes para Frederique, que os cumprimentava com longos apertos de mão.

— Não faz sentido. Até parece que eles o reverenciam — comentou Doran, com os olhos bem grudados no telescópio.

Yakir estava intrigado.

— Não acho que Frederique esteja aqui para se encontrar com Jamal — disse Yakir, sem muita convicção. — Seria desnecessário para ele. Tem toda a autonomia de que precisa.

O monitor mostrava o chanceler despedindo-se de Frederique com uns

tapinhas nas costas e retornando para a Casa da Mansão.

Doran afastou-se do telescópio, balançando a cabeça.

— Eu confesso que também não estou entendendo nada.

— Droga! — disse Yakir, tão confuso quanto Doran.

Nissim estava de braços cruzados observando Yakir descontrolar-se.

Yakir percebeu que estava sendo observado como um animal de circo e decidiu incluir Nissim na sua confusão.

— O que será que Frederique veio fazer aqui?

— Não pergunte a mim — respondeu Nissim, com um quase imperceptível sorriso. — Sou mero fornecedor de serviços.

Yakir estava perdendo a paciência com a situação toda.

— Estou perguntando para o seu computador.

— Está perguntando para a máquina?!

— É exatamente isso que estou fazendo. Quero saber o que o computador tem a dizer… Qual o histórico de Frederique e do chanceler juntos?

— Ah!

Nissim não perdeu tempo. Descruzou os braços e passou a trabalhar. Era bom sentir-se validado de vez em quanto.

Digitou *FREDERIQUE BONSIGNOUR*… Um conjunto de dados apareceu no monitor. Nissim relatou o que via.

— Já se encontraram antes.

Yakir e Doran trocaram um olhar de preocupação.

— Em Wall Street — completou Nissim.

— Em Wall Street… — repetiu Yakir, sedento por mais informações enquanto tentava raciocinar. — Quando?

Nissim cruzou os braços novamente, demonstrando uma falsa sobriedade. Estava saboreando cada pergunta que Yakir lhe fazia.

— Três dias atrás.

— Três dias atrás… — tornou a repetir Yakir, cada vez mais abismado.

— Com quem mais Frederique se encontrou?

Nissim teclou em seu notebook. Havia mais dados úteis.

— Encontrou-se com o presidente do FED, o Banco Central Americano.

— O presidente do FED? Continua não fazendo sentido — disse Yakir, franzindo a testa.

O próximo dado que surgiu fez Nissim esquecer o pequeno embate com Yakir.

— Veja isto! — disse Nissim, aproximando-se do monitor.

— Isto o quê?!

— Frederique também se encontrou com o banqueiro dos Emirados, aquele que supostamente iria se encontrar com Jamal hoje… Jamal, o pequeno contrabandista de armas que sumiu do mapa e nos fez de bobo — observou irônico.

Yakir parou de caminhar. Havia algo ali.

— Isso não é bom.

— Talvez a sua fonte não esteja tão errada assim — admitiu Doran. — Eis aí a ligação entre Jamal, que não está aqui, e Frederique, que, talvez, tenha vindo em seu lugar.

Yakir andava cada vez mais depressa e seguia o raciocínio de Doran.

— Se o banqueiro dos Emirados pode financiar um contrabandista de armas sardinha igual Jamal, o que o impede de lidar com o tubarão Frederique?

— Nada — concluiu Doran.

— Absolutamente nada.

Yakir e Doran olharam-se por um instante. Estavam falando a mesma língua.

— Talvez seja uma boa idéia esquecer Jamal por um tempo e ficarmos na cola de Frederique — disse Yakir.

— Acho a idéia boa — concordou Doran.

- 17 -

Suíça

Antes de se tornar uma estação de esqui luxuosa, St. Moritz era conhecida por suas fontes de água com propriedades supostamente curativas. A partir do século XIV, a igreja dedicada a São Maurício ganhara tanta importância que o Papa Leão X declarou que todos aqueles que peregrinassem até a fonte de São Maurício teriam absolvição total…

A equipe do Mossad viajou até St. Moritz atrás dos passos de Frederique Bonsignour, o tubarão. Não havia nenhum intento religioso nessa peregrinação, mas eles esperavam, sim, serem absolvidos por Krosner, o diretor de Inteligência, em razão da furada que deram em Londres, onde não

encontraram nem vestígios do sardinha Jamal.

Fazia uma noite espetacular de inverno.

Nissim e Doran preparavam-se em um carro estacionado a poucos metros de uma casa com ares de castelo. Nissim fazia os últimos ajustes em uma fantástica minicâmera *ultra wideband* no colarinho da camisa de Doran.

— Se chegar perto o suficiente, poderá ver através da parede — disse Nissim. — Está pronto para testar?

Doran sorriu com ceticismo e girou o pescoço em direção a uma parede próxima do carro.

— Veremos… ou não.

Doran apertou um minúsculo botão escondido em seu colarinho e os dois giraram a cabeça em direção a um monitor LCD instalado no painel do carro. O resultado era impressionante: era possível ver um gato andando atrás do muro com uma nitidez apenas um pouco inferior a uma antiga TV em preto e branco.

— Incrível! — disse Doran. — Hora de brincar para valer.

— Tente manter o colarinho por baixo do terno, pois não sou especialista em corte e costura. Se conseguir fazer isso, vai camuflar bem a câmera. Boa sorte!

Doran desceu do carro e caminhou decidido até a entrada do castelo. No meio do curto trajeto, girou o pulso e aproximou a mão da boca.

— O que vê atrás da porta de entrada do castelo? — perguntou Doran pelo microfone de pulso.

Nissim olhou no monitor do carro e viu a silhueta de um homem, e atrás do homem, uma segunda barreira visual.

— Tem alguém caminhando próximo à porta de entrada… Não vejo nada além dele. Talvez tenha uma parede logo em seguida — observou Nissim ao microfone.

— Talvez?

— Não está perto o suficiente, Doran.

— Estou me aproximando…

— Deve haver uma segunda parede interna impedindo a visão da câmera. Você deve bater na porta e tentar ver o que tem ali.

— É, estava fácil demais até aqui.

Doran chegou à porta do castelo e tocou a campainha.

Enquanto esperava, vasculhou o jardim de entrada e o pórtico onde estava.

Encontrou uma pesada placa de bronze com o nome do lugar:

CASA DE BONSIGNOUR

A espera foi desconfortavelmente longa, como se alguém estivesse dizendo ao visitante inesperado que a sua presença lá era tudo, menos bem-vinda.

Mesmo do carro, Nissim pode perceber uma inquietação em Doran.

— Garanto a você que tem alguém atrás da porta…

Doran acenou com a cabeça indicando que estava entendendo. Não poderia falar naquele instante. Quando a porta finalmente se abriu, Doran deu um passo à frente e foi formalmente cumprimentado por um antiquado mordomo em traje de gala completo.

— Boa noite, *monsieur* — disse o mordomo em francês.

— Boa noite — respondeu Doran em inglês, usando e abusando de sua visão periférica para perscrutar o interior da propriedade.

O mordomo achou curiosa a maneira insistente com que Doran olhava para dentro da mansão… Quando o mordomo virou a cabeça para o interior da casa e tentou ver exatamente o que é que ele tanto olhava, Doran ajeitou o colarinho que cismava em escapar de dentro do terno e iniciou a gravação das imagens. Com a outra mão, tirou do bolso um pedaço de papel e entregou ao mordomo, no exato instante em que ele olhou de volta para Doran.

— Estou procurando por este restaurante — disse Doran.

O mordomo apanhou o papel e franziu a testa.

— Já dei uma duas voltas no quarteirão, achei que pudesse ser aqui…

O mordomo devolveu o papel a Doran, começando a olhá-lo com suspeita.

— Aqui não é um restaurante — disse o mordomo em um inglês seco.

— Puxa vida… Perdoe-me.

Não havia nenhuma expressão de perdão na forma como o mordomo o olhava agora.

— Não sei qual a sua intenção, mas garanto que foi filmado por nosso sistema de segurança. Se voltar aqui novamente, chamarei a polícia!

O mordomo fechou a porta sem qualquer cerimônia ou delicadeza.

Doran deu meia-volta e começou a se afastar.

— Você também foi filmado pelo nosso sistema de segurança… Por sinal, muito mais bacana que o seu — disse Doran para si mesmo enquanto caminhava em direção ao carro.

- 18 -

A equipe do Mossad preferia não ficar em hotéis, por isso possuíam uma vasta rede de colaboradores espalhados em praticamente toda a Europa, e, como conseqüência, uma boa gama de opções de hospedagem em residências particulares.

Não era o caso em St. Moritz. Ali tiveram que escolher um pequeno hotel. Fizeram check-in separados, conforme regiam as normas do Instituto, cada um com seus passaportes alternativos.

Yakir abriu a porta do seu quarto para Doran e Nissim. Doran foi logo desabotoando a camisa. Parecia bastante incomodado.

— Podiam me arrumar uma camisa com um tecido melhor… Este algodão vagabundo deixou meu pescoço todo irritado.

Yakir desprezou a justa reclamação de Doran. Seu pescoço estava mesmo todo vermelho.

Os três andaram até uma mesinha redonda próxima à janela. Doran removeu a minicâmera e entregou a Nissim, que a conectou em seu notebook. Assim que as primeiras imagens surgiram, a equipe inclinou-se para a frente quase em sincronia. Estavam ansiosos não só em conhecer melhor o desempenho do novo brinquedo de espionagem, que também fazia o papel de uma câmera fotográfica digital de alta definição, mas também em descobrir algo sobre Frederique Bonsignour.

— Vamos lá… — sussurrou Nissim, estalando os dedos diante do monitor.

Nissim foi dando os comandos no notebook… As imagens captadas no interior da Casa de Bonsignour apareceram quadro a quadro, com cores e qualidade excepcionalmente bem definidas.

Nissim clicou em uma das imagens e a ampliou: o local estava entupido de objetos de arte.

— É um viciado em velharias — comentou Yakir. — Agora vamos ver o que o *ultra wideband* tem para mostrar.

Nissim selecionou uma área da imagem que mostrava uma parede central ao fundo e a aumentou. Após outro comando no teclado, a imagem em *ultra wideband* revelou o ambiente atrás da parede. Mesmo não estando muito nítida, foi possível ver que na parede ao fundo daquele ambiente havia um desenho.

Um enorme mapa.

— O Oriente Médio de antigamente — reconheceu Nissim imediatamente.

Os três gastaram um tempo olhando para o desenho. Até onde podiam perceber, era a imagem predominante daquele recinto.

— O que tem mais para o lado? — perguntou Yakir.

Nissim arrastou a imagem com o mouse e parou em cima de um nome que parecia ser uma espécie de assinatura, na parte inferior do mapa:

GRANDE ISRAEL

— Não disse? É um mapa antigo — comentou Nissim, excitado com a descoberta.

Yakir e Doran vasculhavam cada *pixel* do monitor.

— O que é aquilo ali mais para o lado? — perguntou Doran.

Nissim voltou a arrastar a imagem, desta vez em direção a algo que parecia ser uma haste, quase em frente ao mapa, na parte inferior, ao lado da assinatura.

— Parece o tronco de uma árvore… — arriscou Nissim.

— Uma árvore dentro de casa? — questionou Yakir, com toda a ironia.

— Talvez uma escultura — ponderou Doran.

Conforme a imagem ia deslizando para o lado, foi se revelando algo que deixou todos boquiabertos: não era uma escultura, mas a silhueta de um homem.

— É uma pessoa — confirmou Nissim.

— Gênio — ironizou Yakir novamente.

Nissim alterou as configurações do software de imagens e tornou a imagem mais nítida.

— Uma pessoa ajoelhada.

— Conheço essa figura — disse Doran.

— Claro que conhecemos… É Frederique Bonsignour — finalizou Nissim.

Doran fez uma contorção com o rosto.

— O que ele está fazendo ajoelhado diante de um antigo mapa?

— Que coisa mais bizarra! — espantou-se Yakir.

— Esse Frederique deve ser um daqueles…

— Fanáticos religiosos — disse Nissim, cortando Doran e subitamente

tomado por uma possibilidade. A transformação em seu semblante era notável.

— Mais uma de suas conjecturas? É apenas um mapa Nissim… Um mapa — disse Yakir em tom recriminatório.

— Apenas um mapa?! — discordou Nissim.

Era sempre assim toda vez que Nissim trazia uma informação nova. Não importava o quão útil pudesse ser, a primeira preocupação de Yakir era sempre com uma possível quebra de hierarquia e a conseqüente ameaça ao seu status de chefe. O dever de Estado vinha depois.

Nissim delineou o mapa com a ponta dos dedos sobre o monitor… Eram as fronteiras que ele enxergava.

— Veja… É o mapa da Grande Israel Bíblica.

— Ora Nissim, não seja ridículo. Vai nos ensinar geografia? Está escrito ali: GRANDE ISRAEL.

— Isso não é geografia, é história.

Yakir respirou fundo e afastou-se da tela do monitor.

Enquanto isso, Nissim continuava com a corda toda. Abriu um arquivo com o registro da missão e digitou:

CASA DE BONSIGNOUR EM ST. MORITZ: SEU TEMPLO PARTICULAR

Yakir retornou para conferir o que Nissim havia escrito. O registro da missão era digitado por Nissim, mas a informação contida nele era de responsabilidade e ditada por Yakir.

— Apague isso, Nissim… Está ficando irritantemente intrometido.

Nissim apagou, contrariado, mas não iria desistir tão cedo.

— Veja a linguagem corporal de Frederique… — insistiu Nissim.

Nissim virou o notebook para estimular Yakir a olhar. Apontou a tela com o indicador e aumentou o tamanho da imagem, o que fez surgir um Frederique maior.

— Já vimos isso, Nissim. O que tem demais?

Embora escura e com baixa definição em razão dos constantes ajustes e da ampliação na tela, a foto revelava um Frederique sem camisa, com os braços abertos e esticados… A cabeça olhava para o alto, na direção do mapa na parede… Suas costas cabeludas estavam úmidas. Era possível constatar isso em virtude do brilho que apresentava.

Yakir afastou-se e buscou o olhar de Doran, que parecia bem curioso. Depois, encarou Nissim como quem exigisse uma explicação para o que estava vendo, e para o que exatamente Nissim imaginava ser aquilo.

Não precisou perguntar qualquer coisa. Nissim adiantou-se.

— Vamos fazer as contas juntos: o cara está suando feito um porco. A cabeça está solta, pendendo para trás, como se estivesse em transe.

Os três trocaram olhares. Nissim explorou o momento e fez uma pausa dramática. Quando Yakir e Doran fixaram o olhar sobre ele, continuou.

— Para mim, parece que ele está não apenas adorando o mapa, mas o faz até o ponto de exaustão física, o que podemos chamar, com toda segurança, de fanatismo!

— E daí? Minha mãe também adora mapas e sempre sonhou com a Grande Israel Bíblica — disse Yakir, nem um pouco convencido do que estava ouvindo.

— Sua mãe é uma *iídiche mamma* de oitenta e cinco anos de idade. Francamente, não acho que ela seja uma ameaça muito séria a Israel.

Doran sorriu discretamente, mas Yakir percebeu.

— Qual o seu ponto, Nissim?!

— O meu ponto é que talvez Frederique Bonsignour seja um extremista fanático.

— Muitos israelenses ainda sonham com a Grande Israel Bíblica, mas estão longe de serem fanáticos — ponderou Yakir, subitamente desanimado com aquela hipótese. — A sua conta não fecha.

Doran aproximou-se do notebook e depois olhou para Yakir.

— O problema é que a Grande Israel Bíblica hoje incluiria não apenas Israel como conhecemos, mas também a Jordânia, o Líbano, partes da Síria e do Iraque, o Kuait, a Arábia Saudita, o Egito e a Turquia…

Após uma pausa para refletir, Yakir sorriu para Doran, tentando minimizar o que acabara de ouvir.

— O que eu acho é que nosso amigo Nissim está tentando de tudo para nos impressionar.

Nissim não gostou da provocação, mas Yakir prosseguiu mesmo assim.

— Fica imaginando coisas como se fosse um grande visionário quando, na verdade, acho que ele está é completamente paranóico!

— Você perguntou o que eu achava, eu respondi.

— Ok… Não me interessa para quem Frederique Bonsignour fica de joelhos, isso é problema dele. O meu problema é saber se Frederique arrumou

alguma forma de vender armas aos nossos inimigos. Alguma forma nova que a gente ainda não conheça.

- 19 -

O antiquado mordomo apanhou a bandeja com o jantar e retirou-se do excessivamente formal gabinete de trabalho da Casa de Bonsignour. Quando finalmente fechou a porta do gabinete, Frederique acendeu um charuto. Enquanto observava a fumaça subir, refletiu.

Bandeira falsa.

Foi uma das últimas coisas que o general Zucker disse ao se despedirem, recordou Frederique.

A chave que abre todas as portas.

Que portas? Lembrou-se de ter perguntado ao general.

As portas da guerra.

O general Zucker havia se aposentado das forças de defesa de Israel. Agora ganhava a vida como consultor estratégico para assuntos militares. Fazia parte de uma hierarquia invisível que trabalhava na tentativa de determinar os rumos que políticos, militares e serviços de Inteligência tomariam nos próximos anos. Era um trabalho sem qualquer visibilidade porque, em seu âmago, estava a construção do futuro. Não de acordo com o interesse das pessoas, mas de apenas alguns poucos.

Apesar do trabalho praticamente anônimo, havia um compensador quase irresistível ao cargo: o poder de influenciar nações e multidões de pessoas ao redor do planeta, e prever, com bom grau de sucesso, onde seriam criadas as oportunidades de lucro. Era parte de um jogo frio e muitas vezes inconseqüente. Os problemas reais da humanidade eram sempre empurrados para as gerações futuras.

O universo das instituições discretas dividia-se em dois megagrupos. O primeiro fabricara a tese do “aquecimento global causado pelo homem” enquanto o segundo grupo criara a chamada “guerra contra o terror”, ambas as criações sem qualquer compromisso moral com a realidade. Eram ferramentas de uso político-econômico.

Não eram grupos formais, mas o poder de influência que exerciam era tão

grande que não poderiam jamais ser contestados em situações normais. A verdade que decidissem criar seria a verdade transmitida às pessoas do mundo por meio de governos e da mídia. A verdade que era mais aceita. A verdade “oficial”.

Frederique pertencia à corrente da “guerra contra o terror”, que além de ser mais lucrativa que a primeira, era exatamente o jardim que costumava regar.

As operações de bandeira falsa costumavam ser realizadas por governos e empresas como forma de implementar as decisões tomadas por aquelas instituições discretas de poder. O intuito das operações de bandeira falsa era fazer com que os eventos perturbadores parecessem ser realizações de outras entidades ou países. A origem do nome vinha do conceito militar de usar a bandeira de outro país com a finalidade de colocar a culpa de determinada operação no inimigo. Maldade absoluta.

Frederique abriu uma gaveta de sua antiqüíssima escrivaninha e retirou uma pasta de cor neutra e sem rótulos que o general Zucker havia lhe entregado.

Uma ou duas vezes ao ano os participantes desse grupo informal se encontravam em eventos públicos importantes, e depois se reuniam discretamente para conversas a portas fechadas. A imprensa costumava saber de algumas dessas reuniões porque os participantes eram, em sua grande maioria, notáveis, mas nunca ficava sabendo o teor das conversas que ali aconteciam.

Após o encontro com o general Zucker em uma dessas reuniões, Frederique saiu com a certeza de que tinha descoberto o caminho para os seus planos mais ousados, mas antes era preciso familiarizar-se com o conceito das operações de bandeira falsa.

Veja estes documentos e pense em algo para o Oriente Médio, havia dito o general ao entregar aquela pasta a Frederique. Ali, sem qualquer protocolo ou formalidade maior, Frederique tinha acabado de ser promovido. Seria dada a ele a chance de protagonizar algo importante em sua região.

O Oriente Médio era o principal território de atuação de Frederique. Portanto, a idéia central de uma operação de bandeira falsa deveria partir dele, para só então ser analisada pelos outros notáveis. Não seria necessário àquela altura pensar nos detalhes, porque isso seria feito pelos grupos de Inteligência e militares como o general Zucker. O papel de Frederique era plantar uma semente e supervisionar o plano político local. A operação em si era trabalho para os especialistas.

Frederique deu uma longa tragada em seu charuto e abriu a pasta do general enquanto expelia a fumaça… A pasta continha três envelopes menores, cada um com apenas uma palavra. Era o rótulo que as identificava.

Frederique escolheu o primeiro envelope e o abriu.

Era o envelope CUBA.

Dentro do envelope havia detalhes da Operação Northwoods, uma operação que fora aprovada pelos chefes militares do Pentágono e propunha a fabricação de terrorismo em cidades americanas e conseqüente morte de cidadãos inocentes para fazer o público pensar que o responsável era Cuba. Incluía a explosão de um navio americano e o seqüestro de aviões como falso pretexto para iniciarem uma guerra. A única razão da Operação Northwoods não ter sido implementada na época foi a administração de Kennedy haver rejeitado o plano.

Frederique passava os olhos sobre o documento com atenção de águia.

Com toda certeza, Kennedy não poderia fazer parte do grupo dele e do general Zucker, pois rejeitara um plano considerado genial. As operações de bandeira falsa eram perversas, é verdade, mas Frederique já as considerava geniais.

O documento do Pentágono listava uma série de incidentes que ajudariam a tornar os ataques mais críveis:

Iniciar (vários) rumores. Uso de rádios clandestinas.

Usar cubanos aliados (em uniformes) para simular ataques à base militar americana.

Simular captura de cubanos sabotadores dentro da base militar.

Usar cubanos aliados para manifestações do lado de fora do portão principal da base.

Explodir depósito de munições dentro da base.

Queimar aviões.

Lançar morteiros de fora da base para dentro.

Capturar equipes de assalto aproximando-se pelo mar e nas vizinhanças da Cidade de Guantánamo.

Capturar grupos de milícias que invadAm a base.

Sabotar navios nos portos. Causar grandes incêndios.

Afundar navio próximo à entrada do porto.

Conduzir funerais de vítimas falsas.

Frederique levantou os olhos do documento e deu mais uma longa tragada.

Sua mente absorvia aquelas idéias e já especulava possibilidades… Sua imaginação corria solta.

O documento explicava: a lista de fatalidades americanas iria causar uma onda de indignação nacional tão grande que permitiria aos Estados Unidos declarar guerra contra Cuba.

Genial, repetia Frederique mentalmente.

E ia mais longe. Usaria aviões MIG pilotados por americanos para simular uma provocação adicional, incluindo a destruição de aviões civis americanos pintados como réplicas de companhias aéreas, que seriam teleguiados por rádio. Um avião pertencente a uma empresa de propriedade da CIA teria até números de identificação replicados de aviões comerciais verdadeiros. Com o plano, seria possível criar um incidente que demonstraria de forma convincente que aviões MIG "cubanos" teriam atacado aviões comerciais americanos em rota para os Estados Unidos.

Brilhante.

Frederique folheou as demais páginas com mais detalhes daquela operação. O documento era absolutamente revelador e despertou sua curiosidade sobre os outros envelopes.

Frederique apanhou o segundo envelope e o abriu.

Era o envelope 911.

Dizia respeito aos atentados de 11 de setembro de 2001, ou seja, no dia 11 do mês 9.

Vigilant Warrior… Vigilant Guardian… Global Guardian… Timely Alert II… Tripod…

Os nomes usados nos vários exercícios militares daquele trágico dia, e pouco tempo antes, saltavam aos olhos pela quantidade e pela semelhança das simulações com o que de fato viera a acontecer.

O Comando de Defesa do Espaço Aéreo Norte-Americano havia simulado exercícios em que aviões eram seqüestrados, atirados contra alvos e causariam mortes em massa. Um dos alvos praticados no exercício: as torres gêmeas do World Trade Center!

Frederique deixou o queixo cair…

Pouco tempo antes dos atentados, no escritório do secretário de Defesa dos Estados Unidos, planejadores militares conduziram o *Exercício de Mortes em*

Massa do Pentágono, que era baseado em um avião de passageiros colidindo contra um edifício: o próprio Pentágono!

Loucos, pensou Frederique, antes de abrir um sorriso maligno.

Em outro exercício, a equipe médica do Departamento de Defesa simulou um resgate a vítimas de um avião 757 colidindo… contra o Pentágono.

E quase na véspera dos atentados, o Comando Espacial da Força Aérea simulou um exercício de evacuação do Pentágono. Cenário usado: um avião colidindo contra o edifício!

Aqueles eram exercícios militares realizados antes de 11 de setembro, mas havia os exercícios conduzidos *em pleno dia dos atentados*, explicava o documento que Frederique tinha em mãos.

Frederique passou os olhos e reconheceu um daqueles exercícios, de relativo conhecimento público. Era o exercício supervisionado por ninguém menos do que Dick Cheney, o vice-presidente americano. Em pleno 11 de setembro, Cheney estava conduzindo um exercício militar que simulava o seqüestro de aviões por terroristas quando… *naquele exato momento*… aviões de verdade estavam sendo realmente seqüestrados, e acabaram atingindo o World Trade Center e o Pentágono.

O quadro ficava cada vez mais claro para Frederique.

Operações complexas e grandiosas exigiam a participação de pessoal do alto escalão. Sem eles, a logística seria impossível.

Ao folhear as demais páginas, não descobriu nada do que já não soubesse. O mundo todo conhecia bem as conseqüências do 11 de setembro, a principal delas, o fato de ter aberto as portas para duas guerras com alto custo em vidas humanas e altíssima rentabilidade financeira: a do Afeganistão e a do Iraque, e que também vieram a deteriorar profundamente as relações entre o mundo ocidental e o mundo muçulmano.

Os atentados abriram portas, assim como o general Zucker havia lhe explicado.

Frederique gastou mais um tempo na parte do documento que confirmava a impossibilidade física das torres gêmeas terem desabado uniformemente sem a ajuda de explosivos. Reforçava a explicação o fato de uma terceira torre, que nem mesmo fora atingida por aviões no World Trade Center — a torre 7 — ter caído ao *estilo demolição* no mesmo dia. Quando pensou na quantidade de planejamento e no tempo de execução que demolições daquela envergadura tomariam, Frederique convenceu-se de que seria necessária muita articulação para fazer tantas disciplinas trabalharem como uma equipe

unida.

Admirou os gênios do mal por trás dos atentados. Chegou a invejá-los.

Era momento para mais uma longa tragada no charuto, que foi seguida de uma pausa para reflexão. As semelhanças entre as simulações militares e os atentados eram tão grandes que Frederique pensou a princípio estar lendo um relato dos próprios atentados, e se ele próprio havia se confundido diante de um simples pedaço de papel, imaginou quanta confusão a vida real não seria capaz de proporcionar para o cidadão desavisado… A vantagem que o seu grupo teria era simplesmente brutal.

Frederique fechou o envelope 911 convencido de que o general Zucker sabia exatamente do que falava. O *modus operandi* do grupo estava claro. Assim, Frederique abriu o terceiro envelope, rotulado de 77, de forma quase displicente. Já havia lido o suficiente.

O 77 dizia respeito aos atentados de 7 de julho de 2005, em Londres, quando uma série de bombas atingiu o sistema público de transporte. Frederique lembrava-se bem daquele dia, pois estava em Londres.

Correu os olhos pelo relatório e parou diante da reprodução de um diálogo da rede de TV BBC, entre um agente antiterrorismo da Scotland Yard e o entrevistador, ocorrido no dia dos atentados em Londres:

— *Às nove e meia desta manhã estávamos na realidade executando um exercício com um grupo de mais de mil pessoas aqui em Londres, baseado em ataques de bombas simultâneos, exatamente nas estações onde aconteceram os ataques reais desta manhã, então, ainda estou com os cabelos atrás do meu pescoço arrepiados neste momento* — disse o tal agente da Scotland Yard.

— *Deixe ver se entendi direito: vocês estavam conduzindo um exercício de simulação para aprenderem a lidar com essas situações… e aí as coisas aconteceram bem no meio do exercício?* — perguntou o incrédulo apresentador de TV.

— *Sim* — respondeu o agente.

Frederique nunca havia parado para prestar atenção aos detalhes daquela operação militar. Assim como a maioria das pessoas, ele tinha ficado surpreso e impressionado com todo o ataque. Mesmo para alguém que vivia de negociar armas como Frederique, Londres era tido como um refúgio civilizado em um mundo cada vez mais imprevisível, mas agora, entre uma tragada e outra, resolvera fazer cálculos.

Três bombas explodiram no sistema de metrô de Londres, conhecido por

“London Underground”, com cinqüenta segundos de intervalo de tempo entre as detonações. Mais tarde, uma quarta bomba explodira um ônibus de dois andares da London Buses.

O *Underground* possuía nada menos que duzentAs e sessenta e oito estações. Naquele dia estavam sendo realizados exercícios de simulações de bombas em três daquelas estações.

Frederique avaliou que já teria sido uma coincidência muito grande que naquele mesmo dia uma única bomba explodisse em qualquer uma das centenas de estações. No entanto, não só houve explosões, como houve explosões em três estações. E exatamente nas três estações onde ocorriam as simulações!

A conclusão era óbvia: a probabilidade de aquelas explosões terem ocorrido sem o conhecimento prévio das autoridades era mais remota do que ganhar na loteria.

Frederique sorriu ao perceber que as pessoas não costumam calcular muita coisa além do número de mortos e feridos de uma tragédia, caso contrário, perceberiam que aqueles atentados em Londres não poderiam ter acontecido da forma oficialmente relatada. Na verdade, a grande maioria das pessoas simplesmente não percebia nada. Mesmo quando há falta de sutileza, como na queda inexplicável da terceira torre no complexo do World Trade Center, aquela que nem fora tingida por aviões, não há questionamentos mais importantes por setores da grande mídia ou investigadores oficiais. Era assim que era, e pronto.

Com parte da mídia do lado dos perpetradores, tudo se tornava mais fácil. A dificuldade, na realidade, não estava em enganar as pessoas, mas em fazer as cabeças controladoras entenderem-se sobre quais seriam os próximos passos e objetivos no xadrez mundial que determinariam as mudanças mais importantes, geralmente na forma de guerras.

Não restavam mais dúvidas na cabeça de Frederique, um dos maiores, se não o maior comerciante de armas do planeta.

Uma operação de bandeira falsa era o método mais rápido de se declarar guerra a outro país, e o melhor caminho para lucros astronômicos!

Quando Frederique estivesse suficientemente familiarizado com o assunto, e, quando encontrasse um candidato a primeiro-ministro de Israel que considerasse maleável o suficiente, o apoiaria e proporia uma agenda que incluísse uma operação de bandeira falsa.

- 20 -

No dia seguinte, Doran seguiu Frederique pelas ruas elegantes de St. Moritz.

Acompanhou de perto quando Frederique deixou para trás a caríssima Via Maistras e entrou em uma loja de doces, onde gastou um bom tempo experimentando novidades que a dona lhe oferecia, e de onde saiu levando uma sacola com um bolo.

Depois, Frederique atravessou a rua e entrou em uma agência de viagens.

Doran postou-se do lado de fora e simulou interesse nos pacotes expostos na vitrine da agência, mas registrou cada movimento que Frederique fazia lá dentro. Depois de quinze minutos, Frederique saiu da agência com uma passagem de avião na mão, que tentava colocar em um bolso interno do casaco enquanto a outra mão se ocupava em segurar a sacola com o bolo.

Doran agiu rápido: foi de encontro a Frederique e simulou um choque entre os dois, derrubando a passagem no chão e, junto com ela, a sacola com o bolo.

— Me perdoe! — disse Doran, agachando para apanhar a passagem de avião, e, ao se abaixar, conseguiu ver o destino: Tel Aviv.

— Seu idiota… Olha o que fez com minha sobremesa! — vociferou Frederique tentando recuperar o que havia sobrado do bolo.

Doran entregou a passagem para Frederique sem revelar o rosto.

— Mais uma vez me perdoe, senhor — desculpou-se Doran, afastando-se de Frederique enquanto ele lastimava o estrago causado a seu bolo, agachado pateticamente na gelada calçada.

Foi tudo muito rápido.

- 21 -

O telefone celular da equipe tocou no quarto do hotel.

— É Doran — antecipou Nissim a Yakir. — Alô?

— A boa vida em St. Moritz acabou. Vamos voltar para casa — disse a voz de Doran ao telefone.

— Como assim?

— O Frederique está indo para Tel Aviv.

— O que tem em Tel Aviv?

Yakir praticamente arrancou o telefone da mão de Nissim. Aquela conversa não tinha nada a ver com ele. Quem fazia as perguntas era o chefe de equipe.

— Doran, o que descobriu? — perguntou Yakir, reafirmando a sua autoridade.

— Frederique está indo para Tel Aviv.

Yakir pareceu confuso com a informação, mas ainda assim não perderia a oportunidade de demonstrar segurança.

— Ótimo… O trabalho do Mossad é fora de Israel. Se Frederique está indo para Tel Aviv então ele não é mais problema nosso, é problema do Shin Bet. Eles que se virem com a segurança interna. Te vejo no almoço.

Yakir desligou o telefone e notou que Nissim passou a trabalhar freneticamente em seu notebook. Aproximou-se e acompanhou o que Nissim via na tela: imagens de Frederique Bonsignour em Nova York… Em Londres… E em seu castelo particular, a Casa de Bonsignour.

Nissim parou na foto que mostrava Frederique adorando o mapa da Grande Israel.

— Santo Deus! — disse Nissim em voz baixa.

Yakir percebeu a agitação de Nissim e achou prudente deixá-lo divagar um pouco sem lhe atormentar.

— A eleição! — exclamou Nissim.

— O que é que tem? — perguntou Yakir, dessa vez sem ironia.

— Tenho um pressentimento sobre a ida de Frederique a Israel.

Yakir não agüentou. Revirou os olhos.

— Dá para ser um pouco mais claro?

— A eleição para primeiro-ministro está se aproximando, só isso.

— E daí, Nissim? E daí?!

Nissim escolheu bem as palavras.

— E se Frederique estiver de alguma forma envolvido com o Hezbollah ou alguma outra organização de resistência a Israel?

— Não acho provável. Frederique é totalmente pró-Israel.

— Mas também não seria impossível.

Yakir balançou a cabeça e piscou lentamente antes de falar. Iria pôr as coisas em perspectiva e, quem sabe, ensinar Nissim a raciocinar direito.

— Acabamos de ver Frederique, um francês de origem, provavelmente um bom cristão, de mãos dadas com a elite financeira do Ocidente. Conecte as pontas, Nissim… O Ocidente e o Hezbollah possuem muito pouco em

comum.

Nissim notou que já fazia algum tempo que Yakir não lhe dava ouvidos como fazia naquele instante. Não perdeu tempo e seguiu em frente.

— Vamos admitir, por um momento, que ele esteja de alguma forma camuflado ajudando essas organizações, mas, ao mesmo tempo, relacionando-se com aliados importantes de Israel, como por exemplo o chanceler de Exchequer do governo britânico e o presidente do FED, tendo em vista angariar apoio financeiro para algum candidato a primeiro-ministro de Israel.

— A mais pura especulação.

— Certo, mas também o melhor negócio do mundo. Isto é, caso não seja especulação.

— Está insinuando que Frederique joga dos dois lados? — perguntou Yakir, forçando uma risada que não convencera nem a si mesmo. — Espero que você esteja errado.

— Eu também espero.

— *Só pode* estar errado!

— Mas, por outro lado — insistiu Nissim sem vacilar —, existe a chance da gente ter acabado de tirar a sorte grande e descoberto que Frederique, o tubarão, é de fato de quem nós deveríamos estar atrás desde o inicio, e não Jamal, o sardinha.

Yakir caminhou nervosamente pelo quarto… Tinha seu próprio instinto a respeito de Frederique, mas não sabia como defini-lo.

— Não pode ser.

— Como pode ter tanta certeza, Yakir?

— Seria muito perigoso… Muito. Frederique teria de ser louco, um viciado em riscos.

Nissim diminuiu o tom de voz. Por incrível que pareça, isso chamou ainda mais a atenção de Yakir.

— Pense comigo, Yakir. Frederique é tudo o que Jamal gostaria de ser: um empresário com negócios legítimos e trânsito livre nas mais altas esferas políticas.

Nissim fez uma pausa. Queria que Yakir olhasse para ele enquanto falava novamente. Era bom ser o centro das idéias ao menos uma vez na vida.

— Quer saber o que eu acho? — provocou Nissim.

— Vai me dizer mesmo que eu não queira, não é?

— É, vou… Acho o seguinte: que se dane o Jamal, ele não é nada perto

de Frederique.

— Essa parte eu já havia entendido, Nissim. Continue.

— Ou seja, Frederique ganha quando Israel está sob o fogo do Hezbollah, porque Frederique vende as armas que atacam Israel.

— Estamos supondo que sim.

— E ganha dez vezes mais quando Israel se defende do Hezbollah usando nossas caríssimas armas de alta tecnologia!

— Só se ele for um filho da mãe!

— Mas ele é um filho da mãe! O cara vende para os dois lados… É a minha melhor hipótese.

Yakir já havia se convencido internamente de que Frederique mereceria maior atenção assim que chegasse a Israel, mas chegar a admitir isso era outra história.

— Nissim, o que dá para saber sobre a venda de armas de Frederique?

Nissim faz uma rápida pesquisa em seu notebook. Poucos segundos foram o suficiente para deixá-lo incrédulo.

— A base dos clientes de Frederique inclui quatro dos dez maiores fornecedores de armas a Israel!

Desta vez, Yakir apenas acenou com a cabeça. A hipótese de vender armas para os dois lados era uma linha de raciocínio lógica naquele mundo cão.

Nissim prosseguiu:

— Se Israel não tiver inimigos imediatos, para quem Frederique vai vender armas? Os inimigos de Israel são um bom negócio para Frederique. No fundo, sempre foi assim, com Frederique e com a indústria, não importa quem esteja na ponta dianteira.

Nissim checou o notebook mais detalhadamente…

— Ele tem um nicho que é especialmente interessante. Além das grandes armas, o cara vende a munição do dia-a-dia usada nos conflitos menores.

Yakir calou-se.

- 22 -

Israel

A câmara de meditação de Sadoc era incomodamente escura, tendo apenas uma lâmpada que possibilitava alguma visão do ambiente, e era absolutamente à prova de som, o que induzia o freqüentador a tentar ouvir o

seu próprio interior…

Para os que ali entravam, havia apenas um alongado sofá vitoriano voltado para uma parede que exibia o componente visual mais importante do pequeno templo: um antigo mapa da Grande Israel Bíblica, com ênfase nos rios Nilo e Eufrates, que marcavam simbolicamente os limites daquele território. Era ali que o religioso Sadoc doutrinava almas perdidas e imaginava-se como um grande escultor de pessoas.

Quando alguém o procurava em frangalhos, Sadoc apresentava-se como a luz. Se alguém precisasse de um motivo para viver, Sadoc lhe oferecia não apenas o motivo, mas também um papel a desempenhar no mundo que era geralmente ligado a algum tipo de servidão a ele. E para aqueles que buscavam um motivo para acordar todos os dias, Sadoc lhes oferecia o veneno mais puro que conhecia: a raiva.

Mas agora, em um momento em que Sadoc “sabia” ser o fim dos tempos, haveria pouco espaço para novas almas em sua câmara. O trabalho estava inteiramente voltado àquele homem que estava ali na sua frente.

Não era qualquer homem, mas alguém que Sadoc sonhara a vida inteira poder esculpir. Alguém muito, muito importante.

Sadoc ocupava o centro da poltrona. À sua frente, o homem ajoelhado tinha o mapa às suas costas. Conversavam em pausas respeitosas e cerimoniosas, e estavam tão absortos com o que discutiam que beiravam um estado de transe.

— A segunda vinda de Cristo está próxima — garantiu Sadoc.

Não era uma simples especulação, mas uma certeza que nascia na alma do religioso.

— Sadoc… É nisso que eu acredito — mentiu o homem.

Os objetivos daquele homem eram de natureza política, mas se, para atingi-los, tivesse que dizer o que fosse preciso, isso não seria um problema. A mentira era o seu maior talento.

— Mas entendo que Cristo não retornará a não ser que a profecia bíblica seja realizada, e os judeus tomem posse da Terra Sagrada. De *toda* a Terra Sagrada — profetizou Sadoc.

— Eis o desafio, Sadoc, porque o povo judeu não acredita nisso e não pensa assim — ponderou o homem.

— Então comece a aceitar que esse desafio é seu… O desafio de convencê-los!

Sadoc acabara de fazer uma proposta para o seu pupilo. Após uma breve troca de olhares, o homem consentiu. Sadoc franziu a testa e depois sorriu satisfeito.

— É a condição para ser o meu escolhido, o que significa receber o tipo de apoio que será decisivo na eleição vindoura.

O homem…

O homem que estava de joelhos perante Sadoc era ninguém menos do que um candidato ao cargo de primeiro-ministro de Israel. Ele sabia que o desafio proposto por Sadoc era impossível de ser transposto, e, mesmo que fosse, representaria uma catástrofe militar de dimensões imprevisíveis. Ainda assim, sucumbiu às forças mentais que o envolviam naquela hora. O poder que queria ter, somado à promessa de apoio irrestrito de Sadoc e seu grupo, transformavam qualquer desafio em um simples obstáculo. E as promessas tinham a capacidade de superar qualquer obstáculo.

O candidato havia decidido.

— Se eu for o seu escolhido, não falharei!

Sadoc sorriu. Ali estava alguém que poderia transformar o medo mais ameaçador que Sadoc sentia em um universo real… Era a loucura em plena materialização.

— De fato, o apoio que tenho lhe prometido acabou de chegar a Tel Aviv, e soube que traz boas notícias. A sua… entrega… é boa porque agora posso dizer a ele que você compreende o trabalho que tem pela frente.

— Irei conhecê-lo?

— No momento certo.

O apartamento de Nissim ficava no histórico bairro de Neve Tzedek em Tel Aviv. Era uma antiga construção de dois andares, cada vez mais rara na região.

O seu retorno ao lar foi como todos os outros retornos que tivera nos últimos anos: tinha o gosto de uma refeição sem sabor especial. Era a rotina manifestando-se cada vez de forma mais presente, e era assim independente de quanto Nissim gostasse de sua esposa Elana.

Após uma breve reunião com alguns amigos, voltaram logo à mesmice. Nissim entregou-se ao trabalho, ainda com a eterna esperança de ter o seu talento reconhecido pelo Instituto, de forma que não permitiria abater-se com questões menores, como por exemplo… o casamento.

Enquanto Elana limpava a casa, Nissim foi virando as páginas de um arquivo pessoal contendo uma série de artigos de jornais.

REUTERS: ONU diz que Israel lançou minas antipessoal no Líbano.

Uma convenção de 1997 proibia o uso dessas minas. Eram projetadas especificamente para repelir soldados a pé ou fazê-los seguirem por outro caminho. O problema era usar minas em áreas civis.

Elana passou na frente de Nissim trazendo um pano e um balde de água. Estava com jeito de dona de casa ocupada. E chateada.

— Acho que deveria existir uma regra para convidados: ajude a limpar a casa antes de ir embora — reclamou Elana, virando-se para Nissim. — Quer outra cerveja?

Nissim estava muito concentrado nos artigos de jornal. Fez um leve aceno com a cabeça sabendo que Elana iria até a cozinha buscar para ele. Ela sempre ia. Não havia brilho em seu rosto, nem mesmo a menor das expressões que denunciasse algum sinal de felicidade.

— Estou começando a sentir falta do meu trabalho — resmungou Elana.

Nissim virou uma página do arquivo.

TELEGRAPH: A crianças foram dormir pensando que estavam seguras. E, então, Israel bombardeou-as como terroristas.

Outra página:

THE INDEPENDENT: Família libanesa inteira morta em ataque israelense a hospital.

— Estudei para ser uma maquiadora profissional, não vou conseguir passar o resto dos meus dias em cativeiro doméstico.

Nissim levantou o olhar brevemente. Tentou demonstrar surpresa.

— É como eu tenho me sentido, se você quer saber — continuou Elana.

Nissim queria saber, sim, porque amava sua mulher. Mas é que naquele momento, como em vários outros, ele não estava conseguindo a ouvir. Sua cabeça estava em outro lugar, muito mais feio e grave, chamado natureza humana. Aquele lugar desconhecia limites, e isso, às vezes, não era bom.

Nissim virou as páginas demonstrando uma indignação cada vez maior.

ANISTIA INTERNACIONAL: Destruição deliberada ou danos colaterais? Israel ataca infra-estrutura civil.

GLOBAL RESEARCH: Israel detonou uma bomba destruidora de bunkers *radioativa no Líbano.*

HAARETZ: Israel admite uso de bombas de fósforo durante guerra no Líbano.

Quando Elana retornou da cozinha com uma cerveja gelada, percebeu que a perna de Nissim estava tremendo.

— Está tudo bem? — perguntou Elana enquanto colocava a cerveja sobre a mesa.

Nissim não entendeu a pergunta porque não havia percebido a tremedeira da própria perna.

— Sim… Está.

— Não parece. Sua perna está tremendo.

Nissim olhou para a perna e relaxou.

— Tenho andado um pouco ansioso. Não se preocupe.

— Você tem andado um pouco ansioso não é de hoje.

Elana esperou por um diálogo que acabou não acontecendo.

Nissim sorriu burocraticamente e voltou a ler os artigos do arquivo, levando Elana a um nível ainda maior de frustração.

Elana ligou a TV e continuou a limpar o apartamento…

Na TV, um âncora ia dizendo:

— De volta para o Oriente Médio. Uma nova estrela emerge no cenário político israelense. De acordo com uma nova pesquisa concluída hoje, o carismático candidato a primeiro-ministro, Zeev Sofer, tem um futuro promissor.

Nissim virou-se na cadeira para assistir a reportagem da TV.

Fotografias de Zeev Sofer encheram a tela. Era um candidato relativamente jovem e tinha ares de estrela de cinema. As fotografias de outros dois candidatos, Jaron e Reuven, também foram mostradas. Não eram muito mais velhos do que Zeev e compartilhavam com ele uma fotogenia acima da média. Essa excessiva importância que davam à aparência deixava Nissim inconformado.

Nissim deu um gole em sua cerveja. O âncora continuou:

— A pesquisa mostra Zeev Sofer liderando a corrida, seguido de perto por Jaron e Reuven. É um impressionante crescimento de 12 pontos desde a última pesquisa realizada no mês passado. Muitos atribuem esta subida meteórica às suas promessas de paz duradoura e melhores dias para a economia do país.

Nissim levantou-se bruscamente. Já não agüentava mais o fluxo de informações negativas e mentiras que lhe invadiam por todos os lados. Sem perceber, derrubou a garrafa de cerveja no carpete que Elana acabara de limpar!

Previu que mais um fluxo de negatividade estava por vir, desta vez de Elana, que já se apresentava para a limpeza e o desabafo.

— O que tem de errado com você, Nissim… Preste atenção!

Nissim desligou a TV e Elana foi até a cozinha pegar de volta o balde com água.

— Não sei se tem algo de errado comigo, mas com o país, isso eu tenho certeza. Estamos trocando cérebros por rostinhos bonitos!

Elana não o escutou. Nissim aguardou até que ela retornasse da cozinha. Então, ela se ajoelhou e começou a limpar o carpete. Nissim ajoelhou-se também, mais por solidariedade do que por ajuda.

— Estou cansado de aparências, Elana. Simplesmente não entendo esses políticos.

— Eu também estou cansada de aparências.

Nissim sabia o que viria em seguida. Uma discussão de casal.

— Pois é, é de tirar a paciência de qualquer um.

— Estou falando do nosso casamento… Estou cansada de ficar te esperando.

Nissim fez parecer que não a compreendia, mas no fundo sabia do que Elana estava falando.

— Você disse que nunca se oporia às minhas viagens.

— Mas você nunca volta.

— Estou aqui agora, não estou?

— Você está aqui, mas seu coração está em outro lugar.

— Não é verdade.

— Você sabe que é. Você está sempre em outro lugar buscando algo que eu duvido até mesmo que você saiba o que é.

— Não sei aonde você quer chegar.

— Quero você focado em nosso casamento.

Elana interrompeu a limpeza para encará-lo.

— Pra valer!

— Está bem, Elana… Vou pensar nisso. Prometo que vou.

— Também quero… um bebê.

Nissim consentiu com um movimento de cabeça, o que não significava que estava concordando intimamente com a idéia. *Um bebê?* Elana estava pegando pesado.

— Então você me ajuda a escolher: ou serei mãe, ou então volto para o teatro — disse Elana, voltando a olhar para o carpete úmido de cerveja. — Não vou passar a minha vida inteira limpando… a sua sujeira!

— Claro que não — sussurrou Nissim, compreendendo que ali existia um problema maior do que ele supunha.

Era de madrugada quando o telefone tocou do lado da cama onde Elana dormia. Ela acordou, tirou o telefone do gancho sem dizer uma palavra e passou para Nissim, que dormia profundamente ao seu lado. Àquela hora só poderia ser para ele.

— Nissim… Atenda.

Elana o cutucou duas vezes até que ele percebeu o telefone sobre o rosto.

— Alô — respondeu Nissim mal-humorado.

— Sei que é um pouco tarde, mas você me deixou com a pulga atrás da orelha sobre Frederique.

— Yakir… O que tem o Frederique?

— Ele vai chegar esta manhã conforme sabíamos. Fiz uns contatos dentro do Shin Bet e eles não se opõem de seguirmos Frederique enquanto ele estiver em Israel. Vejo você em uma hora para preparar a missão — falou Yakir, já desligando o telefone.

Nissim devolveu o aparelho para Elana e sentou-se.

Olhou para a mulher, mas ela já havia virado de costas para ele… Pensou em como seria bom poder compartilhar com Elana a novidade, poder dizer que as coisas no trabalho finalmente estavam melhorando, e que o sinal mais evidente disso era que agora estava começando a ser ouvido e fazendo as coisas se movimentarem. Aquela era uma sensação estimulante e que trazia um grande senso de responsabilidade. Nissim queria dizer tudo isso a Elana, mas sabia que haveria muita coisa antes para ser discutida com ela. Teria que esperar o momento certo.

Beijou Elana na cabeça e levantou-se.

- 24 -

Sadoc apressou os passos.

Seu perfil arredondado tornava o seu caminhar difícil e desajeitado. Havia uma forte inclinação para cada lado toda vez que dava um passo… E ainda tinha os cabelos longos de religioso, como que acompanhando a inclinação da cintura.

Frederique havia desembarcado há pouco e agora seguia com Sadoc pelo estacionamento do Aeroporto Internacional de Tel Aviv. Sadoc esforçou-se e conseguiu passar na frente de Frederique em tempo de abrir a porta do Mercedes-Benz preto que os aguardava.

— Como vai indo nosso candidato — perguntou Frederique antes de entrar no carro.

— Muito bem. Está lhe aguardando.

— Ótimo. Ele vai cair duro de emoção quando souber o tamanho do presente que tenho para ele.

Entraram no carro animados com as perspectivas e partiram.

A verdade é que um candidato com o perfil de Zeev Sofer era algo que eles não esperavam encontrar tão cedo. Como por magia, os planos foram desabrochando de uma maneira surpreendentemente rápida, e razoavelmente dentro do previsto.

Zeev Sofer não estava indo apenas bem. Estava liderando as pesquisas.

Investigações sobre a vida de Zeev indicavam um passado sem máculas que pudessem atrapalhar suas ambições políticas. Viera de uma família pobre, mas digna. Descobrira desde cedo que possuía um magnetismo capaz de seduzir todos os tipos de pessoas, e fora desde cedo incentivado pelos pais a pensar grande. Quando Sadoc se reuniu pela primeira vez com Zeev, garantiu a ele que nada poderia impedir sua ascensão como proeminente figura política de Israel. Só que nem Sadoc, nem Frederique podiam imaginar o quão proeminente Zeev se tornaria. Uma verdadeira surpresa.

A vida estava sendo boa com Zeev, e ele queria mais, a tal ponto de, às vezes, questionar se conseguiria manter os pés no chão quando chegasse onde realmente desejava chegar.

O mais importante para seus mentores, no entanto, era que Zeev vendera a alma ao demônio logo no primeiro dia em que se apresentara como candidato em busca de apoio. Procurando ajuda dos mais diversos grupos religiosos, conheceu Sadoc e desmanchou-se diante da previsão megalomaníaca do religioso: Zeev seria o próximo primeiro-ministro.

Ficou tão deslumbrado com aquela perspectiva que procurou demonstrar ser capaz de pensar e agir da forma como Frederique e Sadoc quisessem, bastando para isso que apertassem os botões certos, que pela ordem eram: a perspectiva do poder e o reconhecimento.

Antes de deixar o estacionamento, o Mercedes-Benz passou ao lado de um carro onde estava Doran, que os observava. Quando finalmente deixaram o aeroporto, Doran deu um telefonema.

— Acabaram de sair. Vou segui-los até o ponto de confirmação. Depois é com vocês.

- 25 -

Frederique e Sadoc rodaram pela cidade realizando a parte deles do trabalho, que era cuidar das ramificações políticas que apoiavam, trabalho feito na mais absoluta surdina e que visava, nada menos, à criação da Grande Israel.

O assunto era muito sensível, de maneira que se decidiu que a campanha de Zeev não possuiria uma sede oficial onde fotógrafos pudessem descobrir todos aqueles que lhe apoiavam. Os que se aventuravam em apoiar abertamente tal expansão territorial eram tidos como pessoas problemáticas e que despertavam muita contrariedade nos meios políticos. Alguns chegavam

a acusar os que acreditavam na Grande Israel de iludidos fantasiosos. Para evitar problemas dessa natureza, a direção da campanha decidiu por uma agenda oficial que vendesse a paz e a prosperidade econômica, e outra paralela, e não revelada, de invasão aos países vizinhos!

A campanha de Zeev Sofer também se vendia como sem recursos. Zeev gostava de dizer que não podia ter nem mesmo um escritório central, mas aquilo era fruto do mais cínico marketing político. Assim, as conversas tinham de ser obrigatoriamente nas residências dos que faziam parte da rede de conexões de Frederique e Sadoc.

Em pouco tempo, Zeev se tornara a face conhecida de um grupo cujo poder era exercido predominantemente nas sombras. No fundo, ele sabia que seu papel seria o de um mero relações-públicas, mas não se importava com isso. Seria um grande ator em um grande papel.

Já Frederique e Sadoc operavam diretamente com líderes religiosos dos mais obscuros, e também com aqueles que se consideravam financiadores da campanha, mas que eram na verdade irrelevantes do ponto de vista financeiro, porque o apoio financeiro que Frederique trazia de fora do país era incalculável. Os financiadores locais da campanha eram bem tratados porque poderiam ser úteis por seus relacionamentos no momento em que as coisas começassem a mudar no Oriente Médio.

Para o eleitor comum, havia uma aparente normalidade no dia-a-dia da campanha de Zeev Sofer. A impressão que se tinha era a de que a agenda política do grupo fosse como outra qualquer, quando, na realidade, era uma agenda regada a extremismo religioso e fanatismo. Uma agenda que visava nada menos do que um armagedon.

Por volta do meio-dia, Frederique e Sadoc retornaram da caminhada que faziam no quarteirão de um bairro residencial. A rua ainda era o melhor lugar para conversarem com privacidade, ou pelo menos assim pensavam.

Sem perceberem, passaram na frente de uma van que promovia serviços de tatuagem, mas que, na verdade, era uma estação móvel de monitoramento emprestada do Shin Bet, o serviço secreto interno de Israel, que estava estacionada próxima a uma casa. Dentro dela estavam Nissim e Yakir, que tinham diante deles um sofisticado console digital de monitoramento.

Uma pequena câmera camuflada no topo da van captava as imagens de Frederique e Sadoc enquanto caminhavam em direção à casa.

— Está me dizendo que conhece o outro sujeito? — perguntou um Yakir

completamente cético.

— É isso que acabei de dizer.

— Nissim, tenho sido paciente com você…

— Estamos aqui por minha causa, não estamos?

— Exatamente. Ele conseguiu chamar a minha atenção, mas agora temos de ter cuidado com o que pensamos. Não há espaço para suposições. Estamos em território do Shin Bet e eles abriram uma exceção para nós. Compreende?

— Estou te dizendo que o conheço.

— De onde?!

— Do kibutz onde eu cresci… Ele era uma figura constante. Estava sempre à procura de jovens perdidos para doutriná-los.

— Ultra-ortodoxo?

— Não… Ele é algo que eu não consegui entender até hoje. Prega um tipo de pensamento supremacista que caiu em desuso centenas de anos atrás.

Nissim recordou-se do velho árabe assassinado por dois pupilos de Sadoc — Jacob e Itzhak.

— Eu me lembro dele até hoje. Sempre me causou calafrios.

— Então é mais um maluco religioso.

— É desses que dá aos judeus uma péssima reputação.

— Ok. O que mais sabe dele?

— O nome do sujeito é Sadoc. Ele se apresentava no kibutz como professor de história. Era bom de conversa, persuasivo. Tive dois amigos que caíram nas graças dele e se tornaram racistas da pior espécie. Um dia mataram um velho árabe na minha frente. Depois eu soube que tiveram "as bênçãos" de Sadoc.

— Não diga… Que sujeito, heim?!

— Não gosto nem de me lembrar. Depois de um tempo, nunca mais ouvi falar dele. Pensei que tivesse caído na obscuridade.

Nissim iniciou o recebimento do áudio de um microfone direcional externo acoplado à câmera. Fez sinal a Yakir e ambos colocaram *headphones* na cabeça.

O áudio começou a entrar.

— *Que saudades do mercado Levinsky… Eu poderia comer tranqüilamente uma dúzia de burecas. Quem sabe damos uma volta por lá mais tarde* — disse Frederique.

— *Prefiro as frutas frescas* — respondeu Sadoc.

Yakir tirou o *headphone* do ouvido.

— Conversa sobre comida — disse Yakir, impaciente. — Não dá para agüentar ouvir um papo desses antes do almoço. É tortura.

Frederique e Sadoc entram na casa.

Yakir pôs de volta o *headphone*.

Pelo monitor do console digital observaram que Frederique a Sadoc retornaram a conversa, mas o áudio não estava mais chegando. Yakir fez um sinal para Nissim, que tentou regular o volume no *headphone* de Yakir, sem surtir efeito.

— Não chega som algum — reclamou Yakir.

— Ele está cansado de saber que o microfone direcional precisa estar em contato direto… Vou mudar os canais de áudio para os microfones instalados dentro da casa.

Após um teste rápido, Nissim constatou que continuavam sem receber áudio algum. Então, falou em um microfone do seu console.

— Doran, estamos sem áudio. Eles estão chegando aí.

— *Me dê um minuto* — disse a voz baixa de Doran que saía de um alto-falante.

Espremido no forro da casa, entre teto e telhado, Doran fez ajustes em um cabo de uma câmera. O espaço era pequeno e o cabo parecia entalado.

Doran sussurrou em um microfone de pulso.

— Não posso fazer muita coisa… O cabo da câmera não se move.

Nissim e Yakir olharam-se.

— O sinal depende dele. Vamos torcer — explicou Nissim.

— Torcer? Achei que você era melhor que isso.

Yakir aproximou-se do console de Nissim e passou a acompanhar as imagens internas da casa: Sadoc estava levando Frederique para sua câmara de meditação.

— Mas que droga, estão conversando e continuamos sem áudio. Coisa de amador, não acha? Vamos *torcer* para que as coisas funcionem — disse Yakir com sarcasmo.

Ao entrarem na câmara, Frederique e Sadoc cumprimentam um homem que apareceu de costas para a minúscula câmera de vigilância que estava instalada no teto.

O homem era Zeev Sofer, o candidato a primeiro-ministro.

Nissim vasculhava o console digital na tentativa de reparar a falha no

áudio, até que se deu conta de que havia cometido um erro bobo: simplesmente não havia apertado o botão de gravar, que por uma questão de configuração, só liberava o áudio quando acionado. Assim que apertou o botão, começaram a receber o áudio. Era de má qualidade, abafado, mas ainda assim razoavelmente audível.

— Melhore isso, Nissim.

— Não depende de mim. O local parece ter algum tipo de blindagem acústica.

O monitor mostrava Frederique e Sadoc sentando-se na poltrona da câmara, tendo Zeev ajoelhado de costas para o mapa da Grande Israel, e de costas também para a câmera de vigilância de Doran.

Sadoc buscou a autorização de Frederique para iniciarem a bizarra reunião. Com um olhar, Frederique o autorizou, e ambos se voltaram para Zeev.

Zeev Sofer, de joelhos diante dos dois, sinalizava a renúncia completa de sua dignidade, e uma submissão total a seus apoiadores. Era estarrecedor ver como o desejo pelo poder exercia uma qualidade transformadora nas pessoas. Sadoc e Frederique sabiam usar esse recurso como verdadeiros mestres, que faziam questão de demonstrar que eram. Sentaram-se no trono enquanto Zeev permanecia aos seus pés como um verdadeiro servo.

— Estamos muito satisfeitos com o caminhar das coisas — disse Sadoc a Zeev.

— Eu também.

— Pela primeira vez desde o início da campanha, podemos afirmar que suas chances de vitória são reais!

Zeev sorriu e virou-se para Frederique. Sabia que ele era o chefe maior ali dentro.

— Quero que vocês saibam que estou inteiramente comprometido com os planos de expansão. Inteiramente — disse o candidato.

Sadoc também sorriu. Pegou nas mãos do candidato e trouxe seu olhar até ele.

— *Gênesis*, 15: 18-21… *Naquele mesmo dia, fez o Senhor aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates.*

Zeev não era religioso, mas procurou demonstrar estar impressionado. A sua crença era inteiramente devotada à política. Em nome do poder e da notoriedade, Zeev era capaz de tudo, por isso daria a Sadoc e Frederique

aquilo que queriam ouvir.

— Realizaremos nossos planos em nome de Deus — disse Zeev.

Sadoc olhou orgulhoso para Frederique, como quem lhe entregava um troféu, e Zeev era um troféu esculpido à perfeição.

— Não — retrucou Frederique com surpreendente ambição. — Faremos em *nosso* nome!

Sadoc procurou manter o sorriso no rosto, mas ficara surpreso com a reação de Frederique. Até aquele momento acreditava que Frederique tinha na motivação religiosa sua maior força, mas agora achava que Frederique talvez não fosse um *puro* como ele.

— Como queiram — respondeu Zeev, sem de fato compreender as forças que ali se reuniam.

Sadoc acreditava com toda a devoção ser um instrumento de uma entidade divina que só ele entendia, contentando-se apenas em ser o seu operador no plano terrestre. Já Frederique sonhava em ser um articulador importante na execução das dramáticas mudanças que o mundo iria testemunhar em breve, e Zeev queria algo mais simples, mas não menos nocivo: o reconhecimento a qualquer custo.

Ficava claro que os três buscavam um mesmo fim, mas apenas como forma de alcançarem realizações pessoais que eram completamente distintas umas das outras.

O ambiente na van era de espanto. Nissim não acreditava no que acabara de ouvir. Olhou para Yakir e hesitou em dizer a ele o que estava pensando.

— Ele é um dos candidatos a primeiro-ministro — arriscou Nissim.

— Sim, isso eu entendi… Mal dava para ouvir o que diziam, mas essa parte eu entendi.

— Meu Deus!… Foi o que eu disse para você em St. Moritz. Frederique está aqui por causa da eleição!

Yakir compartilhava a mesma preocupação.

— O que é que está girando aí na sua cabecinha criativa?

— Vão partir com tudo para realizar os planos expansionistas.

— Todo candidato é mais ou menos expansionista por natureza — respondeu Yakir, sem entusiasmo algum.

— Não é disso que estou falando.

Nissim e Yakir voltaram a concentrar-se no monitor à frente, mas o som parecia cada vez pior.

— Doran, o que pode fazer para melhorar o áudio? — pediu Nissim pelo microfone.

— *Vou tentar algo. Aguardem* — sussurrou Doran.

— Que ótimo! — provocou Yakir, irritado com as limitações técnicas e com uma fome cada vez maior. Procurou algo para comer em uma sacola e encontrou uma barra de cereais. Devorou-a.

Nissim suspirou e tentou explicar o que estava pensando sobre o candidato:

— Irão fabricar as guerras necessárias para fazer acontecer a Grande Israel Bíblica… É sobre isso que estão falando ali dentro.

Yakir balançou a cabeça, irritado com a conclusão de Nissim, que julgava ser precipitada.

— Vê se faz alguma coisa para melhorar a porcaria do áudio!

Nissim voltou-se para o console digital e resmungou:

— Rostinhos bonitos e egos gigantescos… Se uma cara como esse se elege, bota fogo em toda a região!

— Nissim, eu já vi loucos em minha vida, mas garanto pra você que nenhum candidato seria louco a esse ponto.

— Esse pessoal é fanático. Não ouviu o que acabaram de dizer?

— Gostaria de ter ouvido direito, mas o áudio continua ruim…

A reunião na câmara de meditação prosseguia.

Frederique inclinou o corpo para frente e deu a Zeev o presente que tanto queria receber.

— Você tem as bênçãos financeiras de Londres e Nova York — disse Frederique sem rodeiros.

— Isto é fantástico! — comemorou Zeev, seu queixo quase caindo.

Sorrindo na dose certa, Frederique completou:

— Você sabe como são as coisas… Nossos amigos do dinheiro adoram uma guerra, e eles acham que as tensões aqui no Oriente Médio estão no ponto certo. Há uma convergência de fatores que trabalham em nosso favor.

O candidato considerou o que acabara de ouvir.

— Fico feliz em poder fazer parte dessa convergência.

Zeev não fazia idéia de onde estava se metendo.

— Estamos nos entendendo… Mas é preciso que você realmente entenda que daqui para frente não dará um passo e não dirá uma palavra que não seja rigorosamente escolhida por nós.

— Compreendo.

— Irá sorrir sempre, e controlar o desejo de avançar no pescoço do seu mais insistente caluniador. Fará isso sem qualquer resquício de dúvida ou fraquejo, porque, se em algum momento falhar, irá comprometer toda a cadeia de apoio que começa em mim e termina onde nem mesmo eu me atrevo a dizer.

— Compreendo e aceito.

— Não te perdoaremos!

— Ainda assim, contem comigo… Sou um de vocês — concluiu Zeev com devoção surpreendente. Não só estava liderando a campanha como acabara de saber que teria dinheiro suficiente para ir até a reta de chegada.

Frederique relaxou o corpo e encostou-se na poltrona. Os olhos de Zeev cresceram diante de tamanha perspectiva.

— O quanto abençoado estou? — perguntou Zeev.

— Abençoado com todo o dinheiro que jamais sonhou em ter na sua vida.

— Nem acredito no que estou ouvindo… Estou muito feliz.

— É para estar mesmo. Esse dinheiro garantirá a sua vitória.

Frederique e Sadoc olharam-se e depois tornaram a olhar para Zeev.

— Começaremos a trabalhar no primeiro dia em que você se tornar primeiro-ministro — disse Frederique.

Sadoc sentiu que as coisas estavam caminhando muito rápido e poderiam sobrecarregar Zeev por antecipação.

— É preciso preparar a sua alma para o tipo de liderança que lhe será exigida — disse Sadoc, com uma entonação subitamente grave.

Zeev ainda saboreava a idéia quase palpável da vitória. Faria o que lhe pedissem.

Frederique acompanhou Sadoc na gravidade do tom.

— Temos um plano. Será a prioridade maior do seu governo.

Zeev acenou com a cabeça e respirou fundo. Ainda não conseguia piscar.

— Ok.

— O que sabe sobre o incêndio de Reichstag?

— Não estou familiarizado.

— Naturalmente que não. É muito jovem… Assim que Adolf Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha, mandou incendiar o prédio do próprio Parlamento e fez parecer que a culpa foi dos comunistas. O resto é história e

chama-se Segunda Guerra Mundial.

Zeev engoliu em seco pela primeira vez desde que aquela reunião começara.

— Agora me lembrei — mentiu Zeev.

— Seremos atacados primeiro.

Zeev pendeu a cabeça para o lado, ainda um pouco confuso com a idéia.

— Quem nos atacará? — perguntou ingenuamente.

Frederique e Sadoc olharam-se brevemente, surpresos com a lerdeza intelectual daquele que seria o futuro primeiro-ministro de Israel.

— Nós nos atacaremos — disse Frederique com toda a serenidade que conseguiu manter.

Zeev piscou. Várias vezes… Frederique e Sadoc deram a ele um momento para digerir a informação.

Naquele instante, Zeev perguntou-se se teria tido tempo suficiente para conhecer melhor o tipo de gente com quem estava lidando, e sentiu o coração disparar. Sabia que a sua ascensão encontraria momentos difíceis e tensos, mas agora, quando começava a tomar contato com a perspectiva da vitória, questionou intimamente se realmente seria capaz de ir em frente.

Frederique e Sadoc observavam cada reação de Zeev. Se ele estava inquieto com o plano, conseguia esconder relativamente bem. Era um bom sinal.

— Não deve ser algo fácil de executar — finalmente falou Zeev, quebrando o silêncio.

— A maneira mais fácil de conduzir uma operação como essas é mediante exercícios militares que simulem exatamente o tipo de ataque que pretendemos lançar.

— Frederique — ponderou Zeev —, talvez eu seja um dos raros candidatos que não venha de uma carreira militar brilhante. Servi apenas pelo tempo obrigatório.

— Nós sabemos disso.

— Então sabem que não tenho grande intimidade com essa área.

— Não se preocupe, nós temos. O seu papel será guiar o sentimento da nação. Haja como o pai ofendido que sai em defesa de seus filhos.

— Cuidarei do meu país… É para isso que estou aqui.

— Então esteja preparado. Terá uma catástrofe para administrar.

Zeev pensou em algo para dizer, e dessa vez, não pode esconder o nervosismo.

— Já existe um plano?

— Tudo tem a sua hora, Zeev.

Frederique e Sadoc levantaram-se.

Zeev levantou-se também e cambaleou um pouco… Estava visivelmente espantado com o cenário que lhe apresentaram, mas, para Frederique, o importante era a capacidade dele de cumprir ordens e manter as aparências, e isso acreditavam que ele teria.

Frederique o via simplesmente como um serviçal, mas, ao mesmo tempo, alguém suficientemente sensível para demonstrar abalo emocional verdadeiro diante do público, mesmo sabendo de antemão o que estava por vir. Dava mais credibilidade à encenação.

Zeev cumprimentou Sadoc e Frederique, inclinando a cabeça de maneira a reverenciá-los, e saiu da câmara de meditação.

Espremido no forro da casa, Doran não acreditava no que acabara de ouvir. Mesmo sabendo que as coisas funcionavam mais ou menos daquele jeito, ouvir, com todas as palavras, era algo raro. *Privilégio de espião*, pensou enquanto se arrastava silenciosamente para fora do forro.

Com o término da gravação, Nissim salvou o material e fez uma cópia em um pen drive com alta capacidade de armazenamento. Chamou-o de “arquivo do candidato”. Em seguida, observou a imagem congelada do último quadro de gravação do vídeo. Ela mostrava parte da cabeça e dos ombros do candidato.

— Quem é você… — perguntou Nissim para si mesmo.

Minutos depois, Doran abriu a porta da van, inundando seu interior com a forte luz do dia.

— Pessoal assustador, não? — disse Doran.

— Sim, e o enquadramento não ajudou muito também — falou Nissim, apontando para a imagem congelada na tela e fazendo referência à posição ruim que Doran havia escolhido para esconder a câmera de vídeo.

— Nosso fornecedor de serviços anda bem ousado ultimamente, não? — intrometeu-se Yakir, em clara provocação a Nissim.

Doran e Yakir sorriram.

Nissim aproveitou o breve momento de descontração e virou-se para a tela do console onde estava a imagem congelada.

— Quantos candidatos a primeiro-ministro temos? Quero dizer, com

chances de vitória?

— Vai começar a brincar de detetive novamente? — provocou Yakir.

Nissim ignorou o comentário. Colocou o *headphone* na cabeça, voltou um pouco o vídeo e o colocou em *play*. Doran aproximou-se do console e colocou um *headphone* também, deixando Yakir virando os olhos sozinho.

— *Quero que você saiba que estou inteiramente comprometido com os planos de expansão. Inteiramente* — disse a voz de Zeev.

Nissim pausou naquele ponto e virou-se para Doran e Yakir. Estavam todos intrigados com o candidato, mas sabiam que as decisões sobre o que seria feito dali para frente não seriam deles, e sim do comando do Mossad ou do Shin Bet.

— Se quando ele diz "expansão" está na verdade dizendo Grande Israel, então nós temos um problema sério.

— Você também pode ter um problema sério se não fechar a boca. Está começando a me dar nos nervos — disse Yakir.

Nissim removeu o pen drive com o arquivo do candidato e o guardou em seu bolso. Depois, olhou para Yakir, e indignou-se com sua aparente despreocupação.

— Temos Frederique citando Hitler como exemplo a ser seguido, uma proposta de ataque auto-infligido e a garantia de uma catástrofe como conseqüência de tudo isso. São termos suficientemente assustadores para mim!

— Conversa de louco, Nissim… Ficaremos de olho, só isso.

Nissim começava a achar estranha a postura de Yakir.

- 26 -

Yakir fez o trajeto de volta até o Mossad na poltrona do "líder de equipe", que ficava na parte de trás da van, junto com os equipamentos, o que permitia a Doran e Nissim certa privacidade no banco da frente.

— Yakir não gosta muito das suas opiniões. Qualquer hora vai perder o emprego. Cuidado — brincou Doran.

— Eu poderia fazer muito mais pelo Instituto se eu tivesse uma chance de ser ouvido…

Doran balançou a cabeça.

— Nissim, você tem pavor de armas. Não tem estômago para o combate. Não compreende que você está exatamente onde deve estar?

— Tenho cérebro para ajudar mais.

Nissim não compreendia. Doran suspirou.

— Por que não conversa com Krosner? Ele é muito mais democrático do que a maioria das pessoas imagina. E, além do mais, você é quase um sobrinho para ele.

Nissim tocou no pen drive com o arquivo do candidato que estava no bolso de sua camisa. A idéia de Doran não era ruim.

— Talvez eu faça isso.

— Isso mesmo.

— Chega de baixar a cabeça.

— Quebre a hierarquia!

— Rebeldia total.

— Mande Yakir às favas — descontraiu Doran.

Nissim sorriu, mas seu semblante era pura frustração.

— Quem sabe as coisas comecem a mudar…

— Falando nisso, amanhã vou oferecer um jantar de pizza lá em casa. Apenas para os bons amigos. Você está convidado.

Nissim o olhou com seriedade.

— Já ouvi falar desses seus jantares. Parecem mais como encontros políticos.

— Está com medo de quê?

— Perder meu emprego, por exemplo. Além do mais, não sei se gosto da idéia de ver israelenses falando mal do país.

— Isso tem nome, Nissim: democracia.

Quando ficaram em silêncio, a lembrança dos artigos de jornais que Nissim estudara na sala de seu apartamento voltou a lhe incomodar. Os exageros do governo e as mortes que causavam não estavam fazendo bem a ele. Intimamente concordava com Doran: era preciso discutir sobre o rumo das coisas, ainda mais depois do que acabaram de ouvir da conversa na câmara de meditação de Sadoc.

- 27 -

A sede do Mossad não tinha nada parecido com a grandiosidade do quartel general da CIA nos Estados Unidos, por exemplo. Não havia ostentações, carros luxuosos ou roupas elegantes. A cultura do Mossad era tão despojada de extravagâncias que no começo, os agentes recrutados da simplicidade dos

kibutzim tinham até que fazer cursos especiais em comportamento social para não chamarem a atenção quando estivessem atuando em cidades sofisticadas da Europa.

Nissim caminhava agitado pelos corredores do Mossad. Sua ansiedade era tanta que segurava o pen drive na mão.

Aproximou-se de uma porta de onde saiu Eva, secretária conhecida por ser solteira e tremendamente nervosa.

— Onde pensa que está indo? — perguntou ela quase sem parar de caminhar.

— Ver Krosner… Pensei que havíamos combinado isso.

— Ele está esperando no escritório. Essa porta é apenas para visitantes.

Nissim girou o corpo e seguiu os passos apressados de Eva, que parecia estar sempre com pressa e sempre ocupada.

— Quer dizer que depois de tantos anos deixei de ser considerado um visitante? Finalmente alguma consideração.

Eva esboçou um sorriso e pegou o corredor da direita.

— Siga em frente, Nissim. Não há como errar.

Nissim foi caminhando até se aproximar de uma porta com os dizeres *DIRETOR DE INTELIGÊNCIA*. Bateu gentilmente duas vezes. Depois, entrou.

Encontrou Eliezer Krosner parado diante de uma parede cheia de retratos, e fechou a porta.

Krosner não tirou os olhos de um dos retratos.

— Reconhece este jovem? — perguntou Krosner.

Nissim aproximou-se respeitosamente e reconheceu o jovem em questão: era seu pai.

— Aaron Heyman. Começou como soldado do Irgun nos anos 1940… Fez parte da Operação Nachshon… Lutou na batalha por Deir Yassin… Morreu na Guerra do Yom Kipur como herói — relatou Krosner.

Fez uma pausa ao recordar-se saudosamente daquele tempo.

— Seu pai e eu éramos como irmãos. Ele salvou minha vida quando éramos combatentes do Irgun. Foi o único com coragem de olhar para mim enquanto meu pescoço esguichava sangue.

E finalmente se virou para Nissim, adivinhando seu estado de espírito.

— Ninguém fazia muitas perguntas naqueles dias. Seu pai fez o que lhe disseram para fazer.

Nissim olhou firme nos olhos de Krosner.

— Quero servir ao meu país.

— Você já serve.

— Posso fazer mais do que estou fazendo atualmente.

— O que você faz é o suficiente… Somos, cada um, uma peça da engrenagem.

Nissim mostrou o pen drive que estava em suas mãos.

— Estou preocupado.

Caminhou até o computador da mesa de conferência. Enquanto inseria o pen drive, Krosner observou a sua determinação. O desejo de Nissim em se tornar um agente efetivo do Instituto não era segredo para ninguém, mas os anos iam passando e ali estava Nissim, ainda lutando pela oportunidade de concretizar o seu sonho. Secretamente Krosner o respeitava por isso.

— Doran já me atualizou por telefone — disse Krosner.

— Então sabe que o que temos na mão é sério.

— Nissim… Você não foi contratado para isso. Não deve se envolver além dos aspectos técnicos do seu trabalho. Este sempre foi o nosso acordo.

Nissim fechou os olhos brevemente. Estava claramente contrariado.

— Eu sei, mas pensei que tínhamos liberdade de conversar.

— Claro que temos.

— Então se puder dar uma olhada neste arquivo…

Krosner sentou-se ao lado de Nissim e olhou o arquivo que ele carregara no computador. Já tinha visto o mesmo arquivo momentos antes, transmitido por Yakir, mas esperou com paciência.

— Frederique Bonsignour… Grande comerciante de armas… Está indo além de simplesmente vender armas. Está se envolvendo com nossa política, com o objetivo de fabricar guerras.

— Está criando mercado — concordou Krosner, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Também prometeu apoio financeiro ilimitado a um dos candidatos a primeiro-ministro.

— É o que eu faria no lugar dele.

— O problema é que tanto Frederique quanto o candidato são fanáticos religiosos. Realmente fanáticos!

— Todo negociante de armas é um perigo para qualquer sociedade, e todo candidato pode ser uma ameaça — disse Krosner, em tom de obviedade. — Se essa é a sua preocupação, garanto que não está me contando nada de novo. Não é a primeira e nem será a última vez que pessoas assim aparecem para

nos assombrar.

Nissim procurou se esforçar na ênfase.

— Desta vez pode ser pra valer.

— A missão na Europa era encontrar e anular um importante financiador do terrorismo. Não metemos nossos narizes na política interna do país.

A aparente passividade de Krosner estava mexendo com os nervos de Nissim.

— Vai simplesmente cruzar os braços em vez de ajudar Israel a se livrar desse tipo de gente?!

— Não é o que fazemos.

— E o que é que fazemos que pode ser mais importante do que…

— Além do mais — interrompeu Krosner —, não temos certeza de quem é o candidato.

Nissim teve a impressão de que Krosner acabara de mentir.

— Mas isso não é um problema. Quantos candidatos a primeiro-ministro podem existir com chances reais de vitória?

— Ok. Pensamos tratar-se de Zeev Sofer, mas acredito que a qualidade desse arquivo não seria juridicamente aceitável. Seria um esforço inútil, até porque o candidato não é foco da nossa investigação. Mais que isso, está completamente fora de nossa jurisdição.

Krosner levantou-se, dando sinais de que a conversa teria de terminar em breve. Caminhou tranquilamente até uma mesa lateral e se serviu de chá.

Nissim acompanhou cada movimento de Krosner e foi tomado por uma explosiva indignação. Se havia entendido bem, Krosner estava mais preocupado com a burocracia do que com as ameaças reais que Nissim lhe falara.

— Será que não percebe as graves implicações que isso pode ter para todos?! — esbravejou Nissim, com uma ousadia que o fez se arrepender instantaneamente.

Krosner não perdeu a compostura por uma segundo sequer.

— Nissim, você é quase da família para mim, mas está indo com muita sede ao pote. Devagar… Você precisa confiar em mim e não se envolver.

Nissim tentou absorver o que classificou como uma rejeição. Olhou para as imagens do arquivo do candidato que estavam abertas no computador.

— Krosner, olhe para essa gente… Eles me fazem ter pesadelos!

— Eu também tenho pesadelos.

Nissim fechou o arquivo e levantou-se. Krosner era uma montanha

imóvel.

— Tudo o que eu gostaria é de ter uma opinião honesta sua.

— Estou lhe explicando da melhor forma que consigo, Nissim.

— Então diga o que você realmente pensa deles, Krosner… Acha que eu estou exagerando em meu relato?

Krosner tomou seu chá pausadamente. Teria de dar algo mais a Nissim ou não iria conseguir se livrar dele tão cedo.

— Entre nós? Penso que as pessoas que acreditam que o fim dos tempos está próximo não deveriam ter condições de dar ao destino um empurrãozinho.

Nissim caminhou até Krosner e o fitou nos olhos.

— Você deixaria acontecer? Deixaria que extremistas assumissem o poder em Israel, mesmo que fossem democraticamente eleitos?

Krosner suspirou. Até a sua paciência tinha limites.

— Nissim… Vá para casa.

- 28 -

Jerusalém

A conversa com Krosner deixara Nissim ainda mais angustiado.

Krosner era o diretor de Inteligência, tinha o segundo cargo mais importante do Mossad e, portanto, estava no coração da Inteligência do governo. Era de se esperar uma reação dele diante da ameaça que Nissim expusera, mas agiu como se fosse um dia de trabalho qualquer.

Havia ainda a questão dos excessos militares praticados por Israel que estavam incomodando Nissim desde há muito tempo. No início julgara que os desertores e contestadores de Israel não passavam de agitadores, mas agora começava a entender a frustração que parte da sociedade sentia em relação à política do país. No entanto, só de pensar que ele próprio pudesse se juntar a essa turma de questionadores o fazia se sentir nauseado. Seu pai servira ao país de forma honrosa e não seria ele quem mancharia o nome da família.

Nissim sentiu que precisava refletir profundamente sobre essas coisas, sobre sua cidadania e seu judaísmo, e para isso escolheu um giro por Jerusalém, a mais importante cidade religiosa do mundo.

Foi a lugares que jamais lhe interessaram antes. Pela primeira vez, ousou

contemplar a Igreja da Ascensão, local onde Jesus teria subido aos Céus. Por ser judeu, Nissim nunca perdera muito tempo pensando na figura de Jesus, mas considerou que, se olhasse para a história apenas, teria que aceitar que Jesus não fora um "cristão", mas um judeu como ele próprio. Um judeu que dizia ter vindo fazer cumprir a Lei de Moisés, justamente o principal legislador dos judeus. Pregou o que viveu e viveu o que pregou. Falava sobre amor, sobre o respeito às mulheres, sobre o perdão e sobre a igualdade. Sem cometer qualquer crime, foi levado à morte pelos poderosos da época. Se era filho de Deus ou não, isso Nissim não sabia, mas reconheceu que Jesus viu que coisas erradas estavam acontecendo e ousou lutar pelo que considerava justo até o fim de sua vida.

Nissim ficou surpreso com o que acabara de raciocinar. De certa forma, tocado até. Observou o símbolo no topo da igreja, uma cruz, e pela primeira vez na vida teve respeito por aquele símbolo.

Jerusalém… Capaz de mexer com o espírito de qualquer um.

Era lá que se localizava um dos maiores pontos de tensão entre judeus e muçulmanos, o Domo da Rocha. Local de onde o profeta Maomé teria subido aos Céus, considerado o terceiro local mais sagrado para os muçulmanos, mas que, segundo a tradição judaica, fora erguida no mesmo ponto onde o rei Salomão construíra o primeiro templo. Em seu topo, o símbolo da lua cheia, evocando a lua crescente, símbolo dos muçulmanos. O local era tão sensível que a simples visita do então primeiro-ministro Ariel Sharon ao complexo de prédios em 2000 provocou uma revolta entre os palestinos e levou ao início de uma *intifada*, a rebelião contra a ocupação israelense.

Quais conseqüências a disputa por aquele lugar ainda reservava para Israel e para o restante do mundo?

Nissim peregrinava pela cidade e absorvia suas inúmeras mensagens. Não conseguiu compreender o edifício da Suprema Corte de Israel, a mais alta instância judicial do Estado judeu, que fora idealizada e patrocinada pelos lendários Rothschild. Esperava que se houvesse algum símbolo religioso que se destacasse naquele edifício, que fosse uma estrela-de-david ou um candelabro judaico, mas, estranhamente, não só não havia predomínio de símbolos judaicos como a construção inteira fora concebida como um templo da franco-maçonaria.

Essa variedade de fé e simbologias o fez lembrar de outro prédio, o *Knesset*. O Parlamento de Israel, localizado onde antes existia uma vila árabe, também era uma construção erguida pelos Rothschild, mas a imagem que era

cultuada por lá era a de um homem, Theodor Herzl, jornalista que havia ajudado a fundar o moderno sionismo político.

Não havia como definir Israel e sua diversidade de crenças políticas e religiosas. Quanto mais considerava o pensamento de cada um daqueles grupos, mais temia pelo futuro daquela terra. Pela lógica, não poderia existir mais que uma verdade, mas a crença em uma verdade inabalável surgia cada vez mais como um obstáculo instransponível no processo pela paz, e cada grupo tinha a sua, que eram verdades diferentes umas das outras. Evidente que alguém ali estava errado. Ainda hoje, era pelo uso da força e da violência que idéias se impunham naquele lugar.

Quando Nissim entendeu que não poderia pressupor que uma verdade fosse "mais verdadeira que a outra", sentiu que precisava saber a qual grupo pertencia, porque, mesmo entre os judeus, havia crenças muito diferentes em idéias e intensidade, o que o fez sentir falta de um guia. Se a família não tivesse sido destruída pelas guerras, talvez fosse mais fácil.

Enquanto caminhava pela galeria do Museu do Holocausto, Nissim deparou-se com uma fotografia em preto e branco que chamara a sua atenção. Parou para olhar. A descrição da foto dizia:

> *MULHERES E CRIANÇAS DURANTE A DEPORTAÇÃO DOS JUDEUS DE SZYDLOWIEC PARA O CAMPO DE MORTE DE TREBLINKA, SETEMBRO DE 1942.*

Aquela foto poderia ser o retrato perfeito dos últimos momentos dos seus pais. Era incompreensível que a humanidade pudesse ter permitido uma tragédia com tal dimensão. Como muitos em Israel, jurou que, no que dependesse dele, jamais permitiria que aquilo ocorresse novamente. Chegou até a temer que estivesse sendo tomado pelo mesmo sentimento de "possuidor da verdade" que instantes antes havia concluído ser um equívoco, mas a fotografia tocava fundo em sua própria história.

Em meio a sentimentos cada vez mais complexos e angustiantes, não pode controlar uma lágrima que saiu do olho. Em seguida, puxou para fora de sua camisa um colar com uma pequena *Menorah*, o candelabro que é um dos símbolos do judaísmo, e o beijou.

Nissim chegou a seu apartamento naquela noite e encontrou um silêncio incomum. Caminhou apressado até o quarto e depois até a cozinha, mas não havia sinal de Elana… Retornou lentamente à sala tendo na mão um bilhete que encontrara na cozinha, e que o deixara transtornado:

COMO FUI ESTÚPIDA… NINGUÉM PODE COMPETIR COM O MOSSAD. TALVEZ EU TENHA O MEU BEBÊ COM OUTRA PESSOA. ELANA.

Nissim sentou-se na sala com o bilhete nas mãos.

Ou a mulher enlouquecera ou as coisas estavam bem piores do que ele imaginava. Como não queria acreditar em nenhuma das duas hipóteses, foi até o quarto do casal, pois se esquecera de verificar algo…

Nissim abriu o armário e tomou outro susto: com toda a certeza ele estava vendo um armário vazio. Não havia uma única peça de roupa dela ali, o que comprovava que o bilhete não estava mentindo.

O armário vazio reforçava a tese de que Elana pudesse realmente estar ficando louca, ou então, a hipótese pior, a de que o casamento tinha problemas graves.

A realidade foi sendo lentamente assimilada por Nissim… A menininha do kibutz que fora a sua primeira amiga, e que lhe salvara a pele tantas vezes. A primeira e única namorada. A metade de todos os seus sonhos. Sua companheira… A mulher que amava.

Seu peito gelou. Havia uma grande chance de seu casamento ter chegado ao fim e Nissim conhecia a origem do problema: ele. Fazia algum tempo que *ele* não a escutava.

Alguns anos.

- 30 -

Mais tarde, no apartamento de Doran, estava acontecendo um de seus famosos jantares de pizza. Ele abriu a porta para Nissim e imediatamente notou seu semblante abatido.

Nissim estimou o número de convidados “íntimos” em aproximadamente cinqüenta.

— Pensei que seria um jantar apenas para os bons amigos.

Doran apontou protocolarmente para uma pilha de caixas de pizza vazias. Estava com pressa.

— Você está atrasado… Arrume um lugar pra sentar-se.

Havia pessoas ocupando todos os sofás e cada metro quadrado disponível no chão da pequena sala do apartamento. Todos estavam ouvindo atentamente a um rabino com enormes cabelos e barba brancos. Era um homem de olhar brando, e o fato de usar jeans e camiseta o aproximava ainda mais das pessoas à sua volta.

O rabino, que um dia já fora um monstro, era Nathan, o veterano de guerra que havia ajudado a conquistar a vila árabe de Deir Yassin ao lado de Aaron, pai de Nissim. O assassino ensandecido de outrora havia se tornado um rabino dos mais polêmicos, mas nem Nissim e nem os outros convidados conheciam o passado daquele homem.

A brandura do olhar não diminuía em nada o calor do seu discurso.

— Eles dizem que falam em meu nome?! Não… Não falam. Em meu nome não! Quem foi que autorizou este governo sem Deus a falar em nome dos judeus? A jogar bombas sobre bebês na Palestina sem qualquer hesitação? Em nome de que, segurança?! Pois eu vos digo que todo aquele que depositar a sua fé nas mãos de políticos deve ser um completo imbecil, porque a lei judaica, a Lei de Moisés, não autoriza nada disso que esses fanáticos têm feito!

Nathan olhava para os convidados com a força de quem sabia o que estava dizendo, já que ele mesmo havia sido um exaltado guerreiro.

— Eu lhes previno: procurem respostas por conta própria, senão o governo tratará de encontrar uma boa resposta para vocês, uma que favoreça os planos expansionistas que ainda vão derrubar muito sangue inocente!

Sua face tornava-se mais grave à medida que prosseguia.

— Nós fomos enganados, pessoal… As guerras de Israel sempre foram guerras imobiliárias. Estamos sendo usados, e não é de hoje.

Doran trouxe um pedaço de pizza em um guardanapo e se sentou no chão ao lado de Nissim.

— Guardei pra você — disse Doran, entregando a pizza. — Onde está Elana, ela não vem?

— Não.

— Algum problema?

— Ela acabou de terminar com o problema.

Doran franziu a testa. Nissim explicou.

— O problema era eu e o meu trabalho.

Alguém levantou a mão ao lado de Nissim. Após o consentimento do rabino Nathan, o homem começou a falar.

— É isso mesmo, rabino. Quanto mais conflito, melhor… Mais se gasta com a área militar. Mais terras são ocupadas. Esses políticos se banqueteiam com as tensões religiosas. Espero que todos eles vão para o inferno! Querem nos mergulhar em um caos e, então, aparecem como salvadores com alguma solução milagrosa — disse o homem, que agora se virava para o grupo: — O mundo ocidental está onde a Alemanha estava em 1934. O fascismo está crescendo e voltará com toda força no mundo todo em nome de uma falsa segurança.

Agora era um jovem soldado que se levantava e se dirigia ao grupo:

— Meu nome é Eitan Cohen. Sou capitão da Inteligência do Exército… Sou um *Refusenik*. Assim como centenas de colegas meus das forças armadas, decidi não lutar além das fronteiras de 1967. Decidi que não ajudarei a humilhar e a levar o povo palestino à fome… Nossas forças têm agido como terroristas!

A reunião era como Nissim havia temido, com todo mundo contestando as políticas do país, mas o fato é que Nissim simplesmente não estava com cabeça para debater o país na noite em que fora abandonado pela mulher. Tudo soava pesado demais.

Nissim levantou-se e caminhou em direção à porta do apartamento. Na verdade estava inseguro sobre o que presenciava, porque no pouco tempo desde que chegara, havia ouvido coisas que faziam sentido e iam ao encontro do que sentia intimamente.

Doran foi atrás dele.

— O Krosner sabe a respeito desses encontros? — perguntou Nissim.

— O Krosner é um democrata… Olhe, lamento sobre Elana. Dê tempo ao tempo. Vai ver é apenas uma fase ruim.

— Não sei o que é, Doran.

Nissim olhou para as pessoas da casa. Estariam certas ou apenas buscavam algum tipo de distração que as fizessem se sentir úteis?

Doran continuava preocupado com o semblante carregado do amigo.

— O que é que está se passando nessa sua cabeça?

Nissim deu de ombros e sorriu tristemente.

— Admiro esse pessoal aqui… Confesso que eu também estou cansado de ficar em cima do muro. E, se quer saber, já conversei com Krosner.

— É mesmo? E como foi?

— Tentei convencê-lo a agir contra o candidato Zeev Sofer e contra Frederique, mas perdi meu tempo. Parece que estamos sempre esbarrando em alguma força invisível.

— Isso é bom.

— Isso é bom?! O que pode haver de bom nisso?

— O fato de você estar enxergando… De estar sentindo que há algo de profundamente errado com Israel.

— E de que adianta ver, se não podemos mudar as coisas?

— É você quem vai ter de descobrir como mudar as coisas. Meu conselho: siga o seu coração.

Nissim sorriu com ironia. Doran às vezes soava como um poeta.

— Pensei que o meu coração estivesse com Israel — disse Nissim, resignado. — Krosner pediu para eu me afastar da investigação, mas o meu coração me diz que agora talvez seja tarde demais.

— Ah!… Então já andou se escutando. Isso é muito bom!

— Já me sinto envolvido. Não posso fechar os olhos para Zeev Sofer e sua turma de fanáticos.

Doran estava sinceramente interessado nas descobertas de Nissim, mas queria falar para ele sobre a necessidade de se ter equilíbrio também. Talvez dissesse em outro momento, quando o amigo estivesse mais calmo.

Nissim olhou para Doran de forma decidida.

— Vou atrás de Frederique e dar um jeito de expor seu envolvimento com Zeev Sofer. Talvez assim Krosner comece a me escutar.

Doran olhou atentamente para Nissim como quem diz *estou te escutando*. Entendeu que, naquele instante, o rumo na vida de algumas pessoas iria mudar. Com muita sorte, talvez Nissim se juntasse ao rol de pessoas que tentariam fazer de Israel um país mais humano.

— Conte comigo, Nissim. Mas não será um passeio no parque.

— Sei que posso contar com você.

— Prometa que tomará cuidado. Há riscos.

Nissim encolheu os ombros. Não tinha idéia sobre o que iria fazer, de forma que não poderia compreender os riscos ainda.

— Prometo.

Antes de sair, Nissim reparou que o rabino Nathan o olhava de uma forma que fazia crer que ele entendia seus sentimentos apenas por observá-lo de longe… Nissim sentiu uma empatia com aquele rabino de aparência exótica,

como se ele o estivesse convidando a fazer parte daquele grupo de “rebeldes”. Sem perceber, Nissim sorriu para o rabino, que retribuiu colocando a mão sobre o coração.

Doran espiou pela janela.

Enquanto acompanhava Nissim ir em direção ao carro, entendeu que aquele era um dos raros momentos de mudança fundamental na vida de uma pessoa. Era quando a vida deixava de andar para a frente e a pessoa não tinha muito a perder. Sem Elana, Nissim era um homem desprovido de planos e sonhos. Se ela o abandonara por causa do trabalho, então talvez Nissim fosse até as últimas conseqüências.

Doran lembrou-se que ele próprio já havia passado pelo mesmo processo antes de decidir promover seus jantares de debate político. Curou-se com o trabalho. Nissim iria se curar também.

Esperou Nissim entrar no carro… Considerou que ali estava um homem que iniciara um processo de autoconhecimento, e que provavelmente sua vida jamais voltaria a ser a mesma.

- 31 -

Nissim tentou falar com Elana diversas vezes, mas ela não atendeu ao telefone.

Sua dificuldade em aceitar que ela o havia abandonado persistia, mas, conforme pensava nos sinais que ela lhe deixava, começou a aceitar que tudo era de fato a mais dolorosa verdade.

Primeiro havia o bilhete que ela deixara antes de sair, e trazia uma mensagem clara, determinada e com todas as letras. Depois, havia o armário sem as roupas dela, prova visual de que ele não estava delirando. Agora, os telefonemas que ela se recusava a atender… Por mais que alimentasse a esperança de estar enganado, as provas estavam se tornando cada vez mais irrefutáveis.

Elana o abandonara porque ele dedicava mais tempo servindo ao país do que servindo ao casamento. Na verdade Nissim estava mesmo é servindo a si próprio, buscando reconhecimento pelo trabalho e eventualmente uma promoção. Lembrou-se de que Elana já o havia prevenido antes, de que ela precisaria dar um rumo na vida com ele ou sem ele. Então, não se tratava de um gesto precipitado por parte dela.

Ele havia “pisado na bola”, não restavam dúvidas.

Saber-se culpado era a pior coisa. A culpa o fazia se sentir estúpido, porque o lembrava de que, quando tivera oportunidade de mudar as coisas, acabou optando por cruzar os braços. À medida que novas conclusões se tornavam claras em sua cabeça, foi sendo consumido por um sentimento de revolta. Primeiro consigo mesmo, algo que sabia não levar a nada. Depois, pensou no país e na acusação de Elana de que era ele, Nissim, quem de fato a abandonara muito tempo antes, por seu país.

Aquele pensamento trazia algum resquício de alívio, pois culpar o país era menos doloroso do que culpar a si próprio. O país sempre exigira dele fidelidade total, porém, como Nissim foi compreendendo, esse mesmo país, que era intransigente com os infiéis, não andava cumprindo com a parte dele.

A coisa toda começava a soar como dois pesos e duas medidas, e o sentimento contra aqueles que governavam Israel despencou para níveis bem baixos. Não que seu amor por Israel estivesse diminuindo, mas começava a enxergar além da aura governamental que escondia as pessoas que estavam por trás, e que agiam motivadas por éticas bem diferentes da sua. A vida real não era definida por fronteiras físicas ou bandeiras.

Como não era uma pessoa dada a revoltas, e tinha o hábito de raciocinar, Nissim admitiu que o momento era de muita vulnerabilidade emocional. Precisava de ajuda, alguém para conversar que fosse de fora do sistema, mas ao mesmo tempo entendesse o sistema.

Talvez o rabino Nathan pudesse ser essa pessoa.

- 32 -

A Faixa de Gaza tinha perto de 45 quilômetros de comprimento por 10 de largura. Segundo a Bíblia, ali morrera Sansão enquanto destruía o Templo dos Filisteus, como eram conhecidos antigamente os palestinos.

Nissim atravessava o minúsculo território, cuja maioria da população era composta por refugiados de guerra vivendo em condições precárias. Aproximava-se agora do posto de Rafah, localizado na fronteira sudoeste da Faixa de Gaza, entre o território palestino e o egípcio.

Seu carro passava por uma longa fila de táxis, e por um número desolador de viajantes com suas bagagens espalhadas por todos os cantos. Nissim olhava para os palestinos e não conseguia deixar de considerar seus rostos sofridos por horas de exposição desnecessária ao sol. Sabia que um pouco

mais de boa vontade por parte de Israel evitaria algum sofrimento daquelas pessoas, embora houvesse a preocupação constante de ataques de militantes.

Enquanto avaliava a situação naquela fronteira, teve a sensação de já ter visto imagem semelhante. Foi quando se lembrou da fotografia do Museu do Holocausto, que mostrava os judeus de Szydlowiec sendo deportados.

A semelhança o assustou.

Lembrou-se de sua visão crítica contra aqueles que ousavam comparar o tratamento que os judeus recebiam da Alemanha nazista com a forma como eram tratados os refugiados de Gaza pelo governo de Israel nos dias de hoje, mas agora não tinha mais certeza se a comparação era tão inválida assim.

O carro seguiu lentamente, de maneira que Nissim pôde acompanhar de perto quando um jovem soldado israelense empurrou covardemente um casal de idosos palestinos, como se fossem cachorros. E quando a senhora idosa caiu no chão, Nissim diminuiu a velocidade do carro, instintivamente desejando ajudar, mas acabou resistindo ao desejo de intervir, pois de nada adiantaria. Teve que engolir o fogo que agora queimava seu estômago.

O que queria era descer do caro e dar uns tapas no garoto vestido de militar, alguém que provavelmente tinha crescido acreditando que seu povo fosse a única vítima de um mundo injusto e cruel. Mas aquilo seria perda de tempo. Possivelmente seria confundido com um palestino e teria grandes chances de ser alvejado mortalmente.

Na mente de Nissim, começava a ser criada uma distância muito clara entre os convictos sionistas e ele, que agora passava a questionar a verdade oficial, propagada pela mídia oficial de seu estranho governo.

Demorou algum tempo até que o marido da senhora caída pudesse socorrê-la, porque o pobre homem, esse sim, perdera um tempo enorme tentando explicar ao jovem soldado israelense que não havia necessidade de usar brutalidade… Em seguida, Nissim observou dois tipos de emoção que fizeram a sua pulsação subir a níveis perigosos:

De um lado, o velho palestino levou as mãos à cabeça e ao rosto, e então chorou copiosamente diante da perda de sua dignidade… Do outro, dois militares israelenses tentaram ocultar, em vão, um sorriso que denunciava a mais perversa forma de doutrinação religiosa e preconceito racial. Eles, os soldados, acreditavam na verdade que havia sido vendida, a de que eram as vítimas históricas e, sendo assim, teriam carta branca para agirem como bem entendessem em nome de uma suposta justiça.

Vítimas de fato eram, mas dos políticos que deles usavam, e da ignorância

que ostentavam. Nissim não teve dúvida de que os abusos cometidos por soldados israelenses eram os maiores propagadores de sentimento anti-semita no mundo.

Nissim decidira que, a partir daquele instante, iria fazer o possível para se livrar da programação mental de que ele próprio era uma vítima. Estava claro que ser vítima ou algoz era muito mais uma questão de oportunidade e contexto do que um produto de natureza étnica. O ser humano é quem falhava sempre, bastando para isso estar do lado do poder. O poder errava sempre.

- 33 -

O rabino Nathan era tido como polêmico, um não merecedor de credibilidade.

Os políticos mais exaltados, que eram sempre histéricos e, muitas vezes, primitivos, pediam a cabeça dele com freqüência, e se apressavam em rotular tudo o que ele dizia como fruto de uma loucura, seqüela dos tempos em que fora um dedicado combatente do Irgun.

Esses mesmos exaltados volta e meia o acusavam de possuir um auto-ódio, de seu um "judeu anti-semita", porque Nathan era um crítico das políticas de terrorismo de Estado que a comunidade internacional há décadas denunciava existir em Israel. Nathan não era o que se poderia definir como um rabino-padrão, mas essa era exatamente a sua maior qualidade. Era o seu humanismo e o seu relativo desprendimento ideológico que faziam dele uma pessoa procurada e respeitada por aqueles que buscavam uma resposta sensata para os problemas de Israel.

A sorte de Nathan era não ser um rabino ortodoxo. Os sionistas odiavam os ortodoxos, embora Nathan entendesse que os sionistas mais apaixonados odiavam quase todo mundo.

Nathan trabalhava duas vezes por semana em uma instituição de caridade no Egito, país que no passado chegou a ter uma comunidade judaica significativa. O rabino gostava de atuar no âmago da questão, e freqüentemente corria riscos. Os seus críticos, é claro, achavam que isso era por puro marketing religioso. O fato é que Nathan gostava do conceito de viver aquilo que se prega, e nunca perdera o gosto pelo perigo, vício adquirido dos tempos de combatente. Pensava que agora, pelo menos, estaria fazendo bom uso de sua ousadia crônica.

Na creche, dezenas de crianças faziam fila ao redor de três voluntários que distribuíam comida. Os voluntários eram uma mulher missionária cristã, um xeque muçulmano e o rabino Nathan. Como tudo em que Nathan se metia ganhava rótulo, a creche era chamada pela imprensa oficial de *laboratório*, em virtude da natureza multicultural e multirreligiosa do lugar.

Nathan viu o carro de Nissim aproximar-se.

Já o aguardava. Julgou que pelo nome completo de Nissim havia uma possibilidade de ele ser filho de Aaron, com quem ele havia lutado na juventude, mas não tocaria no assunto a não ser que Nissim o fizesse.

— Pode cuidar dessa fila para mim? — perguntou Nathan ao xeque.

Nathan e Nissim encontram-se embaixo de uma oliveira.

— Ninguém do governo jamais se deu ao trabalho de vir até aqui — começou Nathan.

— Eu te agradeço rabino, mas eu não vim em nome de ninguém.

— Não estou surpreso… Como posso te ajudar?

— Naquela noite, na casa de Doran, você nos orientou a buscar uma resposta antes que o governo buscasse uma por nós.

— Sim, claro.

— Então… Tenho pensado bastante sobre Israel.

Nathan entendeu que a conversa demoraria um pouco. Apontou para umas pedras próximas da oliveira, onde se sentaram.

— Ótimo… Ótimo… A qual Israel você está se referindo?

Nissim parecia confuso com a pergunta. Nathan sorriu e esclareceu.

— A Israel das Escrituras ou a Israel que o homem inventou, contra as leis de Deus?

— Meu Israel. Aquele que eu posso tocar e sentir.

Nathan olhou fixamente para Nissim, percebendo um claro transtorno.

— Seu Israel… Esse Israel eu conheço bem. Lutei para ajudar a criá-lo.

— Meu falecido pai também. Chegou aqui no começo de tudo.

— Então podemos falar a mesma língua.

— Sim, gostaria de falar francamente.

Nathan usou seu jeito direto de falar.

— Tirei vidas humanas inocentes em nome desse Israel, mas acordei. Queira Deus, em tempo.

— Deve ter sido difícil.

— Não há nada fácil a respeito de Israel…

Nathan balançou a cabeça.

— A questão é que os judeus sempre foram identificados como um grupo religioso. Um povo. Apenas isso. O resto é política.

— Conheço nossa história.

— Conhece mesmo? Alguns políticos gostam de acreditar que somos uma raça superior, mas nem mesmo somos uma raça. Há uma confusão enorme nesse ponto. Os políticos nos usam. Controlam a nossa mídia e a nossa educação.

Nissim girou a cabeça até o xeque, que distribuía comida para as crianças.

— Aposto que o seu amigo ali iria adorar ouvir isso… De qual grupo ele faz parte, do Hezbollah ou do Hamas?

— Ele faz parte do meu grupo, e eu faço parte do grupo dele. Somos irmãos, filhos de um mesmo Deus.

Nissim não gostou do tom místico do rabino. Nathan tentou ser mais claro.

— Você sabe que *eles* já estavam aqui quando chegamos. Setecentos mil deles. Não acabou de dizer que conhecia nossa história?

— Nós estamos aqui agora. Nossos antepassados estiveram aqui também.

Nathan subitamente pareceu cansado.

— Sei, sei… Quem está certo, quem está errado… Quem chegou primeiro, quem matou primeiro… *Conheço as tuas obras, e tribulação, e pobreza, e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás.*

Nissim parecia confuso.

— *Apocalipse*, 2: 9 — explicou o rabino.

Nissim receava estar perdendo tempo. Teria Nathan se transformado em um fanático?

— Se eu fosse você, eu não permitiria que os políticos que controlam Israel te digam o que é ser um judeu… Pode ser uma escolha muito arriscada.

— As decisões difíceis costumam ter os seus riscos.

— Pode ser, mas, no final das contas, você não pode agir como uma besta selvagem só porque seus inimigos agem assim.

— Não quero generalizar, rabino, sei que é uma minoria de fanáticos, mas não podemos negar que eles estejam por toda parte nos ameaçando.

— Terroristas explodem pessoas inocentes porque é isso o que terroristas

fazem. Mas governos não podem fazer isso. Se fizerem, perdem a sua decência moral. Perdem autoridade.

Nissim levantou-se, pronto para ir embora.

— Meu coração está com você, rabino, mas esse não parece ser um conceito muito prático… Os tempos mudaram.

Nathan sorriu ironicamente. Não seria Nissim quem lhe emitiria conceitos sobre os tempos em que viviam.

— Eu me pergunto, Nissim, se os escandinavos estão mais felizes hoje, ou eram mais felizes quando os vikings circulavam por lá degolando pessoas como se fossem açougueiros.

O rabino levantou-se e encarou Nissim com olhos de quem já havia tirado muitas vidas. Ele podia ser bem ameaçador se quisesse.

— Pergunto a você, Nissim… Como é que os escandinavos conseguiram deixar de serem *práticos*, para se tornarem civilizados, e nós não?

- 34 -

Estados Unidos

O jatinho decolou do aeroporto de Las Vegas levando o grande capitão da economia americana, o septuagenário Edmond Roth, presidente do Federal Reserve, ou FED, a entidade "independente dentro do governo americano", que tinha, ao mesmo tempo, objetivos públicos e "aspectos privados".

Um banco central americano sempre fora o grande temor de muitos. O ex-presidente Thomas Jefferson, principal autor da Declaração de Independência Americana, profetizara há quase duzentos anos que, no dia em que os bancos tivessem permissão oficial para emitir dinheiro, os bancos e as corporações que cresceriam ao redor deles iriam cedo ou tarde tirar das pessoas todas as suas posses.

Edmond era a atual face visível do cartel que tinha entre as suas funções mais conhecidas regulamentar as instituições financeiras, gerir o dinheiro do país e influenciar toda a economia mundial.

Las Vegas era uma espécie de terapia para Edmond. O seu playground.

Da janela do avião, Edmond olhava fascinado para a *strip*, onde predominavam os hotéis mais luminosos, e já ansiava pela próxima oportunidade de voltar àquela cidade.

Melissa sentou-se na poltrona ao lado de Edmond.

Ela era uma mulher estonteante, por volta dos trinta anos de idade, a única coisa naquele momento capaz de fazer Edmond abandonar a vista de Las Vegas. A beleza e os modos exagerados não eram exatamente compatíveis com a função que ela oficialmente ocupava, a de uma simples secretária. Na prática, ela era mais que isso. Ela era um pedaço de Las Vegas.

Melissa entregou para Edmond uma folha de papel com a programação dos próximos dias.

— Amanhã em Jerusalém… Jantar de negócios com seus colegas — disse Melissa, mudando para um tom mais sexy. — Não tão divertido quanto Las Vegas.

— Eu não me atreveria a chamar Leon Bernstein de "colega". Ele é mais como… um rei.

— Mas ele é tão jovem! — surpreendeu-se Melissa.

Edmond devolveu a folha de papel para Melissa.

— Você também é jovem — disse, olhando nos olhos da moça. — Tecnicamente ainda estamos em Vegas, sabia disso?

— Não tenho muita afinidade com questões geográficas, mas se você está dizendo… eu acredito.

— Ainda dá para se divertir um pouco. É disso que estou falando.

Melissa sorriu, previsivelmente, e colocou sua mão sobre a perna de Edmond. Depois, o beijou.

- 35 -

Israel

No aeroporto de Tel Aviv, o religioso Sadoc aguardava ladeado por um grupo de quatro seguranças. Ele segurava um cartaz com as palavras FED – SR. ROTH.

Edmond Roth e Melissa surgiram no saguão e localizaram Sadoc e seu cartaz.

Melissa ficou um pouco para trás quando Edmond se adiantou e cumprimentou Sadoc calorosamente. Trataram-se como iguais. Apesar de Edmond ser no mundo visível do *establishment* e da mídia o que se poderia chamar de gigante, no mundo das fraternidades pouco conhecidas, e de poucos adeptos, eles eram como irmãos.

O grupo dirigiu-se até um hotel de luxo próximo de onde ficava o histórico Hotel King David, local onde o terrorismo moderno teve seu início, quando o Irgun atacou os britânicos em 1946. Aquela região era situada bem no coração de Jerusalém, com uma bela vista para a cidade velha.

Nissim aguardava no *lobby bar* segurando um jornal que mal lia, já que seus olhos intercalavam entre a porta de entrada do hotel e Frederique, que tomava um café a poucos metros de onde Nissim estava sentado.

Nissim tomara a decisão de agir sozinho. Era um desejo que vinha crescendo desde que Krosner pedira para ele desistir de seu interesse por Frederique e pelo candidato a primeiro-ministro.

Ali, sozinho no *lobby* do hotel, Nissim percebera que nos anos de experiência em missões fora do país, sempre esteve de cabeça baixa cuidando do funcionamento dos equipamentos de monitoramento e comunicação. Eram Yakir e Doran quem cuidava da logística e das técnicas de vigilância que incluía se esconder em valas, telhados ou qualquer lugar previamente estudado que servisse à missão. Aquela constatação deixava Nissim nervoso. Também tinha em mente a constante lembrança, por parte de Yakir, e recentemente por Krosner, de que ele não era um agente propriamente dito, o que o deixava ainda mais inseguro.

A espera poderia ser muito longa e solitária.

Nissim pediu uma garrafa de vinho a um garçom. No intervalo de tempo até que o garçom retornasse com a garrafa, Nissim notou a enorme quantidade de câmeras de vigilância no local. Algumas inteligentemente camufladas na arquitetura do prédio, e outras nem tanto. Não havia a menor chance de Nissim não ser observado caso resolvesse fazer algo de incomum ali dentro.

O garçom trouxe a garrafa de vinho. Nissim queria relaxar e quem sabe pensar melhor… No terceiro copo de vinho, a ansiedade de Nissim já havia diminuído um pouco, mas a sua capacidade de raciocinar direito também. Ponderou sobre o risco de ser identificado pelas câmeras de vigilância, mas julgou que talvez não houvesse motivo para tanta preocupação, afinal, Nissim não tinha ficha na polícia e nem mesmo fazia parte do quadro de “funcionários” do Instituto. Era praticamente um desconhecido.

No final da garrafa, a ansiedade havia desaparecido e dado lugar a uma ousadia completamente inconseqüente. A lógica estava se moldando perigosamente para servir à intenção, e a intenção era não desgrudar de

Frederique nem por um instante, algo que o estava deixando obcecado.

O tempo passava e Nissim continuava apostando na vantagem de ter um rosto desconhecido. Ele se via como um simples técnico, uma pessoa que ninguém daria muita bola. Se não fizesse nada de errado, provavelmente não chamaria a atenção… Não o reconheceriam… E, quanto aos riscos de estar enganado, isso simplesmente fazia parte do todo. O risco nunca deixaria de existir porque era parte do seu trabalho… Pronto! Iria adiante… O vinho não era caro, mas era bom, e conseguiu mascarar eficientemente todos os medos de Nissim.

Se Nissim pudesse se olhar naquele instante, ficaria constrangido com a sua espalhafatosa ineficiência: àquela altura estava segurando o jornal de forma tão distante do corpo que foi surpreendido por uma hóspede, que o abordou:

— Terminou de ler o seu jornal?

— Como?

— O jornal… Não está realmente lendo, está?

Não. Nissim não estava lendo e nem mesmo simulando uma leitura. Entregou o jornal para a mulher e sorriu.

— Pode ficar.

— Obrigada.

Quando a mulher se virou, Nissim respirou fundo e voltou a olhar para a entrada do hotel. Percebeu a chegada de um carro, e que a chegada daquele carro chamara a atenção de Frederique.

Os seguranças saíram primeiro e abriram a porta para Edmond Roth, Sadoc e Melissa. Nissim observou quando Frederique se levantou apressado e caminhou ao encontro deles no centro do *lobby*. Todos se cumprimentaram. Melissa afastou-se do pequeno grupo e foi providenciar o check-in enquanto Frederique levava Edmond e Sadoc em direção ao restaurante.

Atravessaram o restaurante, mas não pararam por lá. Entraram na cozinha, onde o *chef* e os demais funcionários demonstraram estar habituados com aquele grupo, já que não manifestaram qualquer preocupação com a invasão. Continuaram a trabalhar normalmente. Em instantes, o grupo seguiu por uma porta e desapareceu.

Nissim surgiu na cozinha logo em seguida… Estava absolutamente relaxado e confiante enquanto caminhava. Seus medos estavam suficientemente anestesiados.

Diferentemente do grupo que acabara de passar por ali, o *chef* olhou para ele com desconfiança. Aquele era um rosto que não conhecia, mas Nissim foi rápido em apontar a porta por onde o grupo acabara de entrar, como se estivesse dizendo que estava com eles. Funcionou.

Frederique, Sadoc e Edmond desceram por uma escada de serviço até alcançarem o ponto mais baixo do edifício, local onde uma pesada porta de metal os aguardava, trancada por uma fechadura eletrônica. Frederique digitou uma senha pessoal, e enquanto os mecanismos da fechadura iam se abrindo, uma minúscula câmera de segurança escondida em um sistema de ventilação no teto registrava tudo.

A porta abriu-se e o grupo seguiu por um corredor claustrofóbico e propositalmente mal-iluminado. O piso frio fazia os três escutarem os próprios passos que reverberavam por todos os lados. Não havia carpetes luxuosos por ali e nem nada que lembrasse que estavam em um hotel de luxo.

No final do corredor, depararam-se com outra escada, desta vez para cima. No topo da escada havia uma luz que chegava a brilhar se comparada com a escuridão do corredor que acabavam de deixar para trás, e, enquanto subiam, pareciam estar literalmente caminhando em “direção à luz”.

Os olhos logo se acostumaram com a forte iluminação no topo da escada, onde havia uma última porta. Esta tinha um sistema de segurança muito mais sofisticado, sendo necessário o uso de uma chave digital, uma interface de leitura de íris e um cartão magnético.

Frederique não perdeu tempo. Cumpriu rapidamente todas as etapas até que a porta finalmente se abriu, revelando um interior que lembrava muito o templo de meditação usado por Sadoc. A diferença é que aquele lugar era muito maior e, quando Frederique, Sadoc e Edmond entraram, já eram aguardados por outras pessoas.

Nissim estava na primeira escada de serviço, parado diante da porta de metal. A tranqüilidade de minutos antes começava a desaparecer. *Flashes* de lucidez começavam a lhe perturbar: e se fosse descoberto?

Começou a levar em conta as possíveis conseqüências daquela aventura, inclusive a possibilidade de ser preso, e isso o perturbou mais ainda. O vinho já não trazia o efeito “coragem” que lhe estimulara a chegar até ali. Aquilo era loucura, mas agora não teria como retornar. Temeu que, no caso de uma prisão, pudessem querer saber por que levava consigo equipamentos

sofisticados em sua mochila. Pensou em algumas desculpas, mas decidiu esquecer tudo porque era melhor concentrar-se no agora. Procurou se acalmar inspirando profundamente e limpando o suor da testa. O trabalho de perseguição não era o que sabia fazer de melhor, mas de eletrônica ele entendia.

Removeu de sua mochila um PDA e conectou a dois fios. Com alguns toques, fez o aparelho começar a funcionar como um desencriptador: números começaram a aparecer em ordem seqüencial, a tela do PDA travou e começou a piscar, quando o total de números chegou a oito. Ouviu-se um *bip*, e em seguida, a porta destrancou!

Nissim sorriu orgulhoso.

— Idiotas — comemorou baixinho. Mas, depois, parou por um instante e franziu a testa. Sabia que mais cedo ou mais tarde iria pagar pelo que estava fazendo naquele momento.

Seguiu em frente pelo corredor escuro com confiança redobrada, até se deparar com a segunda escada de serviço que o levaria "em direção à luz". Subiu rapidamente, contudo, ao notar a segunda porta de metal, compreendeu que não conseguiria burlar aquela combinação de sistemas de fechadura. Talvez, se estivesse com sua equipe do Mossad, conseguisse pensar em uma maneira de seguir adiante, entretanto a realidade é que estava sozinho.

Em meio à frustração de não poder avançar, considerou a escolha daquele local por Frederique e os demais como algo inusitado e suspeito. Mas, em seguida, lembrou-se que teria que retornar pelo mesmo lugar de onde viera. E contar com a sorte novamente.

- 36 -

O lado de dentro da porta blindada poderia até não ser um templo, mas era bem parecido com um. Havia em torno de oitenta pessoas naquele coquetel de confraternização. Estavam de pé, em grupos de dois ou três, com copos de vinho e champagne nas mãos. O lugar era escuro e oferecia toda a privacidade que se poderia desejar.

Frederique e Edmond Roth conversavam sozinhos em um canto.

— Receio que as coisas estejam tão complicadas nesta região que qualquer incidente no Golfo Pérsico, por menor que seja, possa complicar a situação ao ponto de torná-la incontrolável — disse Edmond, mudando drasticamente a conversa, de amenidades para algo sério.

E como seria bom para nós se isso acontecesse! Era o que Edmond realmente queria dizer, mas aquelas palavras jamais sairiam de sua boca. Conflitos eram a maneira mais rápida de transferir riquezas de pessoas e países, e Edmond era um homem que trabalhava com dinheiro.

Frederique entendeu que dali para a frente o tema da conversa seria negócios. Sabia também que estava diante de alguém maior que ele naquela hierarquia invisível. Seria um bom ouvinte e não desperdiçaria a grande oportunidade que ele acreditava estar tendo desde que o general Zucker havia lhe entregue a pasta com a idéia da operação de bandeira falsa.

Frederique concordou com a cabeça. Edmond continuou:

— Veja a situação com o Irã… Do que adiantam sanções econômicas? Eles querem a bomba e nós não queremos que eles tenham. Nada mudou em anos.

Tudo caminha conforme planejamos.

— Não acho que seja possível um meio termo — opinou Frederique.

Faremos nossa guerra.

Frederique deu a deixa. Edmond devolveu a taça de champagne para um garçom e virou-se completamente para Frederique.

— Eu iria além: acredito que jamais chegaremos a qualquer termo. Não estamos preparados para ceder, e nem eles.

Com toda certeza não haverá entendimento!

— O general Zucker me falou que já existem operações localizadas acontecendo por lá. Tropas de elite e coisas assim, coletando informações, testando a capacidade de defesa das forças iranianas.

Talvez seja hora de ampliar a guerra localizada para uma guerra total.

— É o que eu ouvi dizer. Na prática já estamos em guerra com eles. Não há uma percepção do público ainda, mas temo que qualquer incidente entre forças iranianas e forças americanas ou aliadas possa escalar o cenário para uma guerra total.

É de um incidente que precisamos.

— Seria terrível.

Seria o ideal.

— Exato — disse Edmond com ênfase.

É o que deve ser providenciado.

Edmond e Frederique estavam se comunicando… Havia faíscas em ambos os olhares.

— Tudo pode acontecer, Frederique.

Comece a pensar nisso, Frederique.

— O problema é arrastar a Síria para o conflito. Teríamos dois cenários de guerra por causa da maldita intransigência de uns poucos.

O Irã é nossa porta de entrada para a Síria, e vice-versa.

Edmond acenou com a cabeça e colocou fraternalmente a mão sobre o ombro de Frederique.

— Israel tem feito vários exercícios militares ultimamente.

O incidente deve vir de um exercício militar.

— Penso que Israel está se expondo demais. O Irã tem armas russas de última geração.

Com as armas que eu vendi ao Irã, um incidente não seria difícil.

— É onde eu queria chegar, Frederique. Acho que Israel está contando com a sorte, mas pode ter problemas. Se chegarem perto demais do Irã… e um desses mísseis iranianos atingir um avião ou uma fragata nossa, Israel não terá alternativa a não ser revidar, e nós americanos seremos obrigados a defender nossos aliados. Israel é nosso maior aliado.

As instruções de Edmond eram óbvias demais. Frederique não respondeu. Sentiu que vinha mais.

— Penso que se alguém deseja uma escalada no conflito, temos pouco a fazer para evitar isso.

A decisão para uma guerra total já está praticamente tomada.

— Não creio que isso seja possível sem que a população do Ocidente e de Israel perceba o risco da mesma maneira e intensidade como nós percebemos — ponderou Frederique.

Precisamos preparar a opinião pública.

Edmond tirou as mãos do ombro de Frederique e pegou outra taça de champagne, preparando-se para circular entre as demais pessoas.

— Nunca se sabe quem assumirá a cadeira de primeiro-ministro de Israel. Pode ser alguém que saiba como prevenir situações de fricção… Alguém que saiba dar ao público a noção exata dos riscos que esta região enfrenta nos dias de hoje.

Nosso político precisa condicionar as pessoas. Ele será capaz disso?

Edmond disse aquilo com enorme cinismo. As meias palavras quase já não eram mais necessárias.

— Creio que estamos bem adiantados quanto a isso — garantiu Frederique.

Temos alguém de enorme talento.

— Temo termos um evento logo após a eleição.

Uma operação de bandeira falsa deve ocorrer em seguida à eleição.

— É o que todos nós tememos.

É o nosso objetivo.

Edmond respirou fundo e se afastou de Frederique.

Havia um sentimento de expectativa no ar. Aquela conversa também confirmava a nova posição de Frederique: bem no meio da tempestade que se aproximava.

Ele estava em êxtase.

- 37 -

Nissim atravessou a cozinha esforçando-se para aparentar naturalidade.

Tranqüilizou-se ao ver que todos ali o ignoraram, mas não reparou que, ao sair, o *chef* voltou a desconfiar da sua presença e deu um telefonema para um funcionário da segurança do hotel.

— Por favor, quer confirmar o número de convidados da sala lá de baixo? Tem uma pessoa indo embora antes dos outros… Talvez seja um segurança, mas é melhor vocês verificarem.

Nissim saiu do hotel sem ter a certeza de não ter despertado a atenção de ninguém. No íntimo, sabia que correra riscos malcalculados. A boca seca o lembrou do vinho. Aquele foi um erro. Primário. Era evidente que alguma câmera de vigilância o havia flagrado, no mínimo entrando na cozinha atrás do grupo de Frederique, mas estranhamente ninguém o havia parado para perguntas. Talvez aquele fosse um dia de sorte. Falhas em sistemas de segurança não eram tão incomuns assim. De qualquer forma, era melhor sair dali o quanto antes.

Na saída, pegou um folheto com a programação de eventos do dia, que estava em uma mesa de apoio do restaurante. Ficou curioso com um jantar de gala que seria oferecido por um conhecido banqueiro, e que ocorreria naquela noite. Aquela talvez fosse uma oportunidade valiosa, porque Frederique circulava freqüentemente entre banqueiros, e um jantar poderia revelar algo importante.

Enquanto caminhava para fora do hotel, sentiu uma irresponsável sensação de vitória. Só o fato de estar caminhando livremente, após sua imprudente incursão nas entranhas daquele hotel, era a prova de que sua paranóia quanto

a ser preso não se justificava. Havia claras recompensas ao se assumir riscos e Nissim sentiu-se surpreendentemente confiante com a própria ousadia.

Decidiu que iria testar novamente a sorte e voltar ao hotel mais tarde. Com outra roupa no corpo, e em outro turno de funcionários, talvez a sua invisibilidade pudesse se prolongar um pouco mais.

Enquanto esperava a noite chegar, Nissim caminhou por Jerusalém.

Sentiu-se sozinho. Uma enorme angústia, oriunda de outro problema que teria que resolver, o abateu: precisa ver a mulher pessoalmente, falar com ela e olhar para ela, e quem sabe ter uma idéia melhor de como as coisas entre eles realmente estavam.

Elana abriu parcialmente a porta do apartamento de uma amiga que morava em Jerusalém. Encontrou Nissim com um olhar que praticamente implorava por sua volta.

— O que está fazendo aqui?

— Quero que você volte para casa.

— Não percebeu que eu acabei de sair de lá?

— Eu te liguei… Deixei recados.

— Seus recados não operaram nenhum milagre, se é isso que quer saber.

Nissim tentou alcançar a mão de Elana, mas ela permaneceu defensivamente atrás da porta. Só o que ela oferecia era parte do rosto.

— Achei que você se precipitou ao sair de casa.

— Lamento… Isso é sinal de que… Nissim, você não está vendo as coisas como elas realmente são!

— Como as coisas são?

— Sua insistência em nada vai adiantar. Quero ficar em paz.

— Ok… Diga o que poderia adiantar?

— Não sei, apenas não é possível mudar o que estou sentindo neste momento.

— O que está sentindo neste momento?

— Que fui traída.

— Jamais faria isso com você!

— Mas você fez a sua escolha, não fez? O Instituto!

— Não diga isso…

— Ah, não? Tínhamos o nosso plano de vida juntos… Eu fiz a minha parte, por que você não fez a sua?

Nissim não tinha mesmo feito a parte dele. Havia virado um refém do trabalho, e essa era uma realidade inegável até mesmo para ele.

— Me dê uma chance… para concertar isso.

Elana permaneceu calada por um instante. O pedido era justo, mas o momento não era oportuno. Ela não tinha o que dizer.

Preferiu fechar a porta.

- 38 -

A entrada do hotel parecia um desfile de carros de luxo em meio a uma operação militar. Os seguranças estavam em todos os cantos, enquanto as PMIs, *pessoas muito importantes*, chegavam uma após a outra.

Nissim vestia um *black tie* que não lhe caia muito bem. Parecia velho.

Estava bebendo no *lobby bar* e observando as pessoas entrarem no hotel. Desde a manhã não havia tido mais contato visual com Frederique. A sua esperança era poder entrar na sala de evento onde aconteceria o tal jantar. Naquela hora, sentiu falta do seu amigo Doran, e até do rabugento Yakir, uma equipe sempre bem informada e com um plano a seguir. Sentia mesmo falta de trocar impressões com alguém, mas sabia que aquele seria um trabalho solitário e sem objetivos definidos. Nissim esperava que a bisbilhotice pudesse lhe inspirar o saber como agir, mas, à medida que a espera se prolongava, foi se sentindo cada vez mais como um araponga de segunda do que alguém acostumado com a eficiência do Instituto.

Em alguns momentos Nissim questionou sobre a validade daquele esforço. Novamente foi tomado por dúvidas: e se Krosner não gostasse daquela idéia? Já não bastasse o problema com Elana, ainda corria o risco de perder o emprego.

Nissim virou a sua bebida e buscou varrer aqueles pensamentos da cabeça.

Precisava encontrar Frederique e só então definir quais seriam seus próximos passos. Precisava saber o que o presidente do FED viera fazer em Israel e principalmente se ele tinha algo a ver com Frederique e seus planos de apoiar o candidato Zeev Sofer. Ainda assim, continuava sem saber o que faria com aquela possível informação caso viesse a confirmar todas as suas suspeitas, mas pelo menos manteria a cabeça ocupada.

Voltar para uma casa sem Elana era a pior parte do dia. Talvez ficasse zanzando por tempo indeterminado.

Frederique aproximou-se de um monitor de computador na sala de segurança do hotel. A imagem mostrava Nissim tomando seu drinque no *lobby bar*.

— É ele? — perguntou Frederique ao gerente do hotel.

— Creio que sim… Está com aparência bem diferente.

Frederique virou-se para o agente de segurança que operava o computador.

— Carregue a outra imagem, só para eu ter certeza.

A imagem do monitor dividiu-se em duas: a primeira com Nissim em tempo real tomando seu drinque, e a outra com Nissim na escada de serviço quando seguia Frederique, vestido à paisana, com os cabelos descuidados e a mochila nas costas. Era a cena captada pela câmera escondida no duto de ventilação que dava acesso ao subterrâneo do hotel. Ao comparar as duas imagens Frederique não teve mais dúvidas. Pegou um telefone e discou um número.

— Ele está aqui… Sim, agora! Descubra quem ele é!

Frederique desligou o telefone e fixou o olhar no monitor como um leão à espreita de uma presa.

Um agente de segurança vestido de garçom aproximou-se de Nissim e ofereceu mais um drinque. Novamente, Nissim estava mais relaxado do que gostaria. Eram dias difíceis.

— Cortesia, senhor.

Nissim entregou o copo vazio ao garçom e pegou o novo drinque.

Em uma mesa lateral da sala de segurança, o agente coletou as impressões digitais deixadas por Nissim no copo vazio que acabara de ser recolhido. Os dados foram transferidos rapidamente do aparelho de coleta para um notebook, e em pouco tempo surgiu na tela o nome completo de Nissim, seu endereço e um breve resumo de suas atribuições. Um nome saltou aos olhos do agente e de Frederique, que aproximou os olhos para ler direito: *Instituto para Inteligência e Operações Especiais*.

Frederique afastou o rosto do monitor. Estava intrigado.

— Mas que droga! O que é que o Mossad quer comigo?

— Não deve estar a trabalho — disse o agente de segurança do hotel. — O Mossad só atua fora do país.

— E por que diabos ele está aqui? Por prazer? Imprima isso… Cuido

dele depois.

O agente de segurança imprimiu o breve relatório sobre Nissim e o entregou a Frederique, que, virando-se para o gerente do hotel, procurou ser claro.

— Quero o intruso fora das dependências do hotel. Não quero nem ouvir falar de outra falha de segurança!

— Claro que não, Sr. Bonsignour.

O gerente virou-se para o agente de segurança:

— Você sabe o que deve fazer e como fazer. Então vá.

O agente de segurança caminhou até Nissim no *lobby bar*.

— Boa noite, senhor. Está aqui para o evento?

— Sim. Não vê?

Nissim apontou para o próprio traje. Foi patético.

— Entendo. Está com o convite?

Nissim simulou uma procura em todos os bolsos, mas obviamente não havia convite algum. O agente percebeu e não perdeu tempo.

— Sinto muito, mas terei que lhe pedir que se retire.

Nissim pensou em algo para dizer, mas não encontrou.

— Se importa se eu terminar o meu drinque antes?

O agente sorriu cinicamente.

— Sim, me importo. Não brincamos em serviço quando o assunto é segurança.

- 39 -

Na sala de eventos do hotel, encontravam-se reunidos a realeza do mundo financeiro, não mais do que duzentos e cinqüenta privilegiados participantes.

Um banqueiro rechonchudo falava em um pódio e, ao mesmo tempo, competia pela atenção de uma platéia desatenta e mais interessada em comer, beber e fofocar.

— Procuramos alertar quando o nível de valorização de ativos já estava bem razoável.

Como se alguém ali realmente se importasse com ele…

Aquela era, acima de tudo, a noite de uma única pessoa, o maior entre todos os banqueiros. Aquele pelo qual todos ali ansiavam escutar em breve.

Em uma das mesas, Frederique e Sadoc levantaram-se para cumprimentar o candidato a primeiro-ministro Zeev Sofer, que chegara estrategicamente atrasado e conseguira um bom número de olhares em sua direção.

— Candidato… — disse Frederique com uma reverência de cabeça.

— Por favor, sentem-se — sorriu Zeev.

Próximo ao pódio, o chanceler de Exchequer e seu *staff* acompanhavam o discurso daquele banqueiro sem importância com uma serenidade pesada e protocolar.

— Mesmo que os fundamentos ainda estejam relativamente sólidos… — falava o banqueiro.

Em outra mesa, Edmond Roth e sua mais que secretária Melissa olhavam em direção ao palestrante, mas arriscavam um ou outro toque de mãos embaixo da mesa. A brincadeira ajudava a fazer passar o tempo até que chegasse a vez daquele que todos aguardavam falar.

— Recomendo que mantenham um portfólio diversificado — prosseguia o banqueiro, como se alguém ali já não soubesse desde sempre que se deve manter um portfólio diversificado não importa em que situação. Chato demais.

Em outra mesa, outro candidato a primeiro-ministro, o sorridente Jaron, e seu *staff*, acompanhavam o banqueiro sem importância falar. Só mesmo um político para manter um sorriso no rosto diante de um discurso tão maçante.

— Como um colchão de proteção contra as volatilidades de mercado esperada para os próximos anos. — concluiu o banqueiro.

Outra mesa. Mais um candidato a primeiro-ministro, Reuven, e seu *staff*. O mesmo sorriso, a mesma serenidade fabricada.

A verdade é que estavam todos lá porque eles obrigatoriamente fariam parte do plano traçado pelo líder de todos eles, que falaria em instantes.

Então, a expressão corporal do banqueiro sem importância mudou no pódio. Com total cuidado, virou-se para uma mesa central. Ali estava sentado o jovem Leon Bernstein, aquele que Edmond Roth explicara para Melissa tratar-se de um “rei”.

Leon, que não devia ter mais de trinta anos, estava acompanhado de seis belas mulheres e parecia estar se divertindo bastante. Ria e revezava discretas carícias entre as meninas.

Leon sabia que o mundo era dele, de certa forma. A noite era, com certeza.

— É meu privilégio pedir ao honorável Lord Bernstein que venha até a tribuna! — disse o banqueiro sem importância, finalmente se retirando, para

alívio geral dos convidados.

Leon beijou o rosto da garota ao lado dele na mesa e seguiu em direção à tribuna.

Na mesa de Edmond Roth, Melissa aproximou-se de seu ouvido.

— Olhe só para Leon… Um dia era a ovelha negra da família, agora está a caminho de se tornar o mais rico Bernstein em quatrocentos anos — sussurrou ela.

Leon, que tinha provavelmente metade da idade média dos convidados ali presentes, subiu à tribuna e esperou o seu momento. Era saboroso para ele ver como as pessoas o reverenciavam. O fato é que ali estava não só alguém que detinha a maior fortuna jamais acumulada por uma família, mas alguém com uma influência inimaginável sobre a maioria dos bancos centrais de todo o planeta.

Uma das coisas mais divertidas para Leon era ler de vez em quando o *ranking* das maiores fortunas, publicado por revistas especializadas.

Era divertido porque o *ranking* era grosseiramente impreciso.

Era divertido porque boa parte das pessoas do *ranking* era como pavões sedentos por atenção, algo que Leon não desejava ter além de seus interesses específicos.

Era divertido porque ele, Leon, possuía, espalhado em milhares de *trusts* e empresas *off shore*, um número dezenas de vezes superior ao líder da vez do equivocado *ranking* de fortunas. Em termos de patamares de opulência, o que se sabia no mundo era que as pessoas mais ricas possuíam fortunas acumuladas na casa das dezenas de bilhões de dólares, mas Leon e sua família estavam na espantosa e impensável casa dos trilhões!

Quem era do ramo sabia bem: Leon e sua família eram o próprio dinheiro.

Não precisavam de publicidade alguma, muito menos a publicidade das empresas de capital aberto e suas obrigações de transparência. No ramo dos Bernstein, que incluía a participação em boa parte da mídia ocidental, finanças, empresas bélicas, indústrias de tecnologia, alimentos, petróleo e minérios, não havia o menor interesse por cristalinidade. Os seus *trusts* e empresas *off shore* cumpriam perfeitamente a função de lhes proteger dos olhos indesejáveis de inimigos, geralmente governantes não-alinhados e “buscadores da verdade”.

> Para aqueles que endeusavam os ricos, ele era como uma pessoa sagrada.
>
> Leon abandonou o sorriso de canto de boca.

— Mudanças… — começou ele, dramaticamente. — Mudanças não são simplesmente atos divinos.

Leon sabia ser calculista, e imprimia uma presença poderosa. Um silêncio impressionante tomou conta do local.

— Mudanças exigem que nós mesmos intervenhamos. Portanto, somos *nós* quem efetivamente trazemos as mudanças.

Um rápido giro pelas mesas revelaria o magnetismo incomum do jovem Leon. Observar pessoas como o influente presidente do FED, o importantíssimo chanceler de Exchequer, o maior negociante de armas do mundo e o misterioso Sadoc repousando seus talheres e copos na mesa, em sinal de reverência explícita, era algo fora do comum. E para quem imaginasse que aquela sala de eventos já estivesse em completo silêncio, se surpreenderia em ver que era possível ir ainda mais longe: não se ouvia nem uma tosse, nem uma respiração. O que estava acontecendo ali era uma demonstração de deferência total a Leon. Possivelmente até de medo.

— Temos uma tradição em minha família que teve início há centenas de anos: onde quer que uma mudança esteja em curso, nós somos os primeiros a enxergá-la e a financiá-la.

Leon não estava exagerando.

— Qualquer novo líder que seja realmente preparado sabe que, sem garantias de financiamento abundante e constante, não há mudanças. E se existe alguém que tenha esse *know-how* tão particular em fazer essas mudanças acontecerem como nenhuma outra casa no mundo, esse alguém somos nós.

A platéia estava mais que quieta, estava praticamente de luto. A realidade é que a família de Leon havia financiado indústrias com participação em quase todas as guerras que o mundo conhecera nos últimos séculos.

— Francamente, não há mudança relevante na história recente que não tenha tido a nossa visão e o nosso empenho. Às vezes, essas mudanças vêm na forma de conflitos armados. Sabemos que a preparação para esses conflitos, por menores que sejam, levam no mínimo muitos anos e muitos recursos. Um pouco mais do que o banquete desta noite levou para ser preparado.

Leon sorriu, e fez seus convidados sorrirem.

— Infelizmente, conflitos são um componente da realidade de que não podemos fugir. De fato, desconheço algo que seja mais efetivo nos processos de mudanças do que as guerras, porque é nos momentos mais caóticos que

novas lideranças emergem. Nessas horas, quando pessoas e países estão mais vulneráveis e necessitados de ajuda, podemos agir com um índice de sucesso fabuloso. As idéias novas simplesmente… avançam.

Alguns convidados estavam agora boquiabertos. Leon falava de uma forma diferente de seus antepassados. Uma forma aberta, quase sem preocupações.

— E não se trata aqui de fazer uso de métodos drásticos pelo simples motivo de poder fazê-lo. É uma questão de sobrevivência. Cabe a nós moldarmos a sociedade que desejamos ter, caso contrário, alguém irá fazer isso em nosso lugar, e não queremos nos tornar servidores de ninguém. Deixem que os outros nos sirvam.

Frederique e Sadoc trocaram um olhar. Estavam certos de que fariam parte importante nas mudanças que estavam em curso.

— Em um momento no qual novamente nos encontramos diante da necessidade de mudanças, convido nossos associados do mundo inteiro para nos ajudarem a honrar as tradições da minha família.

Um *maître* levou uma taça de champagne para Leon. O roteiro havia sido perfeitamente ensaiado. Leon ergueu a taça, e todos seguiram o gesto em sincronia quase irritantemente fascista.

— É chegada a minha hora de ser o maestro dessa nova ordem mundial.

Leon fez uma pausa, tomou um gole de champagne e devolveu a taça ao *maître*, que se retirou.

Depois, respirou profundamente e abriu os braços a seus súditos.

— As mudanças começarão bem aqui nesta terra abençoada.

Aquela revelação era nova para a maioria dos ali presentes, por isso houve certa comoção entre eles. Seria Israel mais importante geopoliticamente que os Estados Unidos ou a Europa?

— Afinal, que outro lugar no mundo além de Jerusalém reúne as melhores condições para ser a capital deste novo mundo que se aproxima?

Naquele instante, Leon concedeu um privilégio que muitos adorariam ter: olhou para a mesa onde estava Sadoc e Frederique. Um olhar que elevaria o status dos dois para sempre.

— Por que não reconstruir o templo que fora destruído? Assim foi escrito, não foi? Agradeço a todos por terem vindo.

Conforme mandava o roteiro, Leon recebeu aplausos ensurdecedores.

Nissim desceu do carro e caminhou em direção à entrada de um pacato bar de Tel Aviv. Não viu quando uma motocicleta estacionou próximo dali, e quando o motociclista desceu e caminhou em direção a seu carro.

Assim que Nissim desapareceu bar adentro, o motociclista aproximou-se do carro e o arrombou silenciosamente, sem perder tempo em tirar as luvas ou mesmo o capacete. Calmamente, sentou-se no lado do passageiro e colocou um envelope no porta-luvas.

Saiu em seguida sem deixar vestígios.

No bar, havia um público da classe trabalhadora. Aquele não era um lugar da moda. Era um bar para se beber.

Nissim foi ao encontro de um *barman*.

— Olá… Você é o Ron?

— Sim. Posso te ajudar?

Nissim entregou um bilhete para Ron, que, após o ler, o perscrutou de cima abaixo. Sem tirar os olhos de Nissim, discou um número de telefone.

— Nissim Heyman está aqui.

Ron desligou o telefone logo em seguida e apontou para uma direção.

— Vá até o fundo. Saia por aquela porta de madeira… Lá fora há outra porta com uma lâmpada sobre o batente. Siga por ela.

— Obrigado.

Nissim atravessou o bar e saiu pela porta de madeira.

Entrara em uma área de serviço que era compartilhada por outros bares e restaurantes, onde havia um movimento relativamente intenso de funcionários. Nissim encontrou a única porta com uma lâmpada sobre o batente e aproximou-se. Pensou em bater, mas tentou antes abri-la diretamente.

A porta se abriu.

Havia uma escada diretamente atrás da porta e Nissim subiu por ela…

No topo havia uma grade de metal que lembrava uma jaula de animal. Estava guardada por um agente de segurança à paisana que carregava no ombro uma submetralhadora Uzi.

O agente já devia estar esperando por Nissim. Não fez pergunta alguma e nem mesmo o revistou, logo abrindo a “jaula.”

Assim que entrou, Nissim encontrou outro bar, dessa vez repleto de agentes de Inteligência. O local era um tipo de reduto informal do Mossad e de seus parceiros. Enquanto caminhava, passou os olhos nas paredes repletas

de fotografias. Um pouco da glória do Mossad estava exposta ali, uma espécie de colagem com as conquistas mais expressivas do Instituto.

Ali estavam os judeus negros da Etiópia, conhecidos como *falashas*, trazidos para Israel durante a Operação Moisés. Acreditava-se que aqueles judeus negros eram descendentes diretos das dez tribos perdidas, que foram exiladas durante a Era do Primeiro Templo, há mais ou menos dois mil e quinhentos anos, com seus ancestrais tendo origem na época do rei Salomão. Quando o estudioso judeu Joseph Halevy foi conhecer aquela tribo de etíopes, foi recebido com espanto por eles. Como viveram isolados dos ocidentais até o século 19, tiveram dificuldades para entender que pudesse existir judeus que não tivessem a pele escura como a deles!

Em outra parede, fotos de antigos membros da Sayeret Matkal, a unidade de elite das forças especiais de Israel que participaram de outra famosa missão, a Operação Entebbe, considerada uma das missões de resgate mais bem-sucedidas da história, quando um grupo de terroristas, alemães e palestinos, seqüestraram um avião da Air France e o desviram para o aeroporto de Entebbe, em Uganda.

Em meio àquelas e outras fotos de genuínos heróis nacionais, Nissim sentiu-se um pouco fora do seu ambiente, de certa forma até inferiorizado, como se não tivesse qualidade suficiente para estar naquele recinto. Por outro lado, se Krosner o havia chamado até ali, talvez fosse porque havia chegado a sua hora de ser aceito como um agente efetivo.

Quando viu Krosner caminhando em sua direção, sentiu-se mais à vontade.

— Vou pegar uns drinques para nós… Sente-se naquela mesa.

Krosner deu uns tapinhas no ombro de Nissim e continuou até o balcão do bar.

Nissim sentou-se à mesa onde estava Krosner.

Havia algumas canecas de cerveja vazias, o que o fez pensar que um momento como aquele era algo quase impossível de se repetir: estar a sós com o diretor Krosner, sem a formalidade do Instituto, era uma oportunidade de ouro.

Enquanto Krosner trazia as bebidas, Nissim reparou na parede ao lado da mesa, coberta de emblemas. Lá estavam os símbolos da KGB; da CIA, que se auto-intitulava como “a companhia”; do MI6, que se denominava de “a firma”; o MI5; e, é claro, o “Instituto”, ou simplesmente, Mossad.

Krosner sentou-se trazendo consigo duas cervejas. Notou que Nissim

estava particularmente curioso com o emblema do MI5, o serviço secreto britânico.

— Por que o símbolo do MI5 britânico é o mesmo encontrado na nota do dólar americano e na Suprema Corte de Israel? O que eles todos têm em comum?

— Esse emblema do MI5 já mudou… Aquele ali é o atual.

Krosner apontou para outro emblema do MI5 e ergueu sua caneca de cerveja.

— Ao seu pai.

Brindaram. Krosner escapara habilmente da pergunta.

— Pensei que o nosso querido Instituto fosse a única agência a ter mudado seu lema. O que aconteceu com o *com a mentira faremos a guerra?* — provocou Nissim.

— *Sem uma boa orientação uma nação cai, mas muitos conselheiros tornam a vitória certa.* — devolveu Krosner. — É o único lema com que estou familiarizado.

Nissim sorriu meio torto e olhou ao redor.

— Obrigado por me deixar entrar no seu clube de valentões.

— Você é de casa, Nissim.

Nissim sabia que Krosner estava sendo amistoso, mas estava ansioso para confirmar as suas expectativas sobre uma eventual promoção.

Decidiu cutucar Krosner.

— Você não faz idéia de como eu realmente gostaria de fazer parte disto… Parte do Mossad. Você sabe melhor do que ninguém que é muito mais fácil mudar as coisas quando se está do lado de dentro.

Krosner o olhou diretamente nos olhos.

— Nissim, seu perfil tem falhas que nós não podemos admitir. Sinto muito por isso. Garanto que está sendo muito bem aproveitado com as qualidades que tem.

Nissim deu um longo gole em sua cerveja e procurou digerir a sinceridade de Krosner. Com uma só frase, o diretor de Inteligência acabara de enterrar todas as suas ambições profissionais. Então, não fora por causa de uma eventual promoção que Krosner o havia convidado para aquela rara cerveja.

Nissim não esmoreceu. Tinha coisas importantes para falar.

— Se esse candidato, Zeev Sofer, ganhar a eleição…

— Vai querer lutar com todos os nossos vizinhos, simultaneamente, por muitos anos, até conseguir mudar o mapa do Oriente Médio — interrompeu

Krosner, deixando claro que sabia o que Nissim pensava.

— Exato! Por favor, diga que pelo menos vai tentar fazer algo a respeito…

— Já te disse antes que não confio em pessoas que acreditam em buscar o fim dos tempos. Lembro também que pedi para você confiar em mim.

Nissim não compreendia tamanha serenidade em Krosner, afinal, estavam usando termos pesados, como “o fim dos tempos”, e falando de pessoas com motivação e meios para fazer as coisas realmente darem errado.

Krosner percebeu a angústia de Nissim.

— Está interessado em um pouco de conversa de bar?

Nissim deu de ombros. *Qualquer coisa, Krosner*.

Krosner virou sua caneca de cerveja lentamente, até o final. Aparentava não estar com pressa. Só então voltou a olhar para Nissim.

— Ainda hoje, Nissim — Krosner fez uma pausa cautelosa — existe gente apaixonada pela idéia de que deve haver menos pessoas vivendo neste mundo. Para eles, quanto menos pessoas, melhor. É um conceito antigo, mas que ainda está vivíssimo.

— Está falando do Holocausto judaico?

— Não especificamente, mas como parte do conceito sim. Nossos 6 milhões e outras 180 milhões de pessoas mortas por governos apenas no século passado. Mas não é só isso.

Krosner ficou alguns segundos em silêncio, buscando as palavras certas.

— Estou falando de duas armas poderosas.

Mais uma pausa. Estava difícil de dizer.

— Estou falando da fome… e das doenças. Ambas remediáveis desde que assim desejassem os nossos donos.

Donos?

Nissim notou o semblante sombrio que Krosner exibia.

— Pessoas que possuem uma desconsideração proposital pela vida de outros grupos… Há até mesmo um número que ronda por aí: dizem que um planeta com apenas um bilhão de pessoas seria desejável.

Nissim deixou-se recostar na cadeira. Jamais esperaria uma declaração daquelas vinda de Krosner. Afinal, o homem não era de falar. O homem era o diretor de Inteligência de uma das mais respeitadas agências do mundo.

— Soa quase inacreditável que isso seja possível.

— Exatamente por isso funciona, Nissim… Porque soa inacreditável!

— É… Eu não consigo mesmo acreditar — repetiu Nissim transtornado.

— Sei como se sente… Mas a verdade é que as vítimas jamais são

avisadas com antecedência sobre o que é tramado contra elas. É a regra número um.

— É suja!

Krosner concordou com a cabeça.

— Israel está rodeado por nações ricas em petróleo e outros recursos, sem contar o número de religiões que povoa esta região. O mínimo que se pode afirmar é que estamos em um local absolutamente estratégico.

— É quase inacreditável a importância desta terra — concordou Nissim, atento.

— É verdade… Por isso um governo mundial tendo Jerusalém como capital faz todo o sentido para essas pessoas. Com as armas e as tecnologias que existem hoje, é mais uma questão de vontade do que de possibilidade. Os cenários estão convergindo para uma mudança radical na geografia de controle do mundo.

— Acha que seriam capazes de tudo?

Krosner sorriu tristemente.

— Nissim… É perturbador admitir isso, mas nunca uma arma que fora inventada deixou de ser usada. Mais dia ou menos dia ela cumpre a sua finalidade.

Nissim ainda não conseguia calcular a dimensão da revelação de Krosner. Sentia uma urgência infantil em fazer algo.

— Uma guerra injustificada está sendo planeja aqui e agora, Krosner. Sabemos quem são esses caras. Deve haver algo que possa ser feito!

Krosner parecia concordar com Nissim, mas não manifestava qualquer iniciativa prática para impedir aquilo.

Olhou para Nissim enquanto se levantava.

— Nossos controladores não sabem o que é prosperidade sem guerra.

Subitamente, a conversa estava encerrada. Krosner levantou-se e Nissim o acompanhou até a saída.

Quando alcançaram a grade de entrada, Krosner falou próximo ao rosto de Nissim.

— Você foi visto naquele hotel.

Nissim ficou pálido.

— Desculpe… Não quis lhe causar nenhum constrangimento.

— O que tinha em mente, Nissim?!

— Queria fazer alguma coisa… Foi um impulso!

— O constrangimento que você me causou é o menor dos seus problemas

agora. Aos olhos deles, você é um espião. Será tratado como um.

— Isso é ridículo, posso provar que não sou!

Krosner pegou no braço de Nissim e o puxou para um canto. Apesar da idade, era um homem forte e resoluto.

— É mesmo? Fico tentando imaginar de que forma você vai conseguir provar isso. Pense comigo, porque é assim que eles irão pensar: você é um prestador de serviços cadastrado no Mossad, pego em flagrante seguindo algumas pessoas bem influentes, em pleno território israelense. Em linguagem de espião, essa é uma mensagem bem clara.

— Clara? Como assim? Com certeza você pode esclarecer isso com eles, não pode?!

Nissim baixou os olhos e tentou raciocinar. O fato é que estava confuso com o que Krosner estava lhe dizendo.

— Nissim, você não pertence ao Mossad, apenas nos presta serviço em caráter excepcional e de *confiança*. Eu abri uma exceção em nome de minha amizade e da minha história com seu pai, mas a realidade é que espiões não andam de carteirinha por aí para que os outros possam identificar quem são ou deixam de ser.

— Certo… Mas o que está me dizendo?

— Que a percepção neste caso é mais importante que a realidade.

— Tenho certeza que isso pode ser explicado de alguma forma — insistiu Nissim, sem muita convicção.

— Pode mesmo? Por que um agente israelense, ou alguém que tenha no mínimo vínculos com o Mossad, estaria interessado em seguir um candidato a primeiro-ministro do seu próprio país, a não ser que estivesse fazendo isso em nome de outro país?!

A ficha finalmente caía para Nissim.

— Você pode *facilmente* ser considerado um traidor! — esclareceu o diretor.

Krosner apoiou a mão sobre o ombro de Nissim e se aproximou ainda mais. Nissim estava paralisado com o tom de Krosner.

— Você mexeu em uma colméia de abelhas sem saber… Pode levar uma ferroada muito feia, compreende? Agora tem inimigos, pessoas das mais altas esferas de influência, e que têm muito a perder.

— Compreendo…

— Recomendo que você fique longe… O inimigo não poderá te pegar se você não estiver por perto.

Nissim estava estático.

— Para não haver dúvida — disse Krosner em tom assustadoramente baixo —, eu arrumei uma viagem ao Brasil. Não é um país formalmente "não-alinhado" e tem a reputação de ser amistoso com estrangeiros. Você vai se perder por lá, e vai ficar perdido por um tempo muito longo… Talvez por uma vida inteira.

Por uma vida inteira?

Nissim concordou com a cabeça, e já formulava perguntas, mas Krosner não deixou que falasse.

— Não pense. Vá!

— Está bem… Obrigado… Desculpe por…

— Olhe no porta-luvas do seu carro.

Krosner acenou para o agente de segurança que controlava a grade. O agente abriu o portão e Nissim saiu, completamente atordoado com o que acabara de ouvir. Tinha ido até lá com a esperança de se tornar um deles, mas saía como um espião em fuga. Além de não ser um espião, agora sabia, nunca se tornaria um agente efetivo. Estava desapontado e chocado com o rumo das coisas.

Nissim desceu a escada, ofegante. Passou pela área de serviço tendo na cabeça as palavras de Krosner ainda reverberando. A impressão que tinha era de que aquilo estava acontecendo com outra pessoa, não com ele.

Atravessou o bar principal por onde chegara, sem olhar para as pessoas. Alcançou a rua e foi em direção ao carro.

Assim que entrou abriu o porta-luvas, conforme Krosner o havia instruído. Encontrou uma passagem para o Brasil, só de ida, e um passaporte falso. Quando tocou no passaporte e na passagem de avião sentiu a gravidade da situação e uma súbita corrente de calor percorreu o corpo. Em seguida, o coração acelerou, a respiração tornou-se mais intensa… a boca secou.

Estava naquele exato instante começando a pagar por um impulso mal pensado, um julgamento equivocado. Agora tinha certeza de ter cometido uma estupidez. Jamais deveria ter seguido Frederique sem consultar seus colegas no Instituto.

O pior era que Nissim teve que dar razão a Krosner: tinha falhas que não poderiam ser admitidas em nenhuma equipe do Mossad.

Ligou o carro e partiu pelas ruas de Tel Aviv. Foi devagar, atônito.

Não percebeu a presença de dois motociclistas que o seguiam.

- 41 -

Nissim abriu a porta de seu apartamento e acendeu as luzes.

Nada indicava o contrário, mas Nissim olhou para o apartamento com certa preocupação. No fundo, acreditava que Krosner não permitiria que lhe fizessem algum mal, não só pela posição de poder que detinha dentro da agência, como também por conhecer a verdade sobre Nissim, que não era espião coisíssima nenhuma.

Possivelmente, àquela altura, Krosner já tivesse negociado com Frederique ou algum representante dele, caso contrário, como ele poderia ter descoberto que Nissim estivera naquele hotel?

Era isso. Krosner o salvara de um problema ainda pior, e Nissim estava decidido a seguir à risca as instruções que recebera. Iria cair fora dali o quanto antes e depois pensar o que fazer pelo resto da vida.

Por via das dúvidas, Nissim caminhou em direção ao pequeno terraço onde pôde verificar a rua. Não associou a chegada de duas motocicletas e de um carro, que acabavam de estacionar próximo ao prédio, como algo que tivesse a ver com ele. Espiões não chegavam atrasados. Chegavam na frente. Surpreendiam.

Como não achou nada de suspeito, retornou para o apartamento.

Nissim foi até a cozinha e se serviu de água. Quando acabou de virar um copo, ouviu alguém bater em sua porta e sentiu um mal-estar imediato…

Não havia porque alguém bater à sua porta àquela hora. Pensou nos amigos, mas nenhum deles viria sem telefonar antes. O contato com vizinhos era o mínimo possível, e nunca antes algum deles havia batido em sua porta. Também não poderia ser ninguém do Instituto porque eles também sempre telefonavam antes. Aparecer em sua porta sem mais nem menos seria algo muito incomum, para não dizer impossível.

Então, lembrou da única pessoa que poderia lhe procurar sem avisar com antecedência: Elana.

O mal-estar deu lugar a uma revigorante sensação de esperança.

Nissim correu até a porta do apartamento. Arrependeu-se por não ter instalado um olho mágico, algo que Elana lhe lembrava constantemente de fazer, mas ele estava sempre ocupado ou com algo mais importante para pensar.

Virou a chave principal da porta. Seu coração disparou…

Considerou que talvez não fizesse sentido Elana voltar ao apartamento

deles àquela hora da noite apenas para bater um papo. Se ela estava ali… era porque decidira voltar para casa!

Nissim abriu uma segunda trava da porta e levou a mão até a maçaneta.

Tudo o que Nissim mais precisava naquele instante era ver o sorriso de Elana. Pensou que valeu a pena ter respeitado o tempo que ela lhe pedira. Felicitou-se por isso. Soubera esperar e agora teria a sua recompensa.

Então, ouviu um estrondo… E tudo ficou escuro!

Quando Nissim abriu os olhos momentos depois notou que havia perdido completamente a noção do tempo e do espaço.

Pendeu a cabeça para o lado… Havia uma poça de sangue… Sentiu uma forte latejada no nariz. Raciocinou que aquele sangue todo talvez tivesse algo a ver com a dor que sentia no nariz, que talvez estivesse fraturado. Virou a cabeça para o outro lado, repelido pela imagem do próprio sangue, e não entendeu o que é que a porta do apartamento estava fazendo tombada ao seu lado.

Seus olhos lacrimejavam de dor. Mesmo assim, conseguiu erguê-los até uma pessoa que estava de pé próximo a ele. Lembrou-se rapidamente que já havia visto aquela pessoa antes: era Frederique.

Assim que o reconheceu, sentiu a tensão fazer o seu rosto palpitar como se estivesse recebendo golpes de um martelo… Ao lado de Frederique havia dois motociclistas, seus seguranças.

Agora tudo começava a fazer sentido. Eles haviam arrombado a porta sobre ele. Com toda certeza, Krosner não estava exagerando quando o instruíra a fugir de Israel, e compreendeu que não havia, e nem haveria, acordo algum. E que nem mesmo Krosner poderia lhe proteger daquela gente.

Frederique agachou-se próximo a Nissim.

— Posso entrar?

Nissim não sabia como responder. Arqueou a cabeça para trás e viu quando os seguranças pegaram um porta-retratos de sua mulher.

— Você estava me seguindo no hotel…

Nissim tentou focar em Frederique, mas os seguranças vasculhando seu apartamento pareciam mais ameaçadores que o sofisticado mercador de armas ao seu lado.

— Veja… eu trabalho com Zeev Sofer, o candidato que provavelmente vencerá a próxima eleição a primeiro-ministro.

Nissim voltou a olhar para Frederique, que explicava.

— Preocupa-me o fato de talvez existir algo que você queira com Zeev.

Nissim usou a língua para fazer uma rápida checagem no interior de sua boca. Aparentemente todos os seus dentes estavam no lugar.

— Vá se danar — disse Nissim, mais fruto da dor insuportável do que propriamente ousadia.

— Seu nariz está bem feio… Quer que eu pegue um pouco de gelo para você?

— Você… me faria essa gentileza? — perguntou Nissim com voz de dor.

— Acho que não.

— Então o que você quer?

— Essa era exatamente a minha próxima pergunta. O que *você* quer conosco, valentão?

Nissim balançou a cabeça e levou as mãos ao rosto.

Ainda mal conseguia falar. Frederique percebeu e deu um tempo até que Nissim se recuperasse, e se levantou para acompanhar seus capangas enquanto vasculhavam o apartamento. Foram jogando no chão tudo o que encontravam pela frente e, depois de dois ou três minutos, o apartamento estava destruído.

— Muito bem. Você que é um agente traidor do Mossad trabalhando para outros países, deve conhecer bem a realidade da vida… Não vou fingir que você está lidando com pessoas que te querem bem.

Nissim fez sinal com a mão pedindo uma oportunidade para falar, mas Frederique foi em frente.

— Vou te dar até amanhã para mudar de idéia e nos contar o que tem em mente. Caso escolha o silêncio, a garota do porta-retratos irá pagar primeiro.

— Deixe ela fora disso!

— E então, após ela pagar, possivelmente com a vida, farei com que *você* me pague.

— Espere um pouco. Eu tenho…

— Mas se eu tiver que passar por todo esse trabalho, farei com que você me pague com muita dor antes de te mandar pro inferno.

Frederique chamou seus homens e eles foram embora com a mesma rapidez que chagaram.

Nissim permaneceu prostrado no chão.

Olhou a desorganização do apartamento e perdeu as forças de se levantar. Aquela bagunça era mais ou menos um retrato de como a sua vida se tornara nos últimos dias desde que se interessara por Frederique e seu grupo. Por ele,

ficaria ali largado no chão indefinidamente. Tudo o que desejava era poder fazer alguma coisa boa na vida e ajudar seu país, mas era óbvio que o país tinha coisas mais importantes parar fazer e não dava a mínima para as boas intenções dele.

Sentiu-se cada vez mais um completo idiota, desses que poderiam com tranqüilidade fazer parte do rol dos fracassados na vida. E enquanto sua cabeça pulsava com as conclusões que ia tirando, pensou em Elana. Sempre ela.

E por ela… se levantou.

- 42 -

Seu nariz ainda sangrava.

Nissim precisou caminhar alguns quarteirões até se sentir seguro de que não estava sendo seguido, mas era impossível saber ao certo. Nenhum pensamento o fazia relaxar. A situação era de vida ou morte, e envolvia a vida, ou a morte, de outra pessoa além da sua própria. Isso era o que mais lhe aterrorizava.

Entrou em uma cabine telefônica sem olhar para trás e discou um número.

— Alô? — atendeu Elana.

— Graças a Deus você está aí! — explodiu Nissim, com uma voz que quase arrebentou em choro. Controlou-se por muito pouco.

— Nissim… Acho que nenhum de nós dois precisa ser dramático.

— Você sempre esteve certa!

— Ainda é cedo para conversar… Pensei que você havia compreendido… Preciso de mais tempo.

— Estou com problemas!

— Que novidade. Faz tempo que…

— Não, não! Escute… Você precisa me escutar com toda a atenção. Pode fazer isso por um momento?

— Por quê?

— Porque você está em perigo.

— Nissim, não sei o que está acontecendo, mas não estou de bom humor hoje.

— Você precisa sumir. Pra valer!

— Deve estar brincando.

— Não estou brincando! — gritou Nissim.

— Mas acabei de arrumar um emprego!

— Lamento. Lamento muito…

— Você lamenta?!

— Elana, veja se não há ninguém suspeito fora do prédio. Veja imediatamente. Por favor!

Elana suspirou ao telefone.

— E o que faz de alguém *um suspeito*?

— Não sei, droga! Alguém com cara de suspeito… Alguma peça que esteja fora do lugar quando você olha a paisagem da sua janela… Procure por qualquer coisa incomum, qualquer pessoa que não tenha que estar por aí perto.

Nissim não tinha como explicar mais. Elana ficou muda por um bom tempo.

— É assim que pretende colocar as coisas no lugar?

— Não é assim… Mas que inferno! — Nissim terminou a frase com um gemido de dor.

— Você está bem?

— O que você acha?!

— Está machucado?

O tom de preocupação na voz de Elana foi a melhor coisa que Nissim poderia ter ouvido. Ela ainda se importava.

— Apenas se cuide e leve muito a sério o que acabei de lhe dizer. Falo com você depois.

— Vou me esconder, Nissim… Não se preocupe.

Nissim fez uma breve pausa. Não queria deixar dúvidas para Elana. Seu alerta deveria ser inteiramente compreendido.

— Elana, meu amor, não pedi pra você apenas se esconder. Você precisa fazer exatamente o que eu te pedi… E o que eu te pedi foi para sumir do mapa! Você precisa sumir até que eu lhe diga que pode voltar a aparecer!

Nissim desligou o telefone.

Elana conhecia bem o caráter de Nissim e sabia que ele jamais pediria algo de natureza tão urgente a não ser que fosse necessário. Foi assim que se viu diante do closet mexendo as pernas sem parar, apavorada e pensando na melhor maneira de abandonar o emprego, a casa e a vida pacata que ia vivendo após a separação.

Você precisa sumir. Como assim sumir?

Olhou para o chão do armário e viu sua maleta de maquiagem jogada entre os sapatos. Talvez ali estivesse a sua saída.

Abriu o armário oposto, onde estavam guardadas as roupas da amiga que emprestara o apartamento. Quando viu o traje escuro típico dos judeus ortodoxos que pertencera ao falecido pai da amiga, teve uma idéia.

Talvez a profissão que escolhera pudesse lhe salvar a vida pelo menos uma vez.

- 43 -

O bairro de Mea She'arim, onde ficava o prédio de apartamentos que Elana estava usando, era um dos bairros mais antigos de Jerusalém. Dava a impressão de que ali o tempo não havia passado. Era habitado predominantemente por religiosos ortodoxos que estavam por todos os lados onde se olhasse nas ruas da região.

Do lado de fora do prédio, havia dois homens de Frederique que faziam questão de se mostrarem presentes. Eram óbvios, parte do processo de pressão psicológica que Nissim e Elana estavam sofrendo. Os homens de Frederique estavam ali para serem vistos. Elana já havia os observado pela janela uma meia dúzia de vezes, até que se convencera de que Nissim não havia exagerado no pedido de urgência

Quando Elana desceu para o térreo, vestida como um frágil ortodoxo de idade avançada, aguardou nervosa pelo momento certo de deixar o prédio. Como havia identificado os dois suspeitos pela janela, teve tempo de pensar em um plano simples, mas que não poderia falhar. Iria esperar algum religioso passar na frente do prédio, caminhar determinada na direção dele e cumprimentá-lo enquanto saísse.

Simples, mas arriscado. O problema era simular a voz, o que a fez optar por uma técnica um pouco drástica: iria simular uma crise de tosse no momento do cumprimento e seguir em frente. Deveria ser uma tosse do tipo asmática: seca e persistente. As mãos, devidamente envelhecidas pela maquiagem, é que fariam o cumprimento propriamente dito.

Enquanto observava os dois suspeitos do outro lado da rua, Elana simulava a leitura de uma Torá, o Antigo Testamento. Os dois capangas haviam visto tantos religiosos vestidos igual a ela nas últimas horas que talvez nem fosse necessário todo aquele planejamento. Talvez o melhor a fazer fosse

simplesmente sair do prédio e ir embora.

Mas poderia dar errado.

Elana divagava sobre as suas chances quando viu que duas mulheres de formas voluptuosas caminhavam na calçada em frente aos homens de Frederique e que eles já haviam reparado nelas. Com toda certeza, eram duas turistas desavisadas, uma vez que nenhuma habitante daquele lugar andaria com as pernas de fora. Seriam reprimidas pelos religiosos pela falta de compostura, era uma questão de tempo.

Elana não teve mais dúvidas, seria naquela hora ou nunca.

Respirou fundo e esperou até que as duas moças ficassem bem na frente dos capangas. Então, partiu em direção à rua! Os poucos segundos do trajeto pareceram não ter fim… De repente, se viu fora do prédio e caminhando sem obstáculos. Quando se deu conta, percebeu que estava sem respirar fazia quase meio minuto, tempo que foi suficiente para ela dobrar a esquina e sumir de vista… Foi quando finalmente respirou, e olhou para trás.

Ninguém a estava seguindo, mas, mesmo assim, ela acelerou o passo e fez sinal para um táxi. Ao entrar, sinalizou para o motorista seguir adiante. Precisava respirar um pouco mais antes de conseguir pensar no próximo passo de seu processo de sumiço.

- 44 -

Agora era Nissim quem estava diante do closet, olhando quase hipnotizado para a camisa que pertencera a seu pai, e que ficara para sempre manchada com o sangue do velho árabe assassinado anos antes pelos dois amigos do kibutz.

A camisa era um pedaço de sua história, uma marca da sua amada terra. O sangue que ainda a estampava representava o veneno que muitos dos viciados em “verdades” gostavam de beber e de oferecer aos outros. Esses viciados em confusões eram os fanáticos.

Israel, com toda a sua história incomparável, era um magneto que atraía pessoas com as idéias mais fixas possíveis. Para aquelas pessoas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo eram sinônimos de sangue, o que obviamente nada tinha a ver com a mensagem principal daquelas três religiões. Eram os radicais que manchavam o bom nome de Israel, e os radicais estavam em todos os lugares do governo, nas forças armadas e nos templos. Eram uma força movida a orgulho racial ou religioso que não se importavam em destruir

os outros, e que eram, muitas vezes, autodestrutivos.

Nissim não levaria aquela camisa consigo. Exatamente por causa de pessoas como aqueles dois malucos que um dia conhecera no kibutz, ele teria que deixar o país que aprendera a amar, apesar de todas as contrariedades.

Apanhou algumas peças de roupa rapidamente e as jogou dentro de sua mochila. Foi para a sala e lá pegou o que era apenas essencial: um PDA, uma caneta, chicletes, aspirinas… e o diário de seu pai, que estava cuidadosamente embrulhado em um envoltório de camurça. Nissim, na realidade, nunca abrira o diário do pai, o que fazia daquele objeto uma espécie de talismã. Aquele, sim, era um pedaço de história que Nissim levaria com ele onde estivesse.

Na pressa, suas mãos esbarraram em uma pilha de revistas de eletrônica que colecionava, derrubando também um álbum de fotografias que ficava no topo.

O álbum caiu aberto em uma página que mostrava exatamente uma foto de seu pai, Aaron, jogando uma rede de pesca ao mar, observado por um Nissim que tinha oito anos de idade na época. A foto deixou Nissim de coração apertado. Pensou em como tudo na vida passava muito rápido, e como tudo pode desmoronar em um piscar de olhos.

Nissim virou a página do álbum na tentativa de evitar maiores lembranças, mas a foto seguinte era ainda mais dolorosa: Elana, ele e seu pai, no dia do seu casamento.

Nissim fechou o álbum e os olhos, e lutou para não se deixar abater pela nostalgia. Foi então que ouviu algo que o fez abrir os olhos rapidamente.

Havia alguém dentro do seu apartamento.

Ao se virar, foi brutalmente golpeado nas costas!

Estatelado no chão, tentou respirar, mas não conseguiu… Olhou para o seu agressor, um dos capangas de Frederique, que esperou pacientemente até que Nissim conseguisse inalar a primeira lufada de ar após a agressão.

— Uma pequena entrada para o prato principal — disse o agressor —, para lembrar que o Sr. Bonsignour não tem tempo a perder.

Depois de muito esforço, Nissim conseguiu pronunciar algo.

— A… ma… nhã!

O agressor deu um passo em direção a Nissim e pisou em seu pescoço, tornando a dificultar a respiração de Nissim.

— Repita para ver se eu entendi direito.

— A… manhã!

— Amanhã. Ok.

O agressor viu a mochila de Nissim.

— Está pensando em viajar?

Nissim balançou a cabeça. *Não*.

— Pode fugir se quiser… Apenas lembro que estamos de olho na sua mulherzinha, e ela pagará por você.

O agressor virou as costas e foi embora, deixando Nissim agonizando por mais alguns minutos no chão. Quando finalmente recuperou o fôlego, foi tomado por uma dúvida: será que Elana havia feito o que ele pedira?

Pensou em ligar, mas temeu que a proximidade dos homens de Frederique pudesse denunciar a fuga de Elana, e comprometer a sua própria fuga. Não poderia ligar. Teria que agüentar um tempo sem contato com Elana. E torcer pelo melhor.

- 45 -

Nissim passou boa parte da manhã seguinte escondendo-se em seu carro, no estacionamento do aeroporto de Tel Aviv. Enquanto esperava longas e intermináveis horas para pegar o seu avião, refletiu sobre os últimos dias. Seu rosto estava agora inchado e marcado pela violência que sofrera.

Ainda se condenava pela ousadia impensada, pelo desejo de justiça a qualquer custo. Estava claro que havia superestimado sua real capacidade de resolver as coisas por conta própria.

Pensou na mulher fantástica que estava sendo obrigado a deixar para trás, e o pior, sem saber se ela estava bem.

Pensou em Krosner e sentiu-se culpado por ter traído sua confiança e criado problemas que ele certamente não precisava, e com os quais não contava.

Pensou em Israel, onde fanáticos reinavam onde menos deveriam reinar, nas esferas governamentais e militares.

E pensou no pai… Como ele o veria agora, escondido dentro de um carro, fugindo como um bandido qualquer, tendo estragado tudo?

Seu autoflagelo mental foi interrompido por pancadas na lateral do carro.

De sobressalto, Nissim endireitou-se no assento e abaixou o vidro. Havia um policial olhando para ele com enorme curiosidade.

— Está embarcando ou chegando de viagem? — perguntou o policial.

— Vou embarcar em algumas horas.

O policial olhou para dentro do carro em busca de algo suspeito.

— Só estou fazendo hora — explicou Nissim.

— Não sei se sabe, mas lá no aeroporto tem um bocado de lojas e restaurantes.

— Sei sim.

O policial avaliou o nariz inchado de Nissim, os cortes no lábio e na testa.

— O que aconteceu com você?

— Acho que foi algo que comi.

Nissim não estava raciocinando com muita agilidade.

— Algo que comeu fez isso com seu rosto? Posso ver a sua passagem de avião?

Nissim reparou na bobagem que acabara de dizer. Sorriu para simular tranqüilidade e mostrou sua passagem ao policial.

— Claro que não… Algo que comi ontem me fez sentir náuseas. Tive uma tonteira enquanto levava o lixo para fora do meu apartamento e acabei tropeçando na escada de serviço. Foi um pequeno acidente.

— Parece mais com uma surra.

— É exatamente como estou me sentindo… Como se tivesse levado uma surra.

Incrédulo, o policial olhava para Nissim sem saber o que pensar.

— É uma história e tanto.

Devolveu a passagem a Nissim.

— Está tudo bem comigo, obrigado. Na verdade estou um pouco envergonhado de andar por aí com o rosto desse jeito, por isso quis ficar aqui no carro. Mas talvez seja uma boa idéia eu esperar lá dentro. Estou ficando com fome. Não como desde ontem.

Não que o policial estivesse acreditando naquela história, mas Nissim não havia feito nada de errado.

— Veja lá o que vai comer… ou beber por aí.

— Pode deixar.

Qualquer trabalhador de aeroporto estava habituado com turistas estranhos. O policial resolveu deixar Nissim em paz, mas acompanhou de longe enquanto ele trancava o carro e seguia até o saguão do aeroporto.

No conector de passageiros, Nissim parecia estar ligado na tomada. Olhava para os lados com freqüência, e para trás também. Concluiu que, pelo menos, o policial do estacionamento era apenas isso, um policial, e não um homem de Frederique.

Em uma dessas olhadas para trás, viu dois seguranças do aeroporto se aproximando. Não sabia se estavam atrás dele. Na dúvida, apressou o passo.

Conforme as pessoas se aglomeravam, Nissim esbarrava nelas e elas o empurravam de volta como se ele fosse um alienado desajeitado. Os seguranças aproximaram-se, mas passaram por ele, seguindo em frente sem reparar em Nissim.

Quando chegou ao saguão de check-in, Nissim preferiu manter os olhos abaixados todo o tempo. Não tanto para se esconder, mas para evitar que ele próprio se assustasse e cometesse novas imprudências que poderiam despertar a atenção indesejada.

Frederique não saía de seu pensamento. A insuportável dor no nariz era de menos.

A fila caminhou e alguém atrás de Nissim tocou em seu ombro. Nissim teve receio de olhar para trás, mas, ao virar-se, viu que era apenas alguém o lembrando que a fila estava andando.

Foi assim, de cabeça baixa, que Nissim deixou Tel Aviv rumo ao Brasil.

- 46 -

Brasil. Quatro dias depois

Nissim estava caído no chão de terra nordestino há algumas horas.

A pele do pescoço, das mãos e de parte do rosto já apresentava uma vermelhidão perigosa em conseqüência da forte exposição solar, até que foi despertando lentamente, com gotas de um líquido que pingava em sua boca.

Havia tido um sonho longo e vívido. Sonhara com o passado distante… Sonhara que estava fugindo… Sonhara com quase todas as pessoas que passaram por sua vida, mas de alguma forma o sonho alcançara ele naquele momento, tornando a realidade um pouco confusa. Talvez a parte da fuga não fosse um sonho… Talvez tudo tenha de fato acontecido.

As gotas de água eram doces e tinham o que Nissim precisava para o ajudar a se recuperar da forte desidratação: sódio, cálcio, magnésio e fósforo, mas, principalmente, glicose e frutose. Ele não tinha a menor idéia de onde

estava, e antes de conseguir raciocinar direito, engoliu toda a água que lhe era oferecida.

Quando abriu os olhos, viu que uma mão gigantesca fazia o coco, de onde vinha a água, parecer pequeno. Aos poucos, foi ajustando os olhos à intensa luz nordestina, até que, movido pela curiosidade, virou a cabeça mais para cima. O homem que lhe ajudava se chamava Tonho, uma montanha de músculos assimétricos e cicatrizes.

Tonho trouxe Nissim em seus braços, além das duas cestas cheias de coco penduradas em suas costas. O feitio hercúleo não chegava a ser nenhum sacrifício para o rude homem, porque o desafio da força era apelativo para Tonho. Por uma questão de honra, iria socorrer o estranho, mas também não perderia a viagem deixando as valiosas cestas para trás. Era o seu ganha-pão.

Tonho parou diante de um galpão cuja porta de latão estava fechada.

Com a delicadeza de um touro, meteu o pé na porta e caminhou para dentro trazendo Nissim. Àquela altura, o peso de Nissim já incomodava, de maneira que jogou Nissim sobre um monte de feno e o observou por algum tempo. Sem entender direito quem era e o que fazia aquele sujeito por aquela região, saiu balançando a cabeça e limpando o suor do rosto com os braços. Lidaria com o forasteiro mais tarde.

Nissim despertou na manhã seguinte com um facho de luz que penetrava pela porta do galpão. Fazia um calor brutal ali dentro. A estrutura era de madeira, mas as paredes e o teto eram de latão, o que fazia dali uma espécie de forno inadequado para pessoas ou animais permanecerem durante os dias ensolarados.

A luz atingia diretamente seus olhos…

Enquanto lutava para abri-los, conseguiu ver que, de dentro da luz, surgia uma mão de menina tentando alcançar a sua… Mais uma vez não soube distinguir se estava sonhando ou vivenciando aquele momento. A visão era muito semelhante com o que ocorrera na noite quando Nissim conhecera Elana, ainda criança, no kibutz em Israel. Como daquela vez, seguiu seus instintos mais básicos e esticou o braço ao encontro da mão da menina. Se fosse sonho, saberia logo.

Nissim fez um esforço até que conseguiu erguer o corpo de forma a se apoiar sobre os cotovelos. Sentia-se muito fraco, mas o empenho foi compensador: pôde sentir fisicamente o toque da mão e compreendeu que

não estava mais sonhando. Vendo o esforço que Nissim fazia, a menina deu mais dois passos para a frente e ficou entre ele e o facho de luz, o que possibilitou a Nissim abrir os olhos e enxergar com clareza. Foi quando viu o rosto de Moema, a neta do "turco" Rashid, que lhe oferecia um coco.

— Pra você… Bebe, moço — disse a menina em tom meigo e preocupado.

— Moema! Vamos — gritou Rashid de fora do galpão.

Moema correu para fora em direção ao avô, que observava Nissim com olhos perscrutadores.

Nissim não pôde deixar de reparar na doçura impressionante de Moema. Foi a única coisa que Nissim teve forças de pensar. Virou toda a água daquele coco e deitou-se exaurido.

Rashid havia trazido peixes frescos que pescara aquela manhã e que trocaria por cocos da plantação de Tonho. Era uma rotina que fazia todas as semanas.

Enquanto fazia a troca de mercadoria, Rashid manteve os olhos em Nissim dentro do Galpão.

— Quem é?

— Encontrei ele na estradinha aqui fora. Tava caído no chão igual vagabundo.

Tonho deu uma espiada em Nissim.

— Deve ser turista.

— Não sei não — respondeu Rashid, desconfiado.

— É turista. Sabe como é… Fumam umas coisas por aí e ficam todos perdidões.

— Está muito vestido para ser um turista. Com calça e camisa nesse calor? Está mais para um desavisado. É bom ficar de olho.

— Ele até que parece com você… Vai ver é um turco também.

"Turco" era um apelido dado no Brasil àqueles que descendiam de regiões do Oriente Médio, talvez uma herança do antigo Império Otomano, que um dia dominou boa parte daquela região.

Rashid e Tonho terminaram de fazer a troca de mercadorias. Rashid levantou sua cesta de cocos e pôs a mão sobre a cabeça de Moema, virando a menina enquanto se preparava para ir embora. Antes, olhou mais uma vez para Nissim.

— Pode ser, mas cada turco é um turco diferente.

Tonho sorriu.

— Ah! Vocês todos parecem iguais para mim. Pode ser árabe, libanês, judeu, persa… É tudo turco!

À noite, Nissim ainda dormia quando foi acordado por um barulho metálico assustador. Alguém havia entrado no galpão e Nissim imediatamente pensou em Frederique e seus homens. A memória das agressões ainda estava muito viva em seu corpo e em sua mente.

A escuridão do lugar não lhe permitia reconhecer a pessoa que se aproximava. Assim como da última vez que alguém invadira um lugar onde estava, foi tomado por todos os medos, e chegou a uma conclusão: quem quer que fosse não poderia estar bem intencionado. Aquela não era a maneira de entrar no território dos outros.

Nissim mais uma vez fez um esforço para conseguir levantar o corpo, até que conseguiu se apoiar sobre as mãos. Havia um ponto ali dentro que era iluminado pela lua, cuja luz penetrava um buraco no teto do galpão. Nissim concentrou-se naquela pouca claridade, calculando que o vulto passaria por aquele pedaço a qualquer momento…

Os passos aproximavam-se e o invasor ainda não havia dito uma só palavra. A descarga de adrenalina não ajudava em nada o já fraco Nissim, e sentiu-se nauseado. Quando o vulto gigantesco passou pela área iluminada, Nissim finalmente reconheceu a figura do homem que lhe salvara.

Tonho lhe trazia uma garrafa de cachaça e um sanduíche, que deixou ao lado de Nissim.

— Da onde é que tu vem?

Nissim mal entendia português, ainda mais com um sotaque carregado como o de Tonho. Nissim pigarreou e agradeceu Tonho com a cabeça.

— Muito obrigado — disse com seu limitado português.

Não era bem isso que Tonho perguntara. Mesmo assim, sorriu. Nissim também tinha um forte sotaque.

— Eita faro desgraçado… Sabia que tu era um turco!

Nissim não entendeu uma palavra do simplório plantador de cocos, mas estava, mesmo assim, agradecido pela acolhida. E estava com sede. Nissim olhou para o lado e viu que tinha tomado pelo menos meia dúzia de águas-de-coco ao longo do dia, mas não se lembrava de nada. A memória não estava boa.

Quando foi abrir a garrafa de cachaça, Tonho o preveniu.

— Cuidado que isso não é água que passarinho bebe, não!

E abriu um largo sorriso.

Por incrível que pareça, Tonho tinha os dentes fortes e brancos, o que destoava graciosamente do resto do seu corpanzil. Ver o gigante nordestino sorrir fez com que Nissim se sentisse um pouco menos ameaçado, mas ainda longe de ter qualquer paz interior.

Tonho o deixou sozinho no galpão.

Nissim tinha sede e resolveu tomar a água que Tonho lhe trouxera. Abriu a garrafa e sentiu o cheiro forte da aguardente. Ainda assim, deu um gole generoso e sentiu a garganta arranhar. Seu rosto inteiro franziu. Nissim estava desidratado, precisava de água, não de álcool.

Experimentou o sanduíche. Havia queijo, tomate e algum tipo de carne que ele não fazia idéia de que bicho vinha, mas estava bom e ele devorou o alimento.

Nissim sentiu que a forte bebida fizera seu corpo anestesiar. Até que a cachaça não era tão ruim assim, pensou. Foi bebendo de gole em gole… e esquecendo-se da vida.

Após algum tempo bebendo, decidiu sair do galpão. Levantou-se com dificuldade e começou a caminhar em direção à porta. Dava passos curtos. Sentia-se muito fraco.

A propriedade de Tonho era muito escura, e apenas a lua oferecia alguma fonte de iluminação. Nissim foi caminhando com a garrafa na mão. Os goles agora desciam fácil, sem aquela ardência inicial que experimentara. Pela primeira vez em muitos dias, Nissim conseguira relaxar, embora estivesse se intoxicando perigosamente.

Entrou na plantação de cocos, que na escuridão tinha jeito de ser uma floresta com só um tipo de árvore. Àquela hora da noite parecia sombria e completamente isolada do restante do mundo.

Próximo da cercania da propriedade surgia uma vegetação rasteira e mais fechada. Enquanto parou para mais um gole de cachaça, Nissim viu um arbusto mover-se e ficou paralisado. Nem ele e nem o arbusto moveram-se durante longos segundos, até que do arbusto surgiu uma iguana enorme! Nissim assustou-se e jogou a garrafa em direção ao animal, mas errou longe.

A bebida fazia cada vez menos bem ao seu estado de desidratação. O prazer anestésico que sentia durou pouco. Agora sentia náuseas e medo, pois estava perdido. Até a agradável brisa que atingia a copa dos coqueiros tornava a tranqüila noite tropical em um inferno mental para Nissim. Tudo era novidade para os seus sentidos: o que sentia, o que via e o que ouvia…

Nissim virou-se para trás e conseguiu identificar o contorno do galpão de onde saíra. Próximo dali havia uma casa com uma luz fraca vinda de dentro dela. Nissim girou o corpo e caminhou a passos curtos e calculados em direção àquela casa. Sentiu-se aliviado por estar deixando para trás a estranha plantação de cocos e seus animais bizarros.

Avançou lentamente, até que parou na porta da casa. Levantou a mão direita, mas, quando estava prestes a bater na porta, ouviu um barulho dentro da casa que o deteve. Um barulho familiar de uma mulher que gritava… Ou melhor, gemia de prazer. Seguindo um impulso, procurou saber de onde vinham aqueles sons. Deu a volta na casa, arrastando os pés com todo cuidado na esperança de identificar o local exato, até que se aproximou de uma janela por onde viu Tonho sobre a mulher, uma diminuta, mas corajosa dona de casa. Pensou que não deveria ser fácil para ela agüentar a figura de Tonho sobre si, o que justificava em parte aquela gritaria toda.

Nissim sorriu maliciosamente, mas foi breve, pois em seguida todas as suas preocupações voltaram. Decidiu retornar, agora a passos largos e cambaleantes, até o galpão. No caminho tropeçou duas vezes. Em uma das vezes, vomitou, e lamentou seu estado de embriaguez, uma complicação que ele poderia ter evitado.

Nissim entrou no galpão e procurou desesperado por algo em sua mochila, até que encontrou o celular. Discou um número e aguardou em vão que atendessem do outro lado da linha, mas Elana não respondeu.

Nissim desligou e fez outra ligação.

— Doran, é Nissim — disse com dificuldade, se surpreendendo com a própria voz que denunciava sua bebedeira. — Pegou a mensagem que eu te enviei pelos Correios?

— Peguei… Você está bem?

— Não se preocupe… Sabe que conto com você, que é meu amigo… Mas não diria o mesmo de Yakir… O idiota pensa que eu quero o emprego dele.

— Esqueça o Yakir. Ele só pensa nele próprio… O que você precisa?

— Quero que fale com Krosner. Ele me dispensou, mas sei que foi para o meu próprio bem… Ainda tenho esperança de que ele possa fazer algo para mudar essa história.

— Fique longe disso, Nissim.

— Não posso simplesmente me afastar… Frederique Bonsignour está atrás de mim, e isso não é pouco. O filho da mãe também está atrás de Elana, entende? Não dá para ficar de braços cruzados!

— Fique calmo, Nissim. Onde está?

— Não sei — disse Nissim enquanto olhava o galpão. — Parece que estou em outro mundo.

— Escute, você precisa se cuidar e manter o foco.

— Vou me cuidar.

— O que andou bebendo?

— Água-de-coco.

— Não é o que parece.

— Doran… Você precisa encontrar Elana e protegê-la.

— Farei o que puder.

— Diga para ela que eu… me importo muito. Tentei ligar para Elana, mas ela não responde.

— Ela está certa. Não deve mesmo usar o celular.

Nissim ficou com a voz embargada.

— Se um dia quiser aprender alguma coisa sobre como estragar a sua vida, fale comigo. Sei bem como fazer isso.

— Não se culpe, Nissim, apenas procure se cuidar.

Nissim desligou o telefone e largou-se sobre o monte de feno.

Estava bêbado, se sentindo profundamente nauseado, sozinho e sem saber a quantas andava o bem-estar de Elana. Possivelmente nem ele e nem ela tinham a verdadeira noção de como Frederique podia ser perigoso. Mais uma vez, arrependeu-se pela ousadia e não pôde evitar de se culpar por ter posto tudo a perder. E ainda tinha a questão do telefone, que no íntimo sabia não ser aconselhável usar, pois poderiam rastreá-lo se fossem bem determinados. A esperança era pequena, mas havia uma chance de que o deixariam em paz quando soubessem que ele já não estava mais em Israel.

Nissim sentiu o seu mundo literalmente rodar e girou rapidamente para o lado, onde vomitou pela segunda vez naquela noite.

Maldita confusão… Maldita aguardente brasileira.

- 47 -

Nissim despertou na manhã seguinte com uma enorme dificuldade em se mover. Tentou pensar em todas as coisas que precisava fazer, mas não conseguiu definir nenhuma prioridade. O corpo estava tão debilitado que impedia qualquer raciocínio prático. A única coisa que entendia naquela hora era que precisava buscar forças e levantar-se. Precisava entrar em contato

com o mundo real além daquele galpão, que àquela hora já o estava cozinhando de calor.

Girou o corpo em direção à mochila e pegou o celular… Ligou para Elana.

— Atende — sussurrou.

Elana mais uma vez não respondeu e Nissim desligou o celular, sentindo-se imensamente frustrado. Não poderia simplesmente deixar tudo para o destino decidir. Era preciso fazer algo, reagir.

Perto de sua improvisada cama de feno havia alguns cocos e outras frutas, além de um poderoso sanduíche que Tonho deixara enquanto ele dormia. Dentro das possibilidades, Tonho até que era um anfitrião atencioso.

Nissim comeu tudo que pôde e bebeu bastante água-de-coco. Dormiu por mais algumas horas e acordou sentindo-se um pouco melhor. Guardou o celular na mochila e distraiu-se ao ver o diário do pai.

Tirou-o para fora e ficou olhando para ele…

Estava prestes a abri-lo, mas isso era algo que ele nunca fizera antes. Por mais que desejasse estar em contato com algo familiar, aquele não era o momento. Havia muito que pensar antes de se permitir recordar o passado. O futuro imediato — o seu, o de Elana e o de Israel — era mais urgente. A tentação de abrir o diário era grande, mas, estranhamente, mantê-lo fechado oferecia um simbolismo muito forte. Era a forma de Nissim mostrar respeito por sua história pessoal e de sua família.

Nissim saiu da fazenda de cocos e seguiu pela estrada de terra onde fora resgatado por Tonho dias antes.

Em pouco tempo, chegou a uma pequena vila de pescadores e entrou pela única rua revestida com paralelepípedos. Os poucos habitantes mal notaram a presença de Nissim, que agora trajava bermudas e camiseta. Estavam acostumados com um ou outro turista mais alternativo, que, de vez em quando, aparecia por lá. Além do mais, estavam todos ocupados com suas tarefas domésticas e seus artesanatos.

Perto da praia havia muitas casinhas rústicas feitas de tijolos, e até algumas choupanas de barro e pedaços de pau. Nissim supôs que ali o clima deveria ser ameno porque aquelas construções não agüentariam uma ventania maior.

Nissim viu Francisca, a proprietária da casa onde Rashid morava com a neta Moema. Ela tinha uma pequena barraca onde vendia refeições para os pescadores. Nissim aproximou-se e apontou para um prato- feito. Francisca sorriu. Estava habituada com gringos que, às vezes, apareciam por ali e que

não falavam uma só palavra de português. Como sabia usar um inglês razoável, tratou logo de conhecer o estrangeiro.

— Como é seu nome, moço?

Francisca apontou para si mesma.

— Eu sou a Francisca.

— Nissim — disse ele aliviado. Pelo menos ela sabia falar inglês.

— Francês?

— Sou de Israel.

— Ah, um turco… Tem outro turco aqui na vila. Você vai cruzar com ele com certeza… Está com fome, né?

— Um pouco.

Francisca entregou-lhe o prato de comida. Nissim apontou para um coco, que lhe foi entregue prontamente.

— Obrigado.

— De nada, moço.

Nissim comeu de pé ali mesmo sob o olhar curioso de Francisca.

No final da refeição, havia tomado três águas-de-coco, até que foi dominado por uma forte sonolência. Como ainda se sentia fraco, achou por bem descansar. Pagou Francisca e afastou-se em direção à praia.

Nissim encostou-se em um coqueiro. Deixou-se levar pela paisagem bucólica e pela brisa inacreditavelmente agradável.

A mente perturbada pelos últimos acontecimentos atrapalhava um pouco a serenidade que o lugar oferecia. Nissim ainda estava tomado pelo medo e procurava por possíveis ameaças nos lugares mais improváveis. Lembrou-se até de alguns casos de pessoas mortas por acidentes em coqueiros e temeu que um coco caísse sobre sua cabeça enquanto dormisse. Foi seu último pensamento antes de adormecer.

Acordou muitas horas depois. Olhou para o alto e viu que os cocos estavam ainda bem firmes. Estava vivo. Paranóico com toda certeza, mas vivo. Viu que Francisca ainda estava por ali. Levantou-se e comprou mais uma água-de-coco.

Sentia-se melhor. Estava começando a se recuperar.

Acreditou que a comida, as águas-de-coco e o incrível clima do local estivessem agindo em seu corpo como uma espécie de tratamento intensivo. Sentia-se disposto até para uma breve caminhada pela praia. Era fim de tarde e o pôr-do-sol trouxe um pouco de ânimo a Nissim.

Alguns pescadores recolhiam suas redes enquanto outros faziam manutenção em seus pequenos barcos e jogavam conversa fora. Nissim ficara impressionado com a forma da jangada e aproximou-se de uma. Não entendia como aquele barquinho primitivo pudesse ser usado ainda nos dias de hoje. Olhou curioso para o mastro feito de um tronco fino onde uma vela triangular de lona era presa.

Chegou bem próximo da jangada e observou os detalhes daquela embarcação: na popa havia uma espécie de estaca que tinha a altura aproximada de uma criança, e era onde se guardavam as peças que não poderiam ser molhadas. Tinha até um pouco de lenha para aquecer a refeição. Panelas, água doce, latas com conservas, facas e cordas diversas. Era o necessário para um dia de pesca.

Nissim encostou-se naquela jangada aparentemente sem dono, e continuou a olhar os pescadores. Eram relativamente baixos, tinham uma musculatura forte, olhares convictos e calmos. Com toda certeza não viviam uma vida fácil, mas seus semblantes não denunciavam qualquer rancor. Ao contrário, pareciam felizes.

A atmosfera do lugar trazia muitas semelhanças com a infância de Nissim em Israel, semelhanças que o deixaram um pouco menos tenso. Enquanto absorvia todas as sensações que o vilarejo lhe propiciava, sentiu a alma pacificar e, então, passou por algo que nunca havia experimentado em sua vida: teve uma visão de seu pai puxando uma rede de pesca, ali mesmo com os pescadores brasileiros!

Nissim balançou a cabeça e espantou rapidamente aquela imagem, mas a visão fora tão real que ele concluiu que devia ser resultado de alguma seqüela da sua desidratação. Certamente ainda estava sentindo as conseqüências dela.

De longe, Rashid acompanhava o estranho turista que se apossara de sua jangada sem qualquer cerimônia.

Quando chegou a noite, Nissim foi até o único restaurante do vilarejo.

Tentou por um bom tempo entender-se com o garçom, mas o seu português era muito básico e formal, e aqueles pratos nordestinos tinham um vocabulário todo próprio. O garçom esforçava-se para ser simpático, mas não estava havendo progresso na conversa.

Na mesa ao lado, um grupo de pescadores saboreava um farto jantar, um prato típico com carne de porco, entre eles, Rashid, que a essa altura não tirava mais os olhos de Nissim. De tanto observar o inusitado turista, já

gravara o seu perfil na mente, especialmente o nariz típico do Oriente Médio e o colar com uma pequena *Menorah*, que Rashid sabia ser um símbolo judaico.

Sem conseguir mais se conter, Rashid levantou-se e caminhou até a mesa de Nissim.

— Filé de cação e fritas — disse Rashid ao garçom.

Depois, olhou para Nissim.

— Aposto que ele não come carne de porco — disse dessa vez em inglês.

Nissim notou que Rashid usava uma túnica, mas não entendera a extensão da daquela provocação.

— Obrigado.

- 48 -

Na manhã seguinte, Rashid acordou quando ainda estava escuro e encontrou Francisca em sua cozinha preparando o café da manhã. Ela estranhou ver Rashid acordado tão cedo.

— Pra que a pressa?

— Não dormi muito bem.

— Você não tem mais idade para acompanhar os meninos.

Francisca referia-se aos pescadores mais jovens.

— Me sinto um pouco agitado.

— É mesmo? Faz tempo que não te vejo assim.

Francisca serviu café quente e tapioca.

— Já viu o turista misterioso?

— É… Eu já vi.

— Tonho disse que encontrou o sujeito caído no meio da estrada. Tá hospedado lá no galpão da fazenda de cocos.

— Não fui com a cara dele.

— Como assim?

— Não fui e pronto.

Francisca torceu o nariz.

— Ontem ele comeu na minha barraca. Parece um bom homem.

— Você é muito pura, Francisca.

Rashid levantou-se.

— Até mais tarde — disse enquanto saía.

Francisca sentiu que havia algo no ar. Rashid estava estranhamente incomodado e tinha a ver com a chegada de Nissim.

Quando Rashid chegou na praia levando um balaio com seu almoço e alguns equipamentos de pesca, encontrou Nissim novamente encostado em sua jangada. Nissim parecia estar com a mente longe dali, porque não notou a aproximação de Rashid.

Nissim foi trazido subitamente de volta à realidade, e de uma maneira que jamais esperaria em um lugar tão pacato como aquele: por um facão. Arremessado por Rashid, foi rasgando o ar até penetrar o casco da jangada, muito próximo do ombro de Nissim!

— O barco é meu! — decretou Rashid.

Desde a noite anterior, quando tinha visto Rashid em sua túnica pela primeira vez, entendeu que ele não era originário daquele vilarejo, e, o que era mais intrigante agora, o sotaque com quase toda certeza era o de um nativo da Palestina, e isso Nissim conhecia bem.

Nissim procurou raciocinar rápido. Tudo o que não precisava era um rival ideológico em pleno refúgio brasileiro. Assim, puxou o facão do casco da jangada e caminhou até Rashid com aparente calma.

— Sorte a minha que você tem uma péssima pontaria.

Nissim devolveu o facão a Rashid e seguiu em frente, o ignorando.

— Sou Rashid, o Turco.

Nissim não deu conversa. Rashid não desistiu.

— Como o verso judaico diz…

Nissim parou. Era impossível não olhar para Rashid e ver o que ele queria.

— *Procurai a paz da cidade, para a qual fiz que fôsseis levados cativos, e orai por ela ao Senhor: porque na sua paz vós tereis paz* — recitou Rashid, em referência ao versículo 7 do capítulo 29 de Jeremias. Era uma clara provocação a Nissim, uma referência sobre como os judeus deveriam comportar-se no exílio.

Em outras palavras, estava dizendo a Nissim como ele deveria se comportar naquele vilarejo.

— Quem iria imaginar… Um homem versado bem no meio do nada — respondeu Nissim, obviamente surpreso.

Rashid sorriu ao perceber que conseguira perturbar Nissim.

— Sou apenas um turco velho… É como o pessoal me chama por aqui.

À noite, Rashid e seus colegas pescadores bebiam no restaurante do vilarejo. Era o ponto de encontro obrigatório do lugar. De fato, era o único ponto.

Nissim estava em uma banqueta junto ao balcão, fingindo ignorar o olhar pesado que Rashid colocava sobre ele. Não queria de modo algum ter de responder perguntas. Talvez, se bancasse o antipático, pudesse manter Rashid afastado, e até mesmo fazê-lo perder o interesse completamente. Além do mais, existia sempre a chance daquele "turcão" estar trabalhando para alguma agência de Inteligência. Viviam em um mundo cada vez menor.

Pelo que Nissim pode sentir, isso seria improvável, mas não de todo impossível. Todo o cuidado era pouco, afinal, não poderia ser apenas uma coincidência ter encontrado um palestino que andava com um facão e o usara para o ameaçar, ainda mais no Brasil, país onde essas coisas não aconteciam. Poderia ser apenas a sua imaginação — paranóia mesmo —, mas era preciso ter cuidado.

Rashid não conseguiu resistir à curiosidade. Levantou-se da mesa e caminhou até Nissim, que havia acabado de pedir um copo da cachaça local.

— Recomendo não exagerar.

Nissim virou a cabeça rapidamente e sorriu. Era o mínimo que podia fazer para não parecer grosseiro, mas não deu qualquer abertura para maiores conversas.

— Vou tentar me lembrar — respondeu Nissim enquanto retornava para a posição em que estava, que era de frente para o balcão e com a cabeça baixa.

Não adiantou. Rashid puxou uma banqueta e sentou-se ao lado dele.

— Muito bem… Não vou negar que você é um peixe fora d'água aqui.

— Você é muito observador.

— Eu também já fui um peixe fora d'água… Isso foi anos atrás.

Nissim não comentou nada.

— Sou um imigrante palestino.

Nissim bebericou. Será que o turcão não entedia que ele não estava a fim de papo, pensou Nissim.

— Ah!… Eu adoro este lugar… Mas você sabe como são as coisas, meu coração nunca saiu da Palestina.

Havia um tom excessivamente sarcástico nas palavras de Rashid e Nissim tentava não cair na provocação.

— Não existe lugar mais importante do que a nossa pátria mãe.

O silêncio de Nissim começou a dar nos nervos de Rashid.

— Palestina… Agora chamam de Israel… É como se o meu povo nunca tivesse existido.

— Lamento — foi tudo o que Nissim disse.

Levantou-se, terminou o seu drinque, pagou o rapaz do bar e saiu sem dizer mais nenhuma palavra. Achou melhor manter distância do que revelar o que ele realmente pensava sobre aquela questão.

- 49 -

Israel

Elana e Doran tomavam chá na tenda beduína que ele e Yakir usavam esporadicamente para se manterem longe da cidade.

Elana avaliava a tenda e não se conformava. Era uma mulher da cidade grande e a idéia de um dia precisar se esconder no deserto nunca lhe passara pela cabeça. Doran percebia a inquietação de Elana, mas estava mais preocupado em ajudá-la. A pedido de Nissim, faria o que fosse necessário para preservar a integridade de Elana.

— Não vamos ficar aqui muito tempo, Elana.

— Mas acabamos de chegar!

— Eu sei, mas é que Yakir costuma vir até aqui de vez em quanto para namorar.

— Está de brincadeira — surpreendeu-se Elana. — No meio desta areia toda?

— Pois é, também acho um pouco trabalhoso vir até aqui, mas cada um com suas idéias de prazer.

Riram um pouco, mas Elana não tinha muito mais bom humor sobrando.

— Quer me explicar o que se passa na cabeça de Nissim?

Doran suspirou.

— Nissim é um caso à parte…

— Eu que o diga, mas com certeza não estamos falando do mesmo caso.

— Tente entender, Elana. Ele teve as melhores das intenções, apenas meteu os pés pelas mãos.

— Tentar entender… E qual é a vantagem de ser um caso à parte, e por tudo a perder?!

Doran não tinha uma boa resposta.

- 50 -

Krosner estava em seu terceiro ou quarto drinque.

Sozinho no balcão do bar freqüentado pelos colegas do Mossad, ele foi tomado por uma inquietação que não se lembrava há muito tempo ter tido. Pensou em dizer a Nissim que no fundo admirava a iniciativa dele de fazer algo, apesar do problema que arranjara para ele e para o Instituto. O fato é que o Mossad não poderia interferir em assuntos internos de Israel, muito menos no processo político do país, e aquele entrave burocrático que o impedia de agir era algo que perturbava Krosner terrivelmente.

Por outro lado, julgou que um pouco do espírito inconseqüente de Nissim pudesse ter, sim, um papel útil diante daquele problema. Era uma questão de mexer as peças certas. Tudo o que o Oriente Médio não precisava naquele momento era um primeiro-ministro israelense com profundas motivações religiosas e belicistas. Já havia guerreiros demais em Israel.

Quando comparava os riscos de ver Zeev Sofer ser eleito *versus* a relativa facilidade em atrapalhar sua campanha, Krosner titubeou. Nunca em sua vida pensara em desrespeitar a ordem das coisas e nem quebrar os votos de lealdade que tinha com o Mossad, pois era um profundo adepto do respeito às instituições. Mas o custo-benefício em tomar uma atitude para barrar Zeev Sofer era simplesmente muito atraente. Aquele era um candidato do fogo e da morte, apesar de ele estar longe de ser uma exceção.

Pesou a questão do tempo, pois sabia que aqueles que apoiavam Zeev Sofer iriam mais cedo ou mais tarde arrumar outra oportunidade para levarem adiante seus planos. Krosner sabia que a sua rotina, na prática, se limitava a tapar buracos. Certamente não poderia pretender ser um eterno salvador do mundo.

Novas gerações de diretores de Inteligência viriam. Gente como ele, um defensor do povo judeu, e também novos fanáticos, que não pensariam duas vezes antes de colocarem tudo a perder em nome da fé cega.

Talvez Krosner não durasse para sempre, mas ainda tinha algum tempo pela frente, e estava convencido de que o dinamismo da vida o convidava agora a rever alguns conceitos que até então considerava invioláveis. Quanto mais pensava no desafio geopolítico de ter um Zeev Sofer como rei, mais clara uma idéia ia se consolidando em sua mente. Entendeu que, para poder se manter fiel ao que mais lhe interessava na vida, que era a proteção de

pessoas, teria que eventualmente passar por cima da burocracia.

As pessoas, pensou.

Israel era muito mais do que história pura, e não era apenas um caldeirão fervente de crenças. Israel estava relacionado também a valores democráticos e ao presente. Eram as pessoas que tornavam Israel especial, não os políticos. Israel era o dia-a-dia. Acreditar no passado como único regulador dos sentimentos presentes, isso era uma fantasia. A única realidade que importava era o agora. Os problemas, os desafios e as pessoas de agora.

Krosner nunca tivera dúvidas sobre o porquê servira o país com tanta devoção durante toda a vida, mesmo nos tempos em que praticava atrocidades pelo Irgun, algo que ele viera a se arrepender amargamente. A convicção maior era que estava lá para servir as pessoas. Muitas vezes em sua vida pública fora obrigado a servir aos políticos, mas era sempre visando beneficiar as pessoas por meio deles, e nunca tivera dúvidas sobre suas motivações.

As pessoas vinham antes dos políticos.

Krosner olhou para uma mesa onde estavam sentados Benjamin e Henry, dois agentes aposentados, e deu vazão a uma idéia. Recordou a gravação que Nissim o mostrara, e que revelava a reunião entre Frederique, Sadoc e Zeev Sofer.

A qualidade de fato não estava boa o suficiente para ser levada a público e poderia ser tecnicamente contestada, mas não restavam dúvidas de que Zeev Sofer, até aquele momento o líder isolado nas pesquisas eleitorais, era um candidato com um esqueleto bem feio guardado dentro do armário.

Krosner não poderia interferir no processo político, mas sabia que sempre havia algo que podia ser feito. Poderia dar um jeito, contornar os obstáculos burocráticos, ou simplesmente… quebrar todas as regras.

Krosner gostou da última idéia: iria quebrar as regras.

Olhou novamente para Benjamin e Henry. Estavam aposentados. Levavam uma vida monótona e sem aventura e, como não estavam mais ligados ao Instituto poderiam fazer o que bem entendessem, inclusive burlar a lei, desde que não fossem pegos.

Krosner considerou tudo o que já havia feito por Israel e concluiu que fizera o bastante para saber que sempre iria fazer o que achasse certo.

Decidiu que iria falar com eles.

— Leve três cervejas para aquela mesa — pediu Krosner ao *barman*. Em

seguida, levantou-se e caminhou em direção aos dois agentes aposentados, que não acreditavam no que estavam vendo.

— Krosner — exclamou Benjamin, entusiasmado e ao mesmo tempo surpreso.

O atual diretor de Inteligência do Mossad jamais conversava com ex-agentes. A razão para isso é que seria preciso muito autocontrole para não deixar escapar alguma informação sensível. Preferia não ficar se policiando quando estivesse fora do trabalho, e ainda por cima bebendo.

— Está se preparando para a aposentadoria? — provocou Benjamin.

— Em dois anos, quem sabe?! Posso me sentar com os amigos? Isto é, se for convidado…

Henry e Benjamin entreolharam-se animados.

— Sente-se! — disse Henry.

Krosner arrastou uma cadeira da mesa ao lado e sentou-se.

O *barman* trouxe as cervejas.

Benjamin e Henry estavam estáticos… Era muita badalação para dois velhos aposentados.

— E aí rapazes, como andam as pescarias?

— Sabe como é Krosner, o Mar Morto já não está mais para peixe.

A velha piada. Krosner sorriu. Ergueu o copo e brindou com os ex-colegas. Seguiu-se um silêncio ansioso. Estava claro que Krosner não fora até eles para falar de pescarias no Mar Morto.

Henry, o mais velho dos três, quebrou a formalidade.

— Muito bem, Krosner… O que podemos fazer por você?

Krosner sorriu.

— Eu estava pensando exatamente o contrário: o que *eu* poderia fazer por vocês. Estou presumindo que ainda sentem o sangue correr nas veias.

— Presumiu bem — disse Henry.

— Está certíssimo quanto a isso — reforçou Benjamin.

Krosner deu um gole em sua cerveja, fazendo-os esperar.

— Então está certo: o que *você* pode fazer por nós — disse Henry, já ansioso por alguma aventura.

— Podem fazer um videozinho para mim?

— Com garotas? — perguntou Benjamin.

— Infelizmente não, rapazes… O fato é que — Krosner diminuiu o volume da voz — uma equipe minha do Instituto deu uma mancada recentemente… Estou precisando de profissionais de mão cheia para um

trabalhinho por fora — concluiu Krosner com uma piscadela.

Benjamin e Henry olharam-se novamente. Aquilo seria bom demais. Melhor do que pescaria.

— Por que nós? — perguntou Henry.

— Porque Krosner não pode fazer seja lá o que é que deseje fazer enquanto estiver na ativa, Henry. Por isso, ele precisa de nós para esse trabalho. Precisa muito mesmo — explicou um animado Benjamin ao colega. — Somos muito preciosos neste momento!

— Vamos ganhar dinheiro com isso ou é só pelo esporte — quis saber Henry.

— É principalmente pelo esporte, mas posso garantir algumas refeições fartas enquanto o trabalho estiver em curso.

— Refeições fartas parece bom o suficiente para mim. E para você, Benjamin?

— Para mim está ótimo… Quando iremos às compras?

— Quando a farmácia estiver aberta. Amanhã cedo… Um colega de vocês vai lhes entregar um remediozinho bem interessante.

- 51 -

Brasil

Naquela manhã, Rashid acordou mais tarde, algo que costumava fazer cada vez com mais freqüência. Não tanto em razão da idade, mas para poder desfrutar da companhia da neta.

Francisca serviu um pedaço de bolo de fubá a Moema e depois despejou mais uma dose de café quente na xícara de Rashid.

— Esse bolo é igual ao da mamãe — recordou-se a menina.

Francisca olhou para Rashid, que não fez nenhum comentário.

Era muito doloroso para ele lembrar-se da perda do filho, e extremamente difícil explicar aquelas coisas da vida para a pequena Moema.

— Foi a sua mãe quem me ajudou a fazer.

Moema e Rashid viraram o olhar para Francisca. *Como assim?*

— Sua mamãe esteve aqui… Disse que tem saudades de você… Disse que nunca vai te abandonar.

Francisca falou aquilo com uma ternura que deixara Moema cheia de esperança, e depois encarou Rashid, que a fuzilava com o olhar.

— Ela mandou um recado para a menina!

— Não quer calar a boca, Francisca?

Francisca não se intimidou. Agachou-se ao lado de Moema e segurou a sua mão.

— Ela disse que levou a sua prece até Iemanjá.

— A Rainha do Mar… — balbuciou Rashid com ironia, inconformado com o misticismo de Francisca. Só não tirava Francisca dali naquele instante porque via que a menina estava hipnotizada com a fábula que Francisca lhe contava.

— Iemanjá disse que você pede com tanta pureza de coração que um dia ela irá lhe atender.

Moema acenou com a cabeça.

Na verdade, a garotinha não entendia bem aquela lógica. Ela pedia nada menos que uma nova mãe terrena para Iemanjá. Seria atendida? E a mãe que se foi, não ficaria brava?

— Iemanjá disse isso? — perguntou Moema.

— Iemanjá disse para sua mãe, e sua mãe me disse agora pouco aqui na cozinha.

Rashid deu um gole no café e levantou-se indignado.

— Espero que saiba o que esteja fazendo…

— Criei sete filhos, Rashid. Sei exatamente o que estou fazendo!

— E onde estão seus filhos? Pensei que você sentisse falta da visita deles.

— Eu sinto, mas estão cuidando da vida deles como eu os ensinei a fazer.

— Está bem… Apenas gostaria que você não prometesse coisas que não pode cumprir.

Francisca levantou-se de perto da menina e olhou com firmeza para Rashid.

— Sua nora esteve aqui… E me disse com todas as palavras o que acabei de contar para vocês!

— Mas se eu não vejo o que você diz ver, deve ser porque eu sou um turco velho e teimoso, não é?

— O que você é não faz a menor diferença neste caso, porque as coisas são como são.

— E como as coisas são, Francisca?

— As coisas são assim: eu não questiono a sua religião de turco, e você

não questiona a minha!

Rashid pensava em Francisca enquanto caminhava na praia em direção à sua jangada.

Ele se considerava um homem de fé e respeitava as diferenças entre as pessoas, mas o misticismo de Francisca era algo que ia muito além de simples fé, e que desafiava sua capacidade de compreensão. Simplesmente não entendia como alguém poderia conversar com mortos da mesma forma como quem conversa com os vivos. Era uma das poucas tradições dos nativos daquele local que Rashid nunca conseguira aceitar normalmente. Para Rashid, milagres e acontecimentos incomuns eram coisas de Deus, de forma que ele não engolia a idéia de que pudesse haver intermediários nessas coisas do invisível.

Muitas vezes pensou em proibir Francisca de falar aquelas coisas com a neta, mas a menina ficava fascinada. Como ele próprio não conseguia arrumar argumentos melhores para explicar certas coisas a Moema, como por exemplo a morte prematura dos pais, deixava Francisca cuidar do assunto. Era bem possível que naquela manhã Francisca tenha passado um pouco dos limites, mas no fundo achava tudo de uma ingenuidade tão grande que não acreditava que pudesse vir a causar maiores danos à sua neta. Quando ela crescesse, saberia escolher no que acreditar. A verdade é que Francisca era uma pessoa especial e Rashid não tocaria mais no assunto com ela.

Quando se aproximou do local onde ficavam os barcos, quase de frente à rua principal do vilarejo, notou que havia alguém próximo à sua jangada. Cerrou os olhos e reconheceu mais uma vez Nissim.

Conforme chegava mais perto, Rashid notou que, diferente da outra vez, Nissim tinha um olhar atrevido e empunhava o facão que Rashid arremessara contra a jangada…

— Deixou o facão cravado na jangada — disse Nissim.

Nissim colocou o facão dentro da jangada, suavemente. Não queria que Rashid confundisse a sua ousadia com uma possível intenção de agressão.

— Está vendo só? — disse Nissim enquanto se afastava. — Sou um homem muito mais cauteloso do que era ontem.

Sem perder tempo, Rashid começou a empurrar a jangada para dentro do mar.

— Então seja menos cauteloso — disse Rashid fazendo um enorme esforço —, e me dê uma mão aqui!

Nissim surpreendeu-se com o gesto de Rashid, mas não hesitou. Deu a volta e ajudou Rashid a empurrar a jangada. Talvez o velho apenas quisesse companhia e, se recusasse, poderia criar uma inimizade maior.

Quando estavam na água, Rashid embarcou.

— Vai ficar parado me olhando? Vamos, suba.

Nissim subiu e estranhou a maneira como a água do mar encharcava toda a jangada.

— Jogue água na vela — ordenou Rashid.

— Como?

— Jogue água do mar na vela! Dá melhor resistência e faz a jangada ir mais depressa…

Nissim pegou uma caneca e tratou de molhar a vela.

Já havia se passado bastante tempo desde que a rede de pesca fora colocada no mar. Os dois almoçaram e esperaram monotonamente. Rashid não falou muita coisa além de “me ajude com isso” ou “atenção com aquilo”.

— Não vamos ficar até tarde… Quero aproveitar esse vento porque é ele que vai nos levar de volta para a praia. Tem dia que o vento passa e a gente fica horas até conseguir voltar.

Nissim julgou que não seria prudente permanecer em silêncio, isto poderia causar ainda mais estranheza em Rashid. Iria puxar conversa.

— A menina é sua neta?

— Moema? Ah! Sim… Ela é minha vida.

— Ela lembra um pouco a minha mulher quando era criança.

Rashid limpou o prato com a água do mar e voltou a se sentar. A conversa entre os dois não conseguia fluir.

Nissim limpou a garganta e insistiu.

— E os pais dela, onde estão?

— Estão mortos — respondeu secamente Rashid.

Nissim preferia ter ficado de boca fechada, mas agora não poderia demonstrar indiferença.

— Sinto muito. O que houve com eles?

Rashid balançou a cabeça. Olhava fixamente para a água.

— Ninguém sabe com certeza.

Nissim percebeu um leve brilho nos olhos de Rashid, que não conseguiu decifrar. Tinha algo de triste… Talvez ele começasse a falar.

— Certa manhã, meu filho e minha nora decidiram passear por alguns dias

nesta mesma jangada… Três dias depois a jangada apareceu na praia do vilarejo sem os dois.

Rashid percebeu que Nissim esperava ouvir uma explicação mais detalhada.

— Essa é toda a história.

— Nunca os encontraram?

— Não.

Enquanto olhava para o mar, o rosto de Rashid foi transfigurando-se para algo amargo e penoso. Era como se o mar lhe hipnotizasse e trouxesse memórias que lhe eram muito dolorosas.

Nissim já temia por outras revelações desagradáveis, especialmente para um estranho ouvir. Desta vez se calou.

— Curioso como é a vida — disse Rashid em tom beirando o melancólico. — Um dia, sem qualquer aviso, tudo muda.

Rashid fechou os olhos.

— Eu tinha sete anos… Estava na cama, era hora de dormir. Meu pai me fazia algumas perguntas: *O que o salvará dos pecados?* E eu respondia: lágrimas, humildade e enfermidade… *Quais são as melhores ações aos olhos de Allah?* Gentileza, modéstia e paciência… *Quem são as piores pessoas aos olhos de Allah?* Os exaltados e os mesquinhos.

Quando voltou a abrir os olhos, Rashid parecia ter voltado no tempo.

— Pra mim eram apenas palavras. Não tinha a menor idéia do que significavam.

Rashid deu um tempo. Enquanto sua mente buscava novas lembranças, Nissim espiou a rede de pesca, e depois estacionou o olhar na linha do horizonte. Ficou assim.

Rashid sorriu para si mesmo, saudoso.

— Morávamos em uma casa muito simples, mas éramos felizes e unidos. Lembro-me muito bem quando meu pai olhou pra fora da janela do meu quarto. Foi um olhar diferente, meio enigmático… Nós tínhamos uma amendoeira que costumava florir quando chegava a primavera e ele estava preocupado porque naquele ano a árvore estava atrasada. Meu pai era muito místico, estava sempre buscando significado em tudo. Quando olhou para mim, fechei os olhos e fingi que dormia, mas a expressão dele me preocupou. Hoje eu entendo o que significou aquilo: ele teve um mau pressentimento.

Nissim não queria ser indelicado com Rashid, mas achava que o velho palestino ou tinha algum sério problema emocional, ou estava precisando

seriamente de um amigo que lhe ouvisse. Não era o que ele Nissim estava disposto a oferecer, disso tinha certeza. Havia mais com o que se preocupar naquele momento.

Após um tempo rememorando, Rashid prosseguiu.

— Meu pai foi para a sala ficar com minha mãe, Malika, e minha irmã, Sabah. Depois disso adormecei.

— Quando pretende puxar a rede? — perguntou Nissim, tentando mudar o assunto para algo mais leve.

Rashid saiu brevemente de seu estado introspectivo e olhou para Nissim. Foi um olhar significativo, praticamente dizendo *espere aí moço, pensa que acabou por aqui?* Nissim percebeu e se arrependeu por ter interrompido Rashid.

— Acordei com barulho de tiros… Estava na minha cama. Olhei e vi meu pai, minha mãe e minha irmãzinha de cinco anos abraçados… O pavor nos rostos deles me deixou mais assustado do que os tiros que eu ouvia… Levantei-me da cama e corri para me juntar a eles. Foi instintivo.

Rashid calou-se bruscamente e procurou refúgio visual nas marolas que passavam pela jangada. No fundo estava constrangido por contar aquelas coisas a um estranho.

— Não quero te perturbar com minhas histórias.

— Não está me perturbando — mentiu Nissim. — Por favor, continue.

— A casa era muito pequena, mas lembro que nos poucos metros que separavam o meu quarto da sala pude sentir todo o horror que vinha de fora… Os gritos, os tiros e as explosões de granadas… Assim que pisei na sala, a porta de casa foi aberta com um estrondo! Foi uma coisa horrível…

— De qual guerra está falando?

— Guerra?

— Sim. Está me descrevendo uma guerra.

Rashid respirou fundo e balançou a cabeça. Não concordou com a suposição de Nissim, mas ele não teria como saber.

— Eu era apenas um garoto quando um bando de terroristas invadiu a minha vila na Palestina. O que fizeram não foi nada humano… Não havia nada ali que lembrasse uma guerra. Foi uma invasão!

Nissim franziu a testa. A descrição de Rashid começava a soar vagamente familiar.

Rashid prosseguiu com a voz embargada.

— O que aconteceu é algo que uma criança jamais esquece. Um terrorista

do Irgun entrou em casa como se tivesse uma procuração do demônio, deu um tiro na cabeça do meu pai e outro na cabeça da minha mãe… O covarde não fez nenhuma pergunta. Não explicou nada… Matou meus pais e saiu da casa!

Nissim começou a ligar os fatos. Esperava com todas as forças estar errado!

Rashid prosseguiu.

— Eu entrei em estado de choque. Não conseguia mexer as pernas, não respirava… A minha pobre irmãzinha berrava desesperadamente, o que acabou involuntariamente nos denunciando: lá fora, um fanático ouviu Sabah gritar, entrou na casa e atirou nela sem qualquer vacilo! Depois, me arrastou pra fora e me colocou contra um muro junto com outras crianças, e começou a atirar sem dó… Um garoto que estava do meu lado tentou fugir e foi atingido. Para azar dele e sorte minha, a bala que deveria ter me atingido parou no corpo dele. Eu caí junto e me fiz de morto… Foi um milagre ter escapado. Um milagre!

Todo o horror das lembranças estava agora estampado no rosto de Rashid. Ele se virou para encarar Nissim.

— O que eu acabei de descrever ficou conhecido como o massacre de Deir Yassin. Eu sou um sobrevivente!

Nissim estava pálido. Lembrou-se de sua visita à sala de Krosner e de suas palavras descrevendo o pai: *Aaron Heyman… Começou como um combatente do Irgun nos anos 1940… Participou da Operação Nachshon… Lutou na batalha de Deir Yassin.*

Um longo silêncio seguiu-se.

— Nunca mais esqueci o rosto do assassino de minha irmã. Anos mais tarde se tornaria um rabino conhecido de nome Nathan. Diz ser um convertido, um arrependido. Pra mim será sempre um louco sem credibilidade!

Nissim não podia acreditar no que estava ouvindo.

Rashid estava falando de Nathan, que fora amigo de seu pai, e que lhe dera conselhos decisivos antes de sair de Israel. Um nome e uma história que Nissim conhecia pessoalmente… Nathan de fato era um arrependido, mas provavelmente Rashid nunca acreditaria nisso.

Subitamente, os olhos de Rashid voltaram a apresentar um brilho. Desta vez parecia um brilho surpreendentemente bom.

— A única coisa que me faz levantar todas as manhãs é Moema. Deus a

proteja. Se algo acontecer com ela não sei o que sou capaz de fazer.

- 52 -

No dia seguinte, Rashid descarregava os peixes que acabara de trazer do mar.

Nissim o observava de longe. Ainda custava a acreditar que, de todos os lugares do mundo, aquela pequena vila fosse esconder justamente alguém que afirmava ser vítima do grupo de combatentes do qual seu próprio pai participara. Era tão irônico e improvável, pensou Nissim, que a paranóia que havia dado sinais de enfraquecimento voltara com toda força.

Agora era preciso conhecer melhor aquele palestino, saber se ele tinha alguma ligação com serviços de Inteligência que usavam colaboradores no mundo todo, não apenas a serviço dos governos, mas também servindo uma vasta rede de interesses privados que alugavam seus serviços.

Frederique era um homem de relacionamentos importantes, e para ele não havia portas que não pudessem ser derrubadas. Embora parecesse improvável, Nissim não descartaria nenhuma hipótese. Custava a acreditar que seu encontro com Rashid tivesse sido obra do mais puro acaso.

Por outro lado, a história de Rashid o havia tocado.

Nissim já havia ouvido histórias de abusos cometidos por aqueles primeiros grupos que lutavam por Israel, mas sempre creditou tais histórias a sentimentos anti-semitas oriundos de inimigos do seu país. Na verdade nunca gastara muito tempo considerando aquelas hipóteses e, no entanto, uma testemunha viva daqueles dias possivelmente tinha acabado de cair em seu colo!

Procurou relembrar a forma como chegara àquela vila de pescadores e teve certeza de que foi sem qualquer planejamento anterior. Seu plano sempre foi o de ir subindo pelo Brasil até encontrar um lugar remoto o suficiente para se esconder. Rumou sem qualquer destino, com a convicção de não ter comentado com ninguém para onde estava indo, pois nem mesmo ele sabia. Com isso em mente, a hipótese de Rashid ser algum tipo de informante tinha de ser praticamente descartada, embora nunca pudesse saber de fato que não estivesse sendo seguido.

Pensou mais… Lembrou-se de que havia desmaiado no meio da estrada e que fora resgatado por um estranho, ficando alguns dias fora do ar. Esse era talvez o único senão, o único ponto escuro em sua viagem até ali.

Entre uma dúvida e outra, Nissim decidiu que o mais prudente seria tentar se aproximar de Rashid um pouco mais.

Caminhou até a jangada do velho palestino.

— Posso ajudar?

Rashid desconfiou um pouco da generosidade de Nissim, mas guardou as dúvidas para si mesmo. Não poderia contratar ninguém para trabalhar, e não queria gerar mal-entendidos.

— Se quiser… mas não posso pagar nada.

— Não estou procurando emprego.

— Está procurando o quê?

— Sossego — disse Nissim, esboçando um sorriso.

— Não é o que terá comigo.

Rashid sorriu e apontou para a leva de peixes frescos que descarregava da jangada, e que tinham destino certo: a casa de Tonho.

Rashid e Nissim levaram cada um uma cesta cheia de peixes.

Não falaram muito enquanto seguiam pela estrada de terra. Rashid aproveitou a caminhada para observar Nissim, o que fez várias vezes de canto de olho. Embora a ajuda fosse bem-vinda, não havia um motivo real para tanta generosidade por parte de Nissim. A verdade é que Rashid estava com a pulga atrás da orelha.

Conforme fazia todas as semanas, Tonho já esperava por Rashid na entrada de sua propriedade. Era uma maneira de poupar o velho turco de mais uns trezentos metros de caminhada dentro da plantação de cocos até a casa principal da propriedade. Essa gentileza era considerada valiosa para Rashid, já cansado das caminhadas difíceis pela estrada de terra.

— Turco — Tonho cumprimentou.

— Me ajude aqui…

Tonho ajudou Rashid a colocar o cesto de peixes no chão. Depois, olhou para Nissim, e de volta para Rashid. Caberia ali alguma explicação.

— Vou levar uma carga extra de cocos — inventou Rashid. — Precisava de alguma ajuda.

Nissim cumprimentou com a cabeça o homem que lhe acolhera, e colocou a cesta no chão. Como não queria parecer intrometido, permaneceu alguns passos atrás dos dois.

Nissim estava um pouco distraído, ainda pensando na história que Rashid

lhe contara. Talvez o seu encontro com Rashid fosse algum tipo de sinal que a vida estava lhe dando, mais ou menos como havia ocorrido na história que Rashid contara, quando descrevera o pressentimento que o pai tivera com a amendoeira na Palestina um pouco antes de ser morto. Talvez o fato de ter conhecido Rashid não fosse uma simples coincidência. De duas uma: ou era algo misterioso que a vida lhe reservara, ou então tinha o dedo de Frederique, e aquela hipótese sempre fazia o seu sangue gelar. O pesadelo poderia ainda estar longe de terminar.

Rashid viu os cocos que Tonho havia separado e os aprovou. Por outro lado, Tonho olhou superficialmente os peixes na cesta de Rashid e sabia que com ele nunca haveria problemas, pois confiava em seus peixes. Apenas achou curioso o fato dos peixes da cesta de Rashid serem muito pequenos. Pela sua expressão, Rashid entendeu do que se tratava a demora na inspeção.

— Deixei os maiores com ele. É mais jovem — explicou Rashid, virando-se para Nissim. — Traga a sua cesta para o Tonho olhar.

Nissim levantou a cesta de peixes, mas, quando estava próximo a Tonho, pisou em um coco velho largado no chão e tropeçou, derrubando todos os peixes de sua cesta no chão de terra, bem em cima de um monte de esterco úmido recentemente deixado ali por um boi.

Rashid não acreditava no que via.

— Desculpe… Acho que não estou me sentindo muito bem — disse Nissim enquanto se afastava em direção ao galpão.

- 53 -

Quando concluiu a transação com Tonho, Rashid pediu licença para ir até o galpão procurar por Nissim. Encontrou-o deitado na improvisada cama de feno e caminhou até ele. A coisa estava cada vez mais estranha… Por que Nissim não alugava um quarto qualquer na vila?

Para Rashid, era nítida a impressão de que Nissim estava se escondendo. O galpão, que àquela hora estava insuportavelmente quente, não era um lugar onde uma pessoa em situação normal procuraria permanecer.

— Arruinei a sua negociação, não foi? — Nissim perguntou em tom de desculpa.

— Quase.

— Acho que ainda me sinto um pouco fraco.

— Pudera… este lugar parece uma fornalha.

Nissim notou a estranheza com que Rashid o observava.

— Essa vila é bem pequena, já deve estar sabendo em quais condições cheguei até aqui.

— Com certeza ficamos sabendo de tudo por aqui.

Rashid olhou o galpão de Tonho e limpou o suor da testa. Quanto mais pensava, mais absurdo achava a escolha de Nissim por permanecer naquele galpão.

— Então é aqui que você se esconde?

Nissim engoliu em seco. Rashid era direto e fazia as perguntas certas.

— Sim… É um lugar simples, mas pelo menos a palha do colchão é fresca.

A tentativa de humor de Nissim não surtiu efeito em Rashid.

— Por que se esconde?

Nissim sentou-se e procurou ganhar tempo. Era preciso tomar cuidado com o que responderia.

— Porque tem alguém atrás de mim — respondeu de forma jocosa.

— E o que você fez para merecer ter alguém atrás de você?

— Estou fugindo de uma ex-namorada.

Nissim tentava desconversar, mas Rashid não estava gostando da conversa fiada. Todo mundo no vilarejo se conhecia e sabia da vida um do outro. A comunidade era pequena demais para que alguém pudesse esconder alguma coisa.

— A verdade é que não tenho a menor vontade de ser achado pelos meus problemas, por isso decidi passar um tempo no Brasil. Cheguei até aqui por puro acaso.

— Isso não funciona… Os problemas sempre nos encontram.

Em sua cautela, Nissim considerou se Rashid não estaria lhe mandando um recado.

— Mas deixe eu lhe dizer uma coisa enquanto você ainda é jovem… Bom, pelo menos é bem mais jovem que eu.

Rashid sentou-se no feno, próximo a Nissim. Retirou o seu facão da cintura e começou a limpa-lo com os dedos.

— Problemas fazem crescer um rancor dentro da gente… feito um tumor… até o ponto onde ele nos cega e corrompe nossos valores mais importantes. Tudo em que a gente acredita vai embora.

Rashid limpou o suor do rosto e esperou até que Nissim se ajeitasse sobre o feno. Queria atenção total.

— Mas com o tempo, a raiva vai perdendo força… Você começa a enxergar as coisas com clareza novamente: amor, amizade, essas coisas… Aí você percebe que isso tudo sempre esteve lá dentro, e que apenas por um tempo você deixou de ver que estava lá.

Nissim sentou-se. A conversa talvez fosse longa.

— Casei… Tive um filho… Mudamos para o Brasil, mas, durante todos esses anos, o rancor era o que eu sentia de mais forte em mim. Foi preciso que minha neta Moema nascesse, e que meu filho morresse, para eu voltar a enxergar esses outros sentimentos. Pode imaginar. pela minha idade, por quantos anos fiquei cego de raiva…

— Está me dizendo que está curado?

— Não, mas estou muito mais no controle do que sinto se comparado com o que era antes. Dizer que estou curado seria muita pretensão.

Rashid olhou de forma prolongada para seu facão. Nissim percebeu e não se sentiu bem com aquela linguagem corporal. Instintivamente, e talvez prematuramente, se levantou. Foi tomar água de uma garrafa deixada por Tonho sobre uma bancada.

Rashid seguiu Nissim com os olhos.

— O que você fazia na sua terra? — perguntou.

Nissim serviu-se de água e virou-se para Rashid. As perguntas estavam começando a cansá-lo.

— Eu trabalhava para o governo.

— Trabalhava para o governo de Israel — enfatizou sarcasticamente Rashid, como se tivesse descoberto uma conspiração contra si. — O governo é muito grande. Exatamente aonde trabalhava?

— Na área de Inteligência.

— No Mossad… — pronunciou Rashid com perplexidade.

— Eu era um simples prestador de serviços. Sou um especialista em eletrônica.

Nissim terminou de tomar sua água, mas teve certo receio em voltar para onde estava, pois Rashid o fulminava com o olhar.

Nissim achou aquela reação boa e ao mesmo tempo ruim. Era boa porque Rashid não demonstraria qualquer sentimento abertamente caso fosse um colaborador de Frederique, e ruim porque ali estava alguém com profundas cicatrizes e cuja reação poderia ser imprevisível. Se Rashid tivesse superado o trauma da infância, não teria escolhido viver tão longe da Palestina.

Nissim decidiu que daria a Rashid toda a verdade. Era hora de saber

onde estava pisando e, se fosse o caso, cair fora dali.

— Rashid, o meu pai fez parte de uma organização sionista chamada Irgun.

O queixo de Rashid caiu.

— Ele esteve na batalha por Deir Yassin — completou Nissim.

Rashid levantou-se indignado.

— Como é?!

— Eu queria ter lhe dito isso ontem quando me contou sua história, mas não senti que era o momento adequado.

Rashid avaliava Nissim intensamente. Não havia guardado seu facão e estava com ele na mão.

— Eu sabia que havia algo sobre você… — disse Rashid, quase para si próprio.

Nissim não estava gostando de tanta inquisição. Aproximou-se de Rashid, porque, afinal, o galpão era o "seu" território, pelo menos enquanto o bondoso Tonho permitisse.

— Todo mundo tem alguma coisa… Não vejo importância alguma no que eu tenha ou deixe de ter.

Rashid ainda ponderava sobre o que Nissim lhe dissera.

— Não venha com a sua propaganda maliciosa porque eu conheço a sua gente.

Os olhos de Rashid demonstravam uma cólera que Nissim não havia observado em alguém há muito tempo.

— Batalha por Deir Yassin… É assim que os fanáticos descrevem o assassinato de uma centena de civis? Metade deles mulheres e crianças?! — explodiu Rashid.

— Deir Yassin tinha defensores armados… Foi uma batalha — tentou contrapor Nissim.

— Batalha uma ova! O termo certo para aquilo foi massacre! O massacre de Deir Yassin é o que você quer dizer!

— Chame como você quiser… Eu não estava lá para fazer qualquer julgamento.

— Mas eu estava! — berrou Rashid.

Nissim queria morder os lábios. Havia se esquecido que Rashid esteve lá.

— Mas que droga! Maldita escolha de palavras! — continuou a gritar Rashid enquanto caminhava perturbado.

— Eu não quis diminuir a importância do seu sofrimento, apenas…

— Não importa quantas crianças palestinas morram, terá sido sempre culpa dos outros… Os israelenses não erram nunca!

— Não é verdade.

— São sempre a vítima dos outros, nunca os algozes! Mas ah, se alguém ousar questionar essa infalibilidade… é logo taxado de anti-semita ou terrorista!

— Está misturando as coisas.

— Não estou misturando nada! Até quando acha que esse discurso vai surtir efeito? Acha que vão poder ficar acima da lei para sempre?!

— Está levando o assunto longe demais. Não é pessoal!

— Foi pessoal para meus pais e para minha irmãzinha Sabah! Se a questão é de semântica, então vamos falar claramente: aquilo foi um despovoamento da minha querida Deir Yassin, junto com outras centenas de vilas árabes!

Rashid aproximou-se de Nissim. Sem se dar conta, balançava o facão no ar enquanto gesticulava.

— Mas o que você sabe sobre a verdade? — sussurrou Rashid, encolerizado.

Rashid parou perto de Nissim e o encarou. Com um estouro de raiva, golpeou a coluna de madeira do galpão com o facão!

— Provavelmente você no fundo nem se importa — finalizou Rashid.

Nissim engoliu em seco. Quando se recuperou do susto, tentou apaziguar a culpa que Rashid o fazia sentir.

— Não acredito que meu pai tenha agido como um terrorista.

Rashid voltou a caminhar e ajeitou os cabelos brancos. Parecia bastante abatido.

— Terrorista? Claro que não — disse Rashid com ironia.

— Eu realmente não acredito nisso… Veja, eu lamento que…

— Ele era o seu pai e eu sou um árabe… Cada célula do seu corpo lhe diz que eu sou um mentiroso, e que você é mais *escolhido* do que eu.

— Por que não me deixa em paz?

Rashid o deixou em paz, mas apenas por um momento.

— O Irgun e a gangue de Stern que atacaram a minha vila eram conhecidos como organizações terroristas, mas, no mundo de hoje, quem é que entende alguma coisa?

— Isso foi no passado. Eu lamento, mas não podemos mudar isso.

Rashid riu. Estava tão absorto em suas memórias que não dava bola para as

considerações de Nissim.

— Quem poderia prever que essas pessoas que mataram minha família se tornariam primeiros-ministros de Israel? Menachem Begin liderou comandos do Irgun. Yitzhak Shamir era da gangue de Stern…

— Havia uma guerra! — soltou Nissim, já cansado da discussão que considerava inútil.

Foi a gota d'água. Rashid deu meia-volta, pegou o facão que estava cravado na coluna e avançou em direção a Nissim!

— Pro inferno com essa conversa… Não havia guerra alguma!

Rashid cercou Nissim entre a coluna e uma bancada de madeira, pressionando o facão contra seu pescoço… Seus olhos pareciam querer saltar para fora.

— Estávamos sendo expulsos de nossa terra natal! Pode imaginar o que é isso? Fomos vítima de uma maldita limpeza étnica! — vociferou Rashid.

Com o facão contra o pescoço, Nissim não teve coragem de contestar Rashid.

— Essa é a história do que aconteceu naquele tempo… E é a história do que continua a acontecer hoje! — concluiu Rashid, já quase sem fôlego.

Naquele instante, Nissim teve uma certeza, Rashid era quem dizia ser: um sobrevivente de Deir Yassin.

- 54 -

Tel Aviv

Os agentes aposentados Benjamin e Harry estavam bem animados quando entraram na farmácia e caminharam até um velho balconista de barba grossa e sorriso provocante. Assim como eles, o balconista era um antigo membro do Instituto, e já os estava aguardando.

— Ouvi dizer que vocês dois só andam juntos agora… Viraram um casalzinho? — provocou o balconista.

— Ha, ha, muito engraçado — respondeu Benjamin enquanto mostrava o dedo médio para o balconista.

— Viemos pegar a pílula — pediu Henry, dando uma ênfase cômica ao pedido.

O balconista entregou um pequeno pacote a Henry e abriu um sorriso.

— É 99,9% eficiente… Garanto que nenhum dos dois vai engravidar.

— Não se preocupe. Se um de nós ganhar barriga, você será nossa madrinha — disse Benjamin.

Os dois saíram da farmácia com um estado de ânimo elétrico.

Há muito tempo ansiavam por um trabalho como aquele, especialmente porque os riscos não eram tão grandes e por estavam fartos de ficarem parados. Aquilo seria bisbilhotagem pura, divertido. Se fossem pegos, diriam que eram investigadores particulares que receberam dinheiro de uma fonte anônima, e deixariam Krosner limpar a barra deles com a justiça. Krosner sempre poderia dar algum jeito.

O mais importante para Benjamin e Henry é que nada pagava pela adrenalina que voltavam a sentir. Bisbilhotar era assistir a vida dos outros de camarote, e eles adoravam.

Na garagem de sua casa, Benjamin trabalhava cuidadosamente inspecionando a “pílula” que havia pego na farmácia. Usava uma lente de aumento por onde Henry também podia olhar.

Benjamin descrevia o microscópico *chip* que segurava com uma pinça para um Henry desconfiado dos milagres tecnológicos do mundo moderno.

— Está vendo? — perguntou, enquanto levantava o pequeno *chip*. — A antena, o transmissor… E aquilo ali colorido é uma bateria.

Henry balançou a cabeça.

— Não é possível… parece um amálgama de restauração dental, sem o dente.

— É o que se consegue colocar dentro de um grão de arroz nos dias de hoje.

Benjamin gostava de descrever o objeto para Henry. Para ele, a tecnologia era algo mais prazeroso do que tomar cerveja, por isso Benjamin descrevia lentamente, curtindo a ocasião… Gole a gole.

— É simples, Henry… Essa coisinha sofisticada é o nosso superpequeno microfone… Que vai dentro daquela pílula ali… Que é engolida pelo otário da vez… Que por sua vez, transmite um sinal de áudio de volta para um *receiver* que fica conosco.

Benjamin e Henry eram dois puristas da antiga.

Para eles, o brinquedo tinha mais importância do que as possíveis implicações de suas missões, e agora que estavam aposentados, tudo era a mais pura diversão. Já haviam tirado a vida de pessoas em nome de seu país. Já haviam agüentado a carga de sofrimento por anos de atividade de risco. Já

haviam perdido colegas de trabalho. Agora, pensavam apenas em se divertir.

Benjamin afastou a lente de aumento e resumiu a situação para Henry.

— A bateria nos dará 24 horas de áudio, a não ser, é claro, que a pessoa que engolir essa pílula vá ao banheiro antes da hora. Aí a coisa toda fede, entendeu?

- 55 -

Brasil

Nissim decidiu que uma caminhada na praia lhe faria bem.

Era mais um pôr-do-sol convidativo e ele faria bom uso da natureza para refletir, especialmente após o último encontro que tivera com Rashid, quando chegou a temer pela vida. O importante é que agora sabia que Rashid não era alguém que devesse desconfiar, embora o estado emocional do turco apresentasse potenciais explosivos de conseqüências imprevisíveis.

Ao se aproximar do pedaço de praia próximo do vilarejo, viu que Rashid ainda trabalhava em sua jangada. Estava pintando o mastro, o que estava dando uma ótima aparência ao seu valioso instrumento de sustento.

Nissim olhava para um tipo de homem que a vida toda lhe disseram para ter cuidado. Tratava-se de um palestino, e desde cedo aprendera a não confiar naquela gente. De alguns grupos judaicos mais preconceituosos, ouvia que não deveria nunca se envolver com os *goyim*, termo depreciativo para designar os não-judeus. Ouvira dos riscos, dos atentados terroristas, das sabotagens, do tal povo sem pátria que era uma ameaça constante ao Estado de Israel…

Nissim tentava encaixar Rashid em algum daqueles rótulos, mas, por mais que se esforçasse, não conseguia.

Nissim e Rashid cruzaram o olhar brevemente, mas Nissim não iria falar com ele. Rashid ainda era uma figura assustadora em sua mente. As atitudes altamente emocionais de Rashid pediam cautela… Talvez até fosse melhor ir embora daquela vila.

Quando Nissim estava prestes a sair da praia foi surpreendido pela netinha de Rashid. A menina estava catando suas conchinhas ali perto quando viu Nissim um pouco mais à frente, e foi até ele.

— Oi — disse ela de forma doce.

— Olá.

— Você é o estrangeiro?

Nissim não entendia o português dela.

— Eu sou Moema Aabidah.

Nissim sorriu.

— Estou trabalhando. Olhe…

Moema ergueu a cesta com as conchas.

— Moema, vamos embora! — gritou Rashid de longe.

Nissim e Moema viraram-se para Rashid.

— Aquele é o meu avô… Sabe, eu não tenho nem pai nem mãe — explicou a menina, um tanto constrangida. Em seguida, pegou na mão de Nissim e o puxou em direção à jangada do avô.

— É verdade que você não sabe falar a nossa língua? — perguntou ela.

Nissim não entendeu a pergunta, mas percebeu a intenção da menina de levá-lo até Rashid. Não achou uma boa idéia.

— Meu avô te ensina.

Nissim temia que Rashid pudesse pensar que ele estava usando a menina para algum propósito. Se existisse alguém mais paranóico do que Nissim naquele lugar, esse alguém era Rashid. Nissim pensou em largar da mão da menina, mas ela o segurava com tanta ternura que isso seria muito difícil.

Rashid viu os dois aproximando-se e parou de trabalhar.

Ficou surpreso em ver sua netinha de mãos dadas justamente com Nissim, mas aquela era a sua neta e muitas vezes antes Rashid já havia testemunhado quando Moema cismava em fazer amizade com alguém e já ia pegando na mão. Talvez por falta dos pais, a menina considerava todos na vila como seus tios e tias.

Por outro lado, Nissim não conhecia bem os hábitos locais e temia ser malcompreendido, mas se deixou levar pela menina mesmo assim. Caminhou com ela até Rashid, um tanto quanto acuado. Quando estavam próximos da jangada, Nissim parou de caminhar uma fração de tempo antes de Moema. Tentava fazer Rashid ver que era Moema quem estava segurando na mão dele, e não o contrário.

A menina deu meio passo para a frente e sentiu o peso do braço de Nissim, finalmente largando da mão dele.

— Vovô, ele pode jantar em nossa casa? Precisa ensinar nossa língua para ele.

Rashid, que tudo fazia pela neta, não teve escolha.

— Moema lhe convida para jantar em nossa casa hoje — disse Rashid

em inglês.

— Obrigado… Não — respondeu Nissim delicadamente em português, para que Moema entendesse.

Moema ficou desapontada pela recusa dele.

Rashid não deixaria de atender a neta. Encarou Nissim com ar ligeiramente autoritário.

— Irá jantar em nossa casa.

Nissim silenciou, surpreso com a insistência. Como ainda não tinha dado a entender que aceitaria o convite, obrigou Rashid a ser mais ameno na insistência.

— Não vai querer quebrar o coraçãozinho dela, vai?

- 56 -

Durante o jantar, Moema notou que o avô e Nissim mal se falavam.

Havia de fato um clima de constrangimento entre os dois, e a menina tentava fazer as vezes de anfitriã da melhor maneira possível. Na hora de fazer o prato de Nissim, era ela quem servia.

Rashid até que tentou melhorar o clima na mesa.

— Não tem família? — perguntou Rashid em inglês.

— O que perguntou? — quis saber Moema.

— Se ele tem família…

— Se não tiver, pode vir jantar conosco todas as noites! Francisca vai cozinhar para ele… Vou pedir para ela… Ela é muito legal! — adiantou-se Moema.

— Ele não entende português, Moema. Deixe ele falar sobre a família dele.

Nissim não entendeu a troca de palavras entre Rashid e Moema.

— Ela sente falta dos pais — explicou Rashid à sua maneira.

Nissim olhou para Moema.

— Eu tenho uma mulher. Chama-se Elana. Não temos filhos.

— A esposa dele se chama Elana — traduziu Rashid.

— Nós gostaríamos de ter uma garotinha como você.

Rashid hesitou em traduzir aquilo. A neta era surpreendente, e ele não sabia de que forma Moema poderia interpretar aquela manifestação de Nissim.

— Moema, por que não vai para o seu quarto, querida?

Moema não gostou, mas não costumava discutir com o avô. Levantou-se, deu um beijo no rosto de Nissim e depois no avô.

Quando Moema se retirou, Rashid saiu momentaneamente da cozinha. Foi até o quarto e retornou trazendo um álbum de fotografias. Sentou-se e abriu o álbum ao lado de Nissim.

— A vila de Deir Yassin… Minha casa… Todos nós: meu pai, minha mãe, minha irmãzinha e eu.

Rashid ficou emotivo. Mais do que desejava…

Fechou o álbum rapidamente, pois não queria demonstrar fraqueza para alguém como Nissim. Além do mais, viu que Moema o observava atentamente durante o jantar e sabia que a menina já conseguia perceber algumas coisas. Naquele mesmo instante, a menina bem poderia estar espionando a conversa do avô com Nissim, como costumava fazer nas raras vezes em que Rashid trazia alguém para casa.

Nissim aproveitou para mudar o rumo da conversa.

— A sua neta é mesmo uma menina muito doce.

Rashid concordou com a cabeça e olhou demoradamente para Nissim. Um olhar que Nissim já conhecia razoavelmente, e costuma antecipar arroubos de memória. Torceu para estar errado.

— A sua presença nesta casa é altamente perturbadora para mim.

Rashid já estava se tornando previsível. Nissim limpou a boca com um guardanapo e indicou estar se levantando para ir embora.

— Ora, deixe de frescura! Vamos conversar ou não vamos?

— Não quero incomodar vocês.

Rashid o ignorou.

— Eu não entendi direito o que você veio fazer aqui… Simplesmente não entendi até agora.

— Posso tentar te explicar.

— Pois tente… Esta vila é o *meu* refúgio!

Nissim respirou fundo.

— Há alguém em Israel que eu julgo ser um louco fanático com intenções de virar primeiro-ministro.

— Não seria o primeiro!

Nissim deixou passar a provocação e seguiu em frente.

— Não consegui definir exatamente do que se trata, mas é um desses crentes no final dos tempos…

— E o que ele quer, acabar com o mundo?

— De certa forma. Quer tornar a Grande Israel Bíblica uma realidade.

— Só pode estar louco.

Nissim meneou a cabeça.

— O que eu fiz foi tentar achar alguma coisa que pudesse prejudicar a campanha dele… Acabar mesmo com o jogo dele… mas agora tem um pessoal atrás de mim e da minha mulher.

Nissim foi tomado por uma ansiedade assim que se lembrou da situação toda, e reparou na garrafa de cachaça sobre a mesa da pia.

— Quem sabe tomamos um pouco daquela água.

Rashid pegou a cachaça, dois copos e voltou para a mesa. Agora sim teriam uma conversa franca, pensou.

— Mas que surpreendente… um agente do Mossad com um coração benevolente. Com toda certeza merece um brinde.

— Já disse que não sou agente do Mossad.

— O que me disser está bom… À Palestina!

Rashid ergueu o copo e esperou por Nissim.

— A todos nós, Rashid.

Brindaram e beberam.

— Então comprou briga com um pessoal perigoso… Tem coragem. Isso é bom.

— Não sei se foi muito inteligente da minha parte… A idéia de que eu pudesse fazer algo por conta própria talvez tenha sido apenas um delírio que está me custando bem caro… Acho que fui longe demais.

— Ah, não, não desista, Nissim! Deixe-me citar o Alcorão: *Ó crentes, sede firmes em observar a justiça, atuando como testemunhas, por amor a Deus, ainda que o testemunho seja contra vós mesmos, contra os vossos pais ou contra os vossos parentes, seja o acusado rico ou pobre.*

Nissim estava ouvindo conselhos daquele cuja vida inteira disseram ser o inimigo, e o suposto inimigo estava citando o Alcorão e o incentivando a romper com tudo e com todos em nome de uma causa justa!

Nissim achou que aquela conversa deveria terminar por ali, já que todos os seus alarmes internos tinham acabado de ser acionados.

Ainda assim, algo no íntimo insistia em lhe dizer que talvez aquele velho palestino tivesse sua parcela de razão.

Parque Yarkon. Tel Aviv

O agente aposentado Henry caminhava ao lado de um homem, ambos com roupas de ginástica. Em pouco tempo se despediram e seguiram em direções opostas.

Henry diminuiu o ritmo da caminhada… Estava exausto e evidentemente fora de forma. Lentamente foi chegando ao banco onde estava o parceiro Benjamin, que o acompanhava atentamente com o olhar.

— Dá próxima vez quem caminha é você — reclamou Henry ofegante. — Não respeita a minha idade?

— Nem um pouco, Henry… Mas e, então, valeu a pena?

— Pode apostar! Quer saber qual o restaurante favorito do candidato Zeev Sofer? O *The Beans*!

— Está brincando?!

— Não, mas estou quase enfartando de cansaço… O cara janta lá todas as sextas-feiras. E adivinha quem trabalha lá?

Benjamin sorriu.

— O seu irmão Michael ainda está no The Beans?

— Se ainda está lá? Ele é o *chef*!

Uma caminhonete refrigerada que transportava ostras frescas estacionou em uma rua movimentada de Tel Aviv.

O jovem motorista desceu e foi ao encontro de Benjamin e Henry, que estavam aguardando dentro de um carro. Benjamin acompanhou o jovem se aproximar pelo retrovisor. Então, desceu do carro e o aguardou de pé. O jovem lhe entregou a chave da caminhonete e recebeu em troca um punhado de dinheiro.

— Não vá ficar bêbado, garoto.

— Não senhor… Em duas horas o gelo começará a derreter.

— É mesmo? Pensei que as ostras já estivessem mortas.

Henry assumiu a direção do carro e partiu.

Benjamin entrou na caminhonete, ajeitou-se no banco desconfortável e seguiu por outra direção.

Àquela hora, a cozinha do restaurante The Beans estava em plena atividade.

Benjamin colocou as ostras sobre um balcão e esperou até que Michael,

o irmão de Henry, inspecionasse a carga.

— O que é que você e meu irmão estão aprontando desta vez? Pensei que estivessem aposentados.

Benjamin falou perto do rosto de Michael, em um tom baixo.

— Henry disse que você não é exatamente um grande admirador de Zeev Sofer.

Michael preocupou-se ao ouvir o nome do candidato, mas tentou manter a pose de *chef* seguro.

— Na verdade, não sou admirador de quase ninguém.

— Ótimo. Isso torna tudo mais fácil.

Benjamin olhou para os lados e mostrou a pílula com o microfone embutido para Michael.

— Precisamos enfiar isso aqui dentro de uma ostra, como se fosse uma pérola.

Michael estava agora definitivamente preocupado.

— Não estou gostando nada disso.

— Ora Michael, Henry é seu irmão… Não confia mais nele?

— Não muito.

— Não se preocupe. Garanto que não terá nenhum problema por causa disso.

— Tem certeza? — disse Michael enquanto examinava a pílula. — Isso aqui não irá matá-lo?

— Só se o imbecil se engasgar.

O garçom levou três pratos com ostras até a mesa onde jantava o candidato Zeev Sofer, o religioso Sadoc e Frederique.

— Senhor, uma cortesia da casa.

O garçom olhou para os demais e repetiu a historinha da cortesia distribuindo uma ostra para cada.

— Acabaram de chegar do Mercado Carmel.

— Obrigado — disse Zeev.

O garçom afastou-se.

Zeev deixou a ostra com a pílula sobre a mesa. Sadoc e Frederique não perderam tempo e foram logo comendo as suas.

Pouco tempo depois, quando o c*hef* Michael fazia o seu giro costumeiro entre as mesas do restaurante, teve a impressão de ouvir alguém se engasgar, uma impressão que piorou bastante quando percebeu a intensidade

assustadora do engasgo, o que o fez logo pensar no candidato Zeev Sofer. Seu coração disparou ao discorrer sobre os riscos de ser pego como cúmplice em um possível assassinato de um candidato a primeiro-ministro de Israel.

Virou-se, quase sem ar em direção à mesa de Zeev e não acreditou no que via: era de fato o candidato quem estava engasgando! Sem perder tempo, Michael caminhou apressadamente até a mesa de Zeev. Ao chegar, viu com certo alívio que Zeev estava retirando um pedaço de camarão da boca, a causa do engasgamento.

— Está tudo bem com o senhor?!

— Tudo bem, Michael… Sobrevivi — disse Zeev, fazendo graça enquanto seu rosto mostrava uma vermelhidão embaraçosa.

— Alguma coisa de errado com o prato?

— Não se preocupe Michael… Quando você perder seu toque mágico eu lhe avisarei.

Michael riu aliviado, mas notou que Zeev ainda não havia comido a ostra, que permanecia ao lado do prato principal.

— Então está ótimo! — disse Michael, com o deslumbramento dos grandes *chefs*. — Obrigado por freqüentar nosso restaurante!

Michael afastou-se e Zeev limpou sua boca com um guardanapo. Depois, deu um longo gole em um copo de vinho branco…

Benjamin monitorava tudo da sala do *chef*.

Estava com um *headphone* na cabeça e operava um pequeno *receiver*. Com aquele equipamento era possível até ouvir o atrito do guardanapo na barba por fazer de Zeev, mas o que deixou Benjamin particularmente animado foi acompanhar o exato momento em que Zeev finalmente experimentara a ostra, a engolindo junto com a pílula do microfone. Acompanhou cada um dos sons internos, desde o engolir até a respiração, e se maravilhou… Era incrível a sensibilidade do minúsculo microfone!

Frederique terminou seu copo de vinho e olhou discretamente para as mesas ao redor deles. O restaurante já estava praticamente vazio, o que possibilitaria alguma conversa mais importante entre eles. Esperou até que Zeev e Sadoc terminassem seus pratos e chamou o garçom.

— A conta.

Quando o garçom se afastou, Frederique deu as ordens para o candidato.

— Não vá a lugar nenhum amanhã à noite.

— Por quê?

— Vamos nos encontrar com o general Zucker… Fazer um pouco de meditação.

— Pensei que as coisas estivessem caminhando bem.

— E estão… mas é exatamente quando as coisas estão no seu melhor momento que devemos procurar por possíveis problemas. Quanto mais nos concentrarmos, melhor. Temos muito que planejar.

Benjamin tomava nota de cada palavra do que eles diziam, mesmo sabendo que o *receiver* gravava tudo automaticamente. Era um velho hábito que não mudara com o tempo. Embora estivesse fascinado com a qualidade do som que recebia, ainda confiava mais no ser humano do que na máquina.

Como se estivesse dentro do corpo de Zeev, Benjamin anotou:

ENCONTRO NO ESCRITÓRIO DE CAMPANHA AMANHÃ À NOITE.

- 58 -

Henry estava esperando por Benjamin em sua garagem.

Assistia TV e saboreava uma pizza quando viu Benjamin chegar com um sorriso no canto da boca. Aquilo era bom, sinal de que as coisas estavam caminhando.

— Como foi, Benjamin?

— O que posso te dizer… A única coisa que escapa ao nosso alcance são os pensamentos de Zeev. De resto, é possível ouvir tudo!

Benjamin despejou sua parafernália de monitoração sobre uma bancada de madeira.

— E agora? — perguntou Henry.

— Arrombamento… Entramos no escritório deles, armamos as câmeras e curtimos o passeio.

— Arrombamento? Como assim? Por quê?

— Os caras têm planos de meditarem, seja lá o que isso quer dizer…

Henry deu de ombros. Qualquer coisa era uma distração válida.

— Ótimo! Quer um pedaço de pizza, Benjamin?

Benjamin viu que só havia mesmo sobrado uma única fatia.

— Eu passo, Henry… Agora vamos, temos de nos preparar.

Benjamin invadiu o escritório de campanha de Zeev Sofer sem maiores dificuldades. Aquele local não guardava nada de importante, era apenas um salão de festas que, de vez em quando, era usado como local de encontro. Benjamin estava completamente à vontade em sua função.

No fundo, Benjamin e Henry sabiam que aquele trabalho significava estar ajudando as pessoas de Israel. Não tinham maiores detalhes sobre os objetivos de Krosner e nem precisavam ter. Se Krosner havia contratado eles é porque a causa era justa, e isso os fazia se sentirem bem. Era o suficiente. A trajetória pessoal de Krosner era ilibada.

Henry acompanhava Benjamin do carro. Observava pelas diversas câmeras de monitoramento que ele já havia instalado nas dependências da casa. Benjamin estava parado diante de uma delas ajustando o ângulo quando Henry falou pelo rádio.

— Benjamin… Acho que o lugar já está suficientemente coberto. Pode cair fora, amigão.

— O que o nosso candidato está fazendo neste momento? — perguntou Benjamin por um microfone de pulso.

Henry monitorava tudo na tela de um notebook. Clicou em uma janela minimizada que se abriu e mostrava a leitura de áudio do microfone engolido por Zeev Sofer. Ouvia-se claramente um ronco.

— Zeev está dormindo feito um anjo…

Benjamin terminou de ajustar o ângulo da câmera e afastou-se.

— Provavelmente está sonhando com o inferno que lhe espera… Henry, estou de saída. Não quero abusar da sorte.

Benjamin estava nitidamente excitado com a aventura.

— Isso é que é vida!

Benjamin e Henry tiveram que esperar até a noite seguinte dentro do carro. Como nos velhos tempos, consumiram todas as tranqueiras que puderam achar, fazendo com que o interior do carro parecesse ter passado por uma festa. Àquela altura estava entupido de copos de plástico e pratos de fast-food. Na verdade, tudo era uma desculpa para saírem temporariamente da dieta normal que ambos consideravam rigorosa demais. E chata.

Mas após 24 horas de vigília, estavam exaustos. Precisavam de alguma atividade para recobrarem o sentido de alerta.

— Zeev está mudo.

Henry aumentou o volume do notebook… De fato, não havia qualquer ruído vindo do microfone de Zeev.

— Acho que a pílula se foi — concluiu Benjamin.

— Que droga.

— É isso mesmo, amigão… Nossa pílula já deve ter sumido privada adentro.

— Não faz mal. Não faltam microfones na casa.

Mais tarde, o notebook no colo de Henry mostrava vários ângulos da casa que monitoravam. Zeev Sofer acabara de chegar acompanhado de Sadoc, Frederique e de uma terceira pessoa de estatura diminuta e olhos que pareciam estar arregalados. Era o general Zucker quem seguia com eles direto para a câmara de meditação.

— *Meditação*… — ponderou Henry. — Palavra engraçada para se chamar uma reunião.

O notebook mostrava Frederique, Sadoc e o general Zucker sentando-se no alongado sofá vitoriano enquanto Zeev Sofer se ajoelhava de frente aos três, tendo a parede com o mapa da Grande Israel Bíblica ao fundo.

Zeev não estava nem aí para os fatores religiosos, mas o ato de ajoelhar-se diante de Frederique e Sadoc, e agora diante daquele general, já havia sido incorporado em seus encontros. Era apenas um ritual e, se aquela submissão os deixava mais seguros quanto a ele, assim seria. Zeev estava cego, a notoriedade que o cargo de primeiro-ministro lhe daria estava muito próxima de ser alcançada. Que se danem os joelhos.

Henry franziu o rosto enquanto observava Zeev Sofer tirar a camisa.

— Essa deve ser a coisa mais bizarra que eu já vi em toda a minha vida…

— Mas o que diabos estão fazendo?! — perguntou Benjamin.

Henry clicou no ícone de *gravar* em seu notebook.

O general Zucker abriu um envelope e retirou de dentro um documento.

— A chave que abre todas as portas — começou dizendo o general. Era uma de suas frases favoritas. — Acredito que um incidente como o do Golfo de Tonkin ainda seja, de longe, a melhor maneira de justificar uma reação nossa em maior escala.

O incidente do Golfo de Tonkin a que o general Zucker se referia foi o que permitiu aos Estados Unidos se envolverem para valer no conflito com o

Vietnã. Para a imprensa e para o povo, vendeu-se a idéia de que embarcações vietnamitas teriam atacado navios de guerra americanos sem qualquer motivo, mas, em 2005, a Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos revelou que, na realidade, não houve nenhum ataque contra esses navios. Aquela havia sido mais uma legítima operação de bandeira falsa.

Conseqüência: morte de 50 mil soldados americanos e o massacre de mais de um milhão de vietnamitas.

Em uma repetição da história, agora era o Golfo Pérsico no Oriente Médio que estava repleto de embarcações de guerra. O Estreito de Hormuz, por onde navios transportavam quase 20% de todo petróleo consumido no mundo, era o ponto mais delicado de todo Golfo. Qualquer faísca ali poderia resultar em um conflito de proporções imprevisíveis.

— Não acho que seja tempo de reinventar a roda — continuou o general com os olhos parecendo mais arregalados do que nunca. — Usaremos o que funciona. O desafio está em fazer tudo funcionar em nosso favor. Será preciso mais do que nunca saber fazer direito.

— Não podemos repetir os erros dos nossos amigos norte-americanos — disse Frederique.

O general Zucker concordou com a cabeça e explicou para Zeev.

— Tentaram criar um incidente como o de Tonkin com aquela história dos pequenos barcos iranianos avançando contra os navios americanos, mas a história parou por ali. Ninguém comprou a história para valer. Em minha opinião, um fiasco total.

— A história repercutiu no mundo todo — disse o candidato Zeev, querendo demonstrar uma familiaridade com o assunto que os três sabiam não existir.

— Mas isso não seria o suficiente para os nossos planos… É preciso algo que funcione.

O general ergueu brevemente o documento que tinha nas mãos.

— Este incidente entre americanos e iranianos não foi adiante por falha no controle de comunicação. Não se criou a percepção de que o incidente tivesse sido grave o bastante. Em um projeto como o nosso é preciso ir até o final. Fazer tudo direito.

— O que tem em mente, general — perguntou Frederique, já ansioso.

— Temos de controlar o fluxo de informações.

— Que eu saiba, existe quase mil agentes da CIA trabalhando nos órgãos de imprensa do Ocidente. A mídia já está quase unanimemente contra o Irã.

— Mas eles não fazem milagres, Frederique… Como eu disse, é preciso controle total de informações. Um novo incidente só irá funcionar se for possível contar ao mundo exatamente o que pretendemos que o mundo saiba. A nossa versão, de forma inquestionável.

— Em tempos de internet isso é impossível.

O general balançou a cabeça.

— O momento em que vivemos é incrivelmente favorável para nós… Já existe uma percepção de que o Irã é uma ameaça à estabilidade do Golfo, essa fase já foi superada. Qualquer abuso que eles cometam será visto como uma provocação inaceitável.

— Concordo, general. Temos a percepção das pessoas inteiramente do nosso lado.

— Exato. Podemos fazer o que bem entendermos e dizer o que nos convém.

Mas essa era a parte que incomodava Frederique. Falar era fácil, mas na prática a tarefa mostrava-se inviável.

— General, qualquer garoto em um cybercafé tem a sua própria rede particular de transmissão de notícias. Como fazer o que propõe?

Apontando mais uma vez para o documento que segurava em mãos, o general foi enfático.

— Fecharemos a internet!

Por um breve instante, os quatro cavaleiros do Apocalipse ali presentes se olharam.

— Como assim — perguntou Frederique, quase protocolarmente.

— Os detalhes estão aqui dentro.

O general finalmente entregou o documento a Frederique.

— Queimaremos esses papéis antes de sairmos daqui hoje — determinou.

Frederique e Sadoc concordaram com a cabeça. Zeev mal se mexia.

O general prosseguiu, fascinado que estava com seu plano.

— Quando fecharmos a internet, caberá apenas às grandes redes de televisão e aos jornais de massa reportarem o incidente que preparamos. Tudo será feito de maneira a parecer que foi uma agressão vinda do Irã.

— A grande mídia não me preocupa, general.

— Nem a mim. Eu tenho certeza que irão contar para as pessoas aquilo que as nossas forças militares disserem a eles o que oficialmente definirmos como sendo fatos. Não serão loucos de nos questionar ou cancelamos o acesso

deles conosco. Em termos de acesso à informação, tudo voltará a ser como era antes do surgimento da internet: a informação voltará a ficar a cargo de TVs e jornais. Pelo menos durante um certo tempo voltaremos a ter controle sobre o que é notícia e o que não é.

O general ainda teorizava, o que deixava Frederique cada vez mais impaciente.

— Como será o incidente?

— Isso não importa.

— Como não importa? — fuzilou Frederique, perdendo pela primeira vez a compostura que a hierarquia exigia deles.

— Na verdade nenhum de vocês aqui dentro saberá dos detalhes. Isso é coisa para os nossos militares da ativa. O que importa para nós é definirmos o que e como será a divulgação dos acontecimentos. Isto sim fará toda a diferença. É a percepção da ameaça que fará a diferença desta vez!

O general olhou para Zeev. O que viria a seguir seria de responsabilidade dele como primeiro-ministro eleito.

— Se dissermos que fomos atacados e se o público comprar essa idéia, então teremos sucesso… É só com o que você deve se preocupar, candidato.

O general voltou a olhar para Frederique e Sadoc.

— Por isso é tão importante controlar o fluxo de informação. Controlar a internet.

— E como pretende fazer isso?

— De uma forma que não faça barulho.

Frederique resistiu à vontade de revirar os olhos. Às vezes ele se cansava do ritmo de militar reservado e misterioso que o general impunha. Para seu alívio, o general já percebia a inquietação de Frederique e dos demais.

— O que importa é que é factível. Quando a comunicação estiver restrita à grande mídia, podemos dizer que um míssil iraniano atingiu Tel Aviv. Podemos dizer que o míssil continha elementos biológicos e, dessa forma, restringir o acesso da população e da própria mídia ao suposto local do ataque. A lei nos autoriza a isso, de forma que não haverá investigação independente. Podemos dizer que Papai Noel é anti-semita porque qualquer coisa que seja dita por nossos militares será veiculado pela mídia sem contestação técnica. Repetiremos isso até que se torne uma verdade incontestável, o que, nos dias atuais, com nossos satélites, não leva mais do que alguns minutos. Para isso, basta que todos nós falemos a mesma língua e comuniquemos a mesma ameaça.

— Quando? — atreveu-se a perguntar o quieto Sadoc, que já visualizava maravilhas “religiosas” sendo alcançadas com o trabalho daquela gente.

O general fez uma pausa. Considerava que já havia falado o suficiente.

— Temos os detalhes verificados e pessoal militar pronto para o trabalho.

— Como vai convencer militares patriotas a agirem contra seu próprio país? — quis saber Zeev.

— Mas não estarão agindo contra seu país… Ao contrário, acreditarão estar participando de um exercício de simulação de guerra. Tudo o que farão por nós pensarão estar fazendo em nome da defesa de seu próprio país.

Sadoc buscou o olhar de Frederique. Estava incrédulo com as possibilidades ali apresentadas pelo general.

— Acredite, Sadoc, nas disciplinas militares não há espaço para questionamento de ordens. É parte permanente da rotina dessas instituições os treinamentos e simulações que discutimos aqui. Todos os dias alguém está simulando alguma situação de conflito, preparando-se para alguma ameaça. Quando algum problema real acontece no mundo, é difícil associá-lo com o exercício militar… Imagine, quem será o paranóico que irá se atrever a associar a perda de comunicação na internet, que será executada durante um exercício militar de rotina, com a explosão de um míssil em algum lugar? Não faria sentido.

— Por isso funciona! — disse Frederique com os olhos em chamas.

O general prosseguiu sem perder o fôlego.

— Parece simples Frederique, mas é preciso uma coordenação gigantesca, que é exatamente onde está o nosso trabalho.

O general olhou para Zeev, motivo maior daquela reunião.

— Precisamos ter alguém na ponta alimentar da opinião pública. Precisamos que o nosso Zeev aqui… seja eleito… e faça a parte dele. Precisamos de um líder que una a população contra o inimigo que produziremos.

Zeev titubeou. Ele era incrivelmente vaidoso e ambicioso, mas também humano, e aquilo começava a ter um gosto amargo.

O general, velho de guerra, olhos enormes… percebia tudo.

— Não será um trabalho difícil, Zeev, porque a mídia alimentará a população com imagens dramáticas. Mas também não será um trabalho fácil, porque, se você não mostrar serviço, poderá ter sua autoridade questionada e até perder o cargo. Precisará mostrar uma liderança inabalável!

Frederique olhou para Zeev, e depois para o general.

— Temos outras opções para o cargo — blefou Frederique.

Ele não tinha. Todas as suas fichas estavam em Zeev Sofer.

— Sobre isso, não sei, Frederique — percebeu o astuto general.

O general sentiu que Zeev estava demasiadamente acuado e desprestigiado. Não queria intimidá-lo além da conta. Era preciso encorajá-lo.

— O cargo de primeiro-ministro é na verdade muito mais relevante em tudo isso do que em princípio podemos supor. Se Zeev cair em plena crise, poderemos ter algum substituto contestador… Sim, poderíamos intimidá-lo, mas isso dificultaria as coisas ainda mais. Por isso contamos com seu sucesso, Zeev.

O candidato acenou com a cabeça… Era bom ter a sua relevância reafirmada pelo general, embora dentro de sua cabeça estivesse acontecendo um furacão moral.

- 59 -

O general Zucker deixara a casa na noite anterior, e o trio permaneceu até a manhã seguinte. Sadoc deixou o local em um táxi enquanto Frederique e Zeev seguiram de carro até o mercado Levinsky.

Benjamin e Henry estavam cansados da segunda noite de vigília, e estavam profundamente desencantados com o que viram. Apesar de tudo o que já haviam visto na vida, jamais foram testemunhas de planos tão ambiciosos e chocantes quanto aquele.

No mercado Levinsky, o candidato Zeev e Frederique separaram-se.

Zeev parou para dar alguns autógrafos e conversar com as pessoas, e Frederique continuou caminhando, atraindo para ele Benjamin e Henry, que decidiram não perder tempo enquanto Zeev tentava ganhar alguns votos com os freqüentadores do mercado.

Frederique parou para comprar algumas burecas um pouco mais à frente. Benjamin e Henry diminuíram o passo, e viram quando um homem se aproximou de Frederique para o cumprimentar.

— Conheço aquele sujeito — disse Benjamin.

Benjamin puxou Henry para trás de uma barraca de frutas até que saíssem do campo de visão de Frederique.

— Aquele é o Yakir. Trabalha com Krosner!

— Não pode ser…

— Se é! Mas que filho da mãe!

Frederique comia a bureca e falava com Yakir de boca cheia. Era o dono da conversa, não havia dúvida.

— Como está vendo, ando bem ocupado… Por que não começa a falar? — disse Frederique com a mais completa soberba.

— Nissim está no Brasil.

— Se eu não me engano, o Brasil é um pouquinho maior do que Israel… Saber que Nissim está lá, e encontrá-lo, são duas coisas bem diferentes.

— Sei como chegar até ele — mentiu Yakir.

— Vou partir do pressuposto que você realmente saiba. A pergunta é: acha que é necessário que nós tenhamos que ir até ele?

— Nissim é um idealista.

— Pode ser, mas até agora só conseguiu provar que é um incompetente.

— É teimoso e inconseqüente — insistiu Yakir.

Yakir estava fazendo o seu trabalho, que era vender a existência de um problema, fosse ele real ou não. Frederique conhecia o jogo, mas sabia que não poderia deixar buracos que mais tarde cobrariam um alto preço e até mesmo poderiam derrubar Zeev Sofer.

— Não sei se você vai querer um idealista inconseqüente esperando a primeira oportunidade para te ferrar — perseverou Yakir, indicando que algo deveria ser feito a respeito daquele problema, gostasse Frederique da idéia ou não.

Frederique engoliu a bureca e pensou por alguns segundos. Já não parecia tão arrogante quanto antes.

— É… Não é algo de que eu precise neste momento.

— Ótimo. Estou à sua disposição.

— Yakir, você precisa tapar esse buraco.

— Você me deve dinheiro.

Frederique limpou a boca e franziu a testa. Não gostava de se sentir um devedor, e muito menos de ser cobrado de forma tão direta. Yakir, ao contrário, estava adorando o poder que experimentava naquela hora.

— Vou lhe pagar o que for necessário.

— É um trabalho de longa duração e que envolve riscos — exagerou Yakir.

— É um problema seu, mas precisa agir o quanto antes. Não quero escândalos quando a eleição estiver próxima.

— Eu corro o risco de ser descoberto pelo Mossad… E corro o risco de ter de confrontar Nissim. Ele é muito perigoso.

— Não foi o que me pareceu quando o visitei no apartamento dele.

— Você teve sorte, pegou ele desprevenido. Nissim é um planejador eficiente. Vai estar preparado da próxima vez que alguém chegar perto. Por acaso conseguiu encontrar a mulher dele?

— A tal da Elana? Ainda não.

— Agora entende o que eu digo? Nem vai conseguir encontrar… Nissim sabe o que faz.

Frederique mostrava-se agora mais vulnerável. Nissim se tornara um desafio maior do que conseguira antever. Mesmo que Yakir estivesse exagerando, e Frederique tinha certeza que ele estava, o assunto tomou ares de prioridade.

Depois de vender a idéia de que Nissim seria uma grande ameaça e um perigoso oponente, Yakir deu o seu preço.

— Gostaria de um valor que me permitisse uma aposentadoria. Não tenho como fazer um trabalho desses e ainda permanecer no quadro do Instituto. Eles saberão de tudo, não há como evitar.

Frederique fechou o rosto, mas a ambição de Yakir não tinha medo de cara feia. Foi em frente sem vacilar.

— O que eu peço não chega a ser uma fração do que você deixaria de ganhar com o problema se consumando.

Frederique queria mesmo era poder cuspir na cara de Yakir. Seus interesses atuais giravam na casa dos bilhões, e o ganho em escala de poder era impossível de ser mensurado, mas Frederique não gostava de gastar o seu dinheiro.

— Não quero mais ouvir falar de Nissim… Nunca mais.

Frederique fitou Yakir nos olhos. Estava longe de confiar cegamente nele.

— Acha que é capaz disso? Talvez ele seja seu amigo — provocou.

— Lealdade nunca foi meu ponto forte.

— Então estamos entendidos.

— Preciso de um adiantamento.

— Eu já imaginava isso… Tem uma sacola cheia de burecas para você.

Frederique colocou um ponto final na conversa e foi embora.

Yakir aproximou-se do vendedor de burecas, que lhe entregou uma sacola cheia de maços de dinheiro. Obviamente Frederique havia se antecipado

àquela conversa. Yakir ficou muito feliz quando confirmou o que tinha dentro da sacola, e em qual quantidade. Aquele montante era para ser o valor total do contrato, mas Yakir havia transformado aquele dinheiro em simples adiantamento. Acabara de fazer o negócio de sua vida.

Yakir sairia do Mossad porque descobrira há muitos anos que seu coração nunca estivera de fato com o país. Até gostava da dinâmica de trabalho da agência e almejava crescer no Instituto, mas o crescimento nunca viera. Suas ambições pessoais, que eram grandes, nunca foram plenamente realizadas. Yakir odiava ter de conviver com aquela realidade e aceitar que seria sempre alguém mediano. Agora finalmente teria dinheiro suficiente para viver uma vida completamente irresponsável, longe das disciplinas que era obrigado a seguir. Seria um turista até o fim de seus dias.

- 60 -

Benjamin e Henry estavam de volta ao Parque Yarkon simulando uma caminhada atlética. Enquanto se esforçavam para fazer o melhor, Krosner foi crescendo atrás deles, obviamente em melhor forma que os dois. Em instantes estavam emparelhados.

— E então rapazes, deu pra se divertir?

— Ô se deu — disse Benjamin, ofegante.

— Foi como nos velhos tempos, Krosner — relatou Henry, em tom quase emotivo, mas que deixara transparecer um tom de preocupação que Krosner não esperava ouvir.

— Que bom… Sabia que poderia confiar em vocês.

Caminharam quietos por alguns passos, em que prevaleceu o som do ritmo ofegante e variado que os três emitiam. Então, Benjamin entregou a Krosner um pen drive com os dados coletados na missão.

— Acho que vai gostar pra valer…

— Por que acha isso, Benjamin?

— Porque você é como um cão de caça *bloodhound*, nunca desiste de procurar problemas. E desta vez encontrou um bem grande!

Benjamin disse isso e depois deixou o tom de bom humor de lado. Krosner observou a transformação.

— Alguma coisa fora do comum?

— Muito fora do comum, Krosner — disse Henry, confirmando a gravidade da descoberta.

— Veja, sei que não devo perguntar isso na condição de ex-agente, mas existe alguma outra equipe seguindo Frederique e Zeev? — perguntou Benjamin sob o olhar recriminador de Henry.

— Não… Por quê? — quis saber Krosner.

— Benjamin — intercedeu Henry. — Cale a boca.

— Não, Henry. Precisamos ser francos diante do que estamos lidando… Krosner, vimos Yakir encontrar-se com Frederique esta manhã.

Krosner instantaneamente diminuiu o ritmo da caminhada. Foi um alívio para os outros dois.

— Tem certeza disso?

— Temos… Era Yakir.

Krosner ficou realmente surpreso.

— Obrigado.

— Conte conosco, Krosner — consolou-o Henry.

Krosner diminuiu o passo ainda mais e deixou que Benjamin e Henry seguissem à frente dele.

No Instituto, a secretária Eva entrou na sala de Krosner e surpreendeu-se com o semblante tenso que ele exibia. Não era comum vê-lo daquele jeito.

— Diretor…

— Eva, descubra quem é nosso agente na embaixada israelense no Brasil…

Krosner entregou a Eva um envelope polpudo.

— E envie isso para ele ou ela.

— Farei isso imediatamente.

Eva saiu da sala.

Krosner ainda digeria a amarga informação de que Yakir, um de seus agentes mais experientes, se tornara um traidor.

Nada era mais frustrante para Krosner.

- 61 -

Brasil

Na parte de trás da propriedade de Rashid havia um pequeno cajueiral que complementava a pequena renda que ele tinha com a pesca. Aquelas árvores tinham quase o mesmo significado para Rashid que a amendoeira do seu pai

na Palestina.

Como já havia se passado três meses desde o florescimento do cajueiro, era chegado o momento da colheita, e nessas horas Moema costumava acompanhar o avô segurando uma cesta atrás dele. A menina fazia tudo com muita seriedade.

Nissim apareceu na propriedade.

Ainda tinha na memória o conselho que Rashid lhe dera, de não desistir de sua luta, embora essa não tenha sido a razão que o trouxera ao Brasil. A recomendação de Krosner tinha sido bem clara: sumir.

Caminhou até Rashid e Moema… Viu que a cesta nas mãos da menina estava pesada e se ofereceu para ajudar, tomando-a de suas mãos.

— Deixe eu te ajudar…

— Cuidado com as abelhas! — alertou Moema.

— Ela tem medo das abelhas — traduziu Rashid.

— Vou tomar cuidado.

Nissim sorriu para a menina.

— Vá para dentro, Moema.

Moema encolheu os ombros e seguiu para dentro da casa.

— Você está certo sobre Moema, Rashid… É uma menina muito especial.

De uma hora para outra, Nissim viu-se cercado de abelhas e tentou se proteger delas abanando as mãos.

— Como a gente se livra delas?

— Eu costumo tratar elas bem.

Rashid continuou sua colheita sem se preocupar.

— Não se mexa tanto, Nissim. Vai assustá-las.

— Como é?!

— Seja gentil com as mãos.

Nissim fez movimentos mais suaves e aos poucos foi controlando a situação.

— Já me preveniram uma vez sobre mexer com abelhas!

— Ah!… É disso que tem medo, então? — provocou Rashid. — Ainda acho que você deveria fazer algo a respeito do tal candidato.

— Fácil para você falar — disse Nissim, surpreso por ter conseguido controlar as abelhas tão rapidamente. O palestino mais uma vez estava certo.

Rashid apanhou uma castanha e ponderou sobre a situação. Levantou a fruta até a altura dos olhos a girou lentamente…

— A *Anacardium occidentale* e as abelhas se dão muito bem.

— Alguém tem que se dar bem nesta vida!

— A abelha poliniza o cajueiro e, em troca, serve-se do néctar daquelas orquídeas ali… Sem orquídeas não há abelhas e não há cajueiro.

Nissim observou Rashid admirar a castanha. Aquele certamente não seria um ensinamento sobre botânica.

— É incrível como formas de vida tão diferentes umas das outras consigam coexistir tão bem enquanto nós humanos não conseguimos dividir um lugar tão grande quanto o mundo.

— Por mais que este mundo seja grande, o que eu realmente preciso é ficar quieto no meu canto… Se descobrirem onde estou, todos os que estiverem perto de mim sofrerão. Sei disso porque minha mulher virou um alvo para eles.

Rashid suspirou aborrecido.

— As escolhas são suas, meu caro.

Enquanto conversavam, Moema saiu de dentro casa e correu em direção a Francisca, que estava chegando com um punhado de flores. A espontaneidade da menina era um refresco no coração daqueles dois.

Moema pegou na mão de Francisca, como costumava fazer com todos, e a levou para dentro da casa.

— Não consigo deixar de lembrar de Elana cada vez que vejo Moema… As duas têm a mesma docilidade. Chego a ficar impressionado.

Rashid franziu a testa, subitamente preocupado.

— E se de fato descobrirem onde você está?

Olhou para Nissim.

— Não acha que seria melhor para todos se você se escondesse em outro lugar?

— Rashid, se me descobrirem aqui, o que eu acho improvável, pode ter certeza de não deixarei você e os seus à mercê dos meus perseguidores.

Aquela idéia não agradava Rashid.

— E por que eles se importariam comigo ou com Moema?!

— Para me atingir, Rashid.

— Então, se tudo que você me diz é verdade, não deve criar raízes em lugar algum.

— Talvez você tenha razão. *Novamente*, pensou Nissim.

À noite, a vila celebrava uma festa a Iemanjá, onde reverenciavam a Rainha do Mar. Um sujeito chamado Conde, que era o curandeiro local e líder de candomblé, orquestrava uma atividade repleta de flores e presentes que seriam acomodados nas jangadas. Cerca de uma dúzia de pescadores se preparavam para entrar no mar.

Tonho e Rashid cuidavam da preparação do churrasco de peixes. A maioria das mulheres e crianças da vila dançavam e cantavam, mas Francisca havia levado Moema até o mar e a estava ajudando a colocar uma cesta com presentes na água.

— Como posso saber se Iemanjá irá me escutar? — quis saber a pequenina.

— Porque ela sempre sabe!

— Como?

— Ora, ela sabe de tudo. Só não sabe quando se pergunta demais!

Moema aproximou o rosto das flores que estavam na cesta e sussurrou:

— Faça ela escutar!

Depois, soltou delicadamente a cesta e acompanhou atentamente enquanto o mar levava as flores embora… Antes de saírem da água, Moema pegou na mão de Francisca para que saíssem juntas. Como notou que a menina estava um pouco angustiada com a falta de informação do mundo do além, Francisca afagou sua cabeça.

— Você saberá quando Iemanjá lhe atender…

Moema continuava perdida. *Saber como*?

— Sentirá — reforçou Francisca.

Nissim observava a festa de longe.

Moema o localizou sentado sozinho e se solidarizou. Puxou Francisca e foram com ele ter uma prosa. Quando chegou perto de Nissim, inclinou-se para a frente e falou em seu ouvido, mas procurando fazer com que Francisca ouvisse o que ela tinha a dizer, e, assim, pudesse traduzir para Nissim.

— Eu tenho um segredo.

— A menina quer te contar algo — traduziu Francisca.

Nissim sorriu. Moema era incrivelmente cativante.

— Mas se é um segredo, não deveria guardar só pra você?

Francisca concordou com Nissim e traduziu para Moema.

— Vai contando seus segredos para qualquer um, minha filha?

— Vou sim!

Moema aproximou-se do ouvido de Nissim e esperou, feito estátua, até que Francisca se aproximasse também. Francisca cerrou os lábios, mas se aproximou.

— Pedi para Iemanjá me enviar uma nova mamãezinha… mas… se ela não me atender, você pode ser o meu novo papai.

Depois que falou, Moema o abraçou.

Francisca ergueu-se, surpresa e ao mesmo tempo preocupada com a carência de Moema, que não conseguia assimilar a perda dos pais.

— A menina disse que… Você lembra muito o pai dela.

Mesmo com a filtragem de Francisca, Nissim sentiu-se tocado pelo carinho da menina.

— Diga a ela que eu me sinto muito honrado.

— Moema, o moço lhe agradece de coração… Agora vamos cumprimentar as outras pessoas.

Desta vez foi Francisca quem puxou a menina.

Rashid, que observara o carinho da menina com Nissim, aproximou-se trazendo um prato de comida para ele.

— Pelo visto Moema simpatizou bastante com você.

— É verdade… Sempre foi tão carinhosa?

— Não dessa forma — admitiu Rashid, com certa preocupação.

Na manha seguinte, Nissim procurou Rashid entre os pescadores. Depois que o cumprimentou, Rashid puxou Nissim de lado. Estava bastante preocupado.

— Não me leve a mal, mas ainda acho que você deveria ir embora. Para o bem de todos nós.

— Pensei sobre isso, Rashid.

— Se pensou mesmo, então irá concordar comigo.

— Rashid… É mais prudente que eu permaneça aqui. Pelo menos até eu ter certeza de que ninguém irá incomodar vocês.

— Devia ter pensado nisso antes de vir para cá!

— Eu não estava nem racionando direito antes de aparecer por aqui… E também não poderia antever que eu pudesse criar qualquer… vínculo.

— Não há vínculo algum — disse Rashid, tratando de colocar as coisas no lugar.

— Ainda assim, preciso ficar para proteger você e Moema de qualquer

eventualidade.

Rashid estava cada vez mais contrariado com aquele conversa.

— Já disse o que penso.

— Estou lhe ouvindo e por enquanto acho melhor eu permanecer aqui.

— Se eu tiver problemas será sua inteira responsabilidade!

— Sei disso…

Rashid suspirou, atormentado com os pensamentos.

— Eu não tenho mais paciência com irresponsabilidades, se é que me entende. Quero viver em paz com minha neta e meus companheiros.

— Entendo, Rashid.

— Por favor, vá embora e nos deixe viver em paz!

— Essa gente seria capaz de qualquer coisa para conseguir alguma informação sobre mim… Eles te fariam mal em um piscar de olhos.

Rashid sorriu com ironia.

— Como se eu não soubesse disso.

— Sei que sabe, por isso peço que me deixe ficar por perto.

O velho palestino abriu os braços e os deixou cair contra o quadril. Depois, caminhou em direção às jangadas… A decisão seria de Nissim.

— Rashid… Eu não me perdoaria se essa gente te fizesse passar por outra situação como a de Deir Yassin.

Nissim acabara de reconhecer, mesmo que indiretamente, que Deir Yassin dizia respeito, acima de tudo, sobre a dor dos palestinos, e que tinha sido exatamente aquilo que Rashid dissera que foi. A desconfiança entre ambos havia terminado.

Rashid diminuiu os passos… mas não parou.

- 63 -

LONDRES

A empresa Eagle Cabos Submarinos detinha a honra de ser considerada a maior empresa de cabos de telecomunicação submarina do mundo. Com sua matriz em Londres, pertencia na realidade a um conglomerado de empresas listadas nas principais bolsas de valores européias, cujo acionista majoritário era um fundo de investimento americano, que, por sua vez, era controlado por uma *holding* de investimentos sediada em um paraíso fiscal. Ou seja, o verdadeiro dono da Eagle tinha sua identidade protegida pela legislação local

de uma pequena ilha, e não era conhecido pelo público em geral.

O general Zucker conhecia bem o incógnito controlador de todas aquelas empresas e era um dos poucos com acesso direto a ele. Antes de visitar a matriz da Eagle em Londres, o general pediu que o controlador invisível intercedesse junto ao presidente da Eagle, de maneira que ele pudesse ser recebido com prioridade e, em razão da indicação, sem maiores questionamentos.

Ali na mesa de reunião com vista para o rio Tâmisa, o presidente da Eagle explicava ao general Zucker sobre a robustez do moderno equipamento fabricado pela empresa.

— Nosso cabo submarino tem várias camadas… Começa na parte mais interior pela fibra ótica, que faz a comunicação propriamente dita, e é revestido por uma camada de vaselina, que é envolta em um tubo de cobre, que, por sua vez, é coberto por uma camada de policarbonato, protegida por uma capa de alumínio, que, por sua vez, é envolta por fios de aço trançados, cobertos por fitas de Mylar e, finalmente, por uma camada de polietileno… Trata-se de um cabo incrivelmente robusto!

Havia certo orgulho na forma como o presidente da Eagle descrevia o seu produto de maior sucesso. Não era à toa. Os cabos submarinos respondiam por quase 95% da voz e dados transmitidos pelo mundo, e a parte da Eagle correspondia a cerca de um terço do total. Era uma fatia e tanto. Mas isso o general já conhecia. A razão de Zucker estar ali tinha a ver com o fato de a Eagle ter grande parte de seus cabos ligando o Oriente Médio.

A explicação do presidente na verdade chegava a ser enfadonha para o general. Ali estava diante dele um presidente de empresa que tinha convicção de que era mais importante que um simples militar aposentado. Não que em princípio estivesse errado por pensar daquela forma, mas é que estava muito longe de compreender a realidade.

O presidente da Eagle não tinha entendido o motivo de um representante do controlador, que ele não conhecia pessoalmente, ter lhe pedido que recebesse aquele general, mas ali estavam e ele não seria louco de não seguir as instruções que vinham o alto.

O general mexeu-se na cadeira… Já havia ouvido o bastante.

— Mas e se um cabo se romper?

O presidente estranhou a pergunta, ainda mais depois de tanta autoglorificação.

— Nossos cabos não se rompem com facilidade — propagandeou o presidente.

— Suponho que acidentes aconteçam.

— Ah! Sim… Considerando a extensão marítima do planeta, temos cabos rompidos aqui e ali, mas nada parecido com os primeiros cabos submarinos com mais de um século de vida que se rompiam com mais facilidade.

— E quando esses cabos se rompem, quanto tempo demoram para serem consertados?

Agora foi a vez do presidente da Eagle se mexer na cadeira. Não bastasse o fato de não ter a mínima idéia do que aquele general estava fazendo ali, lembrou-se de que fora instruído a não fazer perguntas a ele, apenas responder. No mundinho corporativo isso era algo no mínimo constrangedor.

— Em torno de uma semana.

Uma semana sem informações, pensou o general. Era um bom tempo.

— Poderia me fornecer um mapa com a localização atualizada dos cabos submarinos de sua empresa?

— Claro.

— Preciso de uma relação dos países servidos e de todos os seus clientes.

O presidente mexeu-se mais uma vez na cadeira… Aquele militarzinho aposentado, de olhos ridiculamente esbugalhados, estava ficando bastante abusado.

Zucker percebeu a inquietação do presidente.

— Estamos fazendo um levantamento de dados que inclui conhecer a capacidade de transmissão desses cabos. Estamos calculando futuras demandas, tentando dimensionar possíveis investimentos de infra-estrutura, essas coisas — inventou o general.

O presidente não se atreveu a perguntar quem estava por trás do *estamos*. Limitou-se a atender o general.

— Entendo… Providenciarei o que precisa.

— Obrigado.

— Com licença.

Ali estava o presidente da respeitada Eagle, saindo de sua sala como se fosse um simples estagiário preocupado em atender a um pedido do chefe.

O general começou a calcular mentalmente o que seria possível realizar militarmente em uma semana, mas não era preciso pensar muito: em uma semana era possível realizar o que se quisesse. Com as informações que a

Eagle lhe forneceria, tudo se limitaria a uma questão de acionar a logística militar. Sua praia.

- 64 -

Brasil

Logo ao amanhecer, um estranho sedan preto entrou na fazenda de Tonho, cruzou a plantação de cocos e estacionou em frente à sua casa. Era o carro de Ariel, um “adido cultural” de Israel.

Ariel desceu do carro.

Por mais absurdo que perecesse, estava vestido de terno e gravata. Caminhou até a porta da casa de Tonho, mas foi obrigado a diminuir o passo. De dentro da casa vinham sons constrangedores que logo fizeram o adido abortar completamente a idéia de bater na porta. Alguém ali dentro estava transando que nem louco, e não seria ele, um suposto representante da cultura, a ser um estraga prazeres.

Ariel voltou para o carro e pegou um GPS. Verificou os dados e confirmou a localização exata de onde estava. Ficou aliviado ao conferir que aquela casa não era o lugar que procurava… Olhou ao redor da propriedade e encontrou o pobre galpão perto dali. Seguiu de carro para lá, alternando o olhar entre a propriedade e os dados que o GPS mostrava…

Em seguida, constatou que era aquele galpão que detinha as coordenadas precisas de onde Nissim estaria localizado. Ariel desceu do carro e abriu a porta do galpão com cuidado, mas não foi possível evitar um ranger de porta irritante que denunciava sua presença.

O barulho da porta do galpão foi suficientemente alto para despertar Nissim. Ao se virar na cama de feno, Nissim viu Ariel, que não conhecia, mas cujo traje formal e a maneira cuidadosa de se mover levantaram suspeitas.

Nissim puxou a pistola de sua mochila e apontou para o invasor.

Ariel levantou os braços calmamente. Na descrição que recebera na embaixada fora informado de que Nissim não era ameaça para ninguém.

— Está tudo bem… Meu nome é Ariel. Venho a pedido de Krosner. Sou da Embaixada de Israel.

Ariel aproximou-se com cuidado e entregou um cartão para Nissim, que o leu e, em seguida, abaixou a arma.

— Como me encontrou?

Ariel viu o celular de Nissim jogado no feno perto da mochila e apontou para o aparelho. Nissim entendeu que ele fora localizado por causa do telefone e não pôde deixar de balançar a cabeça. Sorriu com ironia… Era óbvio demais. Ter utilizado o celular revelou ter sido um ato de tremenda ingenuidade, além de confirmar o que Krosner já havia lhe dito mais de uma vez: Nissim tinha falhas que o Instituto não permitiria a um agente.

Nissim pegou o maldito celular.

— Se importa de eu confirmar com Krosner?

— Claro que não… Esperarei lá fora.

Ariel pegou o envelope de dentro do carro e aguardou Nissim sair do galpão. Enquanto esperava, observou o local onde o filho de um herói de guerra havia escolhido para se esconder: era o Brasil, um país de pessoas calorosas, clima convidativo e relativo baixo custo de vida. A vila de pescadores era realmente uma ótima opção do ponto de vista do isolamento. Simples, mas com o mínimo necessário para ir se levando a vida. Ariel contemplou a maravilhosa plantação de cocos, o céu incrivelmente azul, os bois soltos no pasto e que caminhavam livres e imprudentes pela estrada de terra por onde chegara há pouco… Ariel quase atropelara um.

De fato, a vila pertencia a outra época, mas Ariel só poderia mesmo sonhar em passar uns tempos em um lugar como aquele. Em algumas horas, estaria de volta à cidade grande, o que o fez sentir uma leve inveja de Nissim, apesar de ele ter a vida em jogo.

Nissim saiu do galpão e foi até o carro encontrar-se com Ariel. Viu o envelope que ele segurava e que lhe foi entregue sem perda de tempo.

— Krosner disse que você saberia o que fazer com isso… Disse que decidir fazer alguma coisa, ou não, seria uma escolha só sua.

Nissim ficou surpreso. O que Krosner haveria lhe reservado àquela altura?

— Obrigado.

— Bom, vou ter de ir… Tenho de pegar meu avião na capital.

Nissim gentilmente esperou que Ariel entrasse no carro e partisse.

Depois voltou para o galpão.

Nissim abriu o envelope e ficou um bom tempo apenas olhando para o pen drive que Krosner lhe enviara. Não havia mesmo nenhuma instrução. Nada.

Desejou saber logo o que havia ali dentro, mas também teve receio.

O que quer que fosse encontrar, provavelmente lhe exigiria alguma dose de sacrifício, e justo agora que ele começava a se recuperar e a se adaptar ao local e às pessoas. Mas não haveria jeito, Krosner nunca lhe procurara antes daquela forma. Rastreá-lo pelo celular e enviar alguém da embaixada para lhe entregar aquele pen drive significava que ali havia algo muito importante.

Estaria Krosner finalmente o ajudando?

Independente do que fosse, Nissim teria que resolver a questão do uso do celular, e a única forma de resolver seria abolindo seu uso completamente. Temeu que alguém mais pudesse tê-lo localizado e que, se isso realmente acontecera, Nissim teria que sair de lá. Era uma dúvida e uma decisão que ele tomaria outra hora. Primeiro era preciso cortar sua ligação com o mundo exterior.

Nissim pegou o celular e fez o que seria sua última ligação com aquele aparelho… Fechou os olhos até ouvir alguém do outro lado da linha atender.

— Elana! Graças a Deus… Como você está?… Escute, não ligarei novamente deste celular porque podem descobrir onde estou.

Fez uma breve pausa antes de prosseguir.

— A questão é a seguinte… Você pode continuar a me punir pra sempre, ou pode me tirar do castigo hoje mesmo e nos dar uma chance… Não acredito que você tenha deixado de gostar de mim tão rapidamente… Quero que você venha até onde estou.

Nissim segurou a emoção. Aquela bem poderia ser a última vez que falavam, dependendo de como Elana decidisse agir.

— Estou pronto para te dar o que você sempre quis. Não ponha tudo a perder… Prometo que, de agora em diante, vou dar mais ouvidos para os seus instintos e menos para os meus… Krosner sabe como me achar… Vou ficar te esperando.

Nissim desligou.

Não queria ouvir a resposta naquele momento porque não estava preparado para ouvir *não*… Era melhor deixar ela pensar. Pelo menos naquele telefonema sentira que Elana o escutara com atenção, sem o interromper. Talvez ainda houvesse uma chance de ser perdoado.

Nissim decidiu ir até a cidade que ficava próxima à vila, onde semanas

antes havia chegado de ônibus. Foi caminhando pela mesma estrada de terra na esperança de pegar uma carona e encurtar o angustiante tempo de espera até que pudesse ver qual surpresa aquele pen drive lhe reservava.

A estrada quase não tinha tráfego de carros, era mais uma rota de bois soltos do que meio de acesso à vila. Acabou pegando carona em um carro de boi. Não diminuiria o tempo de viagem, mas pelo menos não se cansaria tanto. Durante todo o trajeto segurou o pen drive nas mãos. Quando desceu próximo à agência dos Correios, mal podia controlar sua ansiedade.

Nissim entrou na agência tendo em mente uma única coisa: encontrar um computador que pudesse usar, de preferência compatível com o modelo de pen drive que ele tinha em mãos, pois os equipamentos ali pareciam um pouco antiquados.

Caminhou até a garota que havia lhe atendido dias antes. Ela se lembrou dele e sorriu.

— Olá. Preciso de um favor — disse Nissim no seu português de livro.

— Posso usar um computador?

A garota deu de ombros e virou-se para o chefe, falando em tom alto e debochado.

— Seu João! O estrangeiro quer falar com o senhor…

Voltou o olhar para Nissim.

— Espera aí, gringo.

João, o chefe da agência, se levantou e veio falar com Nissim.

— Pois não, amigo.

— Preciso usar — disse Nissim, apontando para o computador que acabara de localizar sobre a mesa do próprio João.

— Pra quê? — queria saber João, desconfiado.

— É muito importante para mim.

Nissim fez menção de pôr a mão no bolso, mas João percebeu uma possível oferta de remuneração que não lhe agradou nem um pouco.

— Pode guardar o seu dinheiro… Vou te dar uns minutos, está bem? E, olha, sem pornografia, heim?

— Pornogra?…

João simulou os seios de uma mulher com as mãos.

— Mulher pelada… essas coisas.

— Não… Não pornogra.

Nissim deu a volta no balcão e sentou-se atrás da mesa de João. Felizmente

havia uma porta USB compatível com o pen drive. Nissim conectou o dispositivo e abriu uma pasta de arquivos…

Encontrou um único arquivo: um vídeo.

Sem perder tempo, Nissim abriu o arquivo e fez iniciar-se o vídeo… Reconheceu de imediato as imagens de Frederique, Sadoc, o general Zucker e Zeev Sofer. Era o vídeo obtido por Benjamin e Henry no escritório de campanha.

João e a garota do balcão aproximaram-se para olhar… Viram a câmara de meditação… Viram três homens, Frederique, Sadoc e o general, sentados em um sofá pomposo. Então viram outro homem, Zeev Sofer, quando ele se ajoelhou diante dos três homens… e tirou a camisa.

João e a garota ficaram perplexos. O gringo estava de sacanagem!

Nissim entendeu que seria impossível qualquer explicação naquele momento. Parou o vídeo e se virou-se para João e a garota.

— Preciso sozinho… por favor?!

João e a moça olharam-se … João estava achando aquilo meio estranho, mas Nissim era tão educado e tinha um sotaque tão diferente que decidiu lhe dar uma chance sem maiores questionamentos. Recuaram, mas permaneceram próximos o suficiente para acompanharem o que Nissim veria.

Como entendeu que não teria privacidade, Nissim colocou o vídeo para rodar sem mais demoras. As cenas seguintes o deixaram quase tão perplexo quanto a João e à garota.

- 66 -

Israel

Frederique havia deixado Tel Aviv e incumbido Sadoc de continuar o processo de preparação do candidato Zeev Sofer. Na câmara de meditação, o religioso instruía seu pupilo, algo que lhe dava um enorme senso de conquista e importância. Foi para isso que Sadoc vivera a vida inteira.

— Os planos estão em fase de execução… Você deverá lidar com a opinião pública de forma magistral! Sem o seu completo entendimento do que é necessário fazer, não poderemos ir até o fim.

— Estou pronto.

— Ótimo. A opinião pública não é um organismo único e separado. Tem várias partes… É preciso lidar com os pontos de vista da classe política, dos

ativistas e dos militantes, sempre potenciais sabotadores… Deverá se entender de forma harmoniosa com os jornais, com o rádio, com as TVs, com o pessoal de cinema, do teatro e da música… E, por último, deverá se relacionar cada vez melhor com o público em geral. Será o parente de cada um deles, dia e noite, o melhor pai e o melhor amigo de todos, sem exceção!

— Certo.

— A manutenção da moral será crucial! Após os ataques você deverá garantir que todos mantenham a esperança de uma recuperação garantida, e de que a justiça será feita mais cedo ou mais tarde. Essa esperança estará centralizada na sua figura como primeiro-ministro, como líder da nação… Se a moral cair, haverá um risco de colapso da credibilidade do seu governo!

— Certo.

— Deverá mais do que nunca trabalhar de forma cooperada com nossos aliados. Não podemos correr o risco de um isolamento da comunidade internacional… Vai precisar viajar pra fora do país e convidar chefes de Estado alinhados com os nossos planos para visitarem Israel… A opinião pública interna não poderá em hipótese alguma vê-lo como um governante isolado do resto do mundo.

— Certo.

Mal sabia Sadoc que o seu pupilo, àquela altura, já nutria segundos pensamentos quanto ao amor que pensava sentir por cargos públicos.

Zeev considerava a possibilidade de que talvez tivesse se aliado às pessoas erradas, e já não tinha tanta certeza de que pudesse ser a pessoa que exigiriam que ele fosse. Talvez decepcionasse a família e os amigos, e a ele próprio.

Perguntou-se aonde teria ido parar a sua ideologia, e ainda tinha um gosto estranho em sua boca que começara dias atrás, gosto que nascia no estômago e impregnava todo o corpo. Era um gosto amargo, incomum… Chegou a conversar com um amigo médico sobre o problema, mas ele receitara apenas boa alimentação e descanso. Não adiantou porque o gosto permanecia ali. Era um gosto de morte.

Do alto de sua doutrinação, Zeev conseguia ainda enxergar, mesmo que minimamente, o motivo daquela sensação tenebrosa, daquele estado aflitivo permanente.

O motivo era que tudo aquilo estava errado. Muito errado.

Um pensamento lhe ocorria agora com freqüência: poderia desistir de tudo?

- 67 -

À noite, Nissim se oferecera para remendar uma rede de pesca na casa de Rashid. Era melhor do que a solidão do galpão de Tonho, mas, ao mesmo tempo, o lembrava da última vez em que havia segurado uma agulha entre os dedos e colocado uma rede de pesca sobre as pernas: foi no dia de Yom Kipur, em 1973, quando o Egito e a Síria cruzaram as linhas de cessar-fogo no Sinai e nas Colinas de Golan. O último dia em que vira seu pai.

Rashid surgiu da casa como um vulcão à beira de uma erupção. Estava bêbado e carregava um semblante ameaçador.

— Venha para dentro!

— O que houve?

— Tenho um desafio para você…

— Estou quase terminando.

— Vamos! Quero ver do que você é feito!

Nissim não queria discutir com Rashid naquele estado.

— Ok… me dê um minuto. Vou guardar a rede e…

— Deixe a maldita rede onde está e venha comigo pra dentro!

— Está bem!

Rashid retornou para a casa e Nissim seguiu logo atrás…

Aquele Rashid era mesmo uma figura e tanto. A cada arroubo emocional dele, Nissim prendia a respiração.

Quando entrou no quarto de Moema, Nissim encontrou a menina nos braços de Rashid, que a balançava. Rashid entregou a neta para Nissim.

— Segure-a.

Francisca, que tinha acabado de fazer a cama, permaneceu dentro do quarto para acompanhar o que o turco velho tinha em mente com o outro turco.

Com Moema no colo, Nissim esperou para ver o que Rashid queria.

— Ponha a menina para dormir!

Moema riu deliciosamente.

Nissim olhou para ela sem entender muito o que estava acontecendo… Achou prudente atender Rashid sem questionar muito.

— Bom, você ouviu seu avô — disse ele em inglês mesmo.

Nissim colocou Moema na cama, a cobriu com um lençol e sentou-se.

— Está calor! — protestou a menina enquanto afastava o lençol com os

pés…

— Agora vá em frente e faça aquilo que disse que queria fazer — ordenou Rashid à neta.

Moema olhou para Nissim de forma excepcionalmente tímida para os seus padrões.

— Canta… uma canção de ninar?

— A menina quer que você cante para ela até pegar no sono — traduziu Rashid.

Nissim ergueu a cabeça até encarar Rashid, que lhe lançou um rápido sorriso.

— Eis aí o seu desafio… A garota gosta de você, não vá ferir os sentimentos dela!

Nissim virou-se para Francisca, que deu de ombros sinalizando que também não estava entendendo.

— Então vamos lá… — disse Nissim, pensando no que fazer.

— Anda logo! — protestou Moema pela demora.

Depois de um tempo perdido, Nissim teve uma idéia e olhou para a menina.

— Quer saber de uma coisa? Canções de ninar são para bebezinhos, e você já é uma garotinha bem grande!

Rashid demorava a traduzir, o que obrigou Nissim a encará-lo.

— Ele está escolhendo a canção, Moema — traduziu Rashid.

— Não é nada disso! O moço acha que você não tem mais idade para canções de ninar — corrigiu Francisca com uma autoridade de verdadeira mãe do lar.

Rashid não gostou muito da interferência, mas teve de engolir.

— Então vamos fazer o seguinte — disse Nissim à menina. — Farei um pedido para que você tenha paz e conforto quando pegar no sono. Que tal?

Nissim olhou para Rashid.

— Ele irá… rezar por você — traduziu Rashid, soando ligeiramente derrotado.

— Tá bom — aceitou a menina.

Nissim fechou os olhos. Moema também.

— *Baruch Atah Adonai Eloheinu Melech Ha'olam Shekahcha Lo Baolamo.*

— Bendito és Tu, Senhor, Rei do Universo, que tantas coisas belas tens em Teu universo — traduziu Rashid do hebraico, para o espanto de Nissim!

— Sou eu? — perguntou Moema.

— E você por acaso não é bela? — explicou Rashid para a neta.

Nissim beijou Moema no rosto… Ela sorriu e virou-se para dormir. Aquela confusão de idiomas a tinha cansado.

Nissim levantou-se e aproximou-se de Rashid.

Suas preocupações sobre quem de fato era Rashid subitamente estavam de volta. Se ele era capaz de traduzir uma reza em hebraico bem poderia ser alguém ligado a agências de Inteligência do Oriente Médio.

— Pensei que fosse um simples pescador.

Rashid agora tinha um semblante mais brando.

— É o que sou… um simples pescador.

— Parece um pouco mais que isso. Fala hebraico muito bem!

Rashid balançou a cabeça e olhou firme para Nissim.

— Um dia decidi estudar o seu povo para ver se conseguiria entender o que fizeram comigo e com minha família.

Nissim refletiu sobre a explicação de Rashid. Estava confuso.

— E entendeu?

— Não.

— Acha que somos todos culpados?

— Acho que vocês foram enganados.

— Não entendo o que quer dizer com isso.

— Foram usados e continuam sendo usados até hoje por políticos que não acreditam em Deus, mas gostam de falar em nome Dele, e em nome do teu povo.

- 68 -

O vôo que tivera origem em Israel chegou a São Paulo trazendo dois israelenses que agora aguardavam em posições diferentes na fila da alfândega.

Um deles era Elana, decidida a encontrar o marido e caminharem juntos.

Quando recebera a última ligação de Nissim dois dias antes, percebera que estava agindo com o mesmo egoísmo com que costumava identificá-lo e criticá-lo. Era evidente que ele estava em falta por não ter se dedicado ao casamento como ela esperava, mas aquela falha poderia não ser tão grave

assim. Mais dia menos dia, todos os casamentos chegavam a suas horas da verdade e Elana começou a não gostar de sua própria atitude em relação àquele momento.

Quando fez a si mesma as perguntas realmente importantes, descobriu que as respostas já estavam ali com os dois. Nissim havia acordado e estava disposto a mudar e a colocar as coisas no lugar, e não seria ela quem sabotaria aquela iniciativa nobre. Se a intenção dela ao sair de casa tinha sido dar um recado a Nissim, considerou que o recado já estava mais que dado. Não seria intransigente a ponto de perdê-lo, até porque nunca deixara de gostar dele.

Elana estava completamente ausente quando abriram sua mala na alfândega. Seu único pensamento naquele instante era surpreender Nissim com sua chegada. Por ela estava tudo resolvido. Lutariam juntos para colocarem suas vidas em ordem.

O outro israelense era Yakir, que também viera ao Brasil interessado em encontrar Nissim. Sua intenção, no entanto, era bem diferente.

Havia cruzado o Mediterrâneo e o Atlântico com o firme propósito de tirar a vida de Nissim. Para isso, já havia recebido um adiantamento substancial, mas o seu passaporte para o restante do dinheiro, que lhe garantiria a aposentadoria, dependia inteiramente do sucesso daquela empreitada. Apesar de ainda ter muito por fazer, Yakir estava relativamente tranqüilo. Nissim não saberia de onde viria o tiro que permitiria a Yakir concluir o trabalho.

Yakir e Elana não tinham se visto durante a viagem. A escala na Europa trouxera ao Brasil um vôo lotado de passageiros.

Elana entrou em um ônibus leito. Como chegou quase na hora de partir, ficou feliz por não ter de perder tempo. Poderia ter escolhido ir de avião, mas fora aconselhada por Krosner a evitar o uso de aeroportos. Indo de ônibus poderia fazer trocas em cidades menores sem deixar registros importantes.

Já Yakir, que perdera um bom tempo até se decidir por um carro para alugar, julgou que o esportivo de cor preta era bom o suficiente. Sabia que a viajem seria longa, por isso decidiu que iria gastar um pouco mais. E, ao pensar na despesa, lembrou do valor da recompensa final… e sentiu uma energia revitalizante percorrer o corpo. O dinheiro e a perspectiva da vida boa deixavam Yakir em estado de graça.

Ele era um espião. Sua vida era feita de aventuras de verdade e riscos de

verdade. Não via nada de errado em se divertir diante de uma oportunidade.

Yakir dirigia em alta velocidade, lia mapas rodoviários e bebia cerveja… Tudo ao mesmo tempo.

Havia algo sobre o Brasil que lhe fazia bem. Talvez a lembrança daqueles filmes antigos, que mostravam o país como um lugar perfeito para se largar na vida, estivesse agora ditando o rumo da viagem. Começava a pensar que sua missão não seria tão penosa assim, e estava decidido a relaxar a cabeça. O fator surpresa estava inteiramente ao seu lado. Nissim não teria a menor chance.

Já era noite.

Elana dormira durante boa parte do dia na confortável poltrona do ônibus leito, e agora não conseguia pegar no sono.

Olhou para fora, mas não pode ver muita coisa. Sentiu saudades de Nissim, e os pensamentos voltaram a ocupar sua mente. Talvez tivesse ido longe demais quando o largara, ou talvez tenha esperado mais tempo do que deveria para perdoá-lo. Talvez não tivesse sido tão boa parceira quanto pensava ter sido. Talvez…

Talvez devesse ter compreendido os dilemas pessoais e a grandeza da atitude de Nissim, afinal, ele quis verdadeiramente salvar um país. Não, Nissim não era uma pessoa comum, e a constatação daquilo agora doía no peito de Elana. Precisava vê-lo o quanto antes!

Olhou para o relógio… Concluiu que o tempo, assim como ela, tinha os seus caprichos. O tempo relutava em passar mais rápido… Seria uma longa viagem.

Yakir estacionou em um hotel de beira de estrada. Fez o check-in e foi direto para o quarto. Estava cansado, mas ao mesmo tempo ansioso por algo.

Fechou a porta do quarto e apressou-se até a cama, onde jogou sua maleta de mão. Abriu-a e pegou um maço de dinheiro escondido entre as roupas. Precisa ver o dinheiro mais do que qualquer coisa. A fome podia esperar, e o banheiro também.

Dedilhou as notas lentamente… O dinheiro era sua luz. Não entendia bem porque era tão fascinado por aqueles papéis a ponto de vender sua alma e trair o seu país. Não entendia que forças operavam sobre ele, mas aquilo, na verdade, não o preocupava, apenas o intrigava. Aquele dinheiro era apenas a

entrada. O aperitivo.

Estranhamente, Yakir salivou, o que lhe causou assombro.

- 69 -

Nissim também não havia pegado no sono.

Estava olhando para uma foto de Elana, lembrando que pedira a ela coisas que não poderia ter pedido. Lembrou que os dois haviam concordado que teriam suas vidas profissionais independentes, mas reconheceu que, depois de um tempo de casados, só a dele prevaleceu.

Elana queria viver, o que para ela significava ter um filho ou arrumar um trabalho. Nissim não era contra, mas a verdade é que não fizera força para ajudar Elana. E agora, quando finalmente enxergava o quanto havia falhado, sentia que precisava dela mais do que nunca. Queria mostrar que ele não era mais aquele cara egoísta do passado recente. Aquele estava morto e o novo queria uma chance.

Nissim guardou a foto dela na mochila e pegou o celular. Sabia que não seria prudente ligar daquele aparelho, mas iria tentar do mesmo jeito porque a falta de notícias de Elana era angustiante.

Por sorte, ou azar, o celular estava sem bateria. Nissim colocou o aparelho para carregar e deitou-se, consumido por uma crescente frustração.

- 70 -

Elana tomou o café da manhã com os demais passageiros em um enorme restaurante de estrada. Não tirava o olho do ônibus que reabastecia no posto de gasolina anexo, porque não queria correr qualquer risco de não embarcar.

Estava exausta… Não havia pregado o olho a noite inteira.

Olhou para o relógio pela milésima vez e, depois, confirmou a hora certa em um relógio de artesanato à venda na loja que existia dentro do restaurante. Riu de si mesma quando constatou que os relógios marcavam a mesma hora… Teria de se conformar com a espera.

Pegou uma anotação dentro da bolsa e releu as instruções precisas de como chegar até Nissim. Eram instruções detalhadas que foram preparadas por um especialista do Instituto a mando de Krosner. Elana na verdade já havia memorizado tudo, mas precisava fazer alguma coisa para fazer o tempo

passar ou iria enlouquecer.

Resolveu ligar para Nissim, mas não houve resposta. Talvez ele tivesse jogado o telefone fora. Teria de esperar. Simplesmente teria.

Yakir pisava fundo no acelerador e alternava o olhar entre a estrada e o mapa aberto no banco de passageiros ao seu lado. Havia latas de cerveja vazias por todo o piso.

A estrada vazia o estimulava… Não havia o controle de ninguém, muito menos as normas rígidas do Instituto. Estava gostando cada vez mais da idéia de se tornar um "profissional independente". No nível profissional em que estava, capaz de atender pessoas do mais alto escalão, poderia se tornar muito rico caso viesse a se cansar da aposentadoria que o esperava em breve.

As possibilidades eram muitas. Sua confiança era cada vez maior.

- 71 -

Tel Aviv

Doran entrou na cafeteria do Mossad para tomar um expresso. Estava desanimado com o sumiço do amigo, mas pelo menos tinha certeza de ter ajudado Elana ao convencê-la a embarcar para o Brasil o quanto antes. Assim, ela ficaria longe de Frederique e perto de Nissim. Os dois ganhariam.

Krosner entrou na cafeteria logo em seguida parecendo extremamente preocupado. Doran virou-se para ele e aguardou que Krosner dissesse algo.

— Tem falado com Yakir?

— Não o vi mais.

— Perdemos o contato com ele.

— Você sabe como o Yakir é quando está de folga — respondeu Doran antes de dar um gole de café. — O cara esquece do mundo.

Krosner tinha uma expressão que Doran não estava acostumado a ver. Estava carrancudo, não era o diretor sereno e seguro de sempre.

— Ouvi algo sobre Yakir que me recuso a acreditar — disse Krosner.

Doran parou de bebericar.

— Está me deixando preocupado… O que ouviu?

— Que Yakir foi visto com Frederique no mercado Levinsky.

Doran pensou antes de responder… Terminou o café e jogou fora o copinho de papel.

— Isto não é bom — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Evidente que não.

— Krosner… Acha que Yakir seria capaz de nos passar pra trás?

— Não gosto nem de pensar nisso… Achei que talvez você tivesse algo pra dividir comigo.

A insinuação de que Doran pudesse saber de algo que Krosner não soubesse o incomodou. Doran era um cão leal e gostava de ser reconhecido como tal.

— Estou tão surpreso quanto você, Krosner.

Olharam-se por um breve, mas incomodo, instante. Era sobre traição que falavam. O assunto era gravíssimo.

— Acredito em você, Doran.

— Sei que o seu papel é desconfiar…

Krosner colocou a mão amigavelmente sobre o ombro de Doran.

— Acho que seria prudente avisar Nissim de que Yakir meteu uma faca nas costas de todos nós.

— Também acho.

Doran acompanhou Krosner até a sala dele e deram um telefonema.

Aguardavam Nissim atender ao telefone. Como não atendia, Krosner desligou.

— Como eu esperava, não atende. Ele está certo. Melhor não usar o telefone.

— Talvez por e-mail…

— Ele não checa os e-mails há dias.

— Não pode enviar alguém da embaixada?

— Já fiz isso uma vez… Não quero envolver ninguém mais nessa história. Essa porcaria pode se espalhar pra onde a gente nem imagina.

Eva bateu na porta e entrou. Caminhou até a mesa de Krosner e lhe entregou um memorando.

— Yakir pegou um vôo até Zurique dois dias atrás e depois embargou para o Brasil.

— Maldito ganancioso! — explodiu Doran.

Krosner esperou até que Doran se acalmasse.

— Eva… Preciso que você bloqueie o acesso de Yakir a todos os nossos sistemas.

Eva engoliu em seco, acenou com a cabeça e retirou-se para cumprir a

ordem imediatamente. Ela sentiu a intensidade do problema que tinham.

Krosner virou-se para Doran.

— Esse é o preço que Nissim irá pagar por ter sido… Nissim.

— Temos de fazer algo!

— Vamos torcer para que ele continue irresponsável e atenda ao telefone em algum momento.

Doran levantou-se e passou a caminhar ansioso.

— Então está explicado o encontro de Frederique com Yakir… Frederique o contratou para assassinar Nissim.

Krosner encostou-se na cadeira. Estava abatido. Uma de suas melhores equipes havia se transformado em um verdadeiro pesadelo e o fardo da derrota seria só dele.

— Como pude deixar isso acontecer…

Doran não saberia como consolar o diretor.

— Tenho de lhe dizer algo, Krosner.

— Agora não… Preciso ficar sozinho.

— É sobre Yakir… A verdade é que já faz um tempo que deixei de confiar nele.

— Como assim?

— Não há uma razão específica… Apenas sentia isso.

— Mas que droga, Doran! Por que não falou comigo?

— Como poderia lhe dizer algo tão grave sem qualquer fundamento? Era apenas um *feeling*.

— Apenas um *feeling*? Está cansado de saber que levamos intuições a sério!

- 72 -

Brasil

Era o fim de mais um dia inteiro na estrada e Yakir seguia dirigindo em um ritmo alucinado… Àquela altura, ele tinha consciência de que seus olhos estavam fechando com cada vez mais freqüência, mas acreditava cegamente na sorte. Sempre fora assim.

A sorte para Yakir não era algo que se poderia conquistar e nem era fruto de merecimento. A sorte também não era um prêmio por se agir dentro das normas que idiotas burocratas tentaram jogar para cima dele a vida inteira. A

sorte era, acima de tudo, uma simples questão de tê-la ou não tê-la. Yakir estava convicto de que tinha toda a sorte de que precisava, e abusava dela sem perdão.

Quando a noite chegou, Yakir verificou o GPS e viu que estava próximo do local de onde tinham partido as ligações feitas por Nissim. As chances de encontrá-lo eram boas. Tinha as coordenadas precisas das últimas ligações, o que indicava que Nissim poderia ainda estar naquele local.

O esportivo quase saiu da estrada em uma curva…

Yakir assustou-se, mas culpou o maldito GPS. Não era dos mais novos, o que tornava a sua leitura um pouco difícil às vezes. As cervejas consumidas e o cansaço da longa viagem também atrapalhavam.

Outras curvas se seguiram. O asfalto havia ficado para trás fazia tempo. A estrada de terra não oferecia boa aderência e Yakir já não se lembrava da última vez que fizera uma curva sem deixar o carro deslizar de lado. E ainda tinha um agravante: vultos surgiam do nada e rapidamente se transformavam em robustos corpos de bovinos.

Yakir já havia passado por duas ou três criaturas e xingado os donos que permitiam os animais andarem soltos em uma estrada como aquela. Eram irresponsáveis. Yakir é que era um modelo de responsabilidade na direção.

Seus olhos agora estavam se fechando com freqüência. Pela primeira vez em quase dois dias admitiu para si mesmo estar perigosamente cansado… Era hora de dar uma parada.

Seus olhos fecharam mais uma vez.

Yakir decidiu que não mais poderia seguir viagem sem uma pausa para descanso. Estava no limite… Esforçou-se para abrir os olhos, pois tivera a impressão de ver novos vultos se materializando na escuridão à sua frente. Quando finalmente conseguiu manter os olhos abertos, sentiu todo o seu corpo despertar com uma corrente de adrenalina!

Foi a última coisa que sentiu antes do impacto violento do esportivo contra um boi que vagava perdido pela estrada: uma tonelada de metal contra uma tonelada de ossos e músculos.

Na manhã seguinte, Tonho caminhava pela estrada com suas cestas de coco como sempre fazia todas as manhãs. Quando viu o local do acidente, parou. Era uma coisa feia de se ver… O animal estava caído na margem oposta da estrada. Ao contrário do carro, que parecia ter tido a frente e a capota esmagadas por um guindaste, o boi ainda aparentava estar em um

pedaço só. E, se morrera naquela madrugada, provavelmente ainda teria a carne em boas condições de consumo.

Tonho estava acostumado com acidentes naquela região. Havia muitos animais soltos e uma sinalização local que deixava muito a desejar. Era uma combinação perigosa que já não o impressionava tanto.

Aproximou-se do carro e observou Yakir.

Apesar de um profundo corte na testa, pareceu que ele ainda respirava. Tonho então puxou Yakir para fora do carro com o cuidado de um leigo. Se houvesse algum problema na coluna de Yakir, Tonho acabara de aleijá-lo… Quando conseguiu liberar Yakir das ferragens, Tonho o largou no chão e caminhou de volta até onde havia deixado suas cestas com os cocos. Puxou seu facão e abriu um deles. Voltou pacientemente até Yakir e lavou seu rosto ferido com o único remédio que tinha em mãos.

- 73 -

À noite, Tonho reuniu um grupo de pescadores e ofereceu um churrasco. Estava se sentindo o máximo, bastante feliz mesmo, pois um churrasco de carne bovina não era comum. Peixe é que era o trivial.

Tonho havia deixado o turista acidentado na casa de Conde, que era o curandeiro oficial da vila, de forma que estava em absoluta paz de consciência. O boi morrera de morte acidental e não seria justo desperdiçar uma tonelada de carne de boa qualidade.

Rashid saiu de sua casa e apareceu no terraço atraído pelo cheiro de carne bovina. Conde estava passando na frente da casa de Rashid e parou para um conversa rápida.

— Qual a ocasião para um churrasco tão farto? — perguntou Rashid.

— Boi morto na estrada…

— Mataram um boi, é?

— Um turista atropelou o boi… Tonho salvou o homem e deixou ele lá em casa.

— Pelo menos não está comendo o homem!

— Ainda bem… O sujeito está com uma ferida horrível na cabeça.

Conde olhou para Rashid.

— Parece um turco.

— É mesmo? — perguntou Rashid com curiosidade.

— Por que não passa lá em casa e dá uma olhada nele? Vai ver é algum parente seu.

Conde abriu uma cortina que dividia a sala de um quarto e revelou o seu "paciente": Yakir estava deitado inconsciente em uma cama. Havia uma bandagem na sua cabeça, que a esta altura já estava totalmente ensangüentada.

Rashid aproximou-se do rosto de Yakir.

— Como ele está?

— Não está bem não — disse Conde com segurança. Depois, caminhou até um pequeno altar na sala, onde acendeu algumas velas e rezou pela recuperação do estranho.

Na manhã seguinte, Rashid limpava o *deck* de sua jangada quando Nissim apareceu para trabalhar.

— Está atrasado — provocou Rashid.

— Meu salário também.

Rashid sorriu… Estava se acostumando com a presença de Nissim.

— Ouvi dizer que andou bebendo com os rapazes ontem.

— É verdade.

— Se entenderam?

— Muito pouco, mas na língua da camaradagem até que deu para me divertir. E você, por onde andou?

Rashid achou bom que Nissim tenha perguntado. A presença do turista acidentado o deixara preocupado.

— Estive na casa de um amigo, o Conde… Houve um acidente na estrada ontem.

— Eu soube do acidente… Soube do churrasco também, mas não estava disposto.

— Pois é… Levaram a pessoa até a casa do Conde. Dei uma olhada no sujeito e quando saí de lá tive vontade de ficar com minha neta… A desgraça dos outros nos faz lembrar da nossa própria mortalidade. Fiquei um pouco abatido.

Rashid interrompeu a limpeza da jangada e aproximou-se de Nissim. Já não escondia sua preocupação.

— Nissim… Está esperando algum parente?

— Como assim? Ninguém sabe onde estou.

— O sujeito na casa de Conde tem um jeito semita.

Nissim franziu a testa.

— Não estou esperando ninguém!

— Talvez seja uma boa idéia dar uma olhada na cara dele.

Rashid e Nissim foram juntos até a casa do curandeiro. Na hora em que chegaram, Conde estava entrando em casa com uma sacola de frutas e legumes.

— Mas que coincidência mais incrível… Visitas bem na hora do almoço — brincou Conde ao ver os dois se aproximando.

— Não se preocupe, não estamos aqui para saborear sua comida.

Os três entraram juntos.

Conde deixou a sacola de compras sobre a pia da cozinha e caminhou até seu pequeno altar religioso. O que viu lhe causou surpresa: todas as velas estavam apagadas. Pela sua expressão de preocupação, aquilo não era comum de acontecer.

Rashid e Nissim dirigiram-se ao cubículo onde estava o "paciente" de Conde. Assim que Rashid abriu a cortina, Nissim reconheceu Yakir e teve que se segurar para não cair para trás. Sentiu uma forte vertigem…

A vinda de Yakir ao Brasil não poderia significar outra coisa senão algo que fosse muito ruim.

Conde aproximou-se e mediu o pulso de Yakir. Em seguida, virou-se para Nissim e Rashid.

— Está morto.

Nissim correu para fora da casa com ânsia de vômito. Teve que apoiar as mãos no muro da casa até que conseguisse voltar a respirar direito.

O fato de Yakir ter vindo ao Brasil apenas para lhe fazer uma surpresa era algo improvável. Era mesmo incompreensível. E agora, estava ali, morto… Enquanto a cabeça de Nissim rodava, pegou o celular e verificou que havia duas ligações não atendidas, uma de Krosner e outra de Elana.

Ligou para Krosner.

— Krosner, é Nissim… Estou bem… O que é que Yakir veio fazer no Brasil?

Nissim andava de um lado para o outro enquanto Krosner o colocava a par dos últimos acontecimentos. O que ouvia apenas confirmava suas suspeitas mais aterrorizantes: digeriu a traição como pôde.

— Então, o fato dele estar morto não é tão ruim assim… Não, acabei de

saber que ele estava aqui… O carro em que estava colidiu com um boi em uma estrada próxima da vila… Vou me cuidar, não se preocupe. Obrigado, Krosner.

Nissim desligou e voltou cambaleante para dentro da casa de Conde.

Aproximou-se do corpo de Yakir e o observou por um tempo. Viu uma maleta próxima da cama e resolveu dar uma olhada no interior dela… Encontrou os maços de dinheiro e entendeu que tudo era verdade. Havia um prêmio por sua cabeça!

Frederique estava atrás de Nissim e não havia nada que ele pudesse fazer para evitar ser perseguido. Se fora capaz de corromper Yakir, que trabalhava no coração da Inteligência israelense, então seria capaz de tudo. A realidade era muitas vezes pior do que Nissim acreditava. Tinha agora a prova de que Frederique não desistiria nunca.

Nissim olhou para trás e mostrou o dinheiro para Rashid e Conde.

— Ele era o meu chefe direto… Foi pago para me matar — disse de forma desolada.

— Se morreu antes de matar você, é porque a vida está lhe dando algum sinal — disse Conde.

— Sinal? Uma pessoa acabou de morrer!

— E você nasceu de novo.

Nissim olhou para Rashid, que aparentava estar concordando inteiramente com o curandeiro.

— Esse dinheiro é seu — disse Rashid.

Nissim olhou o maço de dinheiro.

— Não… É um dinheiro sujo.

— A sujeira está deitada na cama. Morta. O dinheiro é apenas papel.

— Se não quiser ficar com o dinheiro, eu aceito ficar com ele — disse Conde, em tom de provocação.

Nissim colocou o dinheiro de volta na maleta e levantou-se com ela na mão.

— É isso mesmo, Nissim… Pegue esse dinheiro que foi gasto para tirar sua vida e transforme em algo bom — disse Rashid.

Nissim saiu da casa de Conde com a maleta de Yakir. Estava pasmo com tudo que acontecera.

Nunca se dera muito bem com Yakir, mas uma traição mortal era algo que ele jamais poderia esperar dele. Admitia e temia ser perseguido, mas nunca

por alguém tão próximo. Aquilo havia mudado sua percepção sobre valores… Não seria mais possível ser como era antes. A partir daquele momento usaria todas as armas e todos os recursos que estivessem ao seu alcance.

Olhou para a maleta… O curandeiro tinha razão. O dinheiro de um homem que acabara de morrer era apenas isso: dinheiro.

- 74 -

BASE NAVAL AMERICANA. OCEANO Atlântico

O general Zucker mal pôde acreditar quando embarcou no USS Jimmy Carter.

Entrou com o pé direito, afinal, não era todo dia que um militar aposentado de um país estrangeiro entrava em uma máquina de US$ 4 bilhões de dólares, preço do mais recente submarino nuclear da classe *Seawolf*. Além do mais, aquele não era apenas o mais poderoso submarino da Marinha americana, mas também o principal equipamento de espionagem que Washington e seus aliados tinham na Marinha.

O colosso de 138 metros de comprimento e 10 mil toneladas fora criado com uma plataforma que permitia vários tipos de missões. Uma delas era a razão da escolha do *Jimmy Carter* pelo general Zucker: sua capacidade para interceptar cabos submarinos e “grampear” toda comunicação que por ali passasse.

Oficialmente, o general Zucker estava ali como consultor convidado da Marinha, e seu papel era o de supervisionar um *exercício militar em que um submarino interceptaria cabos de comunicação inimiga e anularia sua capacidade de operação*…

A equipe do USS Jimmy Carter rumava em direção a um ponto específico do Mar Mediterrâneo. Lá teriam que localizar cabos especialmente disponibilizados para aquela simulação… e essa era a versão oficial que conheciam. De fato, a única versão que todos conheciam.

O que a equipe não sabia era que as coordenadas que receberam da Inteligência da Marinha, que, por sua vez, as havia obtido de fontes privadas, diziam respeito a um cabo submarino, que não apenas era absolutamente real, mas responsável por boa parte da transmissão de dados para o Oriente

Médio!

Aquela era a mágica do general Zucker e seu grupo: o controle e a distribuição de informações desde o topo da pirâmide organizacional. Como resultado, simples números em um pedaço de papel, que eram as coordenadas de localização dos cabos, e que depois serviriam de base para toda a operação, seriam o suficiente para que o general e seus parceiros derrubassem a internet de toda a região.

Na mente de cada homem do USS Jimmy Carter, aquela seria apenas mais uma simulação, mais um entre tantos exercícios militares que estavam acostumados a realizar como rotina de treinamento. Para todos ali dentro não havia nada de estranho, afinal, as coordenadas que receberam eram reais e os cabos que teriam que romper também. Tudo ali era verdadeiro, idôneo, patriótico e respeitável. Não havia como supor que estivessem sendo usados.

A única exceção quanto à veracidade dos dados dizia respeito à informação primordial de que aqueles cabos que estavam prestes a serem cortados teriam sido colocados naquela localidade especificamente para a simulação, e que não transmitiam dado algum. O problema estava no fato de que aquela era uma informação que eles não tinham como verificar, até porque seria preciso alguém estar completamente paranóico para suspeitar de algo que estava acima de qualquer suspeita. Para completar a falta de necessidade daquele tipo de questionamento, a missão requeria apenas o corte dos cabos, e não a sua interceptação para monitoramento dos dados transmitidos.

O objetivo maior daquele exercício era o aprimoramento dos mergulhadores da Marinha na técnica de mergulho de saturação, que era empregada nas atividades em altas profundidades, com o auxílio de câmaras hiperbáricas.

Os cabos, nesse caso, eram mera referência geográfica. O submarino desceria até o local exato, mergulhadores entrariam em ação e os cortariam com ferramentas especiais. Pronto. Missão cumprida.

Com a dissimulação montada, a operação de bandeira falsa engendrada pelo general Zucker, por Frederique e seus “comandantes” do alto escalão, a maioria dos quais pertencentes à comunidade de Inteligência, estava em pleno andamento.

- 75 -

BRASIL

Moema estava pronta para ir dormir, mas havia um ar de expectativa em seu olhar que chamara a atenção de Francisca.

— O que foi, princesinha?

Moema levantou-se da cama, abriu um pequeno baú com seus brinquedos e retirou de lá um colar feito de conchas, que mostrou para Francisca.

— É pra minha nova mãe…

Francisca sorriu.

Apesar de ser religiosa e sensitiva, Francisca preocupava-se com a fixação de Moema em arrumar uma "nova mãe".

— É muito bonito! Agora vamos dormir.

Francisca apagou a luz do quarto e preparava-se para sair.

— Estou sentindo — sussurrou Moema, um pouco assustada.

— O que, minha filha?

— Um aperto no peito… Acho que Iemanjá me escutou.

Francisca acendeu a luz. Teria uma conversa com Moema, mas, antes de abrir a boca, a menina disparou para fora do quarto.

— Onde vai a esta hora?

Moema correu até a rua de paralelepípedos no centro do vilarejo.

Não tinha nem mesmo tirado o pijama. Atrás dela, a pesada Francisca esforçava-se para alcançá-la… Por sorte, Moema parou de correr para olhar fascinada a silhueta de uma mulher que acabara de chegar.

Nissim, que estava no bar com Rashid e outros pescadores, viu a menina de pijamas e se preocupou, mas, ao virar a cabeça na direção para onde Moema olhava, experimentou uma emoção indescritível.

O estado de ânimo de Nissim, até então deprimente, deu lugar a uma sensação de absoluto êxtase! Fosse ele um cardíaco certamente não teria resistido à visão de Elana chegando à vila e caminhando em sua direção.

E ela já o tinha visto no bar.

Correram e se abraçarem…

Ficaram assim por um longo tempo.

Francisca finalmente alcançara Moema, que parara para observar Nissim e Elana enquanto matavam as saudades. Quando se preparava para dar uma merecida bronca na menina, Francisca reparou na mulher que acabara de chegar e compreendeu: Moema saíra em disparada porque havia intuído a chegada daquela mulher, e aquilo só poderia significar que, quem quer que

ela fosse, tinha sido enviada até lá por Iemanjá!

Francisca abraçou a menina e viu que a pobrezinha tinha nas mãos o colar de conchas, e não conteve a emoção.

— Vá, filha… Leve o colar para ela!

Caminharam cuidadosamente até Nissim e Elana.

Francisca parou antes e deixou que Moema se aproximasse dos dois sozinha. Quando chegou perto o suficiente, Moema ergueu o colar para Elana, que o apanhou sem nada entender.

Nissim, ainda que atordoado pela surpresa, lembrou-se que a menina havia lhe confidenciado o pedido que fizera à Rainha do Mar: uma nova mãe.

Isso ele iria explicar a Elana outra hora.

Caminharam pela praia até de manhã.

Deixaram claro o que sentiam um pelo outro e decidiram que ficariam juntos para o resto da vida. Era uma certeza que ambos agora possuíam e que fazia muito bem. Quando as questões de relacionamento se esgotaram, Nissim voltou a sentir a agitação que carregava dentro de si desde que deixara Israel.

Elana percebeu que seus olhos passaram a mover-se nervosamente.

— O que você tem em mente?

— Muitas coisas… Podemos usar o dinheiro de Yakir para começar alguma coisa aqui no Brasil.

— Com certeza vai nos ajudar a nos virarmos por um bom tempo, mas não é isso que estou te perguntando… Tem algo mais te incomodando.

— Tem — Nissim sorriu com ironia. — Yakir tentou me matar… Vai levar um bom tempo até isso deixar de me incomodar.

— Temos de arrumar um jeito de deixar tudo isso para trás e cuidar das nossas vidas!

— É só no que eu penso, acredite.

Ficaram quietos por um tempo até Elana pôr a mão no bolso e retirar o colar que Moema lhe havia entregue na noite anterior.

Sorriu curiosa.

— E o que significa isto?

— A menina é neta de Rashid, o palestino.

— Que estranho…

— O pessoal daqui é muito acolhedor.

— Não é isso… Estou falando da forma como a menina me abraçou.

Nissim sabia do desejo de Elana de ser mãe, mas estava consciente de que aquele era um sonho que teria de ser adiado por um bom tempo até que soubessem o que iriam fazer. Nissim temia precipitar as coisas, mas preferiu ser franco.

— A história da menina é a seguinte: perdeu os pais há algum tempo e tem pedido aos Céus que lhe tragam uma nova mãe.

Aquele conceito mexeu com as fantasias de Elana.

A verdade é que ela havia sentido uma ligação forte e imediata com Moema, mas temia contar o que sentiu. Se por um lado Nissim estava se esforçando para arrumar a casa, não seria ela quem atrapalharia.

- 76 -

Depois de uma semana, a história do estrangeiro que fora morto pelo boi já perdia intensidade nas rodas de conversa. Nissim seguia Rashid no trabalho e ia ganhando tempo até decidir os próximos passos, que discutia em detalhes com Elana. Não deixaria de consultá-la para nada. Eram um casal e haviam finalmente compreendido o que aquilo queria dizer.

Francisca pedira a Rashid que autorizasse Elana e Nissim a ficarem na casa com eles. Francisca não contara o motivo real do pedido, mas ali havia um plano maior que ela acreditava ter-se iniciado no Alto, e que agora ela passaria a limpo para ter as certezas que gostaria de ter.

A realidade é que Moema só tinha duas pessoas na vida: o avô Rashid e Francisca, ambos com mais de setenta anos. Era preciso se preocupar com a hipótese de que um dia os dois pudessem faltar e a menina ainda não ter idade suficiente para se manter. Moema precisava encontrar pais adotivos ou, pelo menos, guardiões confiáveis.

Aqueles sete dias convivendo com Moema transformaram a falta de expectativa imediata de Elana em esperança renovada. A menina era doce, esperta e altamente espiritualizada para a pouca idade que tinha.

Elana não falava uma palavra de português, mas descobriu que havia um interesse comum entre todos eles: o de Francisca, arrumar quem cuidasse da menina; o de Elana era ser mãe; e o de Moema estava bem claro, pois já havia escolhido Elana antes mesmo de sua chegada.

Havia um consenso entre aquelas três mulheres de gerações diferentes: a forma natural como se entenderam naqueles poucos dias não poderia ser creditada simplesmente ao acaso.

Rashid e Nissim saíram para pescar juntos.

Recolhiam a rede com certo ânimo quando sentiram que a mesma subitamente ficara leve demais… O motivo era um furo enorme que não havia sido notado antes e que se abrira com o peso dos peixes.

Sentaram-se no chão da jangada, frustrados. Nissim achou que o momento era adequado para comunicar a Rashid sobre a decisão que tomara com Elana.

— Vamos embora da vila — disse Nissim.

Rashid acenou com a cabeça, mesmo sentindo que o novo amigo faria falta.

— Será o melhor para todos.

Permaneceram quietos por um tempo, mas Nissim não queria deixar o clima pesado. Olhou para a rede de pesca rasgada, e depois para Rashid.

— Então é isso aí? Vamos voltar sem nenhum peixinho para uma churrascada na praia?

— Ah! Hoje é um dia perdido — lamentou-se Rashid. Depois, olhou para a jangada de forma nostálgica. — Às vezes penso que esse barquinho é amaldiçoado.

Rashid olhou para a imensidão do mar que os cercava, e depois para o litoral onde ficava a vila dos pescadores.

— Todo dia eu me pergunto: será que tenho forças para mais um dia? Será que haverá peixe?

Rashid fechou-se em seus pensamentos.

— Será que viverei o suficiente até que Moema possa tomar conta de si?

Virou-se para Nissim, subitamente perplexo.

— Mal posso acreditar que te acharam aqui neste lugar… Malditos mercadores, mandaram uma besta para te matar… mas a besta foi morta.

Nissim comprimiu os lábios com certa culpa.

— Rastrearam meu celular.

Rashid não entendia dessas novas tecnologias. Não sabia como alguém poderia ser achado só porque usava um telefone. Pensou em como o mundo havia mudado desde que era criança, e que nunca mais parou de mudar… Aquela falta de referência o fez entrar em um estado de introspecção. A sensação da passagem do tempo o atingira em cheio e Nissim conhecia bem aquela cadência de Rashid: era o passado que novamente aparecia para lhe atormentar.

Ficaria quieto e deixaria Rashid desabafar, o que não demorou a acontecer.

— Nos usam como se fossemos nada… E quanto mais lutamos, mais ricos eles ficam, pode acreditar… Bastardos gananciosos!

Rashid pegou seu facão e dedilhou a lâmina como costumava fazer quando ficava nervoso.

— Quantas noites de sono eu perdi na minha vida sonhando acordado por justiça.

Virou-se para Nissim.

— Estou falando de sangue, é óbvio.

— Esqueça isso Rashid… A justiça que você quer não existe.

Nissim disse aquilo com cuidado, mas, mesmo assim, os olhos de Rashid começavam a querer saltar de seu rosto.

A raiva estava crescendo.

— Fácil para você falar… Foi programado para pensar de certa forma. Passou a vida em seu quintalzinho de conforto sentimental… Teve tempo de crescer e entender a vida aos poucos. Quando entendeu, já era um adulto e sabia o que queira.

Nissim concordou com um aceno de cabeça. Estava escutando.

— Mas e quanto a mim?! Me ensinaram tudo de uma vez só!

Rashid sorriu enojado.

— Os mercadores malditos roubaram a beleza da minha vida, da minha família… Roubaram todas as minhas fantasias de criança, meus sonhos… Tudo isso de uma vez só, naquela maldita noite em Deir Yassin!

Nissim baixou a cabeça. A dor de Rashid o atingia agora mais do antes.

— E pra quê? Queriam terra… E isso fez do mundo um lugar melhor? Um lugar mais justo? Diabos, não… Tudo gira ao redor do dinheiro, do controle!

Nissim ergueu o olhar. Rashid o inspecionou como quem sabia de coisas que Nissim não saberia nunca.

— Sabe qual o problema com seu governo? É que eles não têm Deus no coração. Então te pergunto: a quem é que eles servem?!

Nissim lembrou-se do rabino Nathan e seu conceito sobre a sinagoga de Satã que a Bíblia descrevia. Estaria Rashid falando a mesma coisa com suas próprias palavras e dor?

Rashid abriu os braços e respirou profundamente.

— Olhe para este lugar… Estamos no paraíso… E nem mesmo aqui temos o direito de viver em paz… Que praga maldita!

— Você se virou bem, Rashid. Tem a sua honra.

— Não é suficiente! — explodiu Rashid. — Quero minha dignidade de volta!

Rashid, que não havia soltado o facão em nenhum momento, voltou a dedilhar a lâmina, sob o olhar vigilante de Nissim. O velho palestino seria sempre imprevisível.

— Talvez eu seja um fraco… Aqui estou… Ardendo de desejo por vingança depois de todos estes anos!

Rashid encarou Nissim e levantou o facão, que girava no ar lentamente…

— A linha é muito tênue… Fina mesmo! Posso me tornar uma outra pessoa a qualquer momento… E me transformar em um ser vingativo!

Estava difícil para Rashid conter a emoção. Derramou lágrimas.

Rashid lembrou-se do pai Asad, da mãe Malika, e da irmã Sabah… Perguntou a si mesmo o que eles haviam feito para merecer o fim que tiveram, mas sabia que nunca teria uma resposta.

— Juro por Deus, Nissim… E te digo… Existe uma força invisível intervindo pra que eu não cruze essa linha tênue… E me transforme em um assassino!

Rashid foi perdendo força na voz.

— É um milagre que até hoje eu não tenha matado… E essa é a minha prova definitiva da existência de Deus… Sou um assassino sem uma vítima!

Rashid abaixou o facão. Estava emocionalmente desmontado.

— Será que Deus estará sempre ao meu lado… Ou um dia eu acabo cruzando essa linha?

Rashid sussurrou, exausto.

— Essa linha muito fina…

- 77 -

À noite na casa de Rashid, enquanto Elana tomava banho, Nissim alternava olhares entre ela e o diário de seu pai que estava na mochila. Esticou o corpo na cama e lembrou-se da promessa que fizera a si mesmo de que só abriria o diário quando o momento certo chegasse, embora tenha se esquecido de definir quando seria esse momento.

O fato é que sua relação com Rashid havia mudado seu modo de enxergar a vida. Rashid pertencia ao “outro lado”, normalmente o lado que lhe diziam

ser o errado, o ameaçador, mas não fora nada disso que vira em Rashid. Ao contrário, ele era sem sombra de dúvidas uma vítima de políticos extremistas que haviam assassinado sua família e plantado uma semente irreversível de repúdio aos extremistas de Israel. Eram eles, os políticos, que haviam fabricado o ódio, o preconceito e o medo que Rashid sentia.

Nissim olhou para Elana no chuveiro e tornou a olhar para a mochila… Se aquele não fosse o momento certo para abrir o diário do pai, jamais saberia definir quando seria esse momento.

Então, tirou o diário da mochila e o pôs no colo.

Elana estava terminando de enxaguar os cabelos e em breve estariam juntos na cama, mas Nissim começava a sentir um impulso quase incontrolável de ler o diário. Começou a abrir o envoltório de camurça… Fez com todo o cuidado e respeito, como se a ousadia de abrir o diário fizesse parte de algum ritual religioso que sua mente tratou de descartar rapidamente, por saber que não era.

Elana desligou o chuveiro e saiu para se enxugar. Era mesmo linda, a mulher de sua vida. Ela tinha vindo de muito longe e pagara um preço muito alto para estar ali com ele. Abrira mão da profissão e de ser mãe. Não seria justo não dar a ela toda a atenção que merecia, e que ele desejava dar, mas o diário falava mais forte, e agora já estava ali em seu colo.

Aquela seria a hora. Nissim fechou os olhos por um instante.

Então, abriu o diário aleatoriamente… próximo ao fim. Passou os olhos no que estava escrito e sorriu. Sabia que provavelmente não encontraria muitas informações sobre si, pois o pai morrera quando ele era ainda muito jovem, mas com certeza descobriria coisas novas sobre a história de sua família.

Folheou as páginas lentamente em direção ao começo do diário…

Parou algumas vezes para ver uma ou outra foto de parentes de que nem se lembrava mais terem existido. Ficou levemente emocionado com algumas passagens.

As páginas foram virando em sua mão…

Ergueu os olhos até Elana, que estava se secando. Pensou que talvez fosse mais prudente deixar para olhar o diário mais tarde. Primeiro era preciso cuidar de seu futuro, que era representado por Elana. O diário dizia respeito ao passado.

Antes de fechá-lo, porém, seus olhos pararam sobre uma página e, enquanto lia o seu conteúdo, o seu sorriso foi perdendo intensidade, até desaparecer por completo. Havia algo importante ali, sobre o passado é claro,

mas que era forte o suficiente para tornar a sua face pálida.

Um parágrafo com palavras fortes e surpreendentes.

> *Não pude crer em meus próprios olhos… Éramos piores do que o pior dos criminosos… Deus me perdoe… Transformei-me em um terrorista!*

Abaixo do parágrafo, havia um recorte de jornal dobrado em várias partes.

Elana enrolou-se em uma toalha e começou a pentear os cabelos. Em breve estaria com Nissim… Estava com muita saudades de tudo. Enquanto penteava os cabelos, Elana reparou em Nissim, abrindo uma página do diário e desdobrando uma folha de jornal de aspecto antigo que continha uma carta publicada no *New York Times*…

THE NEW YORK TIMES, 4 DE DEZEMBRO DE 1948.

Ao Editor de *The New York Times*:

Entre os mais perturbadores fenômenos políticos do nosso tempo está o surgimento do "Partido da Liberdade" (Tnuat Haherut) no recém-criado Estado de Israel, um partido político muito semelhante em sua organização, métodos, filosofia política e apelo social aos partidos nazista e fascista. Foi formado por membros e seguidores do antigo Irgun Zvai Leumi, uma organização terrorista e chauvinista da direita palestina.

A atual visita de Menachem Begin, líder desse partido, aos Estados Unidos, é, obviamente, calculada para dar a impressão de um apoio americano a esse partido nas eleições vindouras em Israel, e para estabelecer laços políticos com elementos sionistas conservadores nos Estados Unidos. Diversos americanos de reputação nacional emprestaram seus nomes para dar boas vindas a essa visita. É inconcebível que aqueles que se opõem ao fascismo ao redor do mundo, se corretamente informados sobre os feitos políticos e perspectivas do Sr. Begin, possam oferecer seus nomes e apoio para o movimento que ele representa.

Antes que ocorra um dano irreparável sob a forma de contribuições financeiras, manifestações públicas a favor de Begin, e a criação na Palestina de uma impressão de que um grande segmento da América apóia elementos fascistas em Israel, o público americano precisa ser informado do

histórico e dos objetivos do Sr. Begin e seu movimento.

As declarações públicas do partido de Begin não representam de forma alguma sua verdadeira índole. Hoje eles falam de liberdade, democracia e antiimperialismo, no entanto, até pouco tempo atrás, pregavam abertamente a doutrina do Estado fascista. É mediante suas ações que esse partido terrorista revela seu verdadeiro caráter; é a partir de suas ações passadas que podemos julgar o que deles se deve esperar no futuro.

Ataque à vila árabe

Um exemplo chocante foi o comportamento deles na vila árabe de Deir Yassin. Essa vila, situada fora das estradas principais e cercada por terras judaicas, não teve nenhuma participação na guerra, e até mesmo combateu grupos árabes que queriam usar suas terras como base. No dia 9 de abril (The New York Times), grupos terroristas atacaram essa vila pacífica, que não era nem mesmo objetivo militar na luta, matando a maioria de seus habitantes — 240 homens, mulheres e crianças — mantendo alguns deles vivos para desfilarem como prisioneiros pelas ruas de Jerusalém. A maior parte da comunidade judaica ficou horrorizada com o episódio, e a Agência Judaica enviou um telegrama desculpando-se ao rei Abdullah da Transjordânia. Mas os terroristas, longe de se envergonharem com seus atos, estavam orgulhosos do massacre, divulgando-o amplamente, e convidaram todos os correspondentes internacionais presentes no país para ver os corpos amontoados e a devastação em Deir Yassin. O incidente de Deir Yassin exemplifica o caráter e as ações do Partido da Liberdade.

Na comunidade judaica, eles têm pregado uma mistura de ultranacionalismo, misticismo religioso e superioridade racial. Assim como outros partidos fascistas, eles têm sido usados para interromper greves e têm-se dedicado à destruição de acordos de sindicatos de livre comércio. Em seu lugar, eles têm proposto sindicatos corporativistas ao estilo fascista italiano.

Durante os últimos anos de esporádica violência anti-britânica, os grupos IZL e Stern inauguraram um reino de terror na comunidade judaico-palestina. Professores foram espancados por manifestarem-se contra eles, adultos foram fuzilados por não permitirem que seus filhos se juntassem a eles. Por meio de métodos de gângsteres, espancamentos, quebradeira de vidraças e roubos em larga escala, os terroristas intimidavam a população e

cobravam um pesado tributo.

Os membros do Partido da Liberdade não tiveram nenhuma participação nos êxitos construtivos na Palestina. Eles não reivindicaram nenhuma terra, não construíram nenhum assentamento, e ainda por cima comprometeram as atividades defensivas judaicas. Seus tão propagados esforços de imigração foram, na verdade, mínimos, e dedicados principalmente a trazer seus compatriotas fascistas.

Discrepâncias observadas

As discrepâncias entre as destemidas declarações agora sendo feitas por Begin e seu partido, e seu histórico de ações passadas na Palestina, levam a marca de um partido que é fora do comum. Este é o selo inequívoco de um partido fascista em que o terrorismo (contra judeus, árabes e britânicos) e a falsidade são os meios, e um "Estado líder", o objetivo.

À luz dessas considerações, é imperativo que a verdade sobre o Sr. Begin e seu movimento torne-se conhecida neste país. E é ainda mais trágico que a liderança sionista da América tenha se recusado a fazer campanha contra os esforços de Begin, ou mesmo em expor aos seus próprios constituintes os perigos que um apoio a Begin representam para Israel.

Os abaixo-assinados, portanto, utilizam-se deste meio para apresentar publicamente alguns fatos salientes sobre Begin e seu partido; e urge a todos os interessados a não apoiarem esta mais recente manifestação de fascismo.

Isidore Abramowitz, Hanna Arendt, Abraham Brick, Rabbi Jessurun Cardozo, ***Albert Einstein****, Herman Eisen, M. D., Hayim Fineman, M. Gallen, M. D., H. H. Harris, Zelig S. Harris, Sidney Hook, Fred Karush, Bruria Kaufman, Irma L. Lindheim, Nachman Majsel, Seymour Melman, Myer D. Mendelson, M. D., Harry M. Orlinsky, Samuel Pitlick, Fritz Rohrlich, Louis P. Rocker, Ruth Sager, Itzhak Sankowsky, I. J. Schoenberg, Samuel Shuman, M. Znger, Irma Wolpe, Stefan Wolpe.*

Nova York, 2 de dezembro de 1948.

Elana saiu do banheiro e caminhou descalça até a cama. Percebeu o peso no semblante de Nissim e esperou até que ele se manifestasse.

Nissim de fato estava chocado.

O documento relatava o massacre sob uma ótica diferente. Além de endossar a tragédia assim como ela havia sido descrita por Rashid, chamava a atenção o fato daquele documento não ter sido assinado por detratores de Israel ou anti-semitas de plantão. Era um documento escrito pela nata da comunidade judaica internacional que não deixava dúvidas: a missão da qual seu pai participara havia sido considerada condenável.

Nissim dobrou o recorte de jornal cuidadosamente e fechou o diário.

Elana o olhava.

— Não precisa me contar nada — disse compreensiva e, então, sentou-se ao lado dele.

Nissim sorriu, um pouco irônico consigo mesmo.

— Sei que é pessoal e não vou fazer perguntas — falou Elana.

Nissim concordou com a cabeça, mas decidira que o futuro teria de esperar mais um pouco… Ainda era preciso lidar com o passado.

Olhou a companheira e acariciou os cabelos dela. Revelaria os planos que agora estavam bem claros em sua mente. Se Elana o amasse, compreenderia.

— Krosner me enviou um arquivo de vídeo com imagens comprometedoras do candidato Zeev Sofer… Se eu enviar esse material para a imprensa, será o fim dele como político.

Elana franziu a testa. O que aquilo tinha a ver com o diário do pai?

— Pensei que tínhamos combinado que daqui pra frente cuidaríamos do nosso casamento — reivindicou Elana. Desapontada.

— Cuidaremos do nosso casamento, mas, se fecharmos os olhos para tudo o mais, haverá um banho de sangue… Compreende o que estou falando?

Elana balançou a cabeça. As coisas estavam novamente ficando confusas.

— O que você quer Nissim, arrumar problemas pra sua vida?

— Não… Já estou satisfeito com os que tenho.

— Então o que é, um fetiche? Enquanto não salvar o mundo não ficará feliz?!

Nissim calou-se e Elana explodiu:

— Mas que droga! Não foi para isso que vim atrás de você!

Elana não compreendera a magnitude do que ele estava lhe dizendo. Nissim esperou até que ela se acalmasse.

— Elana, ouça bem… Há algo que eu posso fazer hoje, que está inteiramente ao meu alcance, e que eu não pretendo virar os olhos.

— Nissim… Acabaram de enviar alguém para te matar… Você escapou

por um milagre! Aquele… Aquele boi que cruzou o caminho de Yakir foi enviado por Deus para te salvar!

Naquele ponto, Elana e Rashid eram parecidos. Ambos acreditavam em intervenções divinas.

— Vão mandar outros, você sabe disso! — completou Elana em tom indignado.

Nissim havia quebrado um pacto que não tinha mais do que algumas poucas horas de celebração.

— Yakir está morto, eu não estou.

— Pura sorte, Nissim!

— Que seja… Mas quem é que pode dizer o que nos acontecerá amanhã?

— Eu posso. Amanhã nós vamos viver com mais medo do que vivemos hoje.

— Não quero viver a minha vida com medo, por isso não vou deixar de agir.

— Mas isso põe tudo o que combinamos por água abaixo!

Nissim levantou-se.

— O que temos a perder? Vai querer cruzar os braços e nunca mais poder dormir por causa de um maldito peso na consciência?

— O que temos a perder? A pergunta é: o que temos a ganhar?

— Vai querer se lembrar para o resto da vida que deixamos um amaldiçoado fanático ser eleito?

Elana sorriu inconformada.

— Esse destino não está em suas mãos… Deixe o povo decidir, oras!

— Mas ele levará a guerra para todos os lados!

Nissim retirou o pen drive da mochila e mostrou para Elana.

— Por que acha que Krosner me enviou isto?

— Porque ele é um cara esperto e quer que você faça o trabalho sujo pra ele.

— Não! Mandou porque ele sabe que nada pode fazer por lá, e me deu a chance de escolher fazer um bem absoluto.

Nissim ergueu o pen drive ainda mais alto.

— Isso aqui representa uma mão estendida pra milhares de vidas, possivelmente milhões!

Elana parecia confusa, mas não deixava de escutar Nissim. Era uma mulher sensível e aquelas palavras a sensibilizavam. Nissim percebia, e não

deixaria escapar aquela oportunidade.

— Não podemos ignorar as conseqüências, Elana… Pessoas reais irão morrer em conseqüência direta da decisão que eu e você tomarmos aqui e agora! Nossa gente, Elana. Nossos vizinhos e irmãos!

Nissim esticou o braço até tocar o ombro de Elana e sussurrou.

— Quase dá para sentir essa gente agora… De carne e osso como eu e você.

Elana pôs a mão sobre a mão de Nissim.

— Não teremos paz!

— Teremos algo melhor do que isso…

Nissim encostou a outra mão sobre o coração de Elana.

— Teremos uma consciência maravilhosa! Pode sentir… o que eu sinto agora?

Nissim sorriu. Beijou Elana na testa e procurou falar com o tom de voz mais razoável que podia. Era preciso decidir.

— Na prática, não fará muita diferença pra nós… Estaremos nos movimentando de qualquer jeito… E já que temos de fugir, vamos pelo menos tirar esses malucos do caminho de Israel. Faremos nossa fuga valer a pena!

- 78 -

A garota da agência dos Correios entregou a Nissim um gordo envelope onde ele colocou o pen drive… Selou de forma cuidadosa e escreveu o endereço.

A garota olhou para Elana enquanto Nissim escrevia e imaginou que ela devesse ser do mesmo planeta de onde vinha Nissim. Sorriram uma para a outra.

Nissim entregou o envelope para a garota.

— Israel.

A garota pesou o envelope e conferiu o preço em uma lista, tudo isso sem consultar o chefe. Por fim, depositou o envelope no escaninho para o Oriente Médio.

- 79 -

Israel. Dias mais tarde

Doran abriu a porta de seu apartamento e recebeu o envelope de Nissim. Encontrou o pen drive que Krosner produzira e um bilhete escrito por Nissim com as instruções:

PARA DISTRIBUIÇÃO IMEDIATA AOS ÓRGÃOS DE IMPRENSA.

Apenas algumas horas depois…

Krosner estava no balcão do bar assistindo TV.

Ao seu lado, Benjamin e Henry. O pouco da distinção que existia entre o diretor atual e os aposentados havia sido esquecida.

— … *que a disputa para primeiro-ministro tenha chegado ao fim para o candidato Zeev Sofer* — dizia um âncora do jornal em tom grave.

A TV mostrava imagens captadas de Frederique, Sadoc, o general Zucker e Zeev.

Enquanto Sadoc rezava fervorosamente sob o olhar atento de Frederique e do general, o candidato estava de joelhos e sem camisa… Suava muito e emitia estranhos grunhidos de concordância… Não havia nada de propriamente ilegal nas imagens, mas sendo Zeev um candidato a primeiro-ministro, eram cenas constrangedoras e que chocavam.

— *Esse vídeo que vocês assistem acabou de ser distribuído à imprensa por fontes anônimas. A imagem mostra que o até então favorito a levar o cargo de primeiro-ministro, o jovem Zeev Sofer, tinha intenções bem diferentes daquelas prometidas aos eleitores e, se fossem levadas adiante, poderiam levar ao Oriente Médio conflitos de intensidade imprevisíveis. Como podem ver, as imagens falam por si só…*

Krosner cerrou os olhos levemente e gesticulou ao *barman* para que trouxesse outra cerveja. Benjamin e Henry ainda tinham seus copos cheios…

Bebericaram atônitos enquanto assistiam a TV.

Mal se olharam, mas de uma coisa tinham certeza: o futuro de Israel seria menos problemático sem Zeev Sofer.

Mas até quando?

Na verdade não havia muito o que comemorar.

MAR Mediterrâneo

Pouco antes dos mergulhadores entrarem na água para cortarem os cabos, o submarino recebera ordens urgentes para emergir.

O comandante do *Jimmy Carter* chamou o general Zucker até sua cabine.

— Estamos cancelando o exercício — disse sem delongas.

— Com ordens de quem?! — indagou Zucker com aspereza.

— Minhas — disse o comandante, reafirmando sua inabalável condição de autoridade maior dentro do USS Jimmy Carter.

Em seguida, o comandante apontou para uma mensagem impressa sobre a escrivaninha.

— Há um comunicado do comando da OTAN pedindo que abortássemos a simulação. Não fiz perguntas, general. No *Jimmy Carter* seguimos a hierarquia de comando sem pensar duas vezes.

O comandante deixou a cabine.

Zucker leu a mensagem e confirmou o cancelamento… Ainda não fazia idéia do escândalo que abalara Zeev Sofer e seu grupo, mas compreendeu que o plano de ataque havia falhado por alguma razão.

Era difícil de acreditar… Um trabalho de anos chegara ao fim de repente. Certamente haveria explicações, mas, quaisquer que fossem, não reverteriam aquela situação.

O general falhara.

- 81 -

Brasil

Rashid e Moema acompanharam Nissim e Elana até a estrada de terra por onde Nissim havia chegado semanas antes.

— Volto assim que a poeira abaixar — disse Nissim a Rashid, já sabendo da queda do candidato Zeev Sofer.

— Sigam com as suas vidas — respondeu Rashid tentando parecer forte, embora sua voz embargada o traísse. — Vamos nos virar como sempre nos viramos — completou o palestino.

— Não é por você que voltaremos, velho rabugento — descontraiu Nissim. — É por essa menininha aqui… Ela vale a pena.

Elana olhou para o vilarejo e para a praia ao fundo.

— O lugar não é tão ruim assim… Eu poderia muito bem morar aqui um dia.

Era uma oferta que Rashid não poderia recusar. Moema ganharia dois protetores.

A menina ergueu a mão e fez tchau.

— *Shalom!* — disse ela de forma bem ensaiada, mas sincera.

Nissim e Rashid deram-se as mãos enquanto Elana acariciava o rosto de Moema. Depois, partiram a pé em direção a cidade. De lá seguiriam sem rumo para algum lugar ainda mais distante.

Rashid observou os dois se afastarem.

— Voltem logo — disse, quase para si mesmo.

FIM